

A DEVIL'S
ISLE NOVEL

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
OF THE CHICAGOLAND VAMPIRES NOVELS

CHLOE
NEILL

THE VEIL



Sete anos atrás, o Véu que nos separava do que estava no Além foi destruído, e Nova Orleans foi engolida por uma guerra sobrenatural. Agora, aqueles com poderes paranormais foram confinados em uma comunidade murada que os humanos chamam de Distrito. Aqueles que vivem lá chamavam de a Ilha do Diabo.

Claire Connolly é uma boa menina com um segredo perigoso: ela é uma Sensitiva, um humano dotado de magia que saía através do Véu. Claire sabe que revelar suas habilidades significaria ser confinada à Ilha do Diabo. Infelizmente, esconder seu poder a deixou sem treinamento e sem foco...

Liam Quinn sabe por experiência que a magia transforma em monstros os fracos, e ele não tem tempo para um Sensível sem controle de sua própria força. Mas quando vê Claire usando seus poderes para salvar um humano sob ataque – à vista do French Quarter – Liam decide levá-la para a Ilha do Diabo e ensinar o que ela precisa – mesmo que tirá-la do caminho seja tão difícil quanto mantê-la fora de sua cabeça.

À medida que mais e mais sensitivos são consumidos por sua própria magia e liberam sua fome na cidade, Claire e Liam devem trabalhar juntos para salvar Nova Orleans, ou então a cidade queimará...



Capítulo 01

O French Quarter estava pensando novamente em guerra.

Estrondos ecoavam pelo bairro, vibrando janelas e tremendo as prateleiras da Royal Mercantile – o melhor fornecedor de comidas desidratadas em Nova Orleans.

E antigas bengalas decoradas. Estávamos cheios de antigas bengalas decoradas.

Sentei em frente ao balcão da loja, trabalhando em uma coruja de bronze que encabeçava uma delas. A cabeça da coruja deveria girar quando você pressionasse um botão, mas o mecanismo estava quebrado. Desmontei as minúsculas peças de bronze e encontrei o problema – uma das pequenas engrenagens dentadas se desconectou. Eu só precisava deslizá-la para o lugar.

Ajustei a lente de aumento sobre a coruja, suas asas articuladas de bronze abertas para revelar seus mecanismos internos. Eu tinha uma chave de fenda fina em uma mão, um par de pinças de relojoaria na outra. Para obter a engrenagem no lugar, eu teria que empurrar uma mola para baixo e outra para cima naquele espaço muito pequeno.

Eu gostava de mexer com as antiguidades da loja, da complexidade das peças quebradas e engrenagens emperradas. Era gratificante fazer funcionar algo que não funcionava antes. E como a procura de sofisticados aparadores e escrivatinhas francesas não estava exatamente em alta atualmente, havia uma abundância no estoque para escolher.

Mordi meu lábio enquanto movia as peças, ajustando cuidadosamente a tensão para que a engrenagem pudesse entrar. Eu precisava colocar a engrenagem no compartimento traseiro, entre as hastes, e no lugar entre as molas. Apenas um pouquinho à direita, e...

Boom.

Eu pulei, o som de outra rodada de fogos de artifício estremeceu de novo a loja – e a engrenagem que agora flutuava no ar ao meu lado, balançando a trinta centímetros de distância da superfície do balcão.

— Droga — murmurei, meu coração tropeçando.

Eu o movi com minha mente, com a magia telecinética que eu não deveria usar. A menos que quisesse uma sentença de prisão perpétua.

Soltei a magia, e a engrenagem caiu, bateu no balcão, e saltou para o chão.

Meu coração agora acelerado em meu peito, os dedos de ambas as mãos cruzados supersticiosamente, saí do banquinho e me apressei até a porta da frente para verificar a caixa fixada no prédio do outro lado da rua. Era um monitor com uma câmera em cima, que acionava quando a quantidade de magia no ar aumentava acima dos níveis permitidos – como quando um Sensitivo acidentalmente movia uma engrenagem.

Eu tive sorte; a luz ainda estava vermelha. Não devia ter feito o suficiente para acioná-la, pelo menos a partir desta distância. Eu ainda estava livre – por enquanto. Mas maldição, essa foi perto. Eu nem sabia que estava usando magia.

Boom.

Já cheia de energia nervosa, saltei novamente.

— Meu Deus — disse eu, abrindo a porta e saindo para o limiar entre as janelas da loja, onde MERCANTILE estava escrito em letras maiúsculas azuis.

Era meados de outubro, e o calor e a umidade ainda formavam uma cobertura miserável em todo French Quarter. A Royal Street estava quase vazia de pessoas.

A guerra havia derrubado metade dos prédios no Quarter, o que me dava uma visão clara da parte traseira do bairro e do rio Mississippi, que o limitava. Figuras se moviam ao longo da margem do rio, testando fogos de artifício para o final das festividades. O ar cheirava a faíscas e fogo, e os fios de fumaça branca pairava no céu crepuscular.

Não era a primeira vez que víamos fumaça no Quarter.

Em um dia igualmente sufocante de outubro, sete anos atrás, o Véu – a barreira que separava os humanos de um mundo de magia que nem sabíamos que existia – foi destruído pelos Paranormais que viviam no que agora chamamos de Outro Mundo.

Eles queriam o nosso mundo, e não tinham problemas em nos erradicar no processo. Eles passaram pela ruptura, trazendo morte e destruição – e mudando tudo: a magia agora era real, mensurável, e um fato científico.

Eu tinha dezessete anos quando o Véu, que corria mais ou menos ao longo da nonagésima linha de longitude, direto ao norte pelo coração de Nova Orleans, se estilhaçou. Isso ocorreu em Nova Orleans, onde nasci e cresci, o marco zero.

Meu pai era dono da Royal Mercantile quando ainda era uma loja de antiguidades, vendendo móveis franceses, arte de valor inestimável e joias muito caras. (E, claro, as bengalas. Tantas malditas bengalas). Quando a guerra começou, eu o ajudei a fazer a transição da loja, adicionando refeições prontas para consumo, água e outros ao estoque.

A guerra se espalhou pelo sul de Louisiana, e depois pelo norte, leste e oeste através do Alabama, Mississippi, Tennessee, Arkansas e a metade oriental do Texas. O conflito destruiu grande parte do Sul, deixando hectares de terra devastadas e cidades queimadas e abandonadas. Levou um ano de luta para impedir o derramamento de sangue e fechar o Véu. Naquela época, os militares se mostraram tão fracos que os civis muitas vezes lutaram ao lado das tropas.

Infelizmente, ele não viveu para ver o Véu se fechar novamente. A loja tornou-se minha e me mudei para o pequeno apartamento no terceiro andar. Não vivemos juntos ali – ele não queria passar cada hora de sua vida no mesmo edifício, ele dizia. Mas a loja e o prédio eram agora meus únicos links com ele, então não hesitei. Eu sentia sua falta terrivelmente.

Quando a guerra terminou, a Contenção – unidade militar que controlava a guerra e os Paranormais – tentou livrar Nova Orleans não apenas de magia, mas de voodoo, Marie Laveau, passeios fantasmas e até vampiros literários. Eles convenceram o Congresso a aprovar o chamado Ato Mágico, banindo a magia dentro e fora da zona de guerra, o que chamamos de Zona. (T tecnicamente, foi o Ato MIGECC: Medida para a Ilegalidade de Glamour e Encantamento nas Comunidades de Conflitos. Mas isso não soava tão bem).

A guerra destruiu metade de Fabourg Marigny, um bairro ao lado do Bairro Francês, e a Contenção tirou proveito disso. Eles empurraram todos os paranormais remanescentes que puderam encontrar aos arredores e construíram um muro para mantê-los lá.

Oficialmente, chamava-se de o Distrito.

Nós o chamávamos de Ilha do Diabo, como uma praça no Marigny, onde os criminosos foram enforcados. E se a Contenção soubesse que eu possuía magia, eu ficaria presa com o resto deles.

Eles tinham boas razões para serem cautelosos. A maioria dos humanos não foi afetada pela magia, se ela fosse uma infecção, uma doença, eles eram imunes. Mas uma pequena porcentagem da população não tinha essa imunidade. Éramos sensíveis à energia do Outro Mundo. Isso não era um problema antes do Véu ser aberto; a magia que escapava era mínima – o suficiente para truques de mágica e ilusões, mas não muito mais do que isso. Mas o Véu cicatrizado não era tão forte; a magia ainda vazava através do rasgo onde foi costurado. Os Sensitivos não estavam fisicamente equipados para lidar com a magia que entrava.

Magia não era um problema para os Paras¹. No Outro Mundo, eles eram banhados em magia, dia após dia, mas aquela magia tinha uma saída – seus corpos se tornavam telas para o poder. Alguns tinham asas; outros tinham chifres ou presas.

Os Sensitivos não conseguiam processar magia dessa forma. Em vez disso, apenas continuávamos absorvendo mais e mais magia, até nos perdermos completamente. Até nos tornarmos espectros, sombras pálidas e perigosas dos humanos que uma vez fomos, nossas vidas dedicadas a buscar mais magia, alimentando essa terrível necessidade.

Aprendi há oito meses que eu era um Sensitiva, parte dessa porcentagem desafortunada. Eu estava no depósito do segundo andar da loja, movendo um grande sinal em forma de estrela para um lugar melhor. (Junto com as bengalas, meu pai adorava antigos sinais de postos de gasolina. As bengalas, pelo menos, eram fáceis de guardar). Eu tropecei em um nó no antigo chão de carvalho e cambaleei para trás, caindo de costas. E assisti em câmera lenta quando o sinal de cinquenta quilos – e um de seus pontos metálicos afiados – cair em minha direção.

Não tive tempo de me mover, rolar, ou mesmo erguer um braço e bloquear a ponta enferrujada de aço que estava voltada para o ponto entre os meus olhos. Mas tive uma fração de segundo para objetar, para amaldiçoar o fato de que sobrevivi a guerra, apenas para ser empalada por um maldito letreiro deposto de gasolina que deveria estar enferrujando em um celeiro no meio do nada.

1 Paranormais.

— *Não, maldição!* — gritei as palavras com cada grama de ar em meus pulmões, de olhos fechados como uma covarde.

E nada aconteceu.

Com os lábios apertados, abri um olho para encontrar a ponta de metal pairando sobre o meu rosto. Eu preendi a respiração, tremendo de adrenalina e suando com medo por um minuto inteiro antes de reunir coragem para me mover.

Contei até cinco, depois desviei e rolei. A ponta da estrela atingiu o chão, abrindo passagem. Havia ainda um entalhe de duas polegadas de profundidade na madeira.

Eu não queria que a ponta me empalasse – e ela não fizera isso. Eu usei magia, que não sabia que tinha – sensibilidade que não sabia que possuía – para parar o objeto.

Eu tive sorte também: o monitor mágico não disparou e mantive minha loja... e minha liberdade.

Outro estrondo soou, me afastando da memória para meu lugar na calçada. Eu pulei e amaldiçoei em voz baixa.

— Eu acho que está bom, pessoal! — gritei. Não que eu estivesse perto o suficiente para que eles me ouvissem, ou que se importassem. Esta era a Noite da Guerra. O excesso era o mais importante.

Seis anos antes, a Segunda Batalha de Nova Orleans assolou a cidade. (A primeira batalha de Nova Orleans – NOLA, durante a Guerra de 1812, foi totalmente humana. Pelo menos tanto quanto sabíamos). Foi uma das últimas batalhas da guerra e uma das maiores.

Essa noite, celebraríamos nossa sobrevivência com cores, penas, desfiles e muito bebida. Seria alto, louco e incrível. Supondo que eu não fosse presa antes que a diversão começasse...

— Você está perdendo isso, Claire?

Olhei para trás e encontrei um homem alto e musculoso, de pé atrás de mim. Antoine Lafayette Gunnar Landreau, um dos meus melhores amigos, parecendo não afetado pelo calor.

Seu cabelo castanho escuro e ondulado era perfeitamente jogado, e seu sorriso adoravelmente torto e o brilho habitual em seus olhos castanhos escuros. Essa noite, ele usava calças escuras e uma camisa sem mangas que mostrava seus

braços bem tonificados – e as intrincadas, porém temporárias pinturas que coloriam sua pele.

— Ei, Gunnar. — Nós trocamos beijos na bochecha. Amaldiçoei quando outro estrondo soou, seguido pelo brilho de faíscas douradas no ar.

Sorri sem querer. — Droga. Agora eles estão apenas se exibindo.

— Que bom que você está entrando no espírito — disse ele com um sorriso.
— Feliz Noite de Guerra.

— Feliz Noite de Guerra, espertinho. Deixe-me ver sua pintura.

Gunnar obedeceu, esticando os braços para que eu pudesse ver melhor. Nova Orleans era uma cidade de tradições, e a Noite da Guerra tinha a sua própria: o longo desfile, os fogos de artifício, o ponche batizado, que simplesmente chamávamos de *Bebida* porque os ingredientes dependiam do que estava disponível. E, desde o início, quando não havia nada além de lama e cinza, pintava-se o corpo para lembrar os caídos. Fazendo um memorial vivo daqueles que sobreviveram.

A cena intrincada no braço esquerdo de Gunnar mostrava sobreviventes comemorando em frente do Cabildo², agitando uma bandeira roxa com quatro flor-de-lis douradas – a bandeira oficial de pós-guerra de Nova Orleans. O outro braço mostrava a escultura de concreto e pedra de asas perto de Talisheek³, na paróquia de São Tammany, que foi palco de uma das batalhas mais mortíferas da guerra e o local onde milhares de Paras entraram em nosso mundo.

O realismo levantou arrepios em meus braços. — Seriamente incrível.

— Apenas tentando deixar a Noite de Guerra orgulhosa. E a tia Reenie.

— Deus a abençoe — disse eu sobre tia velha e deplorável de Gunnar, que era uma grande amante da Noite de Guerra, rica como Croesus e, de acordo com a mãe de Gunnar, *não totalmente aqui*.

— Deus a abençoe — concordou ele.

— Vamos começar a festa — disse eu. — Você quer algo para beber?

— Sempre a anfitriã. Suponho que não há chá?

— Acho que sobrou um pouco — disse eu, abrindo a porta e gesticulando para ele.

2 Antiga sede da prefeitura, hoje é Museu do Estado da Lousiana.

3 Bairro de Nova Orleans

Gunnar era um pateta para o chá doce, uma raridade agora que o açúcar era um luxo em Nova Orleans. Esse foi outro efeito prolongado da guerra. A magia era algo poderoso, e não era para estar em nosso mundo. Nada cresceria no solo marcado pela magia, então a guerra devastara as zonas agrícolas. E como ainda havia rumores de bandos de Paras em áreas rurais que escaparam da Contenção e cercavam e caçavam os humanos, não havia muitos comerciantes para enviar mercadorias que não cresciam aqui.

Houve um êxodo em massa de pessoas para fora das cidades com grandes combates – New Orleans, Baton Rouge, Mobile – cerca de três semanas após o início da guerra, quando começou a parecer que não estávamos equipados para lutar contra os Paras, mesmo em nosso próprio solo.

Havia muitas pessoas que ainda perguntavam por que ficamos na Zona, por que aguentamos a escassez, com a ameaça de ataques dos espectros e dos Paras, com a Contenção em cada esquina, com a Ilha do Diabo atrás de nós.

Algumas pessoas ficaram porque não tinham uma escolha melhor, porque alguém precisava cuidar daqueles que não podiam sair. Alguns permaneceram porque não tinham recursos para sair, para onde ir, ou para quem ir. E alguns ficaram porque já passaram por tempos difíceis – quando não havia eletricidade, nenhum conforto e muito sofrimento – e a cidade valia a pena ser salva novamente. Alguns ficaram porque, se saíssemos, seria o fim de Nova Orleans, Little Rock, Memphis e Nashville. Da cultura, da comida, das tradições. Dos membros familiares que existiam apenas em nossas memórias, que nos amarravam à terra.

E algumas pessoas ficaram porque não tinham escolha. A Contenção coordenou a saída. E quando todos os que queriam sair estavam fora, começaram a controlar o acesso às fronteiras da Zona, na esperança de manter os Paras e os combates sob controle.

Não, permanecer na Zona não foi fácil. Mas para muitos de nós – certamente para mim – era a única opção. Prefiro ganhar pouco em Nova Orleans do que ser rica em qualquer outro lugar.

Tentamos fazer o melhor possível. No Quarter, resolvemos o problema da terra queimada plantando coisas em recipientes com solo *limpo*. Eu tinha um limoeiro e uma plantação de tomate no pátio atrás da loja, e consegui mais frutas e produtos do pequeno jardim do telhado compartilhado por alguns de nós que ainda viviam no Quarter. Pegamos o terraço que uma vez foi uma piscina elegante

e uma cabana no abandonado Hotel Florissant e transformamos em um jardim comunitário. A Contenção fez o mesmo no antigo Marriott para fornecer suprimentos aos agentes.

A guerra tornava as pessoas criativas em relação a sua sobrevivência.

Possuir uma das poucas lojas deixadas no Quarter também tinha algumas vantagens. Como muitos dos meus clientes eram o pessoal da Contenção, eu conseguia comprar mercadorias dos comboios militares que atravessavam a Zona. Também ajudou que Gunnar trabalhasse para o Comandante da Ilha do Diabo. Claro, isso também tinha implicações pessoais. Gunnar não sabia da minha magia, e eu não tinha a intenção de lhe contar. Seria ruim para nós dois.

Gunnar me seguiu para dentro da pequena área cortinada na atrás do balcão da frente. Era a *cozinha* do prédio, e tinha uma pequena geladeira azul que havia vivido (graças a Deus) por muito tempo, um fogão a gás, uma velha pia de fazenda e alguns armários pequenos.

Suspirei de alívio com a explosão de ar frio da geladeira. Gunnar se moveu para o meu lado, e ficamos na frente dela por um momento, saboreando o frio.

— Tudo bem. Não vamos desperdiçar o frio enquanto o temos. —Energia constante era outra raridade na Zona. A magia e a eletricidade não se misturavam, o que tornava o sistema elétrico instável. Manter as luzes acesas e a cidade seca eram batalhas constantes.

Considerando isso, fazia sentido terminar o chá enquanto ainda estava bom e frio. Agarrei o jarro de vidro e despejei o resto do chá em dois copos plásticos espirais.

O jarro viera com a loja; os copos foram minha contribuição.

Gunnar sorriu, e fechou os olhos com óbvio prazer. — Você poderia roubar o coração de um homem com isso.

Eu tomei minha bebida, e assenti. — É bom, mas não me ajudou muito a roubar o coração de alguém até agora. — Meu último namoro não teve sucesso. Rainier Beaulieu era alto, moreno e bonito. Infelizmente, quando me disse que eu era a *única*, ele esqueceu de mencionar *agora*.

Estive em uma calmaria desde aquele pequeno erro. A Zona não costumava ser atrativa para os jovens e elegíveis.

Gunnar sorriu. — É a Noite de Guerra. Tudo pode mudar.

Essa era a melhor parte: tudo parecia possível. — Meus dedos estão cruzados. Sinta-se livre para manter um olho por aí.

— Adoro jogar de seu casamenteiro.

— Posso conseguir meus próprios homens. Você é apenas o observador. Como estão as multidões?

— Encorajadas pelo calor — disse Gunnar com um sorriso. — E embriagando-se. Será uma noite infernal lá fora.

— A Noite de Guerra sempre é — disse eu, mas sabia exatamente o que ele queria dizer. Nova Orleans nunca poderia ser acusada de timidez, e a Noite de Guerra não seria uma exceção.

Ele olhou para o relógio da parede. — Tadjí nos encontrará na largada. Quanto tempo até você fechar?

Tadjí Dupre era o terceiro em nosso trio de amigos. — Quinze minutos se eu mantiver aberta até as seis.

— Seja uma rebelde — disse ele. — Feche cedo.

Dinheiro era difícil de conseguir atualmente, e eu não era de recusar nem mesmo quinze minutos de negócios. Por outro lado, provavelmente não faria grandes vendas esta noite. As pessoas estariam pensando em jazz e bebidas, não em frutas secas e fita adesiva.

Um pouco de jazz floresceu lá fora, e voltamos à sala da frente, atraídos pela música.

Uma dúzia de homens em ternos de cores brilhantes, o tecido e os chapéus elaborados cobertos por penas e pérolas, enchiam a calçada. Eles eram os vanguardistas, os Nova Orleans que serviram à guerra e organizaram o primeiro desfile da Noite de Guerra há seis anos. Alguns eram artistas emplumados conhecidos como índios do Carnaval, e eles trouxeram algumas dessas tradições para essa celebração.

Um dos membros parou, bateu um punho escuro contra a janela. Eu sorri para Tony Mercier, um apito prateado entre os dentes, um remendo preto cobrindo o olho que perdera na Segunda Batalha. Tony lutou com os Nove do Nono regimento. E agora ele era o Grande Chefe da Vanguarda.

Ele apontou para a rua, sinalizando seu destino, e depois para mim. Essa mensagem era óbvia: eles iam para a linha de partida, e era hora de me juntar a eles.

— Estou saindo em breve! — gritei e acenei para eles. Eles continuaram pela calçada, seguidos por uma segunda fileira da banda que acentuava as notas através de latão usado. Uma tuba marcava a batida, um trombone e uma trombeta impulsionavam o ritmo e a melodia, e meia dúzia de homens, mulheres e crianças com tamborins, assobios prateados e baterias caseiras dançavam atrás deles.

A música, os instrumentos e o desfile eram lembretes agridoces da vida antes do Véu ser aberto. Mas também eram lembretes do que fazia Nova Orleans tão incrível: a criatividade, as tradições, a vontade de se unir e enfrentar um inimigo comum.

Rejeitei a ideia de que eu fazia parte desse inimigo comum. E, além disso, esta noite não era sobre medo ou arrependimento. Esta noite era sobre a vida, sobre a experiência, sobre a celebração.

— Tudo bem — disse eu, sorrindo para Gunnar. — Tranque a porta. Deixe os bons tempos rolarem.

— *Laissez les bon temps rouler*⁴ — concordou ele.

⁴ Deixe os bons tempos rolarem.



Capítulo 02

Preto, cinza, cinza claro. Não havia muitos civis em Nova Orleans hoje em dia, especialmente no Quarter, e tendíamos a usar cores neutras. Cores militares. Nossas roupas se misturavam com a deles, o que estava tudo bem para mim.

Ficar quieta, trabalhar duro. Esse era o meu lema.

Mas esta era a Noite da Guerra. A Noite da Guerra merecia mais do que a camuflagem, então coloquei um vestido violeta claro com flores brancas. Enquanto Gunnar esperava no andar de baixo, eu mudei de preto e cinza de NOLA para roxo, o qual combinava muito bem com meus olhos verdes e longos cabelos vermelhos. Felizmente, eu gostava dele liso, porque ele não seguraria uma onda nem se implorasse.

Quando Gunnar terminou o chá e a loja estava trancada, seguimos a Royal Street passando por prédios de tijolos ainda meio destruídos e depois viramos para o canal. Como Gunnar havia relatado, a multidão já era enorme.

As poucas palmeiras restantes se balançavam, o ar esfriando enquanto o sol caía no horizonte. Os sons e os cheiros da Noite da Guerra foram levados pela brisa – os ritmos do jazz improvisado, o aroma frutado da bebida da noite, a fumaça persistente dos fogos de artifício.

A vanguarda estava à frente da Bourbon Street, com cetros acenando sob um arco caseiro de metal, pedaços de papel, flores de papel, contas de desfiles do Mardi Gras. O tema da Noite da Guerra deste ano era *paraíso*, então eles também usaram folhas de palmeiras, musgo espanhol e flores feitas de latas de refrigerante cortadas.

O desfile faria ziguezague pelo Quarter, desceria a Bourbon até St. Anne e depois seguiria para Jackson Square, um parque lindo, que mesmo a guerra não

conseguiu destruir. Na Praça, o desfile se transformaria em uma festa de rua que duraria até que a banda ficasse cansada, a bebida acabasse, ou Contenção nos expulsasse.

— Claire! Gunnar!

Nós olhamos ao redor, encontrando Tadjì acenando de um ponto no meio da rua. Ela era alta e esbelta, com a pele escura e aveludada, e cabelos encaracolados que emolduravam um rosto com estrutura invejável e uma boca larga. Esta noite, ela usava uma leve túnica púrpura sobre um bodysuit⁵ de açafrão, e uma dúzia de finos anéis dourados em seus dedos que brilhavam na luz. O conjunto – tecido fluido sobre a sua forma longa e forte – a fez parecer uma deusa pagã.

Ela era absolutamente linda, totalmente focada em seu trabalho, e geralmente imperturbável.

Exceto quando se tratava de magia.

Tadjì era dois anos mais velha do que eu. Ela nasceu em uma pequena comunidade em Acadiana, a parte de língua francesa da Louisiana, mas deixou o estado depois do ensino médio. Sua mãe, sua tia e sua avó, e todos antes delas, praticaram voodoo, preparando amuletos e remédios cura tudo para os vizinhos, ajudando-os a convocar loa⁶ e santos.

Tadjì pensou que eles eram vigaristas e ficou com raiva e vergonha porque eles queriam trazê-la para o negócio familiar. Não foi até o Véu abrir que soubemos que a magia realmente existia, que alguns dos praticantes de voodoo e hoodoo, psíquicos e magos realmente tinham algum poder. Eu não sabia se os parentes de Tadjì caíam nessa categoria.

Ela acabou fazendo as pazes com sua mãe e sua tia. Mas não falava muito sobre elas, exceto para dizer que viajavam muito. Ela nunca queria falar sobre elas, ou magia.

Tadjì estava agora na faculdade, estudando linguística em Tulane, a única universidade ainda operando no sul da Louisiana. Ela estava entrevistando sobreviventes de Louisiana para investigar como a guerra afetou a linguagem na Zona.

5 Peça de roupa parecida com um maiô, que modela o corpo.

6 Um deus vodu no culto do Haiti

Eu não fui à faculdade, mas sabia como me virar. Li o máximo que pude sozinha e aprendi algumas coisas nas ruas que não podiam ser aprendidas em uma sala de aula. Mas ainda estava impressionada com o quanto Tadjì sabia sobre algumas coisas. O ciúme me mordida às vezes, embora soubesse que foi minha escolha me concentrar na loja.

Nós trocamos abraços, e ela e Gunnar trocaram beijos na bochecha.

— Ei, pessoal! — gritou ela sobre o tambor em expansão. — Feliz Noite de Guerra!

— Feliz Noite de Guerra! — gritamos para ela.

Ela tirou copos de papel e uma garrafa de limonada de sua bolsa cáqui ao redor do seu ombro, e distribuiu a bebida.

— Por Nova Orleans — disse Gunnar. — Que ela seja estranha para sempre.

Tomei um gole, meus olhos se arregalaram com a acidez na boca que guerreava com o álcool.

Tadjì era boa com as palavras. Tadjì não era boa com a química.

— Isso é... forte — disse eu enquanto Gunnar sibilava ao meu lado.

— É gasolina? — perguntou ele.

— O quê? — Tadjì piscou de surpresa. — O que você quer dizer? — Ela serviu outro gole, e provou. — Está bom, certo? Está bom.

— Definitivamente, é *quase* uma bebida — disse Gunnar, então apontou para a Rua Bourbon. — Ooh! Engolidores de fogo.

Quando Tadjì se virou para olhar, ele pegou meu copo e derrubou o dele e o meu em uma caixa de plantas coberta de ervas daninhas. Eu duvidava que as plantas sobrevivessem à noite.

— Gumbo⁷ — sussurrou ele, a palavra um aviso.

Eu amava Tadjì. Mas, como aprendemos durante os jantares de domingo à noite – nosso ritual semanal – ela não podia cozinhar. Tanto quanto eu poderia dizer, ela não provava as coisas da maneira que outras pessoas faziam, e não tinha muito interesse em comida de qualquer maneira. Eu não me considerava uma chef gourmet, mas preferia algo comestível do que papelão pegajoso. O que descrevia gentilmente o *gumbo* que ela fez para nós em uma noite. Gunnar e eu nos juntamos para mantê-la longe do fogão depois disso.

7 Uma gíria francesa falada por alguns negros e crioulos em Louisiana.

Como não havia motivo para castigar alguém que literalmente não possuía paladar para cozinhar, Gunnar continuou sorrindo.

— Tão bom — elogiou ele após devolver o meu copo, mas sacudiu a cabeça quando ela ergueu a garrafa em convite. — Não quero forçar muito as coisas.

O olhar em seus olhos disse que ela não comprou a desculpa, mas não discutiu sobre isso. — Como quiser. Eu gosto do seu vestido — me disse ela.

Olhei para baixo. Provavelmente era um pouco antiquado para Noite de Guerra, mas isso fez com que parecesse mais apropriado. Foi por isso que estávamos lá, depois de tudo – lembrar das tradições e luxos que não podíamos ter mais.

— Obrigada — disse eu. — Você está incrível.

Tadji encolheu os ombros ao elogio. Ela não era boa com eles, o que eu achava que era culpa residual de voltar para casa com mais do que tinha quando saiu. E provavelmente mais do que sua família possuía agora.

A música ficou mais alta quando a vanguarda se preparou para se mover. Fogos de artifício dourados se arquearam sobre nós, enviando meu coração gaguejando novamente à medida que o rugido da multidão crescia para um alto trovejar.

— *Nous vivons!* — gritamos juntos. Isso significava – nós vivemos – e era nosso mantra de recordação, de tristeza, de alegria por termos sobrevivido à guerra enquanto vivíamos à sombra dela.

A Vanguarda deu um passo à frente, plumas e lantejoulas piscando nas luzes à gás que substituíram as lâmpadas de rua. Estávamos a poucas dezenas de metros da frente da multidão, e podíamos dar apenas pequenos passos para a frente. Demorou dez minutos para chegarmos ao arco, que era guardado nos dois lados por um par de agentes de Contenção em roupas cinzas e botas pretas. Seus olhares passaram sobre a multidão, procurando por perturbadores.

Um dos agentes fez contato visual comigo. Forcei um sorriso vago e fingi ser nada mais do que uma menina ruiva na multidão.

Gunnar, Tadji e eu unimos nossas mãos enquanto passávamos sob o arco, as flores de lata de refrigerante brilhavam enquanto ondulavam com a brisa.

Gunnar apertou nossas mãos. — Vamos fazer desta uma Noite de Guerra para lembrar, senhoras.

Mesmo no calor, as pessoas estavam condenadamente certas de que gostariam da Noite de Guerra. Uma festa era um luxo que não abandonavam.

Não havia muitas varandas de ferro forjado deixadas na Bourbon Street. Mas as pessoas ainda as enchiam, porque você não poderia ter um desfile em Nova Orleans sem jogar coisas. As miçangas eram caras e não eram exatamente uma prioridade para os comboios militares, mas o papel ainda era fácil de encontrar, de modo que os colares de papel torcido e as flores dobradas tornaram-se outra tradição da Noite da Guerra. As pessoas na varanda tinham dezenas de colares nos braços, e elas os jogavam sobre o desfile que passava, enchendo o ar de pétalas de papel.

Peguei dois enquanto caíam, entreguei um para Tadj, e nós os colocamos. O colar torcido e suas flores grandes como peônias antiquadas eram feitos a partir de páginas de lista telefônica dobradas. Não que precisássemos delas – a guerra destruiu a maioria das linhas e torres de telefone, cabo e fibra óptica. O Paras aprenderam rapidamente a direcioná-los.

Estávamos a seis quarteirões do desfile, e a multidão suada voltou a juntar-se, qualquer sensação de limites pessoais completamente abandonados. Gunnar encontrou um companheiro de dança a poucas pessoas de distância, então quando a quarta pessoa suada saltou contra mim, eu decidi que era hora de uma pausa.

Peguei a mão de Tadj e manobrei através dos corpos torcidos até a borda da multidão.

A brisa sentiu como um milagre.

— Oh, meu Deus, isso é melhor — disse Tadj, movendo sua túnica para esfriar-se. — Boa decisão.

Eu assenti. — Eu estava prestes a socar a próxima pessoa suada que me desse uma cotovelada no estômago.

— A próxima pessoa que te desse uma *cotovelada* no estômago, ou você ia socar o estômago?

Às vezes, não era fácil ser amiga de um mulher obcecada com as palavras. — Ha-Ha. O ponto é, há muita gente suada naquela multidão. — Eu olhei em volta, estudando a massa de pessoas. — Acho que a festa é ainda maior do que no ano passado.

Ela assentiu. — A população realmente aumentou um pouco nos últimos anos. Algumas pessoas pensam que é seguro voltar, que não há chance de o Véu abrir novamente. E algumas pessoas são fascinadas com o que aconteceu, realmente esperam que isso aconteça.

Sua voz ficou baixa e olhei para ela, encontrei seu olhar na parede alta que rodeava a Ilha do Diabo, visível na outra extremidade da Rua Bourbon, o céu laranja acima do brilho da malha eletrificada que cobria o lugar e impedia os Paras de escapar por cima.

— Você já se perguntou como é lá dentro? — perguntou ela.

Eu me perguntei e não gostei do que minha imaginação inventou. Alguns milhares de paranormais e sensitivos internados para nossa proteção – e porque o governo não tinha ideia do que mais fazer com eles. Nós fechamos o Véu, afinal. O que os tornou prisioneiros de guerra de um mundo em que não poderíamos ter acesso.

Isso me fez pensar em coisas desconfortáveis. Eu não era má, e a Contenção ainda teria me jogado na Ilha do Diabo. Se eu não era má, o que dizer em relação aos outros Sensitivos que foram trancados?

— Tento não pensar nisso — disse eu honestamente.

— É uma questão complicada. Mas cara, o que eu não daria para entrar lá. Você pode imaginar o vocabulário que eles desenvolveram? Os Paranormais provavelmente tiveram que criar uma linguagem completamente nova apenas para descrever o que estão passando.

Ela provavelmente estava certa, e eu poderia admitir que era intrigante. Mas eu ainda não fazia parte de Ilha do Diabo, e não tinha interesse em entrar lá. Não quando as probabilidades eram boas de que eles não me deixariam sair novamente.

Enquanto Tadjì observava o desfile, saltando para a música, chequei a rua. Havia uma antiga loja de sucos na esquina. Faltava uma parede dianteira, mas um agente da Contenção fora de serviço – um homem que eu vi na loja – estava atrás da barra e derramava líquido vermelho em copos de plástico. Sua versão do Drink, provavelmente, e a oportunidade de ganhar um pouco de dinheiro extra. Não podia culpá-lo por isso.

Alguns de seus colegas da Contenção uniformizados olhavam da calçada, seus olhos movendo-se com desconfiança entre o desfile e os clientes na loja de bebidas.

A maioria dos agentes que trabalhavam no Quarter estiveram na guerra. Eles perceberam seus horrores e conheceram suas tragédias. Outros vieram de fora da Zona, ou eram muito jovens para se lembrar da batalha. Eles perderam a luta, os feridos, os aromas doces e amargos da morte e da batalha. Talvez porque não viram os horrores por si mesmos, havia fervor em seus olhos. Eles queriam odiar os Paras e queriam sua própria chance de lutar contra a magia.

Eu desviei o olhar, dividida como de costume entre quem eu era e o que a magia poderia ter feito em mim, e deixei meu olhar percorrer o resto dos foliões. O casal, cuja pele morena brilhava de suor, cujos olhos estavam cheios de amor enquanto bebiam de copos de plástico. Os amigos sentados em fila no meio da calçada, as camisas molhadas, mas todos sorriam. Um homem que estava sozinho, de braços cruzados, observando a festa.

Ele era alto, com um corpo longo e tenso, vestindo jeans e uma camisa de manga curta que se aferrava sobre os braços e o peito musculosos. Seu cabelo era escuro e curto, seus olhos azuis e acentuados por sobrancelhas espessas, o nariz afiado e reto. Ele piscou longos cílios escuros que caíam como lua crescente em sua pele bronzeada.

Bonito não parecia ser uma descrição suficientemente boa. Sua atratividade era quase visceral, forte e afiada, como uma arma que ele poderia desembainhar. Ele provavelmente tinha as mulheres ao seu alcance, provavelmente possuía todas as habilidades românticas que uma mulher poderia imaginar.

E porque morava em uma zona de guerra, eu tinha uma imaginação muito ativa.

Um olhar casual teria dito que ele estava entediado com essa besteira. Mas o tédio não se estendia por seu corpo como uma pantera pronta para atacar, ou colocou aquele brilho intenso em seus olhos. Ele estava enrolado em energia, e seu olhar estava na multidão, tenso e atento, como se esperasse que algo grande acontecesse.

Seu olhar de repente se moveu, aqueles olhos de safira encontrando os meus e segurando.

Algo revirou no meu intestino, como se minha alma se reorganizasse, mudasse e alterasse por causa dele. Por este homem que eu nunca vi.

Cada batida lenta do meu coração marcava outro segundo, e ainda assim ele não se moveu nem desviou o olhar. A intensidade de seu olhar não diminuiu, e

aquele suor desajeitado mergulhou na minha coluna vertebral. Por que ele estava focado em mim?

Um grupo de homens e mulheres tocando pandeiros e maracas passaram entre nós, rompendo nosso contato visual. Havia quase vinte deles, dançarinas com moedas de plástico costuradas em seus collant, plumas trançadas em seu cabelo. E quando eles finalmente limparam o quarteirão, ele se foi.

Eu virei em um círculo, escaneando a rua e a multidão por ele, meio irritada com ele, meio aliviada. Ele aparentemente não estava me observando. Mas ele era... interessante. Feições fortes, olhos sérios, corpo bonito. Eu não me importaria se ele tivesse se aproximado de mim, perguntado meu nome. E não digo isso muitas vezes.

— Você ouviu o que eu disse?

Pisquei com o som da voz de Tadj. — Desculpa. O quê?

— Você estava encarando novamente.

Era um mau hábito. Como o homem de olhos azuis, eu era uma observadora do mundo.

— Culpada — disse eu, colocando um sorriso no meu rosto, revirando a dor de meus ombros. — O que você estava dizendo?

— Eu estava perguntando se você estava pronta para voltar lá.

— Absolutamente. — Uni um braço com o dela. — Voltemos ao desfile.

• • •

Três horas depois, estávamos em frente ao Cabildo, onde o desfile terminava em uma festa.

O Cabildo tinha sido um prédio histórico da cidade, um tribunal, um museu. Após a tempestade, a Polícia do Estado de Louisiana estabeleceu-se lá. Agora era a sede do Comandante da Ilha do Diabo – e a mesa arrumada de Gunnar ficava do lado de fora do seu escritório. Seus antigos edifícios de armas, a Catedral de St. Louis e o Presbítero foram destruídos na guerra, deixando o Cabildo como a sentinela solitária em frente à Jackson Square.

A magia saltou sobre a própria Praça. As plantas sobreviveram à guerra, proporcionando um lindo local de verde entre o cinza do Quarter. Mas a estátua de Andrew Jackson, o herói da primeira batalha de Nova Orleans em 1815, não

passou pela segunda. Jackson poderia ter vencido os britânicos. Ele não era tão bom com os Paranormais.

Em torno da Praça e dentro de seus portões, festejadores da Noite de Guerra abandonaram as flores de papel e os figurinos animados, passaram de bebidas para água engarrafada por uma empresa alimentícia de fora da Zona que, aparentemente, sentia-se caridosa ou queria comercializar seus bens para as pessoas que entraram na Zona para uma boa festa.

Dançamos por tanto tempo que eu estava quase delirantemente cansada. Mas era o cansaço certo – o tipo de exaustão que fazia os problemas parecerem distantes. A Noite da Guerra era sobre a união e a devassidão, e nós estávamos aproveitando ao máximo, como se o hedonismo nesta noite pudesse compensar muito o resto do tempo.

Tadji e eu nos sentamos diante da cerca que cercava a Praça, nossos pés esticados na nossa frente.

— Estou morrendo de fome — disse Gunnar, com as mãos em seu estômago enquanto se apoiava contra a cerca. Corpos e suores mancharam a pintura em seus braços, borrando as figuras e as paisagens em listras nebulosas.

Ele olhou especulativamente para um carrinho de mão na esquina vendendo pedaços de carne não identificados em espetos. A grelha encheu o ar com aromas de criatura não identificada.

— Não — disse eu.

— E se eu desafiasse você? — perguntou Gunnar, me cutucando com o dedo do pé de uma bota.

— Eu tive minha parcela de carne questionável — disse eu. — E não preciso reviver isso.

Os tempos foram ainda mais difíceis durante a guerra, quando mesmo a FEMA⁸ teve problemas para encontrar comida em Nova Orleans. Lidar com as guerras em solo americano foi complicado politicamente, e levou quase uma semana para que os federais fizessem uma resposta para os Paranormais invasores. No ínterim, antes que a FEMA trouxesse os caminhões, fizemos o necessário para sobreviver. Se isso significasse comer lontra no jantar, então que seja.

8 Federal Emergency Management Agency.

— Nossa pequena carniceira — disse Tadjì, acariciando meu braço. — Você sabe o que seria bom para nós agora?

— Uma garrafa de Scotch muito antigo? — sugeriu Gunnar.

— Isso também — afirmou Tadjì. — Mas eu estava pensando na boa e velha yaka mein...

Yaka mein era outra especialidade de Nova Orleans que decolou durante a guerra, mas provou ser muito melhor do que o bicho do pântano. Era suposto ser um caldo quente de macarrão com ovo cozido e cebolas verdes. Hoje em dia, eram cubos de caldo e ovos secos e reconstituídos. Não é exatamente o mesmo, mas ainda vinha a calhar quando você conseguia encontrá-lo.

Provavelmente se andássemos até um dos bairros mais residencial, acharíamos alguém vendendo tigelas na parte de trás de um caminhão. Mas eu estava ficando sem energia para encontrar qualquer coisa.

Bocejei enormemente.

— Peso leve — provocou Gunnar.

— Culpada das acusações. Acho que é hora de eu ir para casa. Quem quer me acompanhar até a loja?

— Ainda tenho uma pequena festa em mim — disse Tadjì. — Mas, mesmo que não tivesse, não a levaria a lugar nenhum.

Olhei para Gunnar, que balançou a cabeça. — Você não é uma donzela desamparada. Resgate a si mesma.

Eu realmente não poderia discutir com isso. — Nesse caso, meus amigos, é aqui que nos separamos. Vou arrastar meus ossos cansados e velhos de volta à loja. — Estendi uma mão para Gunnar. — Se você pelo menos me ajudar.

Tadjì estalou a língua. — Ela sempre fica tão dramática quando está cansada.

— Eu sei. Ela tem vinte e quatro anos, e age como se fossem oitenta e quatro.

— Eu tenho clientes que têm oitenta e quatro anos — apontei —, e estou mais radiante do que pelo menos alguns deles.

Gunnar ofereceu as duas mãos, e me ajudou a levantar.

Tadjì levantou também. Ela parecia um pouco culpada, e eu meio que esperava que ela desistisse e voltasse comigo.

Mas antes que ela pudesse falar, uma sombra caiu sobre nós. Nós olhamos para cima. A sombra pertencia a um homem muito bem construído. Sua pele era escura e seus olhos eram castanhos e divertidos sob as sobrancelhas levemente arqueadas. Seu peito estava nu, sua camiseta abandonada enfiada em um de seus bolsos traseiros. E, em cima de seu peito gloriosamente largo estava uma tatuagem negra em uma fonte gótica: TRABALHAR DURO, JOGAR DURO.

Eu poderia me relacionar.

— Ei — disse ele com um sorriso.

— Ei — nós três dissemos simultaneamente. Todos esperamos.

O homem sorriu, um flash de dentes brancos, mas era tudo para Tadj. Ele colocou uma mão no peito. — Eu sou Will Burke — disse ele, então empurrou um polegar para a banda, que atualmente nos oferecia uma interpretação animada de *Tipitina*. — Mas todos me chamam de Burke. Você gostaria de dançar?

— Oh, bem, eu... — Tadj olhou para mim, as sobrancelhas levantadas com uma óbvia esperança.

— Não me importo — disse eu com um sorriso. — Eu estava indo embora. A loja está chamando meu nome.

Burke estalou os dedos, e apontou para mim. — Eu sabia que havia visto você antes. Você opera a Royal Mercantile?

— Sim. — O Marriott estava a poucas quadras de distância, e os soldados que viviam lá compravam diversos artigos da loja, então eu conhecia muitos agentes de vista. Mas Burke não parecia familiar. — Você já entrou?

— Só uma vez. Não estive muito na cidade. Estou com CCP Materiel. Fui transferido. — Ele sorriu. — Ouvi que você tem a melhor loja no Quarter.

O CCP era o Comando de Combate Paranormal, a agência da Defesa que gerenciou todo o esforço de guerra. A Contenção era uma das suas unidades, como era o Materiel.

— É fácil ser um dos melhores quando é um dos poucos — disse eu, retornando o sorriso e decidindo que eu gostava dele. E não só porque ele elogiou minha loja. — Mas não nos deixe interromper. Você não ia dançar?

— Obrigada — disse Tadj e pegou a mão estendida de Burke. Eles caminharam para a multidão, começaram a se mexer e dominar a música.

— Eu gosto dele — disse Gunnar.

Eu assenti. — Isso é porque ele é seu tipo: lindo e bem conectado.

— E aparentemente habilidoso na arte do material.

— E em termos civis, isso significa exatamente o quê?

— Isso significa que ele tem acesso às coisas boas. Comida. Móvel. Uniformes.

Eu reconhecia uma oportunidade quando ouvia uma. Eu me virei para ele, uni minha mão suplicante. — Veja se ele pode me dar um pouco de queijo. O material real, o produto com sabor de queijo, e não o *Gosto de queijo*. Real, cheddar real.

— Você sabe que os caminhões refrigerados não funcionam bem na Zona.

Eu sabia – era outro problema de eletricidade – mas não me importava.

— Eu te darei um milhão de dólares se você me conseguir um queijo verdadeiro.

— Você não tem um milhão de dólares.

— Eu tenho um milhão de bengalas.

Gunnar sorriu. — Não quero suas bengalas. — Ele franziu os lábios, considerando. — Mas eu preciso ter certeza de que ele está na lista de visitantes do Comandante. — Ele pegou um caderninho e um lápis para rabiscar uma nota. Gunnar levava seu trabalho a sério e não perderia a oportunidade de contar ao Comandante sobre um benefício material (ou materiel).

É precisamente o que tornava minha amizade com Gunnar complicada. Mas ele era muito da minha família para eu desistir dele agora.

— Venha — disse ele, afastando o caderninho novamente. — Eu vou acompanhá-la de volta à loja.

Não me importei com a oferta, mas eu conhecia o Quarter melhor do que o cara que acabou de pedir a Tadjá para dançar. Não recebi nenhuma vibração ruim do Burke, o *materiel*, mas é melhor prevenir do que remediar. E além disso: queijo.

Balancei a cabeça. — Não se preocupe comigo. Você fica com Tadjá. Fique de olho nela. E quando terminarem de dançar, descubra de qual material ele é responsável. Use seu encanto abundante. — Espalhei minhas mãos em um arco dramático. — Pense em laticínios.

— Essa é minha garota divertida — disse ele, mas a preocupação apareceu no rosto dele. — Houve três ataques de espectros na semana passada. Você tem certeza de que ficará bem voltando sozinha?

Ele me contou sobre cada ataque para me avisar, para me manter em guarda. Ele não percebeu a ironia.

— São apenas quatro quarteirões — disse eu —, e há um agente de Contenção em todo lugar. Essa era uma bênção e uma maldição. — Provavelmente terei que empurrá-los para fora do caminho apenas para entrar na loja.

Gunnar não ficou emocionado, mas pressionou seus lábios na minha têmpora. — Fique bem, Claire. E esteja segura.

Eu disse a ele que eu ficaria.

E falei realmente sério.



Capítulo 03

Em vez de descer pela Royal Street, andei pela Praça até a Decatur. Estava a apenas um quarteirão do caminho, e eu gostava mais da rota – gostava de ver o rio e imaginar que o mundo realmente não mudara, que a vida, como conhecíamos, não havia terminado. Que meu pai e eu ainda vivíamos em uma casa na Cidade Central, e eu estava preocupada em namorar e em conseguir um bom trabalho. Que uma prisão gigante não espreitava atrás de mim.

Quando era mais jovem, eu vagava pelas antiguidades da loja, inventando aventuras. Sempre pensei que era legal que tantas pessoas que viviam ou trabalhavam no Quarter conheciam meu pai, o consideravam um amigo. Era como ser parte de um clube secreto – a guilda secreta de pessoas que não eram apenas turistas, mas que *conheciam* Nova Orleans. Acho que eu tinha um pouco disso – Burke pareceu saber quem eu era, por exemplo. Mas não era o tipo de familiaridade que eu esperava. E agora era perigoso.

Acabei em Conti, cheguei ao prédio em que ficava o Supremo Tribunal de Louisiana, uma enorme estrutura de mármore que ocupava todo o quarteirão entre Royal e Chartres. Era quadrado no lado da Royal e retangular no lado de Chartres, com torres arredondadas em cada extremidade.

Ouvi que a cidade gastou toneladas de dinheiro restaurando-o no final dos anos noventa, apenas para ter a maior parte da metade de trás destruída na guerra. Agora, o prédio estava abandonado, e as poucas palmeiras e magnólias sobreviventes ao redor cresceram demais. As janelas deveriam estar fechadas, mas a madeira compensada era uma mercadoria valiosa, por isso desaparecia com mais frequência do que não. Desta vez, alguém foi criativo, removendo a madeira

compensada de janelas suficientes em um flanco curvado, de forma que os buracos escuros pareciam um crânio sorridente.

Você poderia tirar as pessoas de Nova Orleans, mas você nunca conseguiria tirar as loucuras.

Eu virei à esquina, e vi um movimento perto de uma das magnólias. A partir de muitos gemidos infelizes, Noite de Guerra ou Bebida, ou ambos, obteram o melhor sobre alguém.

Quase sorri em simpatia antes que ela saísse da folhagem. Ela não podia ter mais de dezoito ou dezenove anos, e gritava como uma maníaca.

Ela não me viu na sua frente e me acertou, então caímos na calçada juntas, como árvores derrubadas. A dor cantou através do cotovelo que usei inadvertidamente para parar minha queda, e a pele raspou contra o asfalto ainda quente. Ela tentou se levantar, me acertando no estômago.

Eu grunhi, tentei ajudá-la, mas ela usava apenas shorts e uma blusa suave de verão, e sua pele estava escorregadia com suor. — Que diabos aconteceu? — perguntei.

Ela não respondeu, e estava ofegante quando finalmente se arrastou para fora de mim, pôs-se de pé e correu pela rua. Ela estava mancando.

Sentei-me para vê-la, confusa. Ela precisava de ajuda, ou estava apenas se afastando dos efeitos de uma longa e embriagada noite?

Mas quando seu olhar se encontrou com o meu, seus olhos estavam arregalados e aterrorizados. Ela não estava bêbada, percebi; ela estava com medo.

Ela sabia que era meu primeiro pensamento paranóico e totalmente irracional. De alguma forma, ela percebeu que eu tinha magia, pensava em guerra, terror e morte.

Mas não era de mim que ela estava com medo.

Ele emergiu através da escuridão como um espectro horrível, passando por mim como uma ave de rapina e deixando o cheiro de algo amargo e estragado. A magia o deixou seco e esquelético. Ele parecia quebradiço, com uma pele pálida e quase translúcida que havia ficado branca.

Ele era um espectro. E não estava sozinho.

Um segundo monstro, outro macho, apareceu atrás dele, e juntou-se ao primeiro enquanto seguiam a mulher pela rua.

Seus corpos murchos e angulosos estavam parcialmente cobertos por restos sujos de algodão e brim, provavelmente os restos das roupas que usavam quando finalmente cruzaram a linha entre Sensitiva e espectro.

O medo me inundou e, com isso, as memórias da guerra. Da Valquíria faminta por sangue que eu matei com minhas próprias mãos. Do anjo que eu vi de pé sobre o Superdome⁹, gritando para suas tropas com um chifre dourado, suas asas de marfim riscadas de sangue.

Olhei para o prédio na esquina. A luz no monitor mágico que ficava a três metros acima da rua piscava verde, ativada pela mágica sagrada dos espectros, a energia que eles absorveram do Véu. A Contenção foi notificada. Agentes estariam a caminho, então eu não deveria me envolver. Esse foi sempre o conselho do meu pai.

Uma noite, algumas semanas antes da Batalha de Nova Orleans, ele ficou parado enquanto assistíamos um veículo de Contenção passar pela Royal. Na parte de trás, agarrados um ao outro com um medo óbvio, havia Paras masculino e feminino, cuja pele nua brilhava verde claro no crepúsculo.

— Will-o'-the-wisps¹⁰ — disse ele. — Ou o que nós chamaríamos de *fogo-fátuo* em qualquer lugar. — Isso foi antes que as luzes de gás fossem religadas, e não demorou muito para o caminhão desaparecer de vista.

— Eles parecem assustados — disse eu. Eles não pareciam os inimigos que enfrentávamos, os Paras que nos ameaçavam com armas e morte.

— É melhor não se envolver. Qual é o nosso lema?

Ele havia dito as palavras mil vezes. — Fique quieto. Trabalhe duro.

— Bom. Você se preocupa com a loja, com os cidadãos do Quarter e deixe a Contenção cuidar do resto. — Ele olhou para as estrelas que salpicavam o céu sobre Nova Orleans, visíveis quando a energia estava apagada, e colocou uma mão no meu ombro. — Algum dia, as coisas voltarão ao modo como eram antes. Somente o trabalho árduo nos levará para lá.

Ele me disse seis semanas depois, quando ajudou o pessoal do exército que estava em Nova Orleans a lutar uma batalha, que não parecia que poderíamos ganhar. Mas ele fez isso de qualquer maneira, porque, apesar de suas advertências, esse era o tipo de cara que ele era.

⁹Estádio de Nova Orleans.

¹⁰ É uma luz azulada que pode ser avistada em pântanos, brejos.

Ele morreu duas semanas depois.

A mulher gritou, puxando-me da memória e de volta ao presente. Ela se moveu para a rua vazia, gritando selvagemmente enquanto tentava se esquivar dos espectros. Seu tornozelo torceu, e ela caiu no chão novamente.

Durante todo o tempo que os espectros estavam se aproximando, seus olhos se concentravam nela. E eles não esperariam. O excesso de magia em curto-circuito em seus cérebros os tornava extra agressivos. Eles a matariam sem hesitação, sem remorso, porque eles existiam para alimentar sua fome de magia. E maldito tudo o que estava no caminho deles.

Eu sabia que meu pai queria que eu ficasse segura, que havia me dito para não me envolver, porque a vida em Nova Orleans era muito precária agora. Mas a mulher estava em perigo, e a Contenção não estava aqui. Esta era minha rua, meu Quarter, minha cidade. Isso se tornou minha responsabilidade. Eu precisava mantê-la segura – ou pelo menos manter os espectros longe dela – até que a ajuda chegasse.

Eu não podia usar a magia – não com as câmeras da Contenção por aí. Olhei a redor, encontrei um galho caído abaixo de uma das magnólias gigantescas. Apertando as mãos tremendo com adrenalina, agarrei-o e corri para eles, segurando o galho como um bastão de beisebol.

— Ei! Afaste-se dela! — Eu esperava que gritar iria assustá-los e trazer pessoas com armas reais – esperando que alguém estivesse sóbrio o suficiente para ouvir, ou que o som poderia sobrepor os chifres e os tambores que ainda ecoavam de Jackson Square.

Um dos espectros virou para mim, um homem com braços dolorosamente puxados em direção ao seu corpo, dedos magros inclinados com unhas compridas. Ele pareceu cheirar o ar – reconhecendo a magia que eu absorvia, assim como ele – então abriu a boca, gritou com um som que estava em algum lugar entre as unhas em uma lousa e o raspar de metal áspero contra metal. Era um barulho horrível, lamentável e aterrorizante ao mesmo tempo, e fazia meu estômago apertar com nervos.

Com a cabeça inclinada, ele começou a andar em minha direção.

Afastei o meu medo. Se ele estava se movendo em minha direção, ele estava se afastando dela.

— Sim, isso mesmo! — gritei. — Por aqui! — Acenei o bastão no ar, recuei e atravesssei a rua, tentando chamar a atenção do outro, também. Não sabia o que faria se conseguisse, mas eu estava pelo menos me movendo, com um galho na mão, e pulmões sólidos.

Mas não funcionou. O segundo espectro agarrou o tornozelo da mulher e investiu contra ela.

Desta vez, não pensei, não lembrei, não debati. Eu corri, desviei e bati com o galho na espinha do espectro. Ele gritou e recuou, olhou-me com olhos furiosos e aguados que eram igualmente lamentáveis e aterrorizantes.

Não fiquei emocionada por machucar algo que eu poderia facilmente me tornar. Mas ele não parecia se importar com minha luta. Ele gritou, deu um passo à frente. E me movi para trás, balançando o galho na minha frente para ter certeza de que ele estava me dando espaço.

Peguei o movimento do canto do meu olho, e percebi que o outro espectro também estava se movendo em minha direção. Consegui tirar a atenção da garota, mas isso pode não me servir bem a longo prazo.

Percebi que eu poderia ter usado uma dessas bengalas agora. Talvez com uma baioneta pop-up.

Olhei para a garota. Ela ainda parecia pálida, mas sobreviveria, se pudesse se levantar e correr.

— Vá! — disse a ela, e ela se pôs de pé, mancando pela rua.

Eu olhei para os espectros, tentando manter os dois na minha frente, para que não ficasse cercada, então eles não poderiam me enganar.

Um deles estendeu a mão para agarrar, dedos magros como ossos pintados, com unhas grossas e pontudas. Balancei o galho para bater na mão dele, mas ele foi mais rápido do que eu esperava. Ele o agarrou, arrancou-o de minhas mãos, e jogou na rua.

Ele balançou a mão livre. Ele poderia ser magro, mas era forte, como se sua força tivesse sido afiada e concentrada no que restava dele. Seu braço me atingiu como uma barra de ferro, e voei no ar, uma boneca jogada por uma criança mimada.

Bati no asfalto com minhas costas. A dor explodiu pelo meu corpo enquanto o ar parecia sair dos meus pulmões. Eu tentei respirar, ofegando grosseiramente.

Ambos se moviam em minha direção. Sentei-me no meio da Royal, sem uma alma à vista. Os tambores ecoaram pela rua, o ritmo ficando mais rápido à medida que a música subia.

Assim como Gunnar havia dito, eu precisava ser meu próprio herói.

Eu me levantei, ainda tonta, e fiz uma pausa para que meu cérebro alcançasse meu corpo. Mas isso só deu tempo para o medo se instalar em meus ossos.

Os espectros abriram suas bocas, seus lamentos agudos estremecendo através do meu corpo. Um deles avançou e raspou as garras ao longo dos meus braços, os riscos queimando como se tivesse derramado sal dentro deles. O instinto me fez afastá-lo, empurrando-o para longe.

O outro entrou, pronto para assumir o controle. Corri pela rua para a esquina, colocando espaço entre nós, mas eles me seguiram rapidamente, os olhos se movendo para frente e para trás enquanto fechavam a distância.

Eu me movi para a direita e eles se esquivaram.

Eles poderiam ter se movido como animais, mas havia algo muito humano na maneira em que se olhavam, na forma como seus olhos se encontraram, como se uma comunicação silenciosa passasse entre eles. Acordo silencioso.

Eles fizeram um som profundo e gutural. Aquele que primeiro seguiu a mulher na rua ficou onde estava. O outro moveu-se para interromper minha saída, como se estivessem executando um plano cuidadoso.

Eles estavam trabalhando juntos? *Não*. Isso era impossível, apenas medo e pânico me deixando paranóica.

De qualquer maneira, eles estavam se aproximando. Procurei por uma fuga. Olhei ao redor, lembrei-me do beco que ficava entre dois edifícios à minha esquerda. As saídas de incêndio de ambos acabando ali, e um portão a meio caminho do beco impedia que as pessoas brincassem com elas. Bem, antes da guerra, de qualquer forma. Agora, o portão estava sempre aberto; as pessoas que moravam no Quarter usavam o beco como um atalho.

Eu não achava que os espectros pudessem escalar. Então, se pudesse entrar no beco, eu conseguiria abrir o portão e fechá-lo, colocando barras de ferro entre eles e eu.

Eu corri para ele.

Eu podia ouvi-los se arrastando atrás de mim; eles pareciam mais empolgados. Girei bruscamente no beco e corri em direção ao portão. Bati no ferro forjado, empurrei... e quase caí quando não se moveu.

— Não, não, não — murmurei, empurrando o portão para abri-lo, antes de perceber que um novo e brilhante bloqueio foi instalado, o portão estava trancado. De todos os malditos dias para alguém ter cuidado com o maldito bloqueio.

Olhei ao redor. A saída de incêndio estava do outro lado da cerca, e não havia como escalá-la. Era pelo menos dois metros e dez de altura, com balaústres verticais e nada para escalar.

Quando perceberam que a vitória estava próxima, os espectros se moveram para a frente.

Eu estava presa.

Olhei para as paredes de tijolos. Havia um monitor na borda do beco, o verde claro como o do bloco. Contenção estava a caminho, mas isso não era tudo. Os monitores tinham câmeras que começavam a filmar quando os sensores eram ativados. Se eu fizesse mágica aqui e agora, eles me teriam em fita.

— Porra — murmurei. Fale sobre uma pedra e um lugar difícil – ou dois espectros, duas paredes e uma cerca de ferro. Ou usávamos magia ou morremos.

Decidi que preferiria ficar viva e fugir de Contenção do que ser morta na rua.

— Para tudo há um tempo — murmurei. Eu precisava esperar que essa não seria a razão do meu encarceramento na Ilha do Diabo.

Do outro lado do beco, atrás dos espectros, havia um prédio vazio em que funcionara uma galeria de arte. A galeria havia desaparecido, mas sua placa ainda estava pendurada nos ganchos. *NOLA ARTWERKS* estava pintado em todo o quadrado de madeira, com uma letra cursiva roxa em torno de uma flor de lis.

Uma placa poderia ser uma arma, como eu aprendi.

Mover algo não era difícil por si só – provei isso o suficiente na loja hoje. Mas havia uma grande diferença entre mover algo acidentalmente e conscientemente levá-lo para onde você queria. Havia uma diferença entre essas coisas que eu não aprendi a controlar – principalmente porque não podia praticar.

Respirei fundo. Eu teria que ter muito cuidado, e uma vez que a Contenção deveria estar à caminho, teria que ser rápida.

Concentrei-me na placa, a sua borda distorcida e espancada, e pensei na magia que pairava no ar. Tentei limpar minha mente, imaginar reunir todo esse poder, usá-lo para forçar a placa a sair de seus ganchos e puxá-la para mim. Francamente, eu não tinha ideia do que estava fazendo; este era o melhor palpite.

Os espectros avançaram, atraídos pelo zumbido de energia no ar. Mas fiz o possível para ignorá-los, concentrar-me, colocar meu olhar na placa, pedir desculpas à pessoa que o criou. Usando toda aquela magia no ar, suor escorrendo pela minha pele com o esforço, eu puxei.

A placa saiu dos ganchos e percorreu o ar em nossa direção. Mas é aí que a parte fácil terminou.

A placa tinha apenas dois de metros de diâmetro. Mas movê-la era como guiar um elefante através de um fio dental a trezentos metros no ar. Eu a atraí para mim, mas a placa quase não queria obedecer. Ela atravessou a rua, batendo no tijolo ao lado do beco e ricocheteando para trás.

Não tive tempo de ficar animada por ter chegado tão longe, porque eu teria que enfiar o fio dental com elefante através de uma agulha.

Estreitei os olhos com propósito, imaginei o beco crescendo, o limite diminuindo até ficar do tamanho de um cartão postal. E quando os alinhei, puxei a placa em minha direção.

Um dos espectros se aproximou e eu desviei para o lado para evitá-lo. O fio entre eu e a placa também se afastou. Ela deslizou pelo beco, batendo contra a parede como um trovão, se partindo ao meio. Eu me virei, ficando de pé novamente, estendi minhas mãos e, em seguida, apontei de modo que cada mão direcionasse para um espectro.

Com esse movimento, lancei os dois pedaços da placa quebrada para os espectros, acertando ambos na parte de trás. Eles gritaram, arqueando e rolando de dor.

Mas não foram dissuadidos. Se alguma coisa, eu os deixei mais irritados, mais decididos em me alcançar e me punir pela dor que causara. Eu não conseguiria usar o poder por muito mais tempo, e já podia sentir a exaustão se estabelecendo em meus ossos. Eu precisava terminar com isso.

Suguei ar, ainda quente e úmido, e empurrei a placa para frente com o espaço de magia que criei. Eles se moveram em minha direção, e bati novamente nos espectros – um nas costas, o outro no ombro.

Eles ainda estavam furiosos. Mas estavam sofrendo, e seus corações não estavam mais na briga. Uivando de frustração, eles saíram do beco e entraram na escuridão novamente.

Segurei a respiração, contando até cinco, para o caso deles mudarem de ideia. Mas a rua estava silenciosa e imóvel. Soltei o resto do poder, senti que ele atravessava o beco como um vento brutal. Os restos da placa atingiram o chão com um ruído, e o silêncio caiu novamente.

• • •

Não tive muito tempo para saborear minha vitória. Eu estava na câmera que filmava magia em violação do Ato Mágico. Eu ficaria presa à Ilha do Diabo, onde ficaria atrás das grades e esperaria para me tornar um espectro. Não havia nenhuma maldita maneira que eu deixaria isso acontecer.

Infelizmente, eu não tinha nenhuma resistência a magia, então usá-la me deixava faminta e tonta. Respirei fundo, me obriguei a concentrar, lembrei a mim mesma da lista que memorizei apenas no caso de acontecer o pior. Foi assim que lidei com a possibilidade real de que eu fosse descoberta: eu tinha um plano de fuga. Uma bolsa e um destino. Eu iria para o oeste do país, por todo o sul da Louisiana em direção ao Texas. Essa era a fronteira da Zona mais próxima, e se pudesse sair da Zona, eu teria chance.

Siga as etapas, lembrei-me. — Primeiro passo — disse silenciosamente, depois repeti novamente até as palavras terem sentido. — Primeiro passo: Vá para casa.

Mais fácil dizer do que fazer. Eu me arrastei até o final do beco, vi duas luzes de fogueira subindo do fim do rio de Conti. Me esquivei pela rua até a próxima porta, parando enquanto os agentes olhavam para o beco e, em seguida, passavam ao redor da Royal.

Voltei à loja, quase tropeçando na calçada desigual enquanto chegava à porta. Puxei as chaves do bolso do vestido, mas minhas mãos estavam instáveis, e demorou três tentativas para colocar a chave certa e abrir a fechadura da casa. Quando o bloqueio destravou, abri a porta, a fechei e corri para a escada estreita que levava ao segundo e terceiro andar do edifício.

Passo dois: pegue a bolsa.

Subi as escadas para o segundo andar, abri o armário antigo perto da porta, agarrei uma muda de roupa esperando por mim. Tirei o vestido, estremecendo quando o tecido tocou os arranhões no meu braço, chutei meus sapatos, coloquei o jeans e a camiseta preta que separei e enfiei meus pés em botas baixas. Empurrei as roupas descartadas na parte de trás do armário. Contenção poderia encontrá-lo, poderia se perguntar. Mas eu não me importava, porque teria partido

Ao lado da pilha de roupas estava uma valise de couro preto que eu havia limpado e equipado com uma alça cruzada. Estava cheia de necessidades: uma cópia perfeita dos meus documentos de identificação, algumas mudas de roupas, dinheiro. Com minhas mãos tremendo, a peguei, e abri.

Passo três: Combustível.

Peguei uma das barras de energia que coloquei dentro dela, rasguei o invólucro como um viciado. Eu não seria capaz de pensar ou correr se ainda estivesse tonta com a fome pós-mágica. Comi tudo em duas mordidas, boca cheia e mastigando enquanto lutava para aliviar a necessidade gritando na minha barriga. Eu engoli, parei para respirar e sugar o ar. E quando minha visão não estava instável, fechei novamente a bolsa, levantei-a e a preendi sobre meu corpo.

Cheguei ao meu esconderijo, obtive nutrição. Havia apenas um passo a fazer.

Passo quatro: diga adeus.

Olhei ao redor da sala, piscando as lágrimas. Caixas de chapéu, latas, malas, livros empilhados em colunas ao redor da sala que se estendiam até as vigas. Roupas vintage pendendo de racks, sinais vintage de petróleo e gás – incluindo aquela maldita estrela – apoiada contra uma parede de tijolos. Havia um labirinto de mesas, cofres e armários franceses trazidos para Nova Orleans em um momento muito diferente, para equipar casas majestosas.

Meu peito doía com o forte sentimento de fracasso. Não consegui segurar as coisas, para a loja – para minha família – por tempo o suficiente. Não o suficiente para manter viva as lembranças da minha família, para salvaguardar os tesouros que encontraram. Talvez algum dia, quando a Contenção não estiver procurando por mim, eu poderia voltar. Talvez, se eles não levarem a loja.

Balancei a cabeça, lutando contra as lágrimas. Não podia ser evitado agora. Não podia ser mudado. A guerra me ensinou o suficiente sobre isso.

— Desculpe-me — sussurrei ao fantasma do meu pai, e saí do quarto. Era hora do Passo Cinco.

Corra.



Capítulo 04

Eu desci as escadas, atenta ao som das sirenes que sinalizavam a chegada da Contenção e o fim oficial da vida que eu conhecia. Mas o mundo estava calmo, o único som no primeiro andar era o tique-taque constante dos relógios antigos. A Noite da Guerra deve tê-los mantidos ocupados esta noite.

Contornei a escada e entrei no primeiro andar da loja, decidi que a porta dos fundos e o beco eram uma aposta melhor do que a da frente. Parei quando percebi um grande corpo enchendo o vão da porta. Meu coração martelou contra meu peito como um pássaro assustado, que não era muito diferente do meu estado emocional.

— Indo a algum lugar? — perguntou ele.

Maldição.

O homem estava iluminado pelo brilho da lua, então não pude ver o seu rosto. Mas ele era grande. De ombros largos, facilmente um metro e oitenta e dois mais ou menos. Maior e provavelmente mais forte do que eu. Eu não seria capaz de levar a melhor sobre ele fisicamente, e teria que esperar para recarregar antes que eu pudesse mover algo novamente. Isso significava que eu teria que sair dessa sozinha. Felizmente, eu tinha oito meses de mentira no meu cinto.

Coloquei minha expressão de indiferença e caminhei em direção ao balcão. Meu olhar estava sobre ele, mas eu estava pensando em fugir, em chegar à porta de trás, depois no beco, depois em Royal, onde correria até que minhas pernas não pudessem mais aguentar.

— A loja está fechada.

— Tanto faz, a porta não estava trancada. — Sua voz era profunda, forte, e apenas um pouco acentuada. Cajun, eu supus.

Eu me amaldiçoei silenciosamente por não lembrar de fechar a porta. — Meu erro. Mas estamos fechados para a Noite da Guerra. Abro novamente amanhã.

Ele deu um passo à frente, entrando na faixa de luz, e olhei para ele. Ele era o homem da Bourbon Street, o cara de olhos azuis que me olhou antes de desaparecer na multidão.

O impacto daquele cabelo escuro, aqueles olhos vívidos, era ainda mais forte de perto. Não só porque ele era bonito, mas porque agora parecia ser uma ameaça. Afastei a atração e o medo em guerra. Nenhum me ajudaria.

Seu olhar mergulhou na valise. — Você está fazendo uma viagem?

Concentre-se, eu exigi, meu cérebro começando a relaxar conforme a nutrição deixava meu corpo. Tão casualmente quanto consegui, levantei minha bolsa, coloquei-a no balcão.

— Apenas movendo algumas coisas. — Cruzei meus braços e dei-lhe o olhar mais rude que eu conseguiria. — Mas, como isso não é da sua conta, e estamos fechados, por que você não sai da minha loja antes de eu chamar a Contenção?

— Como você é Sensitiva, duvido seriamente que você fará Isso.

Eu congelei, esperando que ele não tivesse visto meu corpo estremecer. — Não sei do que você está falando.

Eu não achava que ele era da Contenção. Alguém aqui para me prender não teria se incomodado com perguntas modestas.

Ele poderia ser um caçador de recompensas, um freelancer que caçava fugitivos Sensitivos, espectros e Paras, e que decidiu que eu era sua próxima recompensa. Havia muitos caçadores de recompensas na Zona – pessoas que ficaram para trás porque queriam viver em uma nova versão do Velho Oeste.

Ou ele poderia ser um idiota louco comum.

Eu não sabia se alguma dessas opções era melhor do que as outras.

— Vi você desaparecer naquele beco, e então eu vi a placa. — Ele olhou para a bolsa. — Suponho que seu plano era fugir.

Não há nenhum ponto em mentir sobre isso agora. Ele claramente viu alguma coisa. — Era o que eu estava tentando fazer. Até que alguém entrou no meu caminho.

— É melhor você se alegrar com isso. Você não pode fugir da Contenção.

— Você é um deles?

— Contenção? — Ele disse a palavra com suficiente escárnio que eu me senti um pouco melhor. — Não.

Minha raiva surgiu. — Então eu não sou da sua conta. Você quer me denunciar, denuncie-me. Caso contrário, saia da minha loja e saia do meu caminho.

Sua boca se contraiu. Não estava certa se era raiva, frustração ou diversão. Não seria a primeira vez que eu dera a alguém um ou mais desses sentimentos.

— Você tem uma boca inteligente, *cher*.

Definitivamente, Cajun. — Isso é o que eu ouço.

O suor frio começou a escorregar pelas minhas costas quando meu olhar disparou entre a porta da frente – as figuras que se moviam lá fora – e a de trás. Ele era maior do que eu, mas eu tinha magia, e tempo suficiente poderia ter passado para que eu pudesse usá-la sem me machucar.

Ele deve ter adivinhado meu plano. — Nem pense nisso — disse ele, levantando a camisa o suficiente para mostrar abdominais musculosos e a arma na cintura. Era o mesmo modelo levado pelos agentes da Contenção, e eu esperava não ter cometido um erro enorme.

— Não quero usar isso — disse ele —, mas eu vou se você tentar usar magia contra mim.

Ele lançou um olhar para trás, nas janelas da loja, nas lanternas que se aproximavam, que sinalizavam a chegada da Contenção.

— Maldição — disse eu, o pânico subindo, mas o afastei. Já estive em situações mais difíceis antes, e provavelmente estaria novamente. Tanto quanto eu odiasse admitir que meu pai tinha razão, que era melhor não se envolver, a evidência estava se acumulando. — Isto é culpa sua. Eu estou indo.

O homem entrou na minha frente, seu corpo grande bloqueando o meu. — É tarde demais. Eles estão lá fora, e eles terão nos visto aqui. Esta é a única loja nesta parte do Quarter, e nós provavelmente somos as únicas pessoas sóbrias em um raio de três blocos. Eles vão querer falar com você, ver se você viu alguma coisa.

— Eles me pegarão na câmera — disse eu, implorando para ele entender. — Se eu não for embora, estarei ferrada.

Eu estaria presa à ilha/e lá ficaria/usando a coroa do diabo/até o fim dos dias. Era assim a música. E se eu não fosse cuidadosa, isso se tornaria a nível autobiográfico.

Suas sobrancelhas levantaram, interesse óbvio em seu rosto. Até mesmo ele sabia o quão ruim era a situação. — Você tem certeza?

— Eu sei como reconhecer uma câmera da Contenção ativada.

Ele considerou por um momento, balançou a cabeça. — Os agentes da Contenção são distribuídos com base na detecção de magia... o acionamento do sensor. Esses agentes provavelmente terão sido redirecionados da festa, então eles ainda não terão visto a fita. Se você fugir agora, eles pensarão que você é culpada de algo, e vão parar você. E se pararem você, eles verificarão a filmagem.

Esperança brilhava como uma estrela distante, então desapareceu. — Então eu tenho que chegar ao vídeo.

E como eu faria isso? Gunnar, pensei nauseada. Eu teria que pedir a Gunnar para fazê-lo, para entrar no sistema de vídeo da Contenção e excluir a evidência.

— Vamos lidar com o vídeo. Mas agora você precisa se acalmar e fazer o que eu digo.

Levantei minhas sobrancelhas. — Fazer o que você diz? Eu nem te conheço.

— E você não tem motivos para confiar em mim — admitiu ele. — Mas a outra escolha é pior. O CCP não gosta de Sensitivos. Eles não se encaixam na pequena visão de mundo deles. Eles vão colocá-la na Ilha do Diabo, e como você provavelmente sabe, Sensitivos não tem muito o que esperar na Ilha do Diabo. Eles vão esperar a magia destruir você.

Ele não parecia mais feliz com isso do que eu. Mas isso ainda não me deu muito conforto. — Talvez eles não me peguem.

— Você ainda se tornará um espectro, e machucará as pessoas.

Abri minha boca para objetar, mas ele balançou a cabeça. — Você não terá chance, não quando seu corpo começar a quebrar, quando sua mente começar a ir. Você vai matar, e isso é um fato. — Sua voz ficou mais áspera. — E seria meu trabalho caçá-la. Teria que ser meu trabalho caçá-la. Não quero ter que fazer isso.

Então ele era um caçador de recompensas. Ele provavelmente entregou muitos espectros e Sensitivos para a Ilha do Diabo. E isso explicava como ele sabia o pior do que poderia acontecer comigo.

— Eu sou Sensitiva — lembrei-o. — Você poderia me capturar agora.

— Não negocio Sensitivos — disse ele. — Você não é uma ameaça para ninguém, pelo menos ainda não. E esse é o ponto. Se você quer uma chance de

não se tornar um espectro, viver fora do Marigny¹¹, manter sua loja, você seguirá a minha liderança.

Eu não precisava confiar nele. Ainda poderia tentar agarrar minha bolsa, e sair pela porta traseira. Mas havia muitas lanternas lá fora, e muitos corpos em movimento. Eu não conseguiria fazer isso. E ele estava certo, faria parecer que eu estava fazendo algo de errado, e eles me levariam. Se eles viram o vídeo? Mesmo resultado.

Engoli com força, olhei ao redor da loja como se pudesse oferecer orientação, como se meu pai pudesse emergir das sombras para me dar conselhos que, desta vez, eu não ignoraria.

— Sinto muito — disse ele.

Assenti, reunindo toda a bravura que consegui, porque eu estava depositando toda a minha confiança em um homem que eu vi exatamente duas vezes na minha vida. — Tudo bem — disse finalmente, olhando para ele, esperando que estivesse fazendo a coisa certa. — Vamos tentar isso. Pelo menos, diga-me seu nome?

Sua expressão suavizou. — Eu sou Liam Quinn.

Engoli em seco, assenti com a cabeça, esperei para ter certeza de que minha voz não tremeria. — Eu sou Claire Connolly. Esta é a minha casa.

Liam assentiu. — Então, acenda as luzes, Claire Connolly, e vamos começar com isso.

• • •

Eu estava suada da festa, mas isso não era nada comparado ao suor frio que escorria pelas minhas costas quando dois agentes da Contenção entraram em minha loja com uniformes e botas cinza, armas e bastões presos ao cinto.

Apaguei as luzes e me movi para trás do balcão. Liam inclinou-se contra ele, folheando o *Times-Picayune* do dia. Não havia muitos desses hoje em dia – mais um boletim da comunidade do que um jornal, algumas folhas de papel fino e feito à mão são executadas em uma tipografia à manivela. Eles eram entregues na loja toda semana, menos frequentemente, se a tinta da impressora acabasse.

— Cavalheiros — disse Liam, dobrando o papel e se endireitando quando eles entraram. O simples ato de reposicionar seu corpo mostrou seu poder físico.

¹¹ Bairro de Nova Orleans.

Seria uma vantagem contra os espectros, provavelmente uma necessidade, dado o trabalho dele. — Demorou muito tempo.

Um dos agentes, de ombros largos, com pele e olhos escuros e cabeça calva, se moveu na frente dos outros. Eu o vi na loja antes. Phelps era o nome dele.

Phelps olhou para mim, então Liam. — Quinn. O que é você está fazendo aqui?

— O mesmo que você, eu imagino. Perseguindo monstros.

O segundo agente assentiu. — Você o viu?

— Nós dois fizemos — disse Liam.

Phelps olhou para mim. — Você é Claire Connolly, certo?

Meu coração bateu no meu peito e nas orelhas tão alto que parecia impossível que não o ouvissem. Eu queria responder a pergunta, mas temia abrir minha boca, com medo do que eu poderia dizer, ou o que eles poderiam conseguir de tudo o que eu dissesse.

Liam olhou para mim. — Acorde, Claire — disse ele, depois olhou para a Contenção. — Desculpa. Os espectros a assustaram.

Phelps parecia instantaneamente simpático. — A primeira vez que viu um?

— Segunda vez, na verdade. — Alguns meses atrás, vi agentes da Contenção capturando um espectro do lado de fora da porta, vinculando-o no que parecia ser uma camisa de força antiga. Minha voz soou áspera, então a limpei, tentando parecer indiferente. — Mas ainda é chocante. E sim, eu sou Claire. Já vi você aqui antes.

Ele assentiu. — Você pega esse macarrão MRE que eu gosto.

Fiz uma careta, sabendo qual deles ele queria dizer. — Ugh. Esse macarrão não é bom.

— Não é ótimo, mas é melhor do que o bolo de carne com queijo azul. Por que eles colocariam queijo azul no bolo de carne? Desculpa. Estou saindo da pista. — Ele puxou o pequeno disco preto do bolso, colocou-o no balcão. — Precisarei obter suas declarações sobre o que aconteceu. Você se importa se eu gravá-los?

Fique calma, eu exigi, e encolhi os ombros. — Não. Embora não saiba como posso ser útil.

— Nós só precisamos ouvir o que você viu. É o procedimento. — Ele tocou a superfície brilhante, que piscou em verde.

— Agente Phelps, investigando o Setor Vinte, sete ataques de combatentes.

Não me ocorreu que eles pensavam em espectros – humanos que sucumbiram a infecção mágica – como apenas outro tipo de combatente, apenas como outro Paranormal. Essa não era toda a história, mas apoiava o que Quinn havia dito sobre o CCP.

— Entrevista com Connolly, Claire — continuou Phelps. — E Quinn, Liam. Agora, você disse espectros, plural. Havia mais de um?

O alívio correu através de mim. Se a Contenção não soubesse quantos espectros estavam lá, Liam estava certo – eles não assistiram o vídeo. Ainda.

— Dois — confirmou Liam.

— De onde eles vieram?

Liam gesticulou para mim, o movimento completamente casual e levemente entediado. — Ela os viu primeiro. Eu estava atrás deles.

— Perto do Supremo Tribunal — disse eu. — Eles estavam na folhagem no lado sul. Estavam atacando uma mulher. Ela escapou, correu até mim e depois se dirigiu para a rua. Os espectros a seguiram até lá.

— Espectros não caçam juntos. — O segundo agente deu um passo à frente. Ele era mais velho, com uma pele pálida, cabelos prateados e com um bigode escuro em uma boca larga. Seus olhos eram profundos e cheios de suspeita. *Thomas* era o nome em sua tag de uniforme.

Encolhi os ombros. — Não sei sobre isso. Apenas dizendo o que eu vi.

— E então, o que aconteceu? — perguntou Phelps, parecendo irritado com a interrupção de seu colaborador.

Teria sido muito fácil se perder em mentiras, então decidi pela verdade, pelo menos tanto quanto eu poderia dizer.

— Eles começaram a atacá-la. Eu gritei para assustá-los, mas não funcionou. Então peguei um galho de árvore e tentei assustá-los. Quando isso não funcionou, eu bati neles.

As sobrancelhas de Phelps levantaram. — Você derrotou dois espectros com um galho de árvore?

— Não os *derrotei*. Eu os acertei. E eles fugiram. — E algumas coisas entre a magia que eu realmente não queria mencionar.

Phelps gesticulou para o meu braço. — Eles lhe deram esses arranhões?

Olhei para baixo. O medo da Ilha do Diabo havia entorpecido a dor, e eu esqueci sobre os arranhões. — Sim. Um deles tinha unhas muito longas.

— E a placa no chão? — perguntou Thomas.

A parte de trás do meu pescoço ficou quente. — Placa? Que placa?

— Havia uma placa de loja no chão, muito bem quebrada.

— Oh, não sei. Talvez um dos espectros a tenha derrubada? Eles estavam passando por todo o lugar. Eles meio que... — encolhi os ombros —, a balançaram enquanto se moviam?

— E para onde eles foram? — perguntou Phelps.

— Uptown, em direção a CBD. — Nós deixamos o Distrito Central de Negócios manter o acrônimo, mesmo que não houvesse muitos negócios lá nesses dias.

— E a menina?

Balancei a cabeça. — Também não sei sobre ela. Eu disse para ela se levantar e correr, e ela fez. Não vi a direção. Eu estava olhando os espectros.

Phelps assentiu, olhou para Liam. — E quando você apareceu nesta luta?

— Depois que acabou.

— Você está procurando uma recompensa?

— Sempre — disse Liam friamente. — Mas não era para ser desta vez.

— Você poderia ter os perseguido — disse Thomas. — Por que você ainda está aqui?

— Porque agora eu quero informações mais do que quero recompensas.

— Informações sobre?

— Por que dois espectros atacaram um humano juntos.

— Eles não fizeram. — O tom de Thomas era plano. — Isso não é algo que acontece.

Liam ergueu as mãos. — Como Claire disse, estou apenas dizendo o que eu vi. Você pode assistir a fita. De fato, eu apreciaria uma cópia dela quando você terminar.

Apenas a menção da fita fez meu estômago revirar com antecipação. Achei que eu soubesse o que Liam estava fazendo – agindo da mesma forma que um caçador de recompensas agiria nesse cenário – mas o pedido ainda irritava.

Phelps assentiu. — Você sabe que há um procedimento para isso. Faça um pedido com o Comandante.

— Claro — disse Liam. — Triplicado, sem dúvida.

Phelps fez um som vago de acordo. — Burocracia.

— Burocracia — concordou Liam.

Aparentemente satisfeito com as informações que obteve, Phelps desligou o gravador, que ficou vermelho quando o soltou; então o empurrou no bolso. — Isso deve ser tudo por enquanto, mas fique por perto no caso de termos mais perguntas.

Assenti. — Claro.

Ele olhou para Liam. — Você estará por perto também?

— Aqui e ali. Eu posso ser encontrado.

Phelps assentiu. — Então vamos terminar lá fora para que possamos fazer nosso relatório. Para todos nós termos uma noite segura. — Ele parou na porta e olhou para trás. — Oh, e Feliz Noite de Guerra.

— *Nós vivons* — dissemos Liam e eu juntos.

• • •

Não foi até que o sino sinalizou o fechamento da porta que respirei fundo. Apoiei meus cotovelos no balcão e coloquei a cabeça nas mãos, amaldiçoando. Isso não era exatamente o que eu pensava que a Noite de Guerra seria. Não bebi o suficiente.

— Você é uma boa mentirosa.

Deslizei meu olhar para Liam, não gostei especialmente do sorriso no rosto dele. — Eu tenho prática.

— Então eu vejo.

Eu me levantei de maneira reta, tentando me recompor. — Deus, que bagunça.

— É — concordou ele. — E agora, precisamos nos mover para que você consiga aquelas fitas antes que Contenção o faça. Nossa janela para minimizar o dano está se fechando.

Assenti. — Ok. Onde fazemos isso?

— Na Ilha do Diabo.

Olhei para ele. Os Sensitivos não entram na Ilha do Diabo se quiserem sair de novo. — O que você quer dizer, com na *Ilha do Diabo*?

— É lá que meu mecânico mora. Ele é o único homem que conheço que pode fazer isso.

— O objetivo da minha vida é ficar fora da Ilha do Diabo. Não vou entrar lá por minha própria vontade.

— Se quer cuidar do vídeo, você entrará na Ilha do Diabo.

— Você não pode fazer isso sozinho?

— Não, porque o mecânico é apenas a nossa primeira parada. — Ele se aproximou e eu tive que erguer a cabeça para olhar para ele.

— Eu prometo a você, Claire... esta noite, você entrará na Ilha do Diabo por sua própria vontade, e sairá novamente. Mas se deseja continuar assim, se quiser manter seu livre-arbítrio, então você precisa aprender a controlar sua magia.

— Isso não é possível.

— Tornar-se um espectro não é inevitável, Claire. Você não é a única Sensitiva em Nova Orleans. Inferno, você provavelmente não é a única Sensitiva no Quarter.

Olhei para ele. — Há mais de nós? Sensitivos que não estão na Ilha do Diabo? Quantos?

— Suficiente. E, como eles, você precisa aprender a controlar sua magia, manter a infecção à distância. Isso pode ser feito, com diligência.

— Como você sabe disso? — perguntei.

— Amigos e experiência. — Seus olhos escureceram. — Se você não aprender logo, não haverá volta. Uma vez que você se torna um espectro, não há reversão. Não há nenhuma pílula, nenhuma cura, que pode consertar esse dano. Se não aprender, eu terei que arrastá-la para a Ilha do Diabo.

Liam Quinn tinha péssimas maneiras, e claramente não era de evitar dizer o que pensa. Por outro lado, eu não estava certa que qualquer outra coisa teria sido tão eficaz. Não, eu não queria entrar na Ilha do Diabo como uma Sensitiva... mas certamente não queria entrar como um espectro. Eu não sabia que havia mais de nós – Sensitivos que aprenderam a lidar com a magia, que não se tornaram espectros. Se houvesse uma possibilidade de que eu poderia ter uma vida – uma vida real – então teria que dar uma chance para Liam Quinn.

Pela primeira vez em muito tempo, senti um pouco de esperança. Mas isso não me tornou imprudente.

— Mesmo que eu concordasse em ir, não conseguiria entrar sem um visto de viagem. E não o tenho.

— Você não precisa de um. Você vai comigo.

— Você disse que não era da Contenção.

— Eu não sou. Sou um caçador de recompensas. A Contenção paga as recompensas.

Eu queria dizer que isso não era o mesmo que ser realmente um agente da Contenção, mas ainda parecia uma linha bastante fina.

— Você mata os espectros que captura? — A pergunta não era muito diplomática, mas então, novamente, eu era potencialmente uma das suas recompensas.

— Meu trabalho é capturar, não matar. Eu te prometo que podemos discutir os detalhes da minha carreira mais tarde. Olhe — disse ele —, eu entendo que você ainda está processando o que aconteceu, mas se quiser lidar com o vídeo antes que eles o assistam, temos que ir agora. Nós já estamos perdendo tempo.

Pergunta final, apenas para a posteridade. Apertei meu olhar para ele. — Isso não é um truque para me levar à Ilha do Diabo sem uma briga?

Ele resmungou. — Se quisesse levá-la, eu teria levado você. — Não havia dúvida em sua voz, nem na firmeza de seu olhar. E, com justiça, ele já mentiu para a Contenção sobre eu ser uma Sensitiva, quando ele poderia ter me entregado para ganhar dinheiro.

— Levar você para dentro assim não faz bem nem para mim nem para você. Eu prometo, Claire, você estará de volta na sua cama antes que a noite acabe.

Amarrei essa coragem um pouco mais apertado. — Tudo bem — disse eu, e olhei para cima. — Vamos para a Ilha do Diabo.



Capítulo 05

Dezessete minutos depois, eu estava olhando para os painéis de concreto que se elevavam no céu ao redor do Marigny, para a grade de aço que se curvava acima do telhado da super redoma.

Nunca cheguei perto da parede, da prisão. A loja estava quase a um quilometro e meio do portão, e não era algo que a maioria daqueles que ficaram na Zona queria se concentrar. Os turistas ocasionalmente atravessavam a Zona para contemplar as paredes, os portões. Eles não viram a guerra, e estavam curiosos sobre isso, sombrio como era. Mas nós vimos mais do que suficiente.

O Marigny tinha a forma de um triângulo, como se alguém tivesse cortado o ponto inferior. Era uma fatia de um bairro. A rua Peters, que ficava perto do rio, constituía o lado curto da fatia. Uma parede separou os bairros da faixa ferroviária pública de Nova Orleans que corria ao longo do rio, mas a maioria foi destruída durante a guerra.

À beira do lago, a Ilha do Diabo estendida até a Avenida St. Claude. O Quarter fazia fronteira no oeste, Bywater no leste. E as paredes de confinamento cercavam todo o bairro, feitas do que parecia ser equivalente ao concreto da barragem Hoover.

Os painéis de parede deveriam ter sido feitos em moldes de madeira, porque continham redemoinhos de madeira. Eu estendi a mão, tocando um, esperava sentir a grossa textura de concreto. Mas era suave ao toque, mesmo quando parecia que o vão de madeira havia mudado a textura. E estava quente o suficiente para que eu puxasse meus dedos depois de alguns segundos.

O portão estava no meio da rua Peters. Era a única parte da Ilha do Diabo que não estava cercada de concreto, ou pelo menos não completamente. Uma cerca

alta e preta foi montada em alguns metros de barreira de concreto. A cerca foi *requisitada* pela Contenção quando o muro estava sendo construído, de um local de recuperação arquitetônica em Bywater. Viera de uma plantação na River Road e estava incrivelmente ornamentado, com ROSEVILLE em letras maiúsculas douradas na frente.

Apenas em Nova Orleans, uma prisão conseguiria uma restauração gótica.

O portão estava fechado, uma elegante guarita ficava do lado de fora, os guardas estavam em pé ao redor.

Soltei uma respiração, fechei e abri meus dedos contra as palmas das mãos suadas. Meu corpo se sentiu repentinamente pesado, como se torcesse para ficar fora desse lugar. Meu plano de fuga não tinha um sexto passo. E se tivesse, não teria sido *entrar na Ilha do Diabo por vontade própria*.

Mas o medo não era tudo sobre mim. Parte disso era sobre eles. Sobre as imagens da guerra que viviam na minha mente, sobre os seres que lutaram contra ela e a prisão que eu imaginava. Pensei em quartéis militares, construções utilitaristas, rostos tristes. Além disso, eu não fazia ideia do que esperar, e isso era tão assustador quanto qualquer outra coisa.

— Você faz o que eu digo, e nada mais, e ficará bem. — Foi o tom de voz de Liam que me fez olhar para cima, esperando que tenha sido uma boa ideia seguir um homem que acabei de conhecer até uma prisão sobrenatural que queria me adicionar a sua lista.

Assenti. — Não tenho medo de muitas coisas, mas esse lugar é um deles. — A intimidade da admissão me fez olhar para o concreto, para as coisas que ele guardava, e as coisas que mantinha fora. — De ser trancada por causa de algo que não escolhi — disse. — Alguma coisa que veio para mim, e não o contrário. Tentei ajudar alguém hoje à noite, e isso está ameaçando destruir o meu mundo.

Engoli em seco, olhei seus olhos chocantemente azuis. — Eu não fugi... porque você me pediu para não fazer isso. Você foi direto comigo sobre os agentes da Contenção. Eu vou confiar que você está sendo direto comigo agora.

— E se eu não estiver?

— Eu direi a Contenção que você mentiu para eles sobre um Sensitivo e deixá-los resolver isso.

Suas sobrelhas levantaram em apreciação. — Essa é uma boa ameaça. Eu me considero devidamente avisado.

— Tudo bem — disse eu, e caí no passo ao lado dele. Porque às vezes uma menina precisava tomar o destino em suas próprias mãos.

Um agente da Contenção estava dentro da guarita, sua arma amarrada na lateral de seu cinto, um porrete na outra. Ele olhou para nós severamente.

Liam parecia absolutamente frio e composto. — Hawkins — disse Liam.

— Quinn — respondeu Hawkins. Ele era de altura média com cabelos castanhos e olhos azuis. Cada pedacinho dele parecia preciso: mandíbula grosseiramente quadrada, cabelo perfeitamente cortado, um uniforme imaculado que ele preenchia com músculos fortes.

Liam tirou uma carteira de couro do bolso traseiro. Hawkins digitalizou sua identificação com uma pequena varinha, e a compacto dentro de sua estação apitou com aprovação.

— Quem é ela? — perguntou ele.

— Estagiária.

Hawkins olhou para mim. — Ela não se parece muito com uma estagiária.

— Você está tentando me insultar ou ela?

— Se o sapato se encaixa — disse Hawkins. — Você ouviu sobre o ataque espectro desta noite? Uma garota no Quarter lutou contra eles com uma vara.

Decidi que não era uma boa ideia ter crédito por isso. Mas Liam não tinha nenhum escrúpulo.

— Ela é a garota — disse ele, e afastou a carteira novamente.

As sobrancelhas de Hawkins levantaram. — Você está brincando.

— Foi eu — disse eu. — Mas era um galho de árvore. Não uma vara.

Liam olhou para mim com diversão. Foi a primeira vez que o vi colocar algo perto de um sorriso, e destacou as covinhas em cada bochecha. Elas transformaram seu rosto, o fizeram parecer muito menos inquietante.

— Garantindo que você tenha todo o crédito? — perguntou ele.

— Eu o mereço.

— *T'as raison* — murmurou Liam.

— Ele diz que você tem razão — traduziu Hawkins com um sorriso. — Estou pensando que você está com um punhado com esse.

— Com qual de nós você está falando, Hawkins? — perguntou Liam.

Ele sorriu para Liam. — Armas?

Liam ergueu a camisa, mostrando a arma no cinto em seu quadril estreito. Ele a removeu e entregou.

Hawkins assentiu, escaneou e colocou-a em uma caixa trancada embaixo de seu console. — Você sabe o que fazer. Você pode recuperá-la na saída.

Quando Liam assentiu, Hawkins escovou as pontas dos dedos em seu painel de controle, e a rede de segurança desapareceu.

— Você está prestes a deixar a cidade de Nova Orleans e entrar em um território do governo dos Estados Unidos — recitou Hawkins. — O governo dos EUA não garante sua saúde, bem-estar ou segurança, enquanto você estiver dentro da Ilha do Diabo. A magia é proibida dentro das paredes. Se observar magia, informe imediatamente ao agente da Contenção mais próximo. Sendo assim, tenha uma boa noite, e tenha cuidado lá. — Hawkins recostou-se no portão e pressionou um botão, e o portão começou a escorregar.

Eu segui Liam pelo portão, na área que já fora o Marigny. E assim, eu estava dentro da Ilha do Diabo.

Tentei acalmar meus nervos esfarrapados. — Qualquer coisa que você queira me avisar?

— Você não esteve no Marigny desde a guerra?

Balancei a cabeça.

— Parece muito diferente agora. Isso pode ser difícil para as pessoas que viveram aqui, ou tem memórias aqui, então apenas planeje ser surpreendida. Quanto a Paras, mantenha seus olhos à sua frente. Não olhe para ninguém, não fale com ninguém. Permaneça comigo. Se alguém se aproximar de nós, deixe-me lidar com isso.

O sol há muito tempo se pôs. — Está tarde. Você acha que teremos problemas?

— Alguns Paras são noturnos, e a maioria não gosta muito dos humanos. Os guardas estarão postados em todos os lugares, e você também não quer observá-los. E não faça magia. Como Hawkins disse, está proibido, e há monitores em todos os lugares.

— Nós já estamos na Ilha do Diabo — murmurei. — O que mais poderia acontecer?

Ele não pareceu apreciar meu sarcasmo. — Ferimentos de bala de uma arma de serviço de guarda, ou confinamento solitário em uma camisa de força. — Ele olhou para mim. — Você já viu aqueles antes? Os que capturam espectros?

— Sim — assenti. — Eu já.

— Basicamente, você não quer chamar nenhuma atenção indevida para você. Você quer se misturar.

Advertências à parte, isso realmente me acalmou. — Misturar eu posso fazer — assegurei, e soltei um suspiro nervoso. — Onde estão os espectros e Sensitivos mantidos aqui?

— Há uma clínica. Está do outro lado do bairro. Não chegaremos perto dali esta noite.

Isso me fez sentir um pouco melhor.

— Você faz o que eu digo, e ao fazer isso, ficará bem. Eu prometo. E tente manter uma mente aberta.

Olhei para ele. — Sobre o quê?

Mãos nos quadris, ele fixou o olhar nas ruas e nos edifícios a nossa frente. — Sobre tudo.

• • •

O Marigny era um bairro principalmente residencial, com blocos de casas de campos e casas de caça. As ruas estavam praticamente no mesmo lugar que estiveram antes, mas metade desses prédios desapareceu.

A Guerra havia derrubado alguns deles. A Contenção deixara alguns dos lugares vazios, provavelmente para melhorar suas linhas de visão das altas torres de guarda no meio de cada parede e em cada esquina. Outros lotes foram recarregados com muitos edifícios temporários de metal.

Havia guardas uniformizados a cada poucos metros em familiares uniformes cinzentos, armas presas na cintura. E, acima deles, montados nas construções, estavam os monitores mágicos.

Liam me deixou olhar por um momento, me orientar, antes de gesticular em direção a uma calçada que levava mais para dentro no bairro. — Por aqui.

Poderia ser tarde, mas também estava quente, e parecia que a Contenção não estava gastando dinheiro no ar-condicionado. Paras estavam do lado de fora,

em pequenos grupos na rua vazia, nas portas dos edifícios da Contenção, ou nas varandas das cabanas ocasionais. Baixos e altos, chifres e asas, penas e presas. A rua era um catálogo de Paranormais, da diversidade criada por magia e biologia.

Suas expressões eram tão diversas, mas igualmente sombrias. Alguns pareciam tristes, outros entorpecidos, e alguns me encaravam com uma aversão óbvia, como se eu fosse a pessoa de sua opressão.

Passamos por uma mulher que estava em uma entrada, uma mão no quadril, com o corpo em silhueta à luz de velas. Estava pálida, com um pescoço longo sobre um corpo esguio. Seu cabelo era loiro platinado e puxado para um nó, com mechas claras espalhadas nas maçãs do rosto altas e redondas. Seus longos e esbeltos dedos eram vermelhos, como era a linha de carmesim escuro que descia pela ponte de seu nariz, depois pelos lábios até o queixo. Ela usava um simples vestido de algodão branco que caía reto do seu pescoço até o chão, a bainha manchada de sujeira. Ela nos observou enquanto caminhávamos, seu corpo completamente imóvel, seu rosto inexpressivo, mas seus olhos largos se moviam para nos seguir.

— Seelie — sussurrou Liam, seu olhar na rua.

Acenei com a cabeça. Isso é o que uma vez acreditamos ser uma *boa* fada. Um Seelie era uma das muitas criaturas sobrenaturais que os humanos achavam que haviam imaginado, assim como nós imaginamos anjos e fadas, demônios e ninfas. Nós ainda os chamamos pelos nomes que lhes demos, porque era assim que os entendemos antes. Mas conseguimos os nomes e as histórias muito, muito erradas. Paras não gostavam de nós. Eles não concediam desejos, nem nos tornavam imortais, uivam para a lua, ou nos observam como guardiões benevolentes. Eles eram invasores, simples e claros.

Ou talvez não seja tão simples, pensei, quando passamos pela porta. Na nossa frente, uma garotinha com uma pele verde vibrante e olhos de lavanda cantarolava enquanto tocava com um conjunto de maracas antiquadas – exceto que as maracas estavam no ar como moléculas superdimensionadas.

— Eu pensei que eles não estavam autorizados a usar magia — sussurrei.

— Eles não estão. — Os olhos de Liam se estreitaram com preocupação. — E as penalidades são rígidas.

O monitor mágico mais próximo estava do outro lado da rua. Ainda não havia sinalizado, talvez a magia da menina não fosse suficientemente forte.

Claramente, a tecnologia não era tão consistente quanto a Contenção gostava de pensar.

Um guarda humano estava mais perto, uma mulher com um rosto longo, com o cabelo preso em um coque baixo. Ela fixou o olhar na garota, nos cilindros giratórios e começou a vir em nossa direção.

— Maldição — murmurou Liam, e caminhou em direção à criança, colocando seu corpo entre ela e o agente de Contenção.

Os olhos da menina ficaram enormes enquanto olhava para ele. As maracas caíram no chão como a maçã proverbial de Newton.

Ele piscou para ela. — Sim, sempre me interessei pela história. — Ele me chamou, obviamente disfarçando o que ele estava fazendo – protegendo a garotinha.

Uma porta se abriu na maltratada casa de caça atrás dele, e uma mulher com um vestido comprido saiu correndo, e agarrou o braço da menina com sua própria mão verde.

A mulher olhou para Liam com os olhos redondos de lavanda. Ela assentiu com a cabeça, depois puxou a garota para dentro e fechou a porta com um barulho retumbante.

Liam pegou as maracas e a pequena bola de borracha vermelha, colocando-os em uma pilha perto da porta pela qual a mulher e a criança haviam desaparecido.

A agente da Contenção chegou à calçada. Eu não fiz nada (além de existir), mas o olhar determinado em seus olhos ainda me deu suores frios.

— Há um problema aqui?

Liam olhou para ela, e sorriu. — De modo nenhum. Mas acho que assustamos a garota. Eu estava mostrando a minha amiga aqui a placa — disse ele, apontando para um quadrado de metal pregado ao prédio. Ele explicou a história de Fabourg Marigny – e mostrou que Liam era um pensador muito rápido.

Mas o olhar da agente da Contenção voltou para a porta fechada. — Ela estava usando?

Liam franziu a testa. — Usando?

— Magia?

— Oh. Não. — Ele colocou as mãos nos quadris, e olhou para a porta. — Quero dizer, ela é uma criancinha. Mas percebi que você tem um monitor. — Ele

apontou para a caixa do outro lado da rua. Ele estava certo – a luz não havia ficado verde, mas também não estava em seu estado *Alerta Vermelho*, como a Contenção gostava de chamá-lo.

O agente da Contenção assentiu, puxou seu walkie-talkie. — Aprecie com atenção — disse ela, e voltou para o outro lado da rua até o monitor.

— Vamos — sussurrou Liam, colocando uma mão nas minhas costas. Ele tinha mãos grandes. Mãos quentes.

— Foi uma coisa legal que você fez — disse eu quando colocamos meio quarteirão de distância entre nós e a agente.

— Como eu disse, ela é apenas uma criança — disse Liam. — Os pecados do pai não são os pecados da criança. E as coisas são sempre mais complicadas do que parecem.

— Ela provavelmente nem sabia que estava fazendo isso. Acontece.

Ele pareceu surpreso. — Com você?

Assenti. — Foi como descobri pela primeira vez que tinha magia. Eu tive sorte... o monitor não foi acionado. Mas ainda era aterrorizante: tornar-se um inimigo do estado em um piscar de olhos, e não porque você fez algo de errado.

— Sim — disse Liam. — Eu entendo isso.

Continuamos caminhando. Eu vi fotografias da vizinhança em Nova York e Chicago durante a Revolução Industrial, quando tudo parecia escuro, violento e horivelmente deprimente. Isso era praticamente o mesmo, até o esquema de cores.

Essas velhas fotografias eram em preto e branco, e tudo era cinza, coberto com o que parecia uma cobertura fina de sujeira. Eu estendi a mão, passei de um lado para o outro através de um sinal de rua, esfreguei as pontas dos dedos juntos. O resíduo era escuro e arenoso, e deixou uma mancha de fuligem na ponta dos dedos.

— Cinzas da grade de segurança — disse Liam enquanto eu limpava meus dedos na minha calça e olhei para a rede de metal que cobria o Marigny. — Ele está eletrificado, exceto quando não está. Partículas de poeira chamuscada caem novamente como cinzas. A Contenção não pensou nas cinzas quando ela foi desenvolvida. Era assustadoramente caro, como você imaginaria quando se coloca uma tampa em um bairro inteiro. Não havia dinheiro para corrigir isso.

— Por que se preocupar em criar uma prisão para combatentes inimigos?

— Essa é uma teoria.

Eu não sabia o que eu esperava sentir. Provavelmente estar assustada, intimidada. Lembrar de violência e guerra. Talvez até mesmo sentir ódio. Ver nas coisas que viveram aqui como a razão da minha família ter desaparecido. Como a fonte de um pouco de dor. Todos esses sentimentos complicados teriam sido normais. Eles seriam esperados.

E eles estavam lá, em parte. Assim estava o medo, já que eu podia sentir olhos irritados e desconfiados sobre nós enquanto caminhávamos pela rua.

Mas também havia pena. E não esperava isso. Não quando passamos tanto tempo odiando-os, lutando contra eles, estando absolutamente certos de que eles eram nossos inimigos mortais. Por terem sido.

Chegamos a outra casa de caça ainda cercada por uma cerca baixa. Havia remanescentes de tinta brilhante nas tábuas. Era azul *assombrado*, uma vez que uma das cores favoritas da cidade, era um azul claro e calcário usado para assustar aparições – espectros inquietos e vagantes. Agora, a casa era principalmente um cinza sombrio.

MECÂNICO MOSES estava rabiscado em um pedaço de papel rasgado preso dentro da janela da frente. Liam subiu os degraus para a pequena varanda de concreto e bateu na porta. Eu o segui, e esperei.

Houve um zumbido, depois um clique, a porta foi destrancada, e se abriu.

Nós entramos. Nas casas de caça, a porta da frente dava diretamente de frente para a porta dos fundos, e cada cômodo encadeava ao próximo ao longo do caminho. Este cômodo da frente não era grande – talvez três metros quadrados. Mas cada polegada era preenchida com prateleiras, e cada polegada de prateleiras estava cheia de eletrônicos. Aparelhos de televisão antigos e volumosos. Rádios. Torradeiras. Lâmpadas. Brinquedos eletrônicos. Receptores. Relógios. Cada fila tinha aproximadamente um metro de profundidade, e as prateleiras se estendiam até o teto da sala. Os reprodutores de vídeo estavam amontoados perto das telhas do teto, empurrando-as para fora.

Apesar de todas as coisas, não havia um grão de poeira ou cinzas no lugar. Estava limpo como um apito.

Um balcão foi construído na extremidade oposta da sala, fazendo uma barreira entre a sala da frente e a porta que levava ao resto da casa.

Um homem estava sentado atrás do balcão. Ele era pequeno e pálido, com olhos verdes, e uma linha recuada de cabelos escuros. Dois chifres pretos lustrosos

surgiram de cada têmpora. Eles brilhavam como laca, e demorou vários segundos para perceber que eu estava encarando.

Não me ocorreu que Liam me levaria para um Paranormal. Ele não disse de uma maneira ou de outra, mas achei que ele tinha um amigo em algum escritório da Contenção. Eu acho que estava errada.

— Preciso de você, Mos.

Esse deve ser Moses, a partir da placa na janela. O que significava que essa era a loja dele.

— E o que o trouxe até a Ilha do Diabo hoje? — Ele olhou para cima, quase sorriu para Liam antes de deslizar esse olhar para mim. Sua expressão tornou-se muito hostil, bem rápido. — Você trouxe alguém aqui? — Sua voz era baixa, grave e irritada.

— Ela está comigo — disse Liam. — E eu preciso de um favor.

O homem bufou, agitou a cabeça, a luz captando nos chifres como se fossem de vidro. — Não ajudo humanos sem habilidade.

— Você estaria me ajudando. E ela não é um humano sem habilidade. Ela   Sensitiva.

Moses olhou novamente para mim, a cabeça inclinada com interesse. — Estou ouvindo.

— Ela espantou dois espectros no Quarter usando magia.

— Ela tem o poder de fogo?

— Telecinese — disse Liam, então olhou para mim com um sorriso. — Não que ela saiba como usar.

— Ela está controlando?

— Ela não está.   praticamente ignorante de tudo o que   mágico. Contenção a pegou em vídeo — acrescentou Liam. — Nós precisamos que o vídeo seja limpo.

Moses resmungou. — Ela é muito magrinha para derrubar espectros.

— Eu certamente não sou.

Ambos me ignoraram. — Ela os espantou — disse Liam. — Minha palavra sobre isso.

Moses olhou para Liam. — Você confia nela?

O olhar nos olhos azuis de Liam era frio e avaliador. — Eu ainda não tenho certeza. Mas sei que a Contenção dará problemas se não cuidarmos do problema

com a câmera. — Ele colocou a mão no bolso da calça jeans, tirou quatro discos prateados do tamanho de uma moeda, colocou-os no balcão, onde uma imagem da catedral de St. Louis, destruída na guerra, brilhava.

Elas eram fichas da Ilha do Diabo, criadas para permitir que Paras comprassem suprimentos e alimentos do restaurante da prisão. Eu tinha uma dúzia no cofre da loja, a maioria dada a mim como lembranças por agentes e oficiais. Pena que não pensei em trazê-las.

— Você tem dinheiro, você é o chefe — disse Moses, depois girou em seu banco. Ele puxou um teclado de baixo do balcão atrás dele e bateu a palma da mão contra um dos monitores.

Ele zumbiu para a vida, uma tela azul cintilando com símbolos brancos que pareciam texto. Moses correu os dedos, cada um guarnecido por uma unha longa e triangular, sobre as teclas com cliques audíveis, e as imagens na tela foram borradas.

CONTENCAO-NET rolou pelo topo em letras maiúsculas. Aproveitei para me surpreender que alguém de um mundo que assumi que era completamente diferente do nosso tornou-se tão hábil que poderia invadir um banco de dados da Contenção.

E então pensei no que ele estava fazendo.

— Você não pode invadir um computador do governo — disse eu. Gunnar, pelo menos, não teria invadido. Ele estava usando seu acesso indevidamente, sim, mas isso pelo menos parecia uma área ligeiramente mais grave.

— De que outra maneira você achou que nós iríamos alterar os vídeos? — perguntou Liam.

— Não sei. Mas isso não é exatamente legal. Se eles descobrirem que estou envolvida com isso, só ficará pior. — Liam gesticulou em direção a Moses e recuou. — Mostre a ela, Mos.

Moses sorriu, estalou os nódulos de seus dedos pequenos como um boxeador se preparando para uma briga. — Como queira. — Ele colocou as mãos sobre o balcão, inclinou-se sobre ele e olhou para mim. — Você quer falar sobre legal, querida? Estou preso nesse maldito bairro durante seis anos e meio. Não posso ir a lugar nenhum. Não consigo ver mais nada. Não posso voltar para casa. E porquê? Porque o seu governo é muito estúpido para diferenciar os bons do povo

malvado. E você quer reclamar sobre o que é legal? Você acha que isso é legal? Internar pessoas por quase uma década? Você acha que isso é justo?

Eu não sabia o que dizer, então fiquei quieta.

— Bem — disse Mos depois de alguns segundos —, pelo menos ela é inteligente o suficiente para manter a boca fechada.

Ele voltou ao teclado e à tela e começou a digitar. Um momento depois, uma lista de arquivos começou a rolar pela tela. — A segurança é ruim, ou ele é tão bom assim? — sussurrei.

— Ele é tão bom assim — disse Mos, voltando a verificar o monitor enquanto baixava, esperando quando voltou à vida e a lista de arquivos apareceu na tela.

— Onde aconteceu? — perguntou ele.

— Royal e Conti — disse Liam. — Perto do Supremo Tribunal.

— Contenção diz que é Setor Vinte e sete. Quando?

— Cerca de uma hora atrás.

Mos assobiava. — Apertado, Quinn. Apertado. Eles poderiam ter conseguido acessá-lo até agora. — Ele continuou clicando.

— Mas você está com sorte — disse ele. — Eles não fizeram. — E quando a imagem dos espectros voltou a tela, ativada por seu surgimento, ele se moveu para o lado, então todos poderíamos assistir o vídeo.

O espectro saiu das árvores ao redor do prédio do Suprema Tribunal, seguido segundos depois pelo segundo.

— Não há câmeras ao redor do prédio — disse Liam. — Está muito escuro, e há muita vegetação. Então, a câmera teria sido ativada quando eles surgiram na rua.

— Por que apenas não cortar a moita? — perguntei.

Liam cruzou os braços, os olhos se estreitaram na tela enquanto a câmera se movia e seguia os movimentos dos espectros em direção à menina. — O Estado possui a construção e a terra. Eles não têm o dinheiro. A Contenção não queria entrar em um grande argumento de federalismo, então deixaram isso de lado.

A câmera se abriu, me pegou na borda do quadro batendo no espectro com o galho, depois sendo golpeada para trás. Um pouco de luta improvisada, e então eu desapareci no beco.

— Espere — disse Mos. — Existem duas outras câmeras que rastreiam esse setor. — Ele deslocou arquivos até encontrar o caminho certo e depois carregou o

vídeo. A câmera estava do outro lado da rua. Não era suficientemente perto ou de alta qualidade para muitos detalhes, mas os espectros que se moviam em minha direção eram muito visíveis.

Olhei com atenção, me perguntando se eu havia imaginado aquele momento de comunicação que achei que os espectros compartilharam. Mas se estava lá, eu não vi na fita.

Liam não falou, e olhei para ele, encontrando seu olhar atento à tela quando puxei o sinal em direção ao beco. Não apenas observando, pensei, mas medindo. Minhas habilidades, meu desempenho, meu estilo.

Era um sentimento estranho ser julgada por algo que estive escondendo por tanto tempo.

Quando os espectros fugiram, o vídeo parou. Mos tocou mais algumas teclas, olhou para nós. — Então, aqui está o acordo: eu poderia emprestar vídeos anteriores que não mostram espectros... apenas a rua vazia. Posso uni-los. Mas a Contenção estará esperando ver a briga, e quando não virem uma, eles vão fazer perguntas sobre as fitas sendo alteradas.

Liam franziu a testa. — Então, o que você sugere?

— É melhor introduzir um pouco de ruído, fazer com que pareça uma falha elétrica. As câmeras estão na rede regular, não destacadas. Ambas falham, mas a rede falha mais frequentemente. Então, é um cenário possível.

— Faça isso — disse Liam. — Provavelmente é melhor pegar o sinal, se você puder.

— Se eu puder — murmurou Mos.

Levou menos de um minuto. Ele puxou os três vídeos, descobriu a luta, ajustou um pequeno painel de mostradores e botões até que as imagens acenaram e espalharam na tela. Ele substituiu os arquivos, obteve um bip de resposta.

E assim, meu passado criminoso foi apagado, a evidência que usei magia, que eu era algo diferente de um humano normal.

Fechei meus olhos, senti algumas tensões finalmente deslizando dos meus ombros. Agora eu poderia voltar para a loja e ao trabalho. A vida voltaria ao normal novamente. Esse era um levantador de humor definitivamente. — Obrigada, Mos.

— Claro. Isso foi divertido. Sinta-se à vontade para me visitar de novo para as suas futuras necessidades.

— Esperemos que não haja nenhuma. Vamos, Claire.

Liam foi para a porta, mas eu parei e sorri para Moses. — Posso te dizer uma coisa?

Os olhos de Moses se estreitaram, e senti a preocupação de Liam nas minhas costas. Seu medo que eu fizesse algo completamente idiota para insultar o homem que acabara de me ajudar.

— Ok — disse Mos com cuidado.

— Você tem uma loja realmente formidável. Obrigada por me deixar ver.

Seu rosto floresceu com prazer, o que era tão desorientador quanto seus chifres. Eu acho que ele não havia tido muita prática com isso, porque parecia realmente estranho. O sorriso estava inclinado, seus olhos ligeiramente esbugalhados, muitos dentes em exibição. Mas ele ter se esforçado para fazer algo que não vinha naturalmente me fez realmente gostar dele.

— Você precisa tomar cuidado lá, Red.

Eu acenei, e nós deixamos Mos com sua eletrônica.



Capítulo 06

— Você lidou bem com isso — disse Liam quando estávamos na calçada novamente. — Sobre a loja, eu quero dizer.

— Era a verdade. Ele tem muitas coisas legais lá. Tiradas das casas por aqui?

— Alguns são saqueados, alguns negociados. Há um sistema de troca muito extenso.

Eu parei, olhei para ele. — Não te incomoda que ele está lutando contra a Contenção? Quero dizer, fazendo o que ele faz? Ao invadir os computadores, ou qualquer outra coisa que ele possa fazer lá.

— Você não ficaria a salvo se ele não tivesse feito isso.

— Eu sei. E isso é o que está me incomodando. É só... me disseram por sete anos que Paras – todos eles – são o inimigo. Não havia tons de Paranormais. Não havia bom, nem ruim. Eles eram apenas o inimigo. E certamente não conheci nenhum Paras que pegou suas armas, e que tentou nos ajudar. Eu perdi amigos, a maior parte da minha cidade, minha família. Eles tentaram nos aniquilar.

— O inimigo que acabou de ajudá-la.

— Exatamente. E não sei o que fazer com isso. Moses disse que éramos estúpidos por não diferenciar os caras bons dos maus. O que ele quis dizer com isso?

— É mais fácil fingir que os humanos são bons e os Paras são ruins. Isso faz com que lidar com as ameaças seja mais fácil. Isso facilita matá-los.

Isso explicava parte do motivo dele me fazer entrar na Ilha do Diabo. Ele realmente não precisava que eu corrigisse o vídeo, mas ele queria que eu conhecesse Moses. Que visse o bairro. Que entendesse ele e as pessoas que

moravam lá. Ele me mostrou algumas exceções? Certo. Por outro lado... — Eles nos atacaram.

— Como você viu esta noite, há mais do que isso. Os humanos não são bons porque são humanos. E Paras não são ruins porque são Paras.

— E Sensitivos? — perguntei, olhando para ele. — O que eles são?

Ele olhou para mim com firmeza. — Isso depende do Sensitivo. O ponto é que existem opções.

Quando ele não disse mais nada, percebi que ele havia terminado de jogar como guia de turismo da Ilha do Diabo e que essa era minha dica para dizer boa noite.

— Obrigada por me ajudar com os vídeos. Se você me apontar para o portão, eu sairei do seu caminho.

— Você não vai embora. Não até encontrar alguém que tenha tempo para lidar com você. Para te ensinar.

Quase tropecei. — Espera, quer dizer, esta noite?

— Esta é uma magia séria, Claire. Séria e potencialmente mortal, para você e os outros.

Eu consegui controlar meu temperamento, mas apenas por pouco. — Eu sei o quão sério é. Eu vivo e trabalho no French Quarter, cercada por monitores que garantem que eu não use acidentalmente magia que eu nem sabia que possuía. Que eu não deveria ter em primeiro lugar. — *Que eu sou o meu próprio inimigo.*

— E como se sentiu hoje à noite depois de lidar com os espectros?

A questão e a intensidade em seus olhos me fizeram me mexer incomodamente. Mas mantive meu olhar nele. Eu não estava prestes a desviar o olhar. — Eu reabasteci.

— Um lanche não resolverá o problema. A longo prazo, você continuará absorvendo a magia até que ela destrua você. Até que seja um câncer que vai apenas crescer e te destruir de dentro para fora. Estar em negação não vai ajudá-la.

— Não estou em negação. Eu... eu só preciso de um minuto. — Balancei a cabeça, tentando resolver. Eu me sentia sobrecarregada, tentando me reorientar em um mundo que simplesmente virara completamente de cabeça para baixo. — Isso está acontecendo muito rápido.

Liam fez uma pausa. — Por que você ajudou a garota, quando poderia ter sido vista?

— Não tive escolha. Ela me derrubou.

Liam continuou olhando para mim, seu silêncio dizendo que ele não estava comprando minha resposta.

Eu suspirei. — Porque ela precisava de ajuda.

— Então ela fez, e você a ajudou. Você escolheu. Agora você enfrenta as consequências. — Sua voz suavizou. — Você realmente acha que pode voltar a tolerar a negação depois do que viu hoje à noite?

Eu afastei meu olhar, tentando me orientar, tentando me concentrar novamente. Não estava inteiramente certa do que eu vi esta noite. Então sim, eu queria voltar. Queria me arrastar na cama, dormir por dez ou doze horas, e acordar de manhã para um dia maçante, com nada além de remessas de MRE¹² para me preocupar.

Por outro lado, as remessas de MRE não eram interessantes no melhor dia. De certa forma, a vida quase parou para mim quando meu pai morreu. Mantive a loja funcionando. Esse foi o meu foco, pelo menos até eu conhecer Tadj e Gunnar. Eles me tiraram da minha concha, mas ainda não havia muita vida na Zona. Exceto, pelo menos agora, muito medo.

Inferno. Talvez se eu pudesse aprender a lidar com a magia, me impedir de ser um espectro e ser presa à Ilha do Diabo, eu não teria que me preocupar mais com isso.

Olhei para Liam. — O que, exatamente, você tem em mente?

— Venha — disse ele. — Eu quero te mostrar uma coisa.

• • •

Nós caminhamos mais profundamente pelo bairro em silêncio, descendo uma rua estreita construída em edifícios cobertos, com os moradores amontoados nas portas. Havia mais abrigos temporários nesta parte do Marigny, mais Paras se movimentando com expressões vagas – ou um ódio claro em seus olhos. Um homem com uma pele cinza e esburacada apoiou-se contra uma parede, pequenas asas sujas dobradas atrás dele, espreitando através de um casaco sujo e cinzento.

12 Refeição pronta para comer (refeição pré-cozida e pré-embalada usada por militares).

Seus olhos de cobre, as pupilas em fendas como as de uma cobra, nos observavam cautelosamente enquanto nos movíamos.

Esta era uma prisão, e nós éramos os captores, o que nos tornava o inimigo.

Liam parou em um condomínio cercado por uma cerca de arame. Havia um longo prédio de dois andares de um lado com uma varanda que envolvia o segundo andar e, do outro lado, uma pilha de escombros que ninguém se incomodou em limpar.

Liam destrancou o portão, abriu-o e gesticulou para que eu entrasse. Ele olhou cautelosamente antes de fechar e trancá-lo novamente. Eu o segui até o edifício, que cheirava a canela e fumaça – e subi uma escada estreita até o segundo andar. As escadas terminavam em uma porta, que se abriu com uma série de chaves.

A porta se abriu em um apartamento longo e estreito. Havia uma sala de estar com um sofá e um bar em uma extremidade, uma pequena cozinha com uma mesa e cadeiras no outro lado, em frente a um grande banco na janela. Uma porta na parede de tijolos expostas provavelmente levava a um quarto ou banheiro.

Não havia muito mobiliário, e era uma mistura estranha de estilos. Um sofá antiquado com respaldo de caracóis estava colocado em frente ao bar e à parede de tijolos, com uma almofada aderente em veludo esmeralda. A parede atrás dela trazia os restos de um paisagismo, pintado em tons de verde e azul. O bar tinha um balcão na frente e armários atrás feitos de madeira reluzente, cobertas por um espelho com borda de madeira. O bar e as garrafas de rum e bourbon nas prateleiras provavelmente foram recuperados de uma adega que não sobrevivera à guerra.

Olhei para Liam, encontrei seus olhos em mim. — Esta é a sua casa — percebi.

— É.

Mas ele era humano. — Você mora na Ilha do Diabo?

— Eu morava no Marigny antes da guerra. Não vi nenhum motivo para parar.

— E a Contenção não se opôs? — Ainda senti que precisava entender sua conexão com eles.

— Eles gostam de manter um olho em mim.

Eu andei até a parede pintada, cruzei meus braços enquanto olhava a cena que alguém pintou cuidadosamente em gesso. Parecia uma tarde na Inglaterra na época da regência. Uma dúzia de homens e mulheres de branco descansavam perto de um lago, cestas e cobertores espalhados no chão para um piquenique, uma casa grande no fundo. A pintura estava desbotada, a casa era parcialmente desbastada, alguns dos convidados da festa não tinham seus membros pintados.

Provavelmente havia uma metáfora para a guerra em algum lugar.

— Você mora no Quarter? — perguntou Liam.

— Acima da loja — disse eu olhando para ele. — Eu tinha dezessete anos quando a guerra começou. Não conheci minha mãe. Eu morava com meu pai, o ajudei a administrar a loja. Agora ele se foi, e ela é minha.

— Sinto muito.

Assenti. — Há histórias mais felizes, histórias mais tristes. A guerra faz isso.

— Sim, sim.

Eu virei. — E você? Sua família? Você é próximo deles?

— Mais do que outros — foi tudo o que ele disse.

Assenti, e no silêncio que se seguiu, perguntei: — Por que estamos aqui?

Ele olhou para mim por um longo tempo, julgando, avaliando, calculando. Ele fazia muito isso. — Venha aqui. Quero te mostrar uma coisa.

Ele caminhou até o outro lado do apartamento, desapareceu pelo caminho do corredor. Ele não esperou para ver se eu o segui, mas eu fiz. Estava curiosa para ver como era o santuário de um homem como Liam Quinn.

E quando atravessassei o limiar, não sabia se era um santuário tanto como uma ode para a maior cama que eu já vi.

Esse quarto se estendia por quase todo o comprimento do apartamento. A cama enfrentava outra parede de janelas, sua cabeceira esculpida estava situada contra uma meia parede que, provavelmente, escondia as entradas para um banheiro e armário. O estribo era longo e bem ornamentado, ambos curvavam-se em torno dos limites do grosso colchão.

Caminhei em direção a ela, corri a ponta dos dedos sobre a madeira brilhante.

Eu olhei para cima, encontrei-o olhando para mim, senti o calor subir pelo meu pescoço. Não era frequente eu ser flagrada olhando para a cama gigantesca de um homem.

— Isso é lindo — disse eu, como uma avaliadora confiante.

— Obrigado. Meu avô paterno era um fabricante de móveis. Mas isso não é o que eu queria mostrar. Venha aqui.

Eu assenti, segui obedientemente ao redor da meia parede. Como havia adivinhado, ela escondia as portas para um banheiro e armário, e uma pequena área de escritório. E isso era o que ele queria que eu visse.

O escritório tinha uma longa mesa com um porta lápis e um caderno. Acima dela, a parede estava coberta de fotografias escurecidas, recortes de jornais, notas manuscritas, todas ao redor de um mapa da cidade preso com pinos de cores diferentes. O cordão colorido conectava-os em uma exibição de arte muito sombria.

A maioria das fotografias era de uma menina com longos cabelos escuros e olhos castanhos brilhantes. Em uma, ela era uma criança pequena com tranças escuras e um vestido rodado com crinolina. Em outro, ela era uma adolescente vestindo jeans e uma camisa vintage LSU¹³ roxa, seus cabelos longos em um rabo de cavalo.

— O nome dela era Gracie. Minha irmã mais nova. Ela tinha dezesseis anos.

Eu olhei para ele. Ele passou a mão por seus cabelos, e percebi enquanto ele olhava para as fotos, as lembranças, que ele parecia cansado, como um homem lutando por algo, ou por alguém, por um longo período de tempo.

Piedade apertou meu peito. — Eu sinto muito. O que aconteceu?

— Ela foi morta por um espectro.

Minha boca ficou seca, e meu estômago esfriou. Um espectro – o que eu poderia me tornar – matou sua família. Não era de admirar que ele me quisesse fora das ruas. E, provavelmente, uma parte dele me odiava no fundo.

Tentei ficar calma, assenti. — Quando ela morreu?

— Sete meses atrás. — Ele avançou, ficou ao meu lado enquanto olhava para o quadro que ele criou. — Ela tinha apenas dez anos quando a guerra começou. Ela sobreviveu, só para ser morta por um espectro. — Ele apontou para uma estrela próxima ao Garden District. — Ela foi morta aqui. O resto dos pontos negros representam outros ataques de espectros. Eu os tenho rastreado.

Eles estavam espalhados aleatoriamente por toda a cidade, sem padrão, pelo que eu podia ver. — E o que você aprendeu com isso?

13 Louisiana State University – Universidade do Estado de Louisiana

— Nós supomos que os espectros não pensam. Que são violentos, agressivos e atacarão quem estiver mais próximo. Mas os ataques estão aumentando. Houve vinte e quatro ataques em Nova Orleans nos últimos quatro meses. E eles estão se tornando mais complicados.

O cabelo na minha nuca levantou, suas palavras despertando uma lembrança. — O que você quer dizer com... mais complicado?

— Eu acho que eles estão mostrando um pensamento mais independente. Mais planejamento. Avaliando as presas. Atacando em pares, como os espectros desta noite. Matando juntos.

Abri minha boca, quase disse o que eu havia visto, mas não consegui descartar o fato de que parecia insano.

Mas Liam não se sentia assim. Seu olhar se estreitou, avaliou. — Você viu alguma coisa?

— Não sei — disse eu. — Eu assisti a fita, e não vi nada. Talvez eu tenha imaginado.

— Apenas me diga.

Eu me senti ridícula dizendo isso, mas me fiz colocar para fora. — Antes de entrar no beco, eles pareciam estar se comunicando – verbalizando, quero dizer – sobre a estratégia. Tomando uma decisão de algum tipo, e depois agindo sobre isso. Um indo para um lado, um seguindo para o outro.

Liam franziu a testa, cruzou os braços. — Eu também não vi isso no vídeo.

Assenti. — Talvez eu tenha imaginado isso. Não sei. Aconteceu muito rápido.

— Você acha que imaginou?

Suspirei. — Não. — Fiz uma pausa. — Eu acho que eles estavam se comunicando. Mas não é loucura?

— Infelizmente, não. Não. Algo está mudando. Apenas não sei o que.

Acenei com a cabeça, me sentindo um pouco menos ridícula, e olhei de volta para o quadro e a foto da menina que perdera a vida antes de começar.

— Você era um caçador de recompensas antes de começar a procurar pelo assassino dela. — Olhei para ele. — Mas agora você tem uma razão diferente para compreendê-los.

Seus olhos eram da cor de um mar escuro e mortal. — Ela não deveria ter morrido. — Sua voz carregava uma dura borda de culpa. — Eu quero dar um

significado a morte dela. Isso é o que posso fazer por ela. Posso descobrir o que está acontecendo, e eu posso parar isso.

E aqui estava ele, conspirando com uma Sensitiva. A raiz do mal que levou sua irmã.

Ambos conhecíamos amor e perda, lutamos por isso. Eu trabalhava todos os dias na loja para me lembrar do que havia sido, para manter a realidade viva. Ele trabalhou todos os dias para dar certo significado à sua perda.

— Eu realmente sinto falta do meu pai também.

Eu não queria dizer as palavras. Certamente não tinha intenção de dizer a ele, a esse homem que eu só conhecia por algumas horas, em uma noite que era sobre viver, e não sofrer. Mas lá estávamos.

Senti o olhar de Liam em mim, mas mantive meus olhos nas linhas e quadrados que formavam o Quarter no mapa na minha frente.

— Ele morreu?

— Antes da guerra terminar. Ele foi ferido na noite da Batalha de PortAllen. Houve um segundo ataque menor no Quarter.

— Eu lembro. Estava perto da Old Mint.

Assenti. — Ele não era um lutador, mas as tropas foram espalhadas por causa de Allen, então ele e outros foram ajudar. A batalha foi caótica. Ele foi baleado.

— Com uma flecha?

Olhei para ele. — Com uma bala.

Liam levantou as sobrancelhas. Ele entendeu rapidamente. Paras não usavam armas; porque usar se você tinha magia? O que significava que ele foi baleado por um humano.

— Fogo amigo — disse eu. — Não havia energia, nem lua, nem luzes, e as tropas foram cercadas. As coisas ficaram confusas. De qualquer forma, eles o trataram para a ferida de bala, e ele parecia estar curando bem.

— E então? — perguntou ele quando fiz uma pausa.

— Coágulo no sangue, eles acharam que foi pelo tiro. Não havia muitos médicos na clínica.

— Sinto muito.

Eu assenti. — Ele é a razão pela qual permaneço na loja. — Olhei de volta para a parede. — E ela é a razão pela qual você está se certificando de que eu obtenha ajuda.

— Isso é parte disso. — Ele estendeu a mão, ajustou uma fotografia para que permanecesse nivelada. — Sensitivos, por conta própria, não são inerentemente perigosos, mais do que os Paras. Eles são apenas potencialmente perigosos. A Contenção não se importa com essa distinção. Ele olhou para mim. — Eu sim. É por isso que não os aceito. — Ele fez uma pausa. — A primeira vez que conheci um Sensitivo, eu esperava um monstro. — Havia diversão na voz dele.

— E não foi isso que você encontrou?

Ele sorriu agora, virou-se para me encarar, inclinando um quadril na mesa. — Não. Um homem com quarenta e dois anos de casado e pai de seis. Vivía com a esposas e as crianças em uma casa abandonada, na parte alta da cidade. Seu crime? Polegar verde¹⁴.

— Esse era o poder dele?

Liam acenou com a cabeça e estendeu as mãos. — Milho de um metro de altura. Melancias grandes como um microondas.

Eu sorri, igualmente impressionada e com ciúmes. — Droga. Tenho um lote no jardim Florissant, mas meu polegar é praticamente não verde. Então, o que aconteceu?

— Infelizmente, ele atraiu atenção. A Contenção estava ciente dele, não podia ficar em Nova Orleans sem estar na Ilha do Diabo. Ajudei-o a fazer uma mochila, levei ele e a família para o terreno pantanoso. — Liam fez uma pausa. — Ele não foi o único.

— Isso é tecnicamente traição.

— Foi traição — concordou ele, olhando para mim. — Mas às vezes vale a pena.

Por um momento, ficamos um ao lado do outro em silêncio, ombro a ombro, com a morte olhando para nós. E pela segunda vez naquela noite, alguma coisa se deslocou. Algo entre nós – como se tivéssemos cruzado essa barreira de estranhos para amigos de algum tipo. A conexão foi feita, e o momento passou, e o ar pareceu limpar novamente.

14 Talento natural para o cultivo de plantas.

— De qualquer forma, isso foi antes de eu começar a caçar. Uma vez que fiz isso, conheci outros Paranormais, outros Sensitivos. Eles não eram espectros – ou qualquer coisa perto disso – então pensei que deveria haver uma razão para isso. Eles me disseram que a magia poderia ser regulada, controlada.

Era a informação que a Contenção poderia ter obtido se eles tivessem se incomodado. Essa foi a parte mais frustrante.

Liam suspirou. — Você já se perguntou por que não partimos? Começar novamente fora da Zona?

— Porque as memórias são as correntes mais poderosas — disse eu.

Ele olhou surpreso com a minha resposta. — Isso acertou no alvo.

— Entre pilhas de estoques e antiguidades, eu tenho muito tempo para pensar. — Acenei com a cabeça em direção a sua exibição. — Então, você acha que algo está acontecendo com os espectros. Se eles estão mudando, por quê?

Ele levou um momento, mas voltou sua atenção para a parede. — Bem, talvez pessoas diferentes estejam se tornando espectros. Ou estão se tornando espectros de maneira diferente.

Fiz uma careta. — Isso é possível? Quero dizer, é apenas um processo biológico, certo? É o efeito de muita magia quebrando a mente, o corpo.

Liam sacudiu a cabeça, revirou os ombros e o pescoço para aliviar a tensão. — Não sei. Toda teoria é realmente apenas um palpite sobre o que está acontecendo. Não tenho informações suficientes. Não ajuda que a Contenção não persista nisso, porque isso exigiria que os federais reconhecessem que é possível controlar a magia.

Ele olhou para a parede por mais um momento. — Bem, ficar por aqui não vai ajudar em nada. Vamos começar a trabalhar.

— O que seria isso, exatamente?

— Eu tenho outra pessoa que você precisa conhecer. O primeiro passo na sua estrada para um controle de magia bem sucedida.

Bem, eu gostava de passos, pelo menos.

• • •

Liam pegou um saco de papel de sua cozinha, depois trancou o apartamento e voltou ao andar de baixo. Eu o segui para fora, e para o prédio ao lado – aquele com a longa varanda.

— A pessoa que vamos ver vive ao lado?

— Sim.

— É tarde — disse eu, o céu ainda estava escuro, embora a manhã esteja se aproximando.

— Ela não dorme muito.

Eu o segui até a calçada e a porta da frente preta com uma grande aldrava em forma de cabeça de raposa. Ele abriu a porta, e acenou para que o seguisse.

O primeiro andar, vários cômodos grandes com pisos de carvalho e paredes com papel de parede, estava sem móveis. As paredes estavam marcadas por sombras escuras de fumaça e cinzas, o chão sujo. Manchas longas, como se a batalha tivesse ocorrido ali.

Deixei Liam no vestibulo, entrei na sala da frente. Era uma sala grande, provavelmente já abrigara sofás elegantes para visitantes, poltronas desconfortáveis.

Um gemido soou em algum lugar mais profundo da casa.

Meu primeiro instinto era me agachar. Não tinha idéia do porquê – que diferença faria me agachar se um Paras não amigável estivesse vindo pelo corredor?

Ouvi o clique de unhas em madeira e um grande cão amarelo – um Labrador, provavelmente, trotou até o limiar, congelou ali e me encarou.

Fazia meses desde que vi um cachorro. Não havia muita comida por aí na Zona, então ter um animal de estimação para alimentar não era fácil. Eu gostava de cachorros, mas era inteligente o suficiente para ter cuidado com eles. Lentamente, me agachei, ofereci uma mão para cheirar, e esperei que ele viesse até mim.

Ele avançou cuidadosamente para a frente, um passo de cada vez, até que me alcançou. Ele farejou minha mão com um nariz áspero e úmido, então acariciou sua cabeça contra minha palma. E assim, nós éramos amigos.

— Ei, garoto. Você é um orelha ou um homem de pescoço? — Cociei o pescoço dele embaixo da coleira desbotada, sorri quando seu pé traseiro começou a agitar ritmicamente no chão. — E nós temos um vencedor.

— Foster, você é um amigo inconstante.

A cabeça de Foster levantou ao som da voz de Liam. Ele o viu, galopou e sentou-se com a cabeça nas patas. Ele choramingou.

— Não o deixe te enganar — disse Liam, curvando-se para oferecer um arranhão. — Este é uma estratégia para a atenção.

Liam optou pelas orelhas de Foster e a cauda do cão bateu pesadamente no chão desgastado.

Talvez houvesse mais em Liam do que o exterior grosseiro. Afinal de contas, um cachorro não podia gostar de um idiota, poderia?

Quando Liam se levantou novamente, Foster rolou em suas costas, arranhando-o contra o chão de madeira com pequenos grunhidos de prazer.

— Ele é um cão, certo?

— Quarenta por cento labrador. Trinta por cento de gato. Trinta por cento de alguma outra coisa.

Foster rolou novamente, levantou-se e sacudiu do nariz à cauda com um tremor gostoso. Então se sentou novamente e olhou para Liam, esperando por carinho, instruções ou lanches. Ele viu o saco de papel e gemeu baixinho.

— Ele é inteligente.

— Ele é mimado — disse Liam. — Você tem algum animal de estimação?

— Não. — Encolhi os ombros. — Embora eu alimente um gato de rua do Quarter de vez em quando.

— Isso dificilmente conta.

Eu não poderia discutir com isso.

— Ela está no andar de cima — disse Liam. Ele apontou para a porta da frente. — Fique de olho na porta, Foster.

Foster fez um som que era um cruzamento entre um grunhido e uivo, mas se afastou e trotou para a porta, as unhas clicaram e ele sentou na frente dela.

— Ele é um bom cachorro — disse eu.

— Ele é. E parte da família.

— Você acha que haverá problemas? Quero dizer, precisamos realmente de um guarda?

Os olhos dele escureceram novamente. — Sempre haverá problemas. A única questão é onde, quando e quão bem preparado você está para isso.

— Você é um otimista, Liam.

Procurei a nova voz, encontrei uma mulher de pé no corredor com um jarro de plástico vazio. Ela era elegante e em forma, com cabelos curtos e escuros, olhos marrons e maçãs do rosto altas. Sua pele escura contrastava com sua roupa brilhante.

— Victoria.

Ela sorriu para ele. — É bom ver você hoje.

— Esta é Claire. Claire, Victoria. Ela é uma das enfermeiras de Eleanor.

Sem hesitação, Victoria caminhou para frente, ofereceu uma mão. — É um prazer te conhecer.

Sua mão era fria, seu aperto de mão firme. — Você também — disse eu.

— Como ela está? — perguntou Liam. — Hoje foi um bom dia. Ela está cansada, mas comeu uma sopa. — Ela riu. — Não havia nenhuma pêra no mercado hoje, então não tínhamos nada na clínica, e ela não recebeu nada para o almoço. Ela ficou muito descontente.

Liam riu. — Típico.

— Sim.

— Ela recebeu visitantes?

— Tanto quanto sempre. Você sabe que ela gosta de conversar.

Liam assentiu. — Você está voltando para a clínica?

— Sim. Acabando com um duplo e saindo amanhã. Estou saindo um pouco mais cedo, mas Maria estará aqui em meia hora ou mais.

Liam assentiu. — Você quer uma escolta de volta?

Ela ergueu a camisa para revelar a arma guardada no cinto de sua calça. — Problema oficial. Derruba um peskie a vinte passos.

— Então fique vinte e um passos à frente deles — disse ele. — Tenha uma boa noite.

— Você também, Liam. Você também.

Foster não se moveu de seu lugar na frente da porta, então Victoria o circulou para sair, e ele sentou-se mal humorado quando fechou a porta.

— A clínica da Ilha do Diabo — explicou Liam. — Ela está na equipe.

Isso explicava por que outro humano parecia ter livre acesso na Ilha do Diabo. Talvez seja exatamente o tom que o Comandante estava tentando definir – os humanos sempre estarão aqui e sempre estarão assistindo.

— O que é um peskie? — perguntei-lhe enquanto o seguia até a escada, que estava coberta por um tapete desgastado.

— Paras pequenos, voadores. Pequenos idiotas irritantes que gostam de morder.

O corredor no topo das escadas levava a várias portas fechadas, que imaginei ser quartos pelo layout da casa. Liam caminhou até o último, bateu na porta.

— Entre — disse uma voz suave e enfraquecida.



Capítulo 07

Comparado ao resto da casa vazia e marcada, o quarto era um palácio. Era um quarto grande com tetos altos e grandes janelas. Os pisos eram de madeira, e quase todas as polegadas eram cobertas de tapetes belamente tecidos. As paredes de gesso tinham molduras em relevo e foram pintadas com um verde quente e obscuro. Os quadros dourados possuíam retratos de mulheres e homens aristocráticos que papai teria adorado, e eles ainda eram ofuscados por antiguidades do império francês. Havia uma cama pequena, uma cômoda alta e uma mesa redonda com cadeiras. Embora fosse outubro, a casa ainda estava preparada para o verão e os tecidos brancos cobriam o mobiliário.

Em uma cadeira de respaldo alto perto da janela, sentava uma mulher com um vestido azul, um xale tecido em um arco-íris de cores cobria seus ombros. Sua pele estava ruborizada e bem enrugada, os cabelos cortados e grisalhos, os olhos assombrosamente azuis. Ela era uma bela mulher ainda, e provavelmente foi deslumbrante em sua juventude. E eu a reconheci.

Ela era Eleanor Arsenault. Os Arsenaults eram da antiga Nova Orleans, de uma família crioula ainda mais antiga. Eles tinham uma mansão em Esplanade e faziam grandes festas todos os anos. Ou pelo menos faziam isso antes que a guerra acabasse com essas tradições.

Ela olhou para mim, então Liam, e sorriu amplamente. Seu olhar caiu perto de nós, mas não sobre nós, como se não pudesse ver exatamente onde estávamos. Se pudesse ver, não parecia que pudesse ver muito bem.

— Olá, Eleanor — disse ele, caminhando em direção a ela, e pressionando os lábios em sua bochecha.

— Olá, querido. Como você está?

— Eu estou bem. Trouxe um pouco de chá.

Então era o que havia no saco de papel. Eu deveria ter espionado. E certamente encontrar o negociante de Quinn.

— E como está sua amiga? — perguntou Eleanor. — Sua Blythe?

— Ela está... bem.

Imaginei que Blythe era sua namorada.

— Mm-hmm — disse Eleanor e olhou para mim. — E quem é essa?

— Claire Connolly. Ela trabalha no Quarter. Ela é Sensitiva.

— Ah — disse ela, e olhou para mim com aqueles assombrosos olhos azuis. Quase, mas não exatamente. Seus olhos estavam focados em alguma coisa, mas não achava que fosse em mim.

— Eu sou Eleanor — disse ela com um sorriso, e deu um tapinha no braço de sua cadeira. — Venha, sente-se ao meu lado, Claire Connolly.

Caminhei em sua direção, sentei-me no banquinho na frente da cadeira. Ela estendeu a mão, e eu ofereci a minha. Sua pele era fria e macia, e parecia tão frágil como um pássaro.

— Fale-me sobre você, Claire.

Eu olhei hesitantemente entre ela e Liam. — Não sei se há muito que falar.

— Há sempre algo a dizer. Você é de Nova Orleans. Posso dizer pela sua voz. É uma voz encantadora.

— Obrigada, senhora. Eu sou de Nova Orleans. A família do meu pai é daqui. Os Connollys.

Ela sorriu suavemente. — Nenhum senhora é necessário aqui, querida. Nós já somos amigas se você passou por Liam, Victoria e Foster.

— Liam latiu mais.

Eleanor jogou a cabeça para trás e riu em uma melodia linda. — Então ele faz, querida. Então ele faz. Agora, você disse que é uma Connolly. Essa não é a família do Michael Connolly, não é? Quem dirigiu o Royal Mercantile?

— Michael era meu bisavô. — Ele emigrara da Irlanda. — O nome do meu pai era Mark.

Ela assentiu. — Acredito que minha família conhecia os dois. Compramos na loja com frequência. — Sua voz suavizou. — E sua família ainda está viva?

— Não. Quero dizer, não o lado de Connolly. Meu pai era o único que restava. Ele se foi. Não conheci minha mãe.

Ela fez um som suave de reconhecimento ou compreensão. — Entendo. E isso faz você a última da sua linhagem. A loja ainda está aberta?

— Está. Enquanto eu puder mantê-la.

E então isso me atingiu. Por causa de Liam, eu esperava poder continuar a correr com a loja, esperar uma vida *normal*, algo que pensei que era impossível apenas um tempo atrás.

Olhei para ele e encontrei seus olhos já em mim. — Liam me ajudou esta noite. A loja estará aberta amanhã porque ele me ajudou.

Liam assentiu. — O mínimo que eu poderia fazer.

— Bem — disse Eleanor. — Bem. Fico feliz em saber que ele está fazendo sua parte por esta cidade. É uma boa cidade, onde vivemos. — Ela acariciou minha mão, ainda na dela, e olhou para cima da minha cabeça. Ocorreu-me que talvez ela não pudesse ver.

— Você pode chamar as coisas — disse ela. — Movê-las.

Eu pisquei. Não pensei nisso como *chamar* coisas antes, mas sim – isso é precisamente o que eu fazia. — Sim. Você pode dizer isso?

— Eu sou cega apenas neste mundo, querida. Não no outro.

Assustada, eu olhei para Liam. — Eleanor foi atingida por um sharur, uma clava encantada, durante o Segunda Batalha. Ela começou a perder a visão – em nosso mundo – e tornou-se capaz de ver magia.

— Você é Sensitiva? — perguntei.

— Não realmente — disse ela. — Pelo menos, não de alguma forma que ativa os monitores mágicos. Nós acreditamos que Sensitivos nascem, que a Sensibilidade faz parte de sua criação. Não nasci desse jeito, mas recebi minha nova visão... é como eu gosto de chamar: minha nova visão – porque fui atingida pela magia. E talvez por causa de onde fui atingida pela magia. — Ela tocou suavemente sua testa, onde uma pálida cicatriz cruzava sua testa em um ângulo.

— Córtex pré-frontal — disse Liam.

— O centro de controle de impulso — disse eu, e Liam assentiu com a cabeça em aprovação.

— É basicamente onde ela foi atingida — disse ele. — Nós achamos que isso pode ser a razão dela ser afetada desta maneira.

— E não afetou as outras partes — disse Eleanor. — Mas chega de falar sobre mim. O que te traz aqui?

— Claire precisa de um professor.

Não gostei da implicação – que eu estava fazendo isso errado atualmente – mas não estava exatamente discordando dele.

— Todos nós precisamos de professores em nossas vidas — disse Eleanor suavemente. — Diferentes tempos, diferentes lições para aprender. — Ela sorriu, e pude ver uma pitada de perversidade que provavelmente a teria deixado com problemas quando adolescente.

— Meu marido me ensinou como dançar tango — disse ela. — Ele era muito bonito. Quase tão bonito quanto Liam. E era um dançarino maravilhoso. Ele me levava para dançar nas noites de sexta-feira... porque o sábado à noite era para a Missa, é claro, e dançávamos como uma tempestade.

Ela se perdeu na memória por um momento, seu sorriso tão feliz. E depois pareceu se livrar disso. — Às vezes me perco no passado. É o risco de envelhecer, tenho medo.

— É melhor envelhecer do que não fazer — colocou Liam.

Não consegui discutir com isso.

— Toda pessoa que conhecemos pode nos ensinar algo. O mais difícil é encontrar o professor perfeito para o que precisa aprender. Toda a magia tem uma cor — continuou Eleanor. — A melhor pessoa para treiná-la não é alguém cuja magia é igual a sua, mas aquela cuja mágica complementa a sua, e não uma combinação de pessoas em uma roda de cores. Amarelo e roxo são complementares, por exemplo. Cada um traz as melhores qualidades do outro. Amarelo e verde não são. Elas se confrontam, criam tensão. Não precisamos de mais tensão aqui.

Com a mão livre, ela fez um gesto com dedos elegantes em direção ao resto do quarto. — Traga-me o quartzo, por favor. Estará no aparador, ao lado do alabastro.

Liam assentiu, levantou-se, caminhou até um aparador de madeira escura com várias gavetas com puxadores de prata, a parte superior cheia de bugigangas e lembranças. Não, não desordenado, porque Eleanor provavelmente sabia onde estava tudo. Mas definitivamente cheio. Ele carregou uma haste clara e angular de quartzo do tamanho de uma vela.

— Obrigada, querido — disse ela, e colocou o quartzo sobre a mesa, ao lado de uma vela cônica presa em um prato de chá azul e branco. Ela tirou um longo

fósforo de uma caixinha e, com um elegante movimento do pulso, que enviou o cheiro de enxofre no ar, incendiou o pavio.

A luz floresceu através do quartzo, enviando um arco-íris de cores sobre a mesa à sua frente. Eu sempre amei arco-íris. Havia algo calmante neles – na ordem das cores, eu acho. Cada tom em seu lugar.

— Agora — disse Eleanor. — Sua mão, criança.

Ofereci a ela novamente.

— Primeiro — disse ela —, nós encontramos a sua cor. — Sua mão macia e gentil guiou a minha na frente do quartzo.

Logo que a pele tocou a luz, o arco-íris se despedaçou, e dividiu, todas as cores desapareceram, exceto uma faixa de laranja fraca.

Leonor sorriu. — Interessante. Esse é um lindo tom. Eu chamaria isso de *abóbora*.

— Você pode ver a cor? — perguntei com cuidado, na esperança de não ofender.

— Não é apenas uma cor — disse Eleanor com um sorriso. — É um reflexo da magia... a trilha que é deixada para trás em nosso mundo a partir da magia que vem da sua. Em seu mundo, é magia. Em nosso mundo, são elétrons.

— Eleanor gosta de ciência — disse Liam com um sorriso.

— Todas as mulheres de intelecto devem gostar — disse ela —, ou pelo menos estar familiarizada com isso. Foi assim que consegui aprender sobre o mundo deles, o que aprendi até agora. Leitura, experimentação, anotações vigorosas. Aprendendo o máximo que eu pude dos Paras que conheci aqui.

— Você conheceu muitos?

— Bem poucos. A maioria é gente adorável; alguns não são. Não muito diferente dos humanos, segundo minha experiência. Agora, mantenha sua mão lá, se você quiser. Liam, você poderia trazer meu caderno?

Liam voltou para o escritório, abriu uma gaveta do aparador e tirou um livro de couro vermelho, suas páginas mantidas juntas com prendedores de bronze. Ele estendeu-o em direção a Eleanor, que sentiu o ar por isso, procurando com os dedos antes de colocá-lo em seu colo.

Ela abriu, revelando o que parecia ser um livro de cores. Metade da página continha pequenos quadrados pintados de cor translúcida, cada um apenas um pouco diferente do último. Parecia um pouco como um dos antigos livros de

aquarelas que eu vi na loja. A outra metade era uma lista, escrita em letra pequena e clara, muito pequena para eu ler.

Eleanor virou as páginas rapidamente, as cores borradas em um arco-íris de vermelho a laranja para algo parecido com a cor de abóbora que eu causei. Ela desacelerou, parou em um quadrado que parecia notavelmente com a luz que ainda escorria através do prisma, e ergueu o pequeno lápis ligado a uma corrente ao redor de seu pescoço.

Ela rabiscou, e fez uma pausa. — Qual é o seu segundo nome, querida?

— Bridget — disse eu. — Era o nome da minha avó.

— E um adorável. Claire Bridget Connolly. — Ela escreveu meu nome, então deixou o lápis cair de novo. — E eu marquei você. Não o seu nome real, é claro. Uso meu próprio código para sua proteção.

— Claro. São todos Sensitivos? Cada cor?

— Sensitivos e Paras. É uma coleção de cores, e seus ecos mágicos no Além. Preencho os nomes quando os encontro. E ao longo de sete anos, houve alguns.

Satisfeita que eu fui gravada em seu diário, ela percorreu as páginas até o verde se tornar azul, o que desapareceu até o índigo profundo. Finalmente, fez uma pausa, tocou a ponta dos dedos na página, com uma sobrancelha franzida, ela pareceu olhar à distância. — Isso, eu acho. Os nomes, Liam?

Ela gesticulou para as anotações ao lado de cada quadrado.

Liam se inclinou, e leu o primeiro nome. — Michael Temperly.

— Morto, infelizmente, descanse sua alma — disse Eleanor, e fez o sinal da cruz.

— Elizabeth Conyers Proctor.

— Morta — disse Eleanor. — Mas não infelizmente. Ela era uma pessoa horrível. Esposa do senador Ellis Proctor. Nós a convidamos para uma festa – isso foi antes da guerra – e ela teve o desprazer de recusar porque nós éramos muito Crioulos para ela. — Eleanor fez um som que pairava entre descrença e desgosto, mas conseguiu ser muito elegante. — Como se isso fosse possível. Bem, tarde demais para ela, de qualquer jeito. Quem mais?

Eleanor franziu a testa, passou os dedos pelo livro. Ela pairava sobre um outro quadrado, a testa franzida novamente, antes de voltar uma fileira. — Receio que isso seja o mais próximo que nós vamos conseguir. Liam?

Ao ler as palavras, o sorriso de Liam desapareceu rapidamente. — Nix.

Silêncio desceu sobre o quarto como uma granada explosiva após ele dizer o nome, seja lá o que fosse.

— Gavin não gostará disso — disse Liam para o silêncio persistente.

Eleanor fez um som de desaprovação. — Se ele gosta, não importa. Ela é a escolha certa. É o que é. Não adianta discutir com a magia complementar.

Liam grunhiu. — Quando a magia já o parou. Não discordo que Nix é uma boa escolha, mas ele precisará ser convencido. — Ele arranhou distraidamente a nuca. — Eu ficaria feliz em deixar você lidar com isso, Eleanor.

Eu não sabia de quem Liam falava, mas Eleanor pareceu entender. E dessa vez, sua resposta estava mais próxima de um bufar. — Liam, querido, tenho certeza que você encontrará um jeito.

• • •

Maria era outra enfermeira não Sensível, o que creio que era provavelmente um requisito de trabalho, considerando onde ela trabalhava. Como o amanhecer estava próximo, deixamos Eleanor com Maria e prometemos visitá-la novamente. Que eu estivesse esperando evitar voltar à Ilha do Diabo me fez sentir um pouco culpada. Mas Liam poderia transmitir uma mensagem para ela.

Contar a ele que eu faria isso me fez sentir culpada também.

Quando nos despedimos de Foster, o que levou mais afagos do que provavelmente deveria ser feito, entramos na noite novamente. O céu ainda estava escuro acima do muro, mas não ficaria escuro por muito mais tempo. Eu teria que abrir a loja em poucas horas. A duração da noite, de tudo o que aconteceu, começava a pesar sobre mim. Eu estava cansada.

— Então, como você conheceu Eleanor? — perguntei a Liam enquanto voltávamos para o portão principal e a liberdade que eu realmente ansiava.

— Ela é minha avó.

— Você... — comecei, mas parei, pensei no que ele me contou sobre sua família. — Sua avó é Eleanor Arsenault?

— Sim.

Como os sobrenomes não coincidem, ela deve ter sido a avó materna de Liam. — E o homem que lhe ensinou a dançar tango? — perguntei com um sorriso.

— Esse seria meu avô Arsenault. E uma conversa levemente incômoda.

Sorri. — Então, de onde veio o Cajun?

— Meu pai — disse Liam, e havia muito menos entusiasmo em sua resposta.

Eu assenti com a cabeça e nós caminhamos mais alguns metros. — Eleanor foi encarcerada aqui? — perguntei suavemente, como se isso me desse uma defesa secreta contra o que estava acontecendo comigo.

Liam sacudiu a cabeça. — Não. Eu a trouxe depois que meus pais morreram. Não foi uma decisão fácil, mas às vezes é melhor ser estranho entre estranhos. Do lado de fora, mesmo se a Contenção não sentisse sua magia, não a achasse, ela estaria sozinha. Ela seria diferente de todos os outros. Ela precisa de pessoas que a entendem.

— Pessoas... você quer dizer, Paras?

Ele assentiu. — Moses sabe, e ele a visita. Eles são realmente muito amigos. Ele lhe ensinou alguns jogos do Outro mundo. — Liam riu. Diversão combinava com ele. — Ele me disse que ela trapaceia quando acha que pode fugir com isso.

Não pude deixar de rir, também. — Eu gosto dessa ideia.

— Eu também, especialmente porque ele provavelmente estava fazendo o mesmo. *Não é trapaça se você não for pego* — disse ele, com uma boa imitação da fala arrastada de Moses.

— Não é uma má imitação — disse eu. — Você já fez isso na frente de Moses?

Liam bufou. — De jeito nenhum. Ele ficaria furioso.

Sim, pareceu certo. — E quanto a Contenção? Eles não se importam por ela estar aqui?

— Ser um Arsenault tem suas vantagens — disse ele. — Eu tenho um par de aliados no CCP, o que ajuda. E ela tem aliados, amigos, em todo o país. Seu dinheiro não vai muito além da Zona, mas é importante para o resto do mundo. Ela tem, digamos, protetores. A Contenção pensa que ela está aqui para que eu possa ficar de olho nela. Isso é certo, em parte. Eles sabem que ela é cega, e que está envelhecendo. Eles pensam que isso a torna inofensiva. Eles estão muito, muito errados sobre isso.

Chutei uma pedrinha pela calçada, e novamente, observando-a deslizar na nossa frente. Acidentalmente a enviei muito para a esquerda, mas Liam pegou com um movimento do pé, movendo-a novamente. Era uma coisa pequena, mas coloquei na coluna de *vitória* de Liam. Encontrar banalidades em uma zona de guerra não era nada fácil de fazer.

— Eu gosto dela. Ela parece muito formidável.

— Ela é. Você me lembra um pouco ela, na verdade. Ambas são imprudentemente corajosas.

Bufei. — Liam Quinn, não acho que você quis dizer isso como um elogio.

— Claire Connolly — disse ele, meu nome escorregou suavemente de seus lábios. — Também não tenho certeza se eu quis.

Eu parei para olhá-lo, para verificar sua expressão contra a repentina reflexão de sua voz. Os olhos dele estavam tempestuosos, sua expressão intensa, considerando.

— Venha — disse ele. — Vamos levá-la para casa. Então, eu falarei com Nix.

— Ela não mora na Ilha do Diabo?

— Ela se move ao redor — disse Liam enigmaticamente.

— E o que, exatamente, ela fará?

— Ensinará a você a não se tornar um monstro.

— Esse é um bom objetivo. Além disso, você poderia ser um pouco mais específico?

— Isso envolve o controle da magia — disse ele. — Não sei sobre os detalhes. Isso está muito longe da minha área.

— E o que está na sua área, exatamente?

— Ser um guerreiro e geralmente fodão.

— E uma alma humilde, mal ciente de sua própria força?

— Bem, obviamente, isso também.

Tive uma pouco de surpresa quando Liam inclinou a boca para a minha orelha. Mas seu interesse não era romântico.

— Eu vou te contar uma coisa, e quero que você fique de olho na rua a nossa frente.

Seu tom era plano, todo negócios, e eu era inteligente o suficiente para perceber que ele falava sério. Eu assenti, só um pouco.

— Há dois Paras nos seguindo, e mais dois à nossa frente assistindo. Os dois atrás de nós estão às minhas sete horas. Os que estão na frente estão em suas duas horas. Os que estão na frente querem conversar conosco. Os que estão atrás querem cortar nossa saída. Dê uma olhada rápida, se quiser, como se estivesse olhando a arquitetura.

Eu fiz, olhando alegremente à frente, mas não para olhar para a arquitetura. Eu estava procurando pelos agentes da Contenção que deveriam estar em seus postos... mas não estavam.

— Os guardas?

— Provavelmente pagos por alguns minutos de privacidade. Não é difícil subornar pessoas na Terra de Incontáveis.

— Parece que esta não é sua primeira experiência em uma situação como essa.

— Não conheço esses caras em particular, mas eles provavelmente pertencem a Solomon. Ele é o amigável senhor do crime do bairro. Um covarde, mas muito bom em dar favores... e extrair o pagamento.

— Ele fez um favor para você?

— Não. Mas ele pensa que fez. E isso é o suficiente para ele. Eu vou lidar com isso. Preciso que você fique atrás de mim.

Eu estive em guerra, sabia lutar, poderia me defender, como os espectros deveriam ter provado. — Eu não vou ficar de pé e apenas...

— Você não pode usar sua magia — me lembrou ele. — E eu trouxe você para o Diabo... isso faz de você minha responsabilidade.

Não tive tempo para argumentar. Eles entraram na rua. Dois à nossa frente, dois atrás. Pareciam geralmente como humanos, mas suas peles brilhavam como de anfíbios. Seus olhos e ouvidos eram grandes e redondos.

— Moradores das cavernas — sussurrou Liam. — Eles tendem a fugir em vez de lutar. — Isso explicava por que não os vi antes – e porque Liam não pareceu muito impressionado.

O Paras da direita deu um passo à frente. Seus dentes eram pequenos, brancos e pontudos. Vi outros Paras com fileiras de dentes pontudos, e a lembrança fez meu coração flutuar. Mas aparentar ter medo não ajudaria. Fiquei um pouco mais ereto.

— Solomon quer uma palavra — disse o Paras.

A expressão de Liam ficou gelada. — Não o vejo aqui, e não falo com homens que são covardes demais para entregar suas próprias mensagens.

O Paras arregalou os dentes. — Somente um idiota insulta Solomon.

— Apenas um idiota trabalha para Solomon — corrigiu Liam. — Ele foi capturado pela Contenção, vive na Ilha do Diabo, e usa garotos de recados. Não é exatamente uma liderança excelente.

Aconteceu simultaneamente – os Paras de trás moveram-se para me agarrar, assim como os que estavam na frente se aproximaram de Liam.

A arma de Liam – aquela que ele entregou para Contenção – com certeza teria sido útil agora.

O primeiro cara que veio até mim cheirava a água rançosa. Me esquivei dele, e quando ele fez uma pausa para girar, eu bati um calcanhar no peito do seu pé. Ele praguejou, tropeçou, e cambaleou para trás.

O segundo veio depois. Estendi a mão para bater nele, mas meus dedos deslizaram pela pele lisa e emborrachada. Era como tentar perfurar uma raia.

O Paras rugiu, avançou. Tentei esquivar, mas ele era mais rápido. Colocou um braço ao redor da minha cintura, me levantando.

— Me solte, seu idiota! — Eu chutei para trás, tentando acertar meu calcanhar entre suas pernas, mas ele continuou dançando para longe de meus pés.

O som de osso e carne se conectando soou no ar. Procurei por Liam, vi o primeiro Paras gemer e cambalear para trás quando o soco de Liam o atingiu.

Liam era construído como um boxeador – sólido e magro – e se movia como um. Ágil com os pés, rápido para se mover, e rápido para se esquivar.

O Paras tentou bater de volta, mas seu soco passou longe quando Liam se abaixou para evitá-lo. Ele voltou a aparecer, pousou um golpe no estômago do Paras, o que o fez se agachar.

Com seu parceiro caído, o próximo Paras avançou e não parecia muito animado para lutar agora.

Eu me retorci, tentando me libertar, mas o braço do Paras se apertou em torno da minha cintura. Ele era mais forte do que eu, e eu não tinha uma arma que pudesse usar. Não com as câmeras potencialmente acionadas.

Eu precisava de uma distração.

Fui pelo óbvio. — Contenção! — gritei.

Ele me soltou. Bati no chão, e quando ele olhou para mim, o acertei na virilha.

Ele talvez não fosse humano, mas era humano o suficiente. Ele fez um som estrangulado e caiu de joelhos.

Eu olhei para trás. Liam levou um forte golpe na lateral, mas ficou de pé novamente, com os olhos brilhantes. Liam Quinn claramente gostava de uma boa luta – e lutar combinava muito bem com ele.

O tempo que Solomon conseguiu comprar acabou. Uma sirene de ataque aéreo começou a soar, assim como o tipo que a Contenção usava para alertar-nos de novos ataques.

Agentes saíram correndo de edifícios e becos em nossa direção, bastões erguidos e prontos para encontrar uma carne inflexível.

Cortinas se fecharam quando Paras que interromperam seus negócios para assistir se esconderam novamente, tornando-se invisíveis. Eles estavam interessados nesta luta humana, mas não queriam ser parte de uma investigação da Contenção.

Os agentes se precipitaram para frente, cercando os Paras e gritando ordens até que eles estivessem de rosto no chão, mãos atrás das cabeças.

— Solomon ouvirá sobre isso! — murmurou o primeiro Paras.

— Sim — murmurou Liam. — Por mim.

• • •

Alguns agentes da Contenção escoltaram os homens de Solomon para uma parte invisível da Ilha do Diabo, muito deprimente para eu imaginar. Dois outros nos questionaram sobre a luta – quem começou, sobre o que era. Não surpreendentemente, Liam não lhes deu muito, e eles nos enviaram em nosso caminho rapidamente.

Não vimos um único Paras no caminho de volta. Ou era tarde demais para eles, ou decidiram que estavam melhor dentro, longe dos homens de Solomon e da Contenção.

Quando chegamos ao portão, Liam recuperou sua arma. Eu esperava que fôssemos nos despedir, mas quando passamos pelo portão, e mesmo quando senti a pressão no meu peito se afrouxar, ele continuou caminhando ao meu lado.

— Você não precisa me levar para casa — disse eu sem entusiasmo. Já fazia tempo desde precisei lutar contra alguém, e agora eu fiz isso duas vezes em uma noite. Eu não precisava de proteção, mas isso foi o suficiente para me tirar o equilíbrio. Eu não me importava com a companhia.

Liam não comprou a bravata – ou não se importava com isso. — Esta noite você tem uma escolta.

Caminhamos silenciosamente pela rua. — Solomon lhe dará mais problemas?

— Solomon sempre me causa problemas. Ele é um problema de longo prazo.

— Por que a Contenção não o controla?

— Porque ele é um trunfo. Ele tem informações. E quando você está lidando com inimigos em seu próprio solo, você aguentará muito para obter uma boa informação. Um dia, ele abrirá a boca para a pessoa errada. Até lá, eu lidarei com isso.

Não duvidei disso nem um pouco. Liam Quinn não parecia o tipo de evitar o conflito.

— Provavelmente não é a maneira como você esperava que fosse a Noite da Guerra — disse ele.

— Não, não exatamente. Passei um tempo com meus amigos antes dos espectros, pelo menos. — Eu fiz uma pausa, e olhei para ele. — Vi você no Quarter. Fizemos uma pausa, e você estava na calçada.

Ele ficou em silêncio, e eu teria dado algumas moedas do Distrito para saber o que passava na cabeça dele.

— Você saiu da multidão como um dervixe¹⁵ — disse ele finalmente. — Todo aquele cabelo vermelho ao redor.

— Você tem um caminho com as palavras. Não estou dizendo que é uma boa maneira, mas definitivamente pode ser descrito como uma *maneira*.

Ele sorriu. — Dervixe — disse ele novamente. — Eu acho que isso seria um bom nome para você.

— Não. — E desde que gostei muito de seu sorriso viril, mudei o assunto para algo que definitivamente manteria minha mente fora disso. — Então, Blythe. Ela é sua namorada?

— Não mais. — Ele passou a mão pelos cabelos, o bíceps flexionou com o movimento. — Mas é uma longa história, e não queria entrar nisso com Eleanor. Ela se preocupa.

15 Um dervixe é um praticante aderente ao islamismo sufista que segue o caminho ascético da Tariqah. Os dervixes mais conhecidos no mundo são os da ordem Mevlevi, célebres pela cerimônia de adoração em que rodopiam num ato devocional denominado dhikr.

— Ah. — Suspeitei que Eleanor não tivesse nada para se preocupar com relação a Liam Quinn, mas mantive isso para mim.

E quando ele abaixou o braço e esse músculo flexionou novamente, ignorei isso também.

• • •

A noite foi tão estranha que eu esperava encontrar a porta da loja aberta, as prateleiras saqueadas. Não seria a primeira vez. Poucos meses após a guerra ter terminado, tivemos um dezembro inusitadamente frio. Estava muito frio para plantar qualquer coisa, e praticamente não havia envios para a Zona. Uma noite, alguém entrou, saqueou a loja pelos poucos MREs que ficaram. Eles destruíram uma das janelas da frente, derrubaram antiguidades, deixaram uma bagunça geral na busca frustrada por comida. Sendo o Quarter, meia dúzia de pessoas apareceram na manhã seguinte para fazer as coisas novamente. E não demorou depois para que os comboios comesçassem a mover suprimentos pela Zona.

Hoje à noite, a loja estava intacta, trancada e silenciosa. O galho da árvore e a placa quebrada desapareceram, assim como qualquer sinal dos espectros com quem eu lutei.

— Eu lhe informarei sobre Nix — disse Liam. — Vou tentar trazê-la aqui mais cedo ou mais tarde.

— Sim. Tudo bem.

Nós nos olhamos por alguns segundos. De repente achei tão estranho que eu nem sabia que esse homem existia há algumas horas. Um ataque de espectros, sua intervenção, um depoimento para a Contenção, uma viagem a Ilha do Diabo e tudo o que aconteceu lá. Nós fomos de estranhos a estranhos aliados. E, considerando o que fizemos, não foi tão horrível quanto poderia ter sido.

— Obrigada pela sua ajuda esta noite. Mas talvez, da próxima vez você poderia simplesmente bater na porta em vez de entrar?

Um canto de seu lábio se curvou. — A porta estava destrancada.

— Então você diz.

— Eu digo. — Ele cruzou os braços, seus músculos se acentuaram com o movimento.

Assenti. O silêncio caiu, e caiu desajeitadamente. Eu não tinha ideia do que dizer ou fazer.

— Bem — disse eu, rompendo o silêncio quando não aguentei mais. — Boa noite, Liam Quinn.

Ele olhou para mim, piscou os longos cílios. — Boa noite, Claire Connolly.

Um último olhar, uma última varredura de carvão sobre cobalto, enquanto o amanhecer invadia Nova Orleans, ele se virou e começou a voltar pela Royal, de volta à prisão no outro extremo da rua.

Foi uma noite importante. Uma noite que eu sabia que mudaria tudo.

Eu não era mais uma estranha para a magia, fingindo ser o mesmo que todo mundo. Eu cruzei a linha. Ainda não sabia o quão longe eu fui, mas estava certa que descobriria em breve.

Pensei no olhar de aço de Liam, no maxilar marcado e nos ombros largos, o sorriso relaxado que compartilhara apenas com Eleanor, e perguntei sobre o que ele pensava enquanto caminhava pelo amanhecer. Eu me perguntei se esta noite também foi importante para ele.

Voltei para a porta, destranquei e a empurrei lentamente. Apenas por precaução, fiquei em silêncio na escuridão do limiar por um momento, ouvidos procurando por agentes da Contenção à espera, ou espectros procurando sua próxima batalha.

Mas a loja estava maravilhosamente, gloriosamente silenciosa.

Tranquei a porta, peguei a bolsa e subi os degraus para o segundo andar, onde a coloquei de volta no armário.

Cheguei ao terceiro andar assim que um retângulo de luz solar começou a se espalhar pelo chão. Hoje era domingo, então a loja não abriria até o meio dia. Infelizmente, os domingos também eram dias de comboio, então eu teria que assinar e desembarcar caixas antes disso.

Provavelmente acabaria parecendo que eu não havia dormido uma piscadela. Mas, como era Noite de Guerra, isso significava que a maioria das pessoas que ficaram em Nova Orleans não teriam dormido muito, pelo menos eu não precisaria explicar nada.

O apartamento do terceiro andar era um estúdio, com pisos de carvalho e paredes de tijolos antigos, o banheiro no meio, janelas do chão ao teto em ambas

as extremidades. As janelas da frente abriam-se para uma varanda que enfrentava a Royal; as janelas traseiras se abriam para o pátio atrás do prédio.

Mantive o mobiliário simples: um sofá-cama com altas extremidades de madeira, um armário, uma cômoda, uma mesa de carvalho e cadeiras. Coloquei velas e lamparinas na borda da janela perto da minha cama, um espelho de três metros de altura ao longo de uma parede em frente a um tapete antigo que era tão suave como seda.

Em tempos como esses, eu estava vivendo no luxo.

O apartamento estava abafado. A noite não conseguiu diminuir o calor do dia anterior, mas eu estava muito cansada para me importar. Tirei minhas roupas, coloquei uma camisola e caí de cara na cama.

Eu estava dormindo em um instante.



Capítulo 08

O meu despertar veio muito rápido e com um som barulhento. A equipe de limpeza da Noite de Guerra estava recolhendo as flores de papel e copos de bebidas nas ruas por volta das dez horas da manhã.

Felizmente, isso era duas horas depois do que o habitual. Mas eles estavam cantando, e não muito bem, e o som retumbou pelas janelas antigas.

Eu não era uma pessoa da manhã nos melhores dias, e hoje eu estava completamente exausta.

— Porra. — Murmurei e puxei a colcha sobre minha cabeça. Acabava de voltar a dormir quando a voz de Gunnar ecoou nas escadas.

— Claire? Você está aí em cima?

Eu me condenei por lhe dar uma chave de emergência. — Vá embora. Preciso do meu sono de beleza.

Houve um estrondo na escada. Descobri minha cabeça, empurrei o cabelo de meus olhos. Gunnar entrou, perfeitamente vestido com seu uniforme cinza, que o Comandante preferia que seus funcionários civis usassem. Para um homem que provavelmente dormiu tão pouco quanto eu, ele parecia muito bem. Sem olhos inchados, nenhum tom nauseado em sua pele depois de beber.

— Você sabe que dia é? — resmunguei.

— É domingo.

— Sim. Então eu deveria estar dormindo até tarde. Por que você está aqui tão cedo? E por que você se parece tão bem?

— Sono de beleza. E preciso fazer algumas coisas no escritório hoje. — Ninguém havia dito a Gunnar que o ritmo da vida havia desacelerado na Zona após a guerra. Se houvesse um trabalho a ser feito, ele por Deus o faria cedo.

— Você é louco.

— Eu sou ocupado. E no caso de você não estar ciente, há uma fila de solteiros elegíveis em sua porta da frente com um banho de espuma luxuoso e velas perfumadas.

Eu gemi, considerava entrar no cobertor novamente. — Suas mentiras cruéis não me tirarão da cama.

— Sim, isso foi malvado — disse ele, e sentou-se na beira da cama. — Você chegou bem em casa?

Não tive tempo para decidir o que dizer a Tadjì e Gunnar sobre a noite passada. Não podia dizer a eles que estive na Ilha do Diabo sem contar-lhes sobre a magia. E não queria falar sobre os espectros, porque ficariam loucos. Eu amava Gunnar como um irmão. Mas ele poderia pender um pouco para o lado super protetor.

Por outro lado, a Contenção me interrogou. Eu estava no registro oficial, e provavelmente era melhor que ele ouvisse de mim.

Me sentei, e empurrei meu cabelo atrás das orelhas. — Você tem que prometer não enlouquecer.

— Você dizendo algo assim garante que eu vou surtar.

— Dois espectros atacaram uma garota perto do prédio do Supremo Tribunal. Eu os persegui, e a Contenção veio à loja para falar comigo e com um caçador de recompensas chamado Liam Quinn.

Gunnar piscou. — Devagar e comece de novo até ao fim.

Eu contei novamente, da Noite de Guerra aos espectros. E quando terminei, ele não parecia impressionado.

— O que, em nome de Deus, te convenceu a bater em um espectro? Você deveria ter corrido. Deus, nunca deveria ter deixado você andar sozinha até em casa. — Ele parecia chocado.

— A menina precisava de ajuda. Eu não estava prestes a deixá-la lá indefesa. E era a Noite da Guerra. A Contenção não estava exatamente com pressa. — O que funcionou bem para mim.

— Eles provavelmente pensaram que era um alarme falso — disse Gunnar. — Alguém fantasiado, ou muito bêbado para discernir o fato da ficção. — Ele suspirou, e olhou para mim. — Estou contente que você esteja bem.

— Assim como eu.

— Infelizmente, a situação do espectro claramente não melhorou.

Consegui não fazer uma careta. — A Contenção pensa que está piorando?

Gunnar franziu a testa. — Não vi nenhum número oficial, mas parece que estamos ouvindo sobre eles com mais frequência. Dois espectros juntos são definitivamente raros. Posso examinar o relatório da investigação.

Assenti. — Gostaria de saber se eles encontraram os espectros. Eu me sentiria mais segura. — Isso, pelo menos, era absolutamente verdade. — Talvez, vamos falar sobre algo mais agradável. E sobre Burke?

Gunnar encolheu os ombros. — Eu não sei. Ele e Tadj se deram bem, mas você sabe como ela é cautelosa. Não sei o que ela está sentindo, e ela certamente não me disse nada. Ele parece ser uma boa pessoa, no entanto. Um cavalheiro da velha escola. Com senso de humor. Eu não acho que ela tenha se apaixonado por ele ainda. Mas não sei.

— Vou conversar com ela hoje à noite. — Era domingo à noite, o que significava que era noite de jantar. — Agora vá embora, para que Cinderela possa entrar em seu vestido.

— Cinderela não vestiu cinza. E ela tinha fada madrinha e um Príncipe encantado.

— Eu tenho uma loja, um limoeiro e o conselheiro-chefe do Comandante.

— Isso é verdade. — Ele se levantou. — Vou vê-la hoje à noite. Convidei Burke, se estiver tudo bem.

— Espere... por que você convidou Burke se Tadj não está com ele?

— Porque eu gosto dele. — Ele franziu a testa. — Não tenho muitos amigos do sexo masculino. Preciso de mais amigos do sexo masculino.

— Porque Tadj e eu só queremos falar de princesas e pôneis?

Gunnar grunhiu. — Você sabe o que eu quero dizer. E ele se ofereceu para trazer feijão vermelho e arroz. Não consegui exatamente dizer não a isso.

Olhei para Gunnar com desconfiança. — Ele não é de Nova Orleans. Ele sabe como fazer isso?

Gunnar encolheu os ombros. — Ele diz que pode. Eu digo para lhe darmos uma chance. E como é sua vez de cozinhar, e não parece que você tenha começado nada...

Ele tinha um ponto lá. — Tudo bem — disse eu. — Mas se esse jantar der errado, é sua responsabilidade consertá-lo.

Ele fez uma mesura galante. — Ao seu serviço, senhora — disse ele, e desapareceu na escada.

• • •

Eu me vesti. O conjunto de hoje era botas até tornozelo, uma saia curta e uma camisa de abotoar leve, todas em cinza. Opinião de Gunnar à parte, isso era tudo sobre se misturar. Especialmente agora, quando se misturar parecia o melhor caminho.

Desci as escadas, acendi as luzes na cozinha... e nada aconteceu. Revirei meus olhos, verifiquei meu relógio, fiz uma nota mental para experimentar em dez ou quinze minutos. As interrupções de energia normalmente não duravam muito tempo. Era a frequência que era irritante. Havia membros do Congresso que sugeriram mover todos para fora da Zona, demolir a área e tornar o terreno um solo consagrado. Isso, eles nos asseguraram, resolveria o problema, e todos poderíamos voltar ao normal.

A ideia era estúpida. E acho que, de certa forma, nos acostumamos com isso. Eu fui uma adolescente normal antes da guerra, e tinha minha própria parcela de eletrônicos. E sim, elas eram uma muleta, uma maneira de me conectar ou dispersar em vez de pensar em qualquer angústia do ensino médio com a qual estivesse lidando. No começo, era estranho não tê-los mais. Mas você aprendia a se ajustar. E você certamente aprendia a se concentrar nas coisas à sua frente.

Encontrei meu cara de entrega habitual, Trey, do lado de fora da porta dos fundos em seu uniforme, se abanando com a prancheta por causa do calor. Ele trabalhava para a Contenção, distribuindo ao longo do Quarter as mercadorias que chegavam no comboio da Contenção. Ele estava ao lado de um antigo caminhão de correio que a Contenção havia remodelado em um veículo de entrega que poderia manobrar facilmente através das ruas estreitas do Quarter.

— Já está abrasador hoje — disse ele.

— Extra quente este ano — concordei. — Você conseguiu tirar uma folga para a Noite de Guerra?

— Toda a cidade tirou a noite de folga. Minha esposa e eu tivemos um ótimo momento. Bebemos um pouco demais, não havia água suficiente nesta manhã para despertá-la.

— Eu sempre esqueço que você é casado — disse eu com um sorriso.

— Quatorze anos de felicidade. Ida me deseja hoje tanto quanto me desejava no dia em que nos casamos.

A porta dos fundos do caminhão estava aberta. Ele olhou para as caixas e seus selos da Contenção, contou-os, preencheu algo na prancheta.

— O que você tem para mim hoje?

— MREs, grande surpresa. Barras de nutrição. Água. Leite em pó. Sabonete. Cordão de nylon. Fita adesiva. — Ele olhou para mim. — Você sabe o que eles dizem.

Sorri para ele. — Os franceses construíram Nova Orleans; a fita adesiva reconstruiu-o.

— É isso aí — disse ele, balançando a cabeça. — Parece também ter um pouco de aveia, batatas secas. Oh, e um deleite.

Meus olhos se iluminaram. — Um deleite?

Ele me entregou a prancheta, e subiu no caminhão. Assinei meu nome na linha na parte inferior, prometendo pagar a Contenção pelos bens dentro de trinta dias.

Um minuto depois, ele emergiu com um pequeno refrigerador de isopor.

Isso significava algo frio. E isso significava algo perecível.

Gritei quando troquei a prancheta pelo refrigerador. Era pesado. Frio, perecível, denso. Estes eram bons sinais.

— Me dê mais uma caixa — disse eu. — Posso levar duas, e quero levar isso para dentro.

Trey colocou outra caixa em cima da primeira, agarrou a sua, e seguiu-me para a loja. Coloquei ambas em uma mesa de biblioteca perto da porta, cortei a fita no isopor com uma unha. Levantei a tampa, senti a frieza do gelo.

— O que é? — perguntou Trey, quase reverencialmente. A Contenção, sendo militar e federal, tinha acesso a muitos alimentos e suprimentos. Mas as guloseimas eram raras – e isso era muito mais incrível.

Tirei o pacote de gel congelado, senti o conteúdo e sorri. Eu tirei oito caixas de manteiga sem sal.

— É um milagre da Noite da Guerra — disse eu, quase tremendo com excitação.

— Droga — disse Trey. — Eu não via tanta manteiga há muito tempo.

Uma lembrança me fez cócegas, meu pai cozinhando biscoitos na nossa pequena cozinha para alguma férias ou outra coisa. Havia montes de manteiga amarela clara em uma vasilha grande, e ele estava mexendo com uma colher de pau. Se tivéssemos manteiga, a vida era quase normal. E hoje em dia, quase normal era bastante excepcional.

No silêncio que caíra na loja, recoloquei a manteiga na caixa, por entre os pacotes de gel.

— Mais confiável do que a geladeira — disse Trey calmamente.

— Triste, mas verdade. — Olhei para ele, peguei a pele escura, o rosto redondo e moreno enrugado de arrependimento. Trey tinha mais ou menos quarenta anos, então havia visto ainda mais a vida pré-guerra do que eu. Ele tivera mais a perder.

— Posso deixar de lado um pedaço ou dois para você, se quiser pegá-lo quando mudar de turno.

Algo cruzou seu rosto, como se ele estivesse tentando se livrar da melancolia, e sorriu um pouco. — Muito rico para o meu sangue. O gosto — ele esclareceu antes que eu pudesse fazer uma oferta melhor. — Não quero me acostumar com algo assim nesses dias. Quase prefiro não ter isso do que perdê-lo depois.

— Eu posso respeitar isso.

— Melhor eu tirar o resto das caixas — disse ele. — Ainda há algumas entregas para fazer.

Nós deixamos o refrigerador na mesa e voltamos para o calor.

— Ouvi dizer que houve um ataque de espectro na noite passada — disse Trey, entrando novamente e me entregando uma caixa.

Parece que eu não poderia evitar os espectros. — Sim. Abaixo da rua. Dois deles.

— Eles escaparam?

— Tanto quanto eu sei. Eles estavam tentando atacar uma garota. Entendo que ela fugiu também.

— Bom. Bom para ela. Uma porcaria, não é? Nova Orleans acha que está bem e feita com monstros e magia, e eles apenas continuam aparecendo.

— Realmente, eles fazem.

— Então — disse ele enquanto movíamos outra carga para o prédio —, você ouviu falar do velho Lipscomb? Se meteu em uma briga semana passada no meio da rua com Hoyt Bauer... acusando-o de roubar sua mulher.

Eu sorri. — Não ouvi. Diga-me tudo sobre isso.

• • •

Essa história, como se mostrou, foi boa e sórdida, com muita decepção, paixão e traição. Nova Orleans tinha boas fofocas.

Eu estava pegando a última caixa no estoque quando o relógio de cuco na frente da loja começou a tocar ao meio dia. Ele tinha a forma de uma pequena cabana e era marrom escuro com a idade. No primeiro toque do meio dia, uma menina pequena em um cabo vermelho se movia ao longo de uma pista na frente, cesta na mão. Quando o sexto toque soava, um lobo cinzento com dentes amarelos brilhantes emergia do outro lado para segui-la. Ele a perseguia até a cabana, e ao meio dia, o Chapeuzinho Vermelho chutava o lobo pela porta.

— *Ela é quase tão corajosa quanto você* — disse meu pai.

Meu pai trouxe o relógio em várias peças de uma viagem de reconhecimento na Alemanha. Eu estava orgulhosa por ter sido eu a montá-lo, mexer com as engrenagens, as molas e os parafusos até que ele funcionasse novamente.

Meio dia significava que era hora de abrir a loja. Caminhei até a porta, encontrando Liam Quinn na calçada, braços cruzados e olhando para um arranjo de caixas de rapé Limoges na janela. Não há muita demanda por caixas de rapé nesses dias, mas eles faziam uma bela exibição.

Ele usava jeans e uma camiseta preta apertada com decote em V, e havia olheiras em seu rosto. Ele provavelmente dormiu tão pouco quanto eu, mas sobre ele o efeito era mais perverso, mais perigoso.

Ele disse quealaria comigo sobre Nix, mas parte de mim ainda estava surpresa por encontrá-lo lá. Ele era um novo capítulo estranho na minha vida, e o fio entre essas páginas e as outras ainda parecia frágil e fino.

Virei o sinal FECHADO, depois destranquei e abri a porta. — Liam.

— Claire. Posso entrar?

Eu me afastei e gesticulei grandiosamente. — A loja está aberta. Dinheiro e fichas aceitos. Você quebra algo, você compra.

Ele bufou, e se moveu para dentro.

Voltei para o balcão, destravei a caixa de metal do pequeno cofre no balcão, e coloquei-a junto com um bloco de recibos e uma caneta.

Liam tomou o seu tempo se movendo pela loja, seu olhar deslizando sobre o mobiliário, antiguidades, suprimentos. Depois de um momento, seu olhar se moveu para o meu, como tivesse sentido o meu olhar, e percebi que eu estava olhando para ele. Ele estava na minha loja, no meu território, então não desviei o olhar.

— Nix está disposta a se encontrar com você esta noite — disse ele, indo direto ao assunto.

Estremeci. Mau momento. — Há alguma maneira de fazê-lo em qualquer outro momento?

Ele simplesmente ergueu as sobrancelhas, obviamente, não ficou impressionado com a pergunta.

— Eu sei que vocês estão me fazendo um favor — disse, erguendo minhas mãos. — É só que, nas noites de domingo, janto com alguns amigos. — Eu sabia que a explicação parecia fraca – soava como uma desculpa – mas o jantar era o ritual semanal, uma dose de normalidade que eu precisava. Eu necessitava manter a normalidade, para Gunnar e Tadj. — É importante para nós. É só...

— É normal — disse ele.

— Sim — falei, aliviada. — É normal.

— Que horas ocorre?

— Sete e trinta.

— Nós poderíamos vir às seis horas. Isso nos daria uma hora e meia. Não é ideal, mas funcionará para a primeira reunião.

— Obrigada. Isso seria bom. Mas como faremos tudo o que faremos aqui? Há monitores em todos os lugares.

— Vamos deixar isso para Nix — disse Liam. — Talvez ela queira ir em algum lugar.

— Você tem certeza de que ela é confiável? — Eu estava botando muita fé em Liam, no que estávamos fazendo, em sua capacidade de me deixar fora da Ilha do Diabo. Nix era uma desconhecida.

— Não sei quem é digno de confiança quando o apuro chega — disse ele. — Mas não tenho motivos para duvidar dela. Eu a conheço há anos.

Não era uma visão de mundo rosada, mas era prático. Eu poderia apreciar isso.

— Seis horas — disse ele novamente.

Ele olhou para mim por um momento, os lábios curvados quase em um sorriso, me desafiando a discutir com ele. Mas eu sabia quando escolher minhas batalhas, e essa não era uma luta que valia a pena travar.

— Tudo bem.

Ele assentiu, o acordo foi feito.

— E desde que eu estava no bairro, fui até o Supremo Tribunal. Queria verificar os jardins à luz do dia, ver se havia algum sinal de espectros, qualquer coisa que pudessem ter deixado para trás.

— O que você achou?

— Parece que eles estão dormindo no prédio. O chão estava limpo, e encontrei pegadas de volta para uma das janelas com tábuas. Não mais fechadas com tábuas, é claro. Há um canto em que parece que eles se deitaram. Um par de cobertores, alguns invólucros de alimentos. Provavelmente usados para forrar.

Isso fazia sentido. Provavelmente ainda havia algumas casas em Nova Orleans que não foram limpas de alimentos e suprimentos.

— Isso não significa necessariamente que foram espectros — disse eu.

— Poderia ser humanos — admitiu Liam —, mas não penso assim. Não há muitas pegadas, e as poucas que estão lá levam ao local onde os espectros surgiram.

— Isso significa que a Contenção não verificou isso?

— Por que eles fariam? — perguntou Liam. — Seus recursos são limitados. Se pensam que espectros são animais, e seu único objetivo é capturá-los ou eliminá-los, não há nada para investigar.

O sino tocou, e nós dois olhamos para a porta. Eu esperava que fosse a Sra. Proctor, uma das minhas clientes regulares, que sempre vinha aos domingos para ver o que o comboio trouxera.

Não era ela. Em vez disso, um homem entrou – alto, pele clara, cabelos escuros – e começou a procurar pela loja, finalmente, fixando seu olhar azul em Liam.

Mas Liam estava de frente para mim, de costas para a porta. — Atrás de você — avisei baixinho, mantendo meu olhar no estranho, esperando que ele revelasse se era amigo ou inimigo.

Liam virou, seus ombros se endureceram ao ver o homem se aproximar de nós como se estivesse em uma missão pessoal. Ele alcançou Liam, depois deu um soco no rosto dele com um cruel cruzado de direita.

— Filho da puta — rugiu Liam e pulou para a frente. Eles encontraram-se como carneiros lutando por território: braços empurrando, punhos balançando e bocas balindo de saliva e palavras de quatro letras.

Corri ao redor do balcão, uma mão na madeira para manter meu equilíbrio, abaixei-me para evitar um cotovelo balançando. Quando eles fizeram um mergulho em direção a uma estante que guardava frascos de conservas antigos, eu entrei no meio. Eu preferia ter um olho preto do que perder mercadoria. Eu tive que organizar tudo sozinha.

Além disso, Liam salvou minha vida na noite anterior. Nós somos praticamente amigos agora.

— Jesus, parem com isso! — disse eu, colocando um braço em torno da cintura de Liam – o diabo que eu conheço – e puxando-o para trás. Ou tentando... era como tentar mover uma montanha.

— O que diabos está errado com você? — disse eu, meio grunhindo, com um braço ainda na cintura de Liam. — Afaste-se! Não há lutas no meu lugar. E definitivamente nenhum soco idiota.

O homem deixou cair seu aperto duplo na camiseta de Liam. Liam recuou, a raiva pulsando, quente como a luz do sol no asfalto em agosto.

Peito arfando, os músculos tensos, eles se encararam.

— É apenas um soco se você não conhece toda a história — disse o novo cara. Eu não estava certa se havia diversão ou desafio em seus olhos. — E se você for esperta, querida, você se afastará e deixará eu e seu homem lidarmos com esta pequena disputa.

— Ele não é meu homem.

— Não sou o homem dela.

Nossas respostas foram rápidas, simultâneas. Não era lisonjeiro para nenhum de nós.

O homem ergueu o olhar para Liam. — Ouch. Ainda não a convenceu a ter você, Liam?

Liam enrolou o lábio, estremecendo com o corte. — Cale a boca — disse ele, levando o dorso da mão na boca, e puxando para ver o sangue. — Você partiu meu lábio.

— Eu lhe devia um.

— Eu acho que sua memória piorou, *frère*.

Seus olhos estavam se estreitando um no outro, os punhos enrolados e prontos para outro ataque. O que eu não permitiria. Agarrei um velho sino da estante, sacudi-o para enviar um clang metálico no ar.

— Todo mundo cale a boca! — gritei.

Desta vez, ambos deram um passo atrás. Devolvi o sino para a prateleira, olhei para trás e percebi que a Sra. Proctor estava na porta, sua pequena estatura em calças suaves e uma blusa combinando, um lenço de seda amarrado em torno de seu pescoço. Ela sempre se esforçava para uma viagem a Royal.

Eu corri para a frente. — Sinto muito, Sra. Proctor. Nós apenas...

Ela sorriu, dentes brancos contra a pele escura. — Oh, não pare por minha causa, querida. — Ela deu a Liam e ao intruso um sorriso muito impertinente. — Essa é a melhor coisa que vi em sete anos.

Coloquei uma mão gentil em seu braço, apontando-a para a exibição da nova mercadoria. — Sim, senhora. Talvez você possa verificar o sabão que acabamos de receber enquanto lido com isso?

Ela não ficou emocionada por ser afastada de seu entretenimento. Ela entrou na parte direita da loja, mas manteve seu olhar admirado no traseiro de Liam.

Não era uma bunda ruim, eu pensei, antes de retomar o foco e voltar para os caras. Coloquei minhas mãos nos quadris. Como não desejava saltar no meio do que quer que fosse, esperava que me fizesse parecer autoritária. — Vocês terminaram de ser idiotas?

— Vocês não mede palavras — disse o estranho.

— Este é o meu lugar. Não preciso medir palavras.

— Está tudo bem, Claire. — Liam tirou um lenço de seu jeans e limpou a boca antes de afastá-lo novamente. — Este é Gavin. Meu irmão mais novo.

— Sim, eu estudei francês o suficiente no ensino médio para entender o que significa *frère*. — E isso fazia sentido fisicamente. Ambos tinham o mesmo cabelo escuro, os mesmos olhos azuis. Gavin teria tido o mesmo nariz, mas o dele parecia um pouco torto, onde obviamente foi quebrado, provavelmente em outra luta.

Mas isso não explicava o que acabou de acontecer – e atualmente estava sendo apreciado pela Sra. Proctor, que olhava para nós por trás da estante com os olhos arregalados.

— *Sra. Proctor* — avisei, e ela desapareceu novamente.

Gavin reprimiu uma risada.

Eu o espetei com um olhar. — Por que você socou seu irmão?

Gavin manteve seu olhar em Liam. — Não há tempo suficiente para essa lista de queixas. Quem é você?

— Claire Connolly — disse Liam. — É a loja dela.

— Isso é o que eu ouço. Olá, Claire Connolly.

— Oi.

— Como você me encontrou? — perguntou Liam.

— Um amigo em comum — disse Gavin.

— Nix?

— Talvez. — O olhar de Gavin se afastou de Liam e voltou para mim. — E como vocês se conheceram?

— Ataque de espectros ontem à noite. A um par de blocos daqui.

— Ela parece saudável — disse Gavin.

— Estou bem aqui. E estou bem.

Liam baixou a voz. — Ela lutou. Ela tem algumas... habilidades.

Ele usou a palavra de código, imaginei, porque não estávamos sozinhos. Mas Gavin pareceu entender e assentiu com a cabeça.

— Você esteve fora por quase um ano dessa vez — disse Liam.

Isso explicava a animosidade. Talvez Liam estivesse chateado por seu irmão ter saído de Nova Orleans, ou talvez por sua avó. E se o soco fosse qualquer indicação, Gavin também sentia animosidade contra Liam.

— Eu tinha um emprego — disse Gavin.

— Oh, tenho certeza que você tinha.

— *Bec mon tchu*¹⁶.

Não reconheci o Cajun, mas obtive a essência do tom irritado de Gavin, e não era educado.

— De onde vieram os espectros? — perguntou ele.

— Perto do prédio do Supremo Tribunal — disse eu.

Era minha história para contar, depois de tudo. E eu estava ficando muito boa em contar isso. Gavin sorriu severamente. — Demônios no Supremo Tribunal. Sete anos atrás essa teria sido uma boa piada.

— Foi muito boa ontem à noite — disse Liam. — Quanto tempo você ficará dessa vez?

O rosto de Gavin ficou em branco. — Estou aqui para um trabalho. Então eu vou embora.

— Compromisso nunca foi seu forte.

Gavin franziu o cenho. Sua voz baixa, dado o interesse aparente da Sra. Proctor, mas ainda era feroz. — Alguns de nós têm vidas no mundo real.

— A Zona é o mundo real — disse eu. — E nós temos vidas.

— Todas as evidências provam o contrário. — Ele olhou para mim, olhou para avaliar. — Um dia sob sua tutela e ela já me insultou como uma profissional.

— Não estou sob a tutela dele.

— Não — disse Liam, e peguei o brilho em seus olhos. — Mas ela precisa da tutela de alguém. Conversamos com Eleanor, e ela trouxe o catálogo.

— Como está Eleanor?

— Bem, não que você saiba. Você deveria visitá-la.

Gavin sacudiu a cabeça e desviou o olhar. — Minha presença lá não faz bem a ela.

— Você é mais idiota do que eu pensava se realmente acredita nisso. Em qualquer caso, você vai querer falar com ela. Ela combinou Claire com Nix.

O olhar de Gavin voltou para Liam. — *Não*. Não a colocarei em risco.

Liam havia adivinhado exatamente a reação de Gavin. Suas sobrancelhas levantaram. — Não é a sua escolha. É dela. E ela já concordou em se encontrar com ela.

16 O mesmo que kiss my ass – Beije minha bunda, vá se danar.

A voz de Gavin ficou baixa, fria. — Ela não mencionou isso. E não entenderá o perigo. Ela nunca faz.

— Eu também não quero estar em perigo — ofereci com uma mão levantada, mas eles me ignoraram. Esta era uma batalha fraternal de testosterona que claramente não tinha nada a ver comigo.

— Tem que haver outra pessoa.

— Não há.

Gavin abriu a boca para retrucar, mas mudou de ideia. Ele caminhou até a janela da frente, cruzou os braços e olhou para fora.

— Presumo que Nix é um interesse amoroso? — perguntei em voz baixa.

— Não no momento.

— Ah — disse eu. *Não no momento* poderia cobrir qualquer número de pecados, rupturas ou infidelidades. — Ele não parece estar feliz com esse resultado.

— Ele não está. E está com ciúmes. É uma combinação embaraçosa.

— Eu imagino.

Gavin voltou, raiva tencionando os ombros. Ele se moveu com arrogância, e me perguntei como Nix era para tê-lo enrolado tão fortemente – e o que aconteceu com eles.

Sra. Proctor emergiu de um conjunto de estantes com uma caixa de leite em pó.

Acenei com uma mão para os garotos Quinn, afastando-os de lado. — Clientes, cavalheiros. — Desta vez, os resmungos foram unânimes. Isso provavelmente era um progresso. Enfim, eles se moveram.

Peguei o leite dela, registrei no meu caixa, coloquei em um pequeno saco de papel com uma alça. — Sra. Proctor, temos manteiga hoje. Você gostaria de um pouco?

Seus olhos se arregalaram. — Oh, eu adoraria dizer sim, mas não tenho gelo, e esse bom garoto da casa de gelo... qual o nome dele?

Uma loja na rua, anteriormente uma livraria que foi queimada na guerra, vendia blocos de gelo. Quando o comboio entregava mercadorias frescas, ele costumava ter bons dias. As pessoas não queriam confiar as delícias raras para os caprichos da eletricidade.

— Clark. E ele não é um garoto. Acho que ele tem setenta e oito anos.

Ela acenou uma mão. — Tenho noventa e oito anos, querida. E não pareço ter um dia a mais do setenta e dois anos.

— Nem um dia a mais — concordou Gavin, e piscou para ela.

Ela piscou. — Ele não voltará até amanhã. O que é bom por mim. Não me importo com o calor. Mas não acho que a manteiga poderia aguentar.

— Bem, vou manter um pedaço reservado, e se decidir que quer depois de visitar Clark, apenas me avise.

Ela assentiu. — Farei isso. — Ela desabotoou sua bolsa de moedas e entregou vários dólares dobrados.

Devolvi o seu troco e coloquei o recibo no saco. — Obrigada, Sra.Proctor. Agradeço a sua preferência.

Ela sorriu para mim. — Você sabe que eu amo sua loja, querida. Isso faz com que eu me sinta jovem, ver todas essas... coisas bonitas. — Seus olhos se instalaram em Gavin, e ele sorriu grandemente.

— A mercadoria não é a única coisa bonita na loja — disse ele.

Mas Liam não estava prestes a ser superado por seu irmãozinho. — Senhora, podemos ajudá-la com seu pacote?

Sra. Proctor olhou lentamente para Liam, que se debruçou sobre ela quase sessenta centímetros, o sorriso aumentando. — Por mais que eu gostaria de dizer sim, meu jovem, temo que você não seria capaz de lidar comigo. — Ela deu um tapinha na mão dele. — O dia em que não for capaz de carregar meus pacotes é o dia em que me colocarão no chão.

— Sim, senhora — disse Liam, com um brilho de apreciação nos olhos.

A Sra. Proctor assentiu, pegou seu pacote e saiu pela porta.

— Eu gosto dela — disse Liam. — Ela tem espírito.

— Ela é fantástica. Parece solitária, penso eu. Eu a visito às vezes, levo um livro ou dois. — Gesticulei para uma estante na parede oposta, onde fiz uma pequena biblioteca, incluindo duas prateleiras completas de romances de bolso. Em tempos de crise, as pessoas precisavam de uma boa história de amor.

— Quando você planeja apresentá-la a Nix? — perguntou Gavin, quando Sra.Proctor estava longe da porta.

Os lábios de Liam se apertaram. — Essa noite.

Gavin se afastou do balcão em que estava apoiado. — Eu vou falar com ela novamente.

— Você faz isso — disse Liam. — Mas vá ver Eleanor primeiro. — Ele olhou para mim. — Eu a verei às seis.

Acenei com a cabeça, e sem mais uma palavra para mim, ambos focados na discussão um com o outro, se dirigiram para a porta.

— E obrigada pela preferência — murmurei quando a porta se fechou atrás deles.



Capítulo 09

A palavra viajou rápido (entregue pela Sra. Proctor), e a manteiga desapareceu em pouco tempo. Troquei duas bengalas por uma barra de sabão de leite de cabra com lavanda, o que se sentiria muito melhor do que as coisas de força industrial que geralmente chegavam ao comboio. Eu tinha uma barra de sobra, o que eu economizava para uma emergência ou uma ocasião especial. Ou trocar por mel, se eu pudesse encontrar algum. Ouvi que havia uma mulher no que restava da Metairie que ainda tinha abelhas, e o mel possuía mil usos. Talvez eu pudesse convencer Gunnar a me dar uma carona lá fora.

Nas calmarias, quando os negócios estavam lentos, tentei trabalhar novamente na coruja. Mas minha mente continuava à deriva, e eu não podia deixar isso acontecer durante o dia, quando a loja estava aberta e os agentes de contenção entravam e saíam. E certamente não conseguiria outra chance com o monitor.

Às dez para as seis, o sol finalmente afundou atrás de um banco de nuvens pesadas que indicavam que a chuva estava a caminho. Bom. O Quarter podia cozinhar no calor em vez de apenas assar.

O sino tocou e a porta se abriu. Pela segunda vez, Liam Quinn cruzou seu limite. Seu lábio ainda estava inchado, mas parecia um pouco melhor.

Ele trouxe uma sacola de papel marrom e uma mulher muito pequena.

Ela era um fiapo de pessoa, com apenas um metro e cinquenta de altura e delicada. Tinha longos cabelos louros ondulados, seus olhos redondos e verdes sob as sobrancelhas mais escuras e um nariz levemente arrebitado. Ela usava um vestido longo, sem mangas e leve em um tom de verde menta com uma fita mais escura em torno da cintura.

— Nix, esta é Claire. Claire, Nix.

— Olá — disse ela, me olhando.

— Oi — disse eu, fazendo o mesmo. Ela era a mulher que estava entre o reino dos monstros e eu. Eu queria ter certeza sobre ela.

Liam estendeu o saco de papel. — Isto é para você.

— Para mim?

— Pão. Eu trouxe para você.

Não sabia com o que eu poderia ter ficado mais surpresa. Eu não teria imaginado um caçador de recompensas solteiro como um padeiro. — Você assa?

Ele sorriu. — Parece que tenho paciência para isso? Eleanor fez. Ela aprendeu na França.

Abri o saco e olhei para dentro. Um pão redondo e crocante estava dentro, parecia com o tipo que meu pai às vezes trouxera para casa de uma pastelaria da Ursulines. Cheirava a farinha e levedura. Se houvesse presentes envolvidos, talvez esse treinamento de Sensitiva não fosse tão ruim.

Olhei para ele. — Parece incrível. Sério, obrigada e, também agradeça a Eleanor. Eu realmente aprecio isso. — Talvez Eleanor seja a ganhadora do Último Glorioso Pedaco de Manteiga.

— Onde devemos trabalhar? — perguntou Nix.

— Por que não vamos conversar sobre isso no andar de cima? — sugeriu Liam. — Menos olhos curiosos sobre uma reunião após o expediente com um caçador de recompensas.

— A Contenção pensa que eu sou sua aprendiz.

— Isso é um ponto.

Segurei o saco. — Deixe-me colocar isso na cozinha.

Deixei o pão no balcão, fechei a cortina, e os levei até o segundo andar. Não havia tanto espaço aqui quanto no terceiro, mas não estava pronta para convidar nenhum deles para o meu espaço pessoal. Além disso, as pessoas geralmente se divertem vendo o inventário.

Chegamos ao segundo andar, abri a porta, e gesticulei para dentro. — O depósito.

Liam olhou para os móveis e as antiguidades com melancolia nos olhos, mas era protegido por sua sobrancelha masculina e os lábios franzidos. Nix não se preocupou em ocultar suas emoções. Ela entrou, e começou a se mover de um item para o outro, passando seus dedos pequenos e delgados sobre tudo.

— Cadê Gavin? — perguntei calmamente quando Nix abriu uma gaveta em um baú alto, verificou o conteúdo e fechou-a novamente.

— Ele tem um compromisso antes.

Ela folheou uma caixa de sapatos com cartões postais.

— O que ele faz? — perguntei.

— Na maioria das vezes, o que ele quiser.

Isso foi tudo que Liam disse, mas seu tom deixou claro que não estava entusiasmado sobre isso. Não que ele me contasse o que era *isso*. Se eu alguma vez precisava de um homem para manter um segredo, Liam Quinn era a escolha óbvia. Eu poderia preencher um livro com o que não sabia sobre ele.

— E mais especificamente? — perguntei.

— Ele é um rastreador. Ele viaja principalmente pela Zona, encontra coisas, pessoas que não podem ser encontradas.

— Para CCP?

— Às vezes. Nem sempre. Ele tem boas habilidades, mas ele é... instável.

— Sim. Eu entendi isso da sua conversa com ele. Alguma coisa ruim entre ele e Eleanor?

Liam sacudiu a cabeça, olhos rastreando Nix enquanto ela andava pelo cômodo. — Não. Apenas uma pequena culpa de guerra. Parece que Eleanor ficou ferida por causa dele. Deixou de visitá-la porque é assim que ele lida. *Tête dure*.

— O que significa isso?

Liam riu, olhou para mim. — Significa que ele tem uma cabeça dura como a sua.

— E, no entanto, você está intrigado comigo.

— Essa é uma das maneiras possíveis de descrever isso.

— Lá vem você com lisonjas novamente.

Nix voltou para nós antes que Liam pudesse responder. — Eu gosto do seu inventário.

— Obrigada. Eu também.

— Você pode mover as coisas?

Assenti. — Sim.

— Há quanto tempo a magia apareceu?

— Oito meses.

— Súbita ou acumulada?

— Hum, súbita. Parei algo que estava caindo sobre mim.

— E desde então? — Suas perguntas eram rápidas, metódicas. Levei um momento para perceber que estava sendo interrogada. Talvez eu não fosse a única que precisava de garantias sobre essa parceria. Ela também estava se colocando em uma posição realmente perigosa.

— Aconteceu uma vez quando não estava pensando nisso. Além disso, eu realmente não tentei muito.

— E como você se sente depois?

— Tonta. Com fome.

Ela assentiu. — Os humanos não foram construídos para a magia. Isso leva um pedágio de seu corpo, que cresce exponencialmente quanto mais você absorve.

— Seu corpo é uma esponja — disse Liam. — Esse é o seu pequeno presente biológico.

— E estou tão agradecida por isso.

Nix ignorou as piadas. — Você tem que aprender a se livrar da magia, mas de uma forma que não piorará a situação ou a exponha publicamente. Você deve aprender a conjurar e vincular.

— Espere. Então, se o que me salva é me livrar da magia, realmente usá-la e me livrar disso, por que não posso fazer isso? Por que eu tenho que fazer outra coisa?

— Ambos os métodos descarregam certa quantidade de magia, sim. Mas não da mesma maneira. É a diferença entre abrir uma barragem no rio Mississippi e explodir um dique. A água move-se nos dois sentidos, mas uma é muito mais segura que a outra.

— Este é um processo — continuou ela. — Um requisito para o resto de sua vida, se quiser ficar saudável.

Eu tinha uma amiga na escola primária que era diabética. Todos os dias ela monitorava seus níveis de açúcar no sangue e aplicava uma dose de insulina. Ela agia como se não fosse grande coisa e para ela, nesse ponto em sua vida, provavelmente não era. Essa era a atitude que eu precisava – resignação positiva.

— Não quero me tornar um espectro — disse eu, e olhei para Liam. — E certamente não quero machucar ninguém... já houve muito disso. Então, sim. Eu vou aprender. Não vai doer, não é? — Eu não era grande fã de dor.

O sorriso de Nix era simpático. — Não tanto quanto a magia destruindo seu corpo de dentro para fora.

Eu não poderia discutir com isso. — Então vamos começar.

Ela assentiu. — Deixe-me ficar confortável. — Ela sacudiu os ombros, e a imagem da menina de cabelos compridos que entrou na loja caiu como uma casca. Deixou para trás uma mulher com orelhas delicadas, dedos longos e um tom fraco de verde em sua pele.

Imaginei que Liam traria uma especialista Sensitiva que escondia sua magia e que indicava como manter seus níveis equilibrados. Mas não era quem era Nix...

— Você é um Paranormal. — Ouvi a ira na minha voz e fiquei envergonhada pelo julgamento nela. Mas isso não era uma visita à Ilha do Diabo, onde Paras deveriam estar. Esta era a minha casa, e Liam trouxe um Paras aqui sem sequer uma palavra. Deslizei meu olhar para ele, deixei minhas sobancelhas levantadas fazer a pergunta óbvia: *por que ela está aqui?*

— Eu sou o que os humanos podem ter chamado de espírito da madeira ou dríade — disse Nix. — E, ao contrário da crença popular, nem todos os paranormais odeiam os humanos. E nem todos nós escolhemos a guerra.

— Vocês têm uma maneira divertida de mostrar isso.

— Talvez você não seja confiável o suficiente para saber a verdade.

Mantive meu olhar constante sobre o dela. — Dois Paranormais, um caçador de recompensas, seu irmão e sua avó agora sabem que eu sou uma Sensitiva. Eu entrei na Ilha do Diabo e menti completamente para a Contenção.

Então deslizei meu olhar para Liam. — Você tem informações suficientes para me expor pelo resto da minha vida. Você queria que eu mantivesse uma mente aberta, e até agora, eu mantive, porque não quero machucar ninguém, e não quero ir para o Diabo. Mas se você quer que eu continue acreditando em você, confiando em você, então precisa explicar o que está acontecendo.

Liam e Nix compartilharam um olhar, e ele assentiu. — Diga a ela.

Nix suspirou, apertou as mãos na frente dela. — Muito bem — disse ela, então olhou para mim.

— Os seres humanos gostam de ver o mundo como preto e branco, bom e mal. É mais fácil fazer uma guerra contra a magia quando você decidiu que todos com magia são seu inimigo. Mas não foi assim que aconteceu.

— Uma assembleia de Paranormais que chamamos Consularis, governou o Além pacificamente por muitos milênios. Esse não é mais o caso. Há rebelião... aqueles que querem derrubar os Consularis, não importa o custo da lei, da ordem, da paz. Eles se chamam de Corte de Aurora, e o poder deles tem ficado cada vez mais forte com cada nova geração. Mas eles estão ainda em menor número do que aqueles aliados aos Consularis. Quando a Corte determinou que eles não podiam governar o Além...

— Eles decidiram tomar o nosso mundo em vez disso — disse Liam.

Nix assentiu. — A Corte quebrou o Véu. Mas isso não é tudo... eles usaram poder e magia para obrigar os outros a lutar. Eles recrutaram cidadãos leais da Consularis na batalha para ajudá-los a tomar seu mundo.

— O que você quer dizer com *recrutar*? — perguntei.

— Compulsão mágica — disse Liam. — A Corte decidiu que não havia Paras suficientes para lutar contra os humanos. Então, construíram seu exército com Paranormais que não queriam lutar.

Algo revolveu forte e pesado em meu estômago, ponderado pela súbita possibilidade de que eu machuquei Paras – matei Paras – que na verdade não era nosso inimigo.

— A Contenção não nos disse isso.

— A Contenção não sabia até a guerra acabar — disse Liam. — Para a maioria, a compulsão não terminou até o Véu fechar novamente. Até então, a maioria dos Paras restantes estavam na Ilha do Diabo.

— Então, agora estão todos juntos — percebi. — A Corte e o Consularis.

Nix assentiu. — Sim.

— É quase impossível para a Contenção saber agora quem foi recrutado e quem não foi — disse Liam. — Se eles perguntarem aos Paras na Ilha do Diabo se eles são da Consularis, e os Paras pensarem que dizendo sim os libertaria, eles dirão sim.

Ainda assim. — Então, por que os Paras recrutados não se rebelam agora? Por que não saem da Ilha do Diabo?

— Aonde eles iriam? — perguntou Liam. — O Véu está fechado. Eles não podem voltar para o Além. E alguns deles não querem sair. Há guerra no Outro mundo, ou então assumimos. A Ilha do Diabo não é o lugar mais bonito para viver, mas é o lar de muitos deles. É relativamente seguro, e é relativamente estável. Não

estou dizendo que eles estão emocionados por estarem lá, mas entendem que a grama do vizinho não é sempre mais verde.

— Você está falando sobre Moses?

Liam assentiu.

Caminhei até um banco de igreja feito de carvalho reluzente, e sentei. Eu precisava digerir tudo isso. Pensar sobre o que eles disseram – e comparar com o que eu sabia e o que vi na guerra.

Sentei-me silenciosamente por alguns minutos, até que o pior da minha culpa diminuísse bastante. — Quantos? — perguntei, olhando para eles. — Quantos Paras foram registrados?

— A estimativa é de quatro mil — disse Liam.

Maldição. Quatro mil pessoas forçadas a lutar contra a vontade deles, alguns dos quais, sem dúvida, morreram na batalha, mesmo que eles realmente não quisessem nos machucar. Ou sobreviveram como Moses, e foram trancados na Ilha do Diabo sem uma forma de afirmar sua inocência.

Tomei uma respiração, passei as mãos pelo meu cabelo, como se isso fosse limpar a dúvida do meu cérebro, a culpa nova e afiada.

Quando pude respirar novamente, sentei-me e olhei para Nix. Não ajudaria me afogar em dor que pertencia a outra pessoa.

— Você disse que *eles* não podiam se render, não *nós*. Você não era um daqueles que teve que lutar?

Ela balançou a cabeça. — Eu tive sorte. Meu povo assume muitas formas. Alguns estão conectados à água. Outros, como eu, com a madeira. Eu vim pelo Véu perto do Bogue Chitto.

Bogue Chitto era um parque e refúgio de vida selvagem ao norte do Lago Pontchartrain, em torno do rio Bogue Chitto. Ou pelo menos era antes da guerra. Agora era uma região selvagem não monitorada.

— Foi a melhor sorte possível — disse ela. — A madeira acabou me dando força, permitiu que eu lutasse contra a compulsão, embora fosse uma luta. Fiquei lá por muitos anos com os outros, na esperança de encontrar um caminho para casa, um caminho através do Véu. Isso ainda não aconteceu. Mas encontramos amigos, fizemos novas vidas para nós mesmos.

Ela era um prodígio. — Acho que eu não poderia ser tão graciosa quanto você.

— Eu nem sempre fui graciosa. Houve momentos em que eu queria lutar por minha liberdade. — O olhar de Nix estreitou, brilhando com algo afiado e perigoso. — Mas não contra humanos. Eles podem ser ingênuos, mas não são meus inimigos. Eles não me trouxeram aqui.

— Você vive como um ser humano?

Ela assentiu. — Posso passar por um quando necessário, mas não permaneço na cidade com frequência. Temos uma comunidade. Está oculta, e é segura.

Ela caminhou até uma mesa de trabalho e passou os dedos pela madeira sulcada. — Há muita madeira aqui. Cereja. Mogno. Carvalho. É feliz ser apreciado, ser amado. E havia muito amor aqui.

Ela olhou em minha direção, e a expressão de certeza absoluta em seu rosto trouxe lágrimas rápidas e surpreendentes aos meus olhos. Com esse olhar, ela reconheceu a minha família e lembrou-os.

— Sim — disse eu, piscando para evitar que as lágrimas caíssem. — Houve. Obrigada por isso. — Desviei o olhar, envergonhada pela súbita emoção.

— Obrigada por cuidar dessas coisas. — Ela sorriu. — Mas devemos começar.

Ela pegou um vaso Newcomb – um projeto alto e estreito em verde claro com flores azuis escuras – e verificou a marca no fundo como um profissional experiente, abaixando-o novamente.

— O que você está procurando? — Ela olhou para mim, cabelo caindo sobre um ombro. — Um objeto de transmissão e encadernação. Ah — disse ela, e pegou uma caixinha lacada em preto. Abriu, e olhou para dentro. Um momento depois, aparentemente satisfeita com o que achou, ela assentiu.

Ela o trouxe e entregou-o para mim. — A magia é energia, sim?

Sorri fracamente. — Isso é o que eu ouço.

— Você deve regular essa magia. Você lançará a magia extra nesta caixa... remova-a do seu corpo para que isso não prejudique você. Posteriormente, você aprenderá a vinculá-lo. Isso é demais para uma noite.

Eu olhei para a caixa. Era bonita – camadas de brilho sobre preto, com um padrão de linhas finas e onduladas em ouro abaixo – mas não tão grande. Talvez 10 x 15 centímetros.

— Não parece que segurará muito.

Nix riu, o som tão brilhante e feliz como os sinos de prata. — A magia não tem massa. Não da maneira que você definiria. Ela irá preencher e infundir a caixa muitas vezes antes de precisar de outro recipiente.

Ela colocou a caixa no chão, gesticulou para isso. — Sente-se confortavelmente.

Se meu pai pudesse me ver agora, eu pensei e me abaixei no chão.

— Ela não quis dizer na caixa — disse Liam com um sorriso.

— Sim, obrigada. Percebi isso. — Sentei alguns centímetros da caixa e cruzei minhas pernas.

Nix sentou-se no chão do outro lado da caixa. Ela sentou-se tão linda e sem esforço, como uma dançarina, dobrando as pernas debaixo dela, mãos delicadas no colo.

Liam, que ficou em silêncio enquanto nos observava, aproximou-se, inclinando-se contra a borda de uma mesa de trabalho.

— Diga-me como você move as coisas — disse ela.

— Acidentalmente? — disse eu, e expliquei a estrela e a coruja. — Se eu estiver fazendo isso de propósito, apenas imagino que o ar está cheio de magia, e tento juntá-la. Então, eu puxo. Mas não muito bem. Precisaremos trabalhar nisso? Minha mira não é muito boa.

— Realmente não é.

Olhei para Liam, preparado para dar-lhe um olhar severo. Mas ele estava sorrindo, e era um sorriso muito bom.

— Não — disse Nix, atraindo meu olhar para ela novamente. — Isso é para você praticar. Estou aqui para mantê-la viva. — Ela gesticulou para a caixa. — Imagine, ao reunir a magia, que você está tomando a magia extra dentro de você e colocando na caixa.

— Como eu saberia se eu fiz?

Liam ergueu a mão. — Você não se tornará um espectro.

Eu estava claramente encorajando-o ao retrucar. Então, desta vez, eu o ignorei.

— Liam está certo, do modo dele — disse Nix. — À medida que você se torna mais Sensitiva, perdoe a expressão, você aprenderá a avaliar o nível da sua magia e ajustá-la conforme necessário. Agora — acrescentou, balançando a cabeça em direção à caixa. — Você tenta.

Inclinei-me um pouco, concentrei minha atenção na caixa, e soltei uma respiração. Estava prestes a realizar um ato mágico na frente de uma audiência.

Estava quase no ponto de sentir a magia no ar quando meu cérebro começou a trabalhar.

Eu me afastei. — Espere. *Espere*. Não posso simplesmente derramar magia em uma caixa aqui. Estamos, como, a uns doze metros de distância de um monitor da Contenção.

— Você acha que não considerei isso? — Nix pareceu totalmente não impressionada comigo. — Eu não teria deixado minha forma humana se o prédio não estivesse isolado.

Nem sequer me ocorreu que deixar cair seu disfarce, realmente liberava magia. Era evidente para Nix, dada a indignação em sua voz. — A... espera. O quê? O que você quer dizer com está isolado?

Franzindo o cenho, Liam se moveu através o labirinto de móveis até a janela. Ele a abriu, saiu para a varanda do lado de fora. Esperei, nervosa e corpo preparado para correr novamente se ele achasse que a luz lá fora havia mudado.

Depois de um momento, ele entrou novamente, fechou e trancou a janela. Esperei com impaciência o veredicto.

— O monitor não foi disparado.

Soltei uma respiração através de lábios franzidos, tentando diminuir a batida do meu coração. E pensei na estrela caindo, na engrenagem levantada, no fato de que nenhum dos dois acessos de magia havia disparado os monitores lá fora. Não foi porque não houve muita magia, ou que eu tivera muita sorte. Era porque eles não podiam detectar. Porque alguém *havia* colocado um isolamento, então a magia não poderia ser detectada.

— Eu já disse isso — disse Nix. — Alguém isolou a casa com magia... tornou-a impermeável.

— Isso não é possível.

Ela ergueu as sobrancelhas. — Eu não teria deixado a forma se não fosse.

— Alguém teria que realizar magia no prédio — disse Liam, juntando-se a nós novamente.

— Como eu disse, isso não é possível. Esta loja está na minha família por mais de um século.

— Algum membro de sua família é Sensitivo? — perguntou Nix.

— Não.

— Então eles deveriam ter tido um amigo que era.

Ela disse isso como se fosse a coisa mais simples – que meu pai tinha amigos que eram Sensitivos. Mas isso não era provável. Meu pai não se envolveu com magia, embora tenha havido momentos em que era inevitável.

— O prédio foi atingido por uma espada flamejante durante a Segunda Batalha — disse eu. Ainda havia uma raia negra de fuligem na parede de tijolos que enfrentava o beco. Água com sabão e graxa não fizeram nenhum arranhão. — Talvez seja por isso.

— Talvez — disse Nix.

— Então, o que isso significa? — perguntei. — Posso fazer magia aqui e a Contenção não saberá disso?

— Teoricamente — disse Liam. — Mas isso não é uma boa ideia. Você não deveria piorar o problema.

— Não — disse Nix. — Ela não deveria. A casa está isolada. Seu corpo não está. — Ela apontou para a caixa. — Tente.

Eu me mexi no chão, ajustando meu assento, e me inclinei novamente.

Para tirar os espectadores da minha mente, eu fechei os olhos, imaginei que tudo no mundo estava escuro – exceto pela magia cintilante que se encontrava no meu corpo, um câncer irritante que acabaria por destruir quem eu era.

Eu alcancei, peguei um pouco dessa magia e puxei.

A tontura me atormentou, e suor frio escorreu pelas minhas costas enquanto tudo dentro do meu corpo estava frio, pesado e completamente desorganizado – como se todos os órgãos estivessem no lugar errado.

— Oh, porcaria — disse eu, inclinando-me com força contra uma onda de náuseas que quase me fez jogar meu almoço na frente de Liam Quinn. Ao que eu não achava que sobreviveria.

Tentei ignorar isso. Abri os olhos, apertei as palmas das mãos contra a magia que agarrei metafisicamente, e imaginei empurrar a magia para a caixa.

Funcionou bem, foi como colocar meu anterior elefante andando em corda bamba em uma garrafa de água. Nenhum deles era uma ideia super emocionante.

A magia pulou para trás, as faíscas surgindo no ar – e desta vez, elas eram reais. Liam espantou algumas, e olhou para mim com óbvia preocupação. Mas eu não podia me preocupar com ele. Não agora.

Tentei novamente, estremeci quando a magia piscou de novo, me picando como um choque de estática.

— Porra — disse eu, balançando a mão, apoiando-me contra outra onda de náusea. — Isso não está funcionando.

— Talvez ela precise de um intervalo? — disse Liam.

— Ela não precisa de uma pausa. Ela precisa se concentrar. Se ela pode reunir magia para mover as coisas, ela pode reunir magia para fazer isso. Ela só precisa se concentrar.

— Não sei como me concentrar — rosnei. Eu podia sentir a irritação crescente. Eu estava com fome, cansada e soltando fumaça.

— Vamos, Claire. — Desta vez, a voz de Liam foi mais dura. — Você consegue fazer isso. Eu sei que pode. Concentre-se e faça isso.

Eu assenti. Tentei me centrar. Pensei na caixa, como eu desejava que a caixa fosse maior. Grande o suficiente para abranger todo o edifício, para que eu pudesse colocar uma vida inteira de magia lá dentro...

Foi quando percebi que eu estava agindo completamente errado. Se a magia não tinha massa, o tamanho da caixa realmente não importava. Não realmente.

Recolhi a magia novamente, puxando os filamentos tortuosos que enchiam meu corpo até agora. Imaginei que a caixa era o ponto vermelho no meio do alvo e empurrei. O frio se espalhou por cima de mim novamente quando a magia contorceu, lutou, tentou escorrer por meus dedos como um peixe. Mas ignorei o que ela queria e decidi em minha mente onde eu queria que fosse.

Logo, com cuidado, movi-a para a caixa, a caixa que poderia ser tão grande como uma sala. E então eu soltei.

Nix estendeu a mão e fechou a tampa.

A tontura me atingiu novamente. Fechei os olhos, fazendo uma contagem regressiva a partir de dez, assim como eu fiz em viagens de carro quando era criança e estava a poucos segundos de distância do vomitar no banco de trás.

— Você está bem? — A voz de Liam soou longe.

— Ela ficará bem — disse Nix. — Ela tirou a magia de si mesma. Isso a deixou desorientada. A sensação passará.

Pode passar, mas não fiquei emocionada com a existência disso – ou que eu precisaria fazer isso pelo resto da minha vida. — Eu me acostumarei com isso?

— Possivelmente.

Não era a resposta confiante que eu esperava.

Abri meus olhos novamente, pisquei. — Eu, pelo menos, fiz certo?

— Se não tivesse feito, você não se sentiria assim. Mas se quiser saber, procure você mesma.

Eu rosnei, desejei conhecer algumas maldições em Cajun e fechei meus olhos novamente. Desta vez, ao invés de imaginar que a magia em mim era a fonte da luz, eu ignorei tudo, exceto os oito cantos da caixa e seu pequeno e brilhante interior.

A luz estava fraca, como uma estrela distante, mas se relaxasse o suficiente, eu podia vê-la, pulsando com magia e energia. A satisfação preencheu-me. Eu fiz isso.

E eu ia dormir como um bebê.



Capítulo 10

Trinta minutos, três tentativas e mais uma rodada bem sucedida de liberação, o sino soou no andar de baixo, seguido pelo som de passos arrastados.

— Claire? Você está aí em cima?

Droga. Olhei para um relógio de pêndulo que estava no canto. Eram sete e meia, e Gunnar foi pontual como de costume. Eu estava um pouco tonta e muito faminta.

— Eu descerei em um minuto — gritei, depois olhei para Liam e Nix, esperei que suas imagens entrassem em foco. — Eles estão aqui para jantar. Você pode querer colocar o que você chamou... sua forma humana?

Nix suspirou, mas acenou com um dedo e seu disfarce girou e se transformou em torno do seu corpo como uma casca a substituindo novamente.

— Quem é? — perguntou Liam.

— Tadj Dupre, Gunnar Landreau, Will Burke. Gunnar é conselheiro do Comandante. Tadj é uma estudante de graduação. Will trabalha para Materiel.

Liam assobiou. — Isso é um monte da Contenção em um só lugar.

— Sim. Portanto, tenha cuidado — disse, olhando entre eles. — Não quero que nenhum de vocês se envolva em problemas.

— Mais problemas, você quer dizer — disse ele, e nos dirigimos para a escada. — Uma Sensitiva, uma driade e um caçador de recompensas entram em um bar — murmurou ele.

Gunnar, ainda com suas roupas escuras, estava com Burke e Tadj na sala da frente da loja. Burke tinha uma grande panela esmaltada na mão, e também usava o uniforme. Tadj havia optado por jeans justos, uma camiseta e botas hoje. E com base na linguagem corporal, ela não parecia especialmente emocionada com

a presença de Burke. Não era um amor correspondido, imaginei. Teríamos que conversar.

— Hora do jantar! — disse Gunnar. — E você tem... — ele parou quando Liam e Nix apareceram atrás de mim. — Companhia.

— Sim — disse eu com vivacidade. — Companhia. Este é Liam e sua amiga Nix. Eles são, um... — Droga. Eu realmente não pensei nessa parte.

— Eu sou um caçador de recompensas — disse Liam.

Acho que ele não viu o ponto em mentir. As sobrancelhas de todos levantaram com o interesse.

— De espectros? — perguntou Gunnar, e Liam assentiu.

Eles olharam para Nix como se estivessem desafiando-a a dizer algo ainda mais interessante.

— Eu não faço nada tão emocionante — disse ela. — Sou uma jardineira.

Eu não sabia se era a verdade. Mas, se assim for, fazia sentido para um espírito de madeira.

— Legal — disse Gunnar. — Estou feliz em saber que ainda existe um terreno que pode ser plantado. Vocês têm que ficar para o jantar. Burke trouxe muita comida. — Ele olhou para mim para obter apoio, e me senti mal por não pensar em lhes convidar em primeiro lugar.

— Absolutamente — disse eu, olhando para Liam, então Nix. — Nós gostaríamos de ter vocês. Liam trouxe um pouco de pão — acrescentei. — Caseiro.

Não era surpreendentemente Nix ter declinado, era melhor mantê-la afastada dos dois agentes da CCP, e Liam a conduziu até a porta. Quando voltou à mesa, ele fez uma pausa ao meu lado.

— Por favor, tenha cuidado — sussurrei.

Ele se inclinou, sua respiração apenas um sussurro. — Não sou eu quem tem habilidades. Mantenha-se na linha, Claire. — Ele falava sobre a magia, obviamente, mas ainda havia algo no som de sua voz que enviou uma faísca na minha espinha.

Coloquei um braço no de Tadj. — Tadj, talvez você possa me ajudar na cozinha? E, Gunnar, você pode colocar a mesa?

Gesticulei para a mesa de cipreste no lado esquerdo da loja. Era absolutamente linda, com uma borda acidentada de casca crua. Uma pena não ter vendido, mas não havia muitos que precisassem de uma mesa de quatro metros

de comprimento nos dias de hoje, ou podiam pagar. Aproveitei e a usei na loja como uma sala de jantar quando Gunnar e Tadjí vinham.

Gunnar sorriu. — Ela diz *colocar*, mas quis dizer afastar o preço e encontrar algumas cadeiras.

— Quanto menos móveis mantenho, mais móveis eu posso vender — lembrei-lhe.

— Isso nunca te parou antes.

Deixei-os para lá com o seu sarcasmo e empurrei Tadjí para a cozinha, e fechei a cortina novamente.

— Detalhes — sussurrei quando peguei uma bandeja para levar as coisas necessárias para a mesa. — Gunnar diz que você não está sentindo isso com... — Desde que a cortina era fina, aponte para o lugar onde Burke estava.

— Ele é um cara legal — disse ela. Ela deixou o cabelo enrolado em cachos hoje, o qual balançava quando movia a cabeça. — Mas não sei se há química. Não acho que tenhamos muito em comum. Ele é um tipo de futebol. Eu sou uma garota tipo OED¹⁷.

Assenti, me mudei para uma gaveta, tirei uma faca de pão e colheres. — Essa pode ser a coisa mais nerd que você já disse.

— A gramática não é nerd — disse ela com um sorriso. — É importante. E o meu ponto ainda permanece. — Ela encolheu os ombros. — Ele não estará aqui para sempre, então não teria sentido entrar em algo.

— Você também não estará aqui — apontei. Quando ela terminasse a pesquisa, não era provável que encontrasse um emprego aqui. Não havia muitos projetos na Zona. — Se esse é seu padrão, você não pode namorar ninguém.

— E estou bem com isso, Claire. Eu sempre fui uma introvertida, e não tenho medo de estar sozinha. Além disso, estou concentrada no meu trabalho agora. Eu realmente não tenho tempo para namorar.

Essas eram razões perfeitamente legítimas. Ela tinha o direito de ser feliz, seja com ou sem outras pessoas. E se ficar sozinha fosse mais fácil acompanhar as *Origens Etimológicas das Designações Paranormais na Louisiana Francesa no pós-guerra* – acho que esse é o título certo – mais poder para ela. Mas eu ainda estava preocupada que ela estivesse dando desculpas. Por causa da sua infância, ela nunca sentiu como se encaixasse em qualquer lugar, e ela odiava esse

17 Oxford English Dictionary - Dicionário Inglês Oxford

sentimento. Eu odiava pensar que ela estava evitando um potencial interesse amoroso por causa disso.

— Você decide, Tadj. Enquanto estiver feliz, é sua vida para considerar. Mas ainda estou chateada. Ele parece tão legal. E trouxe o jantar.

— Então, por que você não namora com ele?

Eu sorri. — Porque ele só tem olhos para você.

Ela deu um tapinha no meu braço. — Deixe isso ir.

— Foi-se. Você pode pegar alguns guardanapos?

Enquanto eu procurava pratos e copos suficientes, ela tirou de uma longa gaveta uma pilha de guardanapos dobrados. A boa comida pode ser difícil de encontrar, mas em uma loja de antiguidades, bons guardanapos não eram. Os monogramas e a época não coincidiam, mas isso quase não importava agora.

Ela colocou os guardanapos na bandeja ao lado dos copos que eu estava pegando. — E quem são os novos amigos?

— O caçador de recompensas ou a jardineira?

— Vamos começar com o caçador de recompensas. Isso está relacionado com o espectro? Gunnar me contou sobre isso.

Bom. Me salvou de tentar lembrar o que eu havia dito a ele e combinar as coisas. Mentir era um trabalho sujo e complicado. — Sim — disse eu.

— Ele é lindo.

— Sim, ele é.

— E vocês dois são...

Franzi a testa. — Amigos. Apenas. — Peguei o pão da mesa e coloquei-o na bandeja. — Mas ele trouxe pão. E parece muito bom.

A bandeja montada, nós olhamos para ela. Prataria incompatível, tigelas incompatíveis, copos incompatíveis. Guardanapos de linho, pão, faca de pão.

— Não está horrível — disse ela. — Eu chamaria isso de artístico.

Eu a peguei. Estava pesada, e fazia muito tempo desde o meu trabalho de pré-guerra no Berger's Burgers. Mas consegui mantê-la equilibrada. — Estou pensando que todos estão com fome, e enquanto receberem uma tigela e uma colher, eles provavelmente não vão se importar.

— Essa é a vida na Zona — disse Tadj, afastando a cortina para que pudéssemos voltar à sala principal. — Um pouco caótico, mas nos melhores dias, comida deliciosa e boa companhia.

• • •

O jantar foi delicioso. A comida estava ótima, e também a conversa.

Burke, Gunnar e Liam pareciam se dar bem, compartilhavam histórias sobre suas experiências mais estranhas na Zona. Entre eles, viram uma girafa, dois jacarés em banheiras, um homem bêbado em um monociclo e um tumulto sobre o caminhão de donuts. Havia histórias sombrias, também, de morte e tristeza. Mas todos conhecíamos muito disso. Fazia parte da nossa história compartilhada, e não era algo que precisávamos dizer em voz alta para entender.

A melhor parte do jantar era a observação, a escuta. Mordi o último pedaço do pão enquanto as histórias eram passadas ao redor como o bom vinho (que era difícil de encontrar) e o molho picante (que Liam mantinha em um pequeno frasco de bolso para *emergências*).

Assisti Tadjì e Burke e tentei descobrir se o problema era a química ou o tempo. Um pouco de ambos, decidi, chateada em nome de Tadjì.

Assisti Liam comer, sorrir, e derramar bastante molho picante em seu jantar, depois colocá-lo na boca e parecer totalmente despreocupado com isso. Ele olhou para mim e percebi que o encarava novamente. Sua expressão passou da surpresa para satisfação masculina.

Eu podia sentir o calor subir nas minhas bochechas, mas desviei o olhar casualmente, como se nossos olhos tivessem se encontrado casualmente enquanto eu examinava a mesa, e não porque eu estava encontrando meus olhos atraídos para ele mais e mais.

Mas eu estava. Talvez fossem esses olhos. Talvez fosse sua óbvia força. Poderia ser o fato de que ele me ajudou, ou por que o vi tentando proteger aquela criança na Ilha do Diabo. Nós passamos de estranhos para, na maior parte, amigos em vinte e quatro horas. E parte de mim se perguntou se poderíamos ser algo mais. Isso era provavelmente um pensamento perigoso.

Liam abriu a boca, provavelmente para dizer algo sarcástico, mas antes que pudesse falar, houve um estalo alto. As luzes se apagaram, deixando-nos na escuridão.

— E agora podemos começar a festa! — disse Gunnar, e nós rimos como ele queria que fizéssemos.

— Vida na Zona — disse ele com resignação, empurrando sua cadeira. — Claire, vou ajudá-la a pegar as velas.

Isso dizia algo sobre a Zona e Gunnar, que ele foi treinado o suficiente para saber o que fazer, onde encontrar o que precisava. Ou talvez tivéssemos passado muito tempo nesse edifício.

Levantei-me, movi-me cuidadosamente através da escuridão até o balcão e a prateleira onde eu mantinha as velas e fósforos. Eu os tirei – dois candelabros de prata com longas velas brancas, quatro furos com velas de cera de manteiga que eu trocara por vários pacotes de baterias. Joguei um fósforo contra o lado da caixa e a chama surgiu. Protegi a chama com a palma da minha outra mão e levei-a para os pavios das velas. Um brilho suave iluminou o quarto.

— Pelo menos o luar é lisonjeiro — disse Gunnar enquanto levávamos castiçais para a mesa, colocando-as no meio em intervalos.

— Há algo a ser dito sobre isso — concordou Burke, com um sorriso que Gunnar retribuiu.

— Quando éramos crianças — disse Gunnar —, papai nos levaria para este motel barato na praia de Pensacola. Paredes de bloco de concreto, piso de cerâmica. Não era extravagante. Isto foi antes dele ganhar dinheiro.

O pai de Gunnar, Cantrell Landreau, era um cirurgião bem sucedido. A prática comprara a casa da família no Garden District. (Os Arsenaults eram uma família antiga com dinheiro antigo. Os Landreaus eram relativamente novos para Nova Orleans e mais novos em dinheiro. Mesmo depois da guerra, essa diferença ainda era importante para alguns). Cantrell era médico de campo durante a guerra e se recusara a deixar a cidade quando a guerra terminou.

— Nós comprávamos mantimentos quando chegávamos à cidade, enchíamos um mini refrigerador com cachorros quentes e leite, então não teríamos que comer fora. A praia era linda, então, areia branca. Água Azul. Absolutamente surpreendente. Eles tinham essas pequenas grelhas no pátio. Apenas uma fornalha em um poste com uma grelha no topo. De qualquer forma, de noite, depois de passarmos o dia na praia, caminhávamos até a costa, com a lua suspensa sobre nós. A areia teria esfriado até então, e ficaria tão bem entre seus dedos. Nós sentávamos nessas cadeiras de praia de madeira, observando a lua e as estrelas, ouvindo as ondas se aproximarem.

Sentamos-nos silenciosamente por um momento, pensando na cena.

— Umas férias na praia seria sensacional agora — concordou Burke. — Homem, até mesmo apenas ficar na frente da televisão.

— Melhor maneira de passar uma tarde de fim de semana — concordou Gunnar.

— E você, Claire? — perguntou Tadj. — O que você sente falta?

— Oh, eu sei — disse Gunnar com um sorriso. — Ela sente falta de queijo, bom chá e ar condicionado.

— Quase isso — disse eu, levantando o copo para ele.

— Chá Doce? — perguntou Burke.

— Earl Grey, se eu puder escolher. — Olhei para Liam e levantei minhas sobrancelhas. — Eu entendo que você pode ter um fornecedor.

— Eu sou um homem de muitos talentos — disse ele com um sorriso, o que fez Tadj assobiar.

— Você sabe por que ela ama Earl Grey? — perguntou Gunnar, deslocando-se em seu assento para olhar para mim. — Ela descobriu algo incrível.

— E o que é? — perguntou Liam, sorrindo para mim.

— É bobo — disse eu —, mas se você colocar mel em Earl Grey, o gosto parece um pouco como de Fruity Rockers.

— O cereal do café da manhã? — perguntou Liam, e eu assenti.

— Sábados de manhã com televisão e Fruity Rockers — disse Burke. — Agora, isso seria uma felicidade.

Também foi uma felicidade para mim. Será que possivelmente estamos melhor sem cereal açucarado e televisão zumbificadora? Talvez. Mas teria sido bom ter a escolha de me arruinar. Se pudesse voltar no tempo – algo que eu pensava muito no início da guerra – teria batido no meu jovem eu por não apreciar as pequenas conveniências.

— Essa não é a única coisa de que eu sinto falta, porém — disse eu. — Minha avó era uma Peretti. Muito italiana, mas também muito do sul. Ela morava no Mississippi antes de chegar a Nova Orleans. Eu não a conheci por muito tempo – só tinha cinco ou seis quando ela morreu – mas nós íamos a casa dela no domingo para o almoço. Ela fazia uma enorme refeição italiano-sul. Frango frito, quiabo frito, purê de batatas. Isso seria a metade da mesa — disse eu, usando minhas mãos para ilustrar. — E do outro lado seria esta festa italiana. Ziti com salsicha e molho vermelho. Mexilhões. Carbonara. Havia tanto, e era tudo fenomenal. Quero dizer,

honestamente, era uma quantidade obscena de comida. Não que qualquer pessoa se queixasse.

— E você, Liam? — perguntou Burke. — O que você sente falta?

Houve um pop, e as luzes centrais piscaram e zumbiram. Sem perder uma batida, Gunnar inclinou-se e apagou as velas.

— Tanto para a noite romântica — disse ele, sorrindo, voltando a se sentar. — Vamos assumir que o poder consistente é uma das coisas que Liam sente falta.

— Não ofendeu — disse Liam. — Eu sinto falta da cerveja Abita. Uma cerveja gelada em um dia úmido era muito agradável. — Ele ficou quieto por um momento, perdido na memória, antes que voltasse a inclinar a cadeira. — Minha família tinha esse lugar no Bayou Teche. Era uma cabana, ou quase isso, mas ficava ao lado do bayou, pelo menos o mais perto possível. Tinha uma doca, e você podia sentar-se, observar os pelicanos aterrissarem, ver os jacarés se esgueirando pela água enquanto bebia uma cerveja. Era excepcional. — Ele sorriu para nós. — Não que esse banquete que vocês montaram não seja espetacular. Porque é.

O elogio foi interrompido pelo golpe apressado na porta da frente da loja. Liam, Gunnar e Burke entraram em alerta imediato.

Levantei-me e Liam fez o mesmo. Caminhei em direção à porta, podia sentir ele protetoramente atrás de mim. Levantei uma mão para pará-lo e destranquei a porta.

Era Campbell, o primo loiro e magro de Gunnar. E ele estava absolutamente em pânico.

— Campbell — disse Gunnar, correndo em torno dos móveis até a porta. — O que você está fazendo aqui?

— É Emme. — Essa era a irmã mais nova de Gunnar. — Ela foi atacada pelos espectros.

— Jesus — disse Gunnar, colocando uma mão no braço de Campbell. — Ela está bem?

— Ela tem algumas lacerações muito ruins. Seu pai estava em casa quando ela foi atacada. Ele costurou e a enfaixou, deu-lhe morfina. Havia uma patrulha da Contenção no bairro, então nós os chamamos. E sabia que você provavelmente estaria aqui.

— Posso pegar uma garrafa de água para você, ou algo assim, Campbell? — perguntei.

Ele balançou a cabeça. — Eu estou bem. Obrigado.

— Ela está em casa? — perguntou Gunnar.

Campbell assentiu. Sem telefones celulares ou fixos na Zona, o único caminho para se comunicar rapidamente era jogar Paul Revere – você arrasta seu traseiro para onde estava alguém e depois retornava.

— Nós iremos — disse eu, colocando uma mão nas costas de Gunnar. — Nós iremos para sua casa, nos certificar de que ela está bem. — Olhei para Liam, que se moveu atrás de mim, observando com uma expressão séria. — Talvez você pudesse vir também?

Sua expressão ficou séria. — Já planejava isso.

Gunnar olhou para Liam, e assentiu. — Eu apreciaria. Você saberá mais sobre eles do que qualquer um de nós. E pode receber a recompensa se conseguir encontrá-los.

Liam sacudiu a cabeça. — Não se preocupe com isso. Certifique-se de que a sua irmã está segura e de lá seguiremos.

— Por que não fico aqui — sugeriu Tadjji —, limpando as coisas? Posso fechar a loja ou ficar até você voltar.

— Eu também poderia ficar — disse Burke. — Eu ficaria feliz em ajudar.

Eu podia ver a guerra interna de Tadjji – ela preferia ficar sozinha do que lidar com um assistente desconfortável, mas era gentil o suficiente para saber que isso não era sobre ela, mas Gunnar e sua família. E provavelmente não era um bom dia para ela estar aqui sozinha, apenas no caso.

Ela assentiu. — Isso seria ótimo, Burke. Obrigada.

Então, enquanto Burke e Tadjji começavam a limpar as coisas da mesa, combinamos sobre o transporte. Campbell tinha conduzido, então ele levaria, Gunnar, Liam e eu até a casa.

Por agora, esse era um plano suficiente.

• • •

Campbell tinha um jipe antiquado de estilo militar. Dois assentos na frente, um banco atrás, as portas abertas. O veículo foi despojado da maioria dos eletrônicos, já que eles não eram confiáveis, de qualquer maneira. Não era bonito, mas era tão sólido quanto você poderia encontrar na Zona.

— Diga-nos o que aconteceu — disse Liam quando subimos na parte de trás, e Gunnar e Campbell tomaram a frente.

— Emme estava voltando para casa da escola. Ela é estudante de segundo ano em Tulane — acrescentou ele, olhando para o espelho retrovisor para encontrar nossos olhares. — Ela tem um carro, chega em casa na mesma hora na maioria dos dias, e Zach mantém um olho nela.

— Zach? — perguntou Liam.

— Meu irmão mais novo — disse Gunnar.

Campbell assentiu. — Ele verificou a janela, viu eles... dois espectros masculinos.

Liam e eu trocamos um olhar. Não demorou muito para imaginar que eram os mesmos espectros com quem lutei na noite anterior. Mas não saberíamos com certeza, a menos que os encontrássemos.

— Eles a atacaram quando ela saiu do carro. Zach correu para ajudá-la, usou uma arma de fogo para assustá-los, mas não antes de ficarem violentos.

As armas de fogo eram populares em Nova Orleans durante e depois da guerra. Quando os telefones não funcionam, você pode enviar um sinalizador para sinalizar uma emergência ou para alertar as equipes da Contenção.

— Ele a colocou para dentro e seu pai a ajudou.

Campbell virou o veículo para a Avenida St. Charles. Antes da guerra, St. Charles era a rua principal no tour de Nova Orleans – a rua onde o famoso escritor havia vivido, o ator, o chef, o ex-senador. Eles celebraram seu dinheiro com grandeza arquitetônica, não que valesse muito agora.

Era uma rua de quatro pistas separada por uma linha de trilhas de bonde, o que chamamos de *terra neutra*. Ambos os lados da rua e a terra neutra eram revestidos com árvores, incluindo toneladas de carvalhos vivos plantados antes da tempestade. Alguns foram derrubados em batalha. Outros morreram quando a magia se movia pelo solo, ou quando os humanos os cortaram para fazer lenha.

As mansões, os negócios e os arranha-céus do bairro não se saíram muito melhores. Muitos foram derrubados, especialmente perto do Cemitério de Lafayette nº 1, onde houve grandes combates durante a Segunda Batalha.

— O que aconteceu com os espectros? — perguntou Liam.

— Não sei — disse Campbell. — Eu acho que Zach os assustou?

Se fosse mesmo os dois espectros que eu vi no Quarter, então foram duas noites seguidas que atacaram e foram assustados. Não acho que teríamos sorte por mais tempo.

A casa de Landreau tinha dois andares majestosos em corredores amarelo cremoso, com varandas frontais, e marcada com colunas. A casa principal já havia sido rodeada de palmeiras, de modo que as excursões se referiram a ela como a *Casa da palmeira*. Passei por ela uma dúzia de vezes quando adolescente. Eu não conhecia Gunnar então, mas conhecia a casa. Agora, as árvores desapareceram e a maioria dos vizinhos dos Landreaus também.

Nós estacionamos e saímos do jipe. Havia um veículo da Contenção no meio da calçada, alguns agentes circulando. Até mesmo a visão deles me deixava nervosa.

— Você ficará bem — murmurou Liam. — Eles já terão entrevistado a família.

Gunnar correu até um dos agentes, assentiu com a informação que recebeu, e depois se juntou a nós novamente.

A esposa de Campbell, Sloane, nos encontrou na porta da frente. Gunnar abraçou-a, e nós os seguimos em silêncio pela casa.

Parecia, como sempre, intocada pela guerra. Sem fuligem nas paredes, manchas de fogo mágico nos tapetes antigos. O mobiliário era caro e imaculado, a moldura das janelas intocadas, belos objetos de arte e fotografias em quase todas as superfícies. A casa estava iluminada com luzes, e o ar estava gelado. O Landreaus tinha dois geradores, e doaram mais de uma dúzia para as escolas restantes da cidade. Eles também pagaram uma pequena fortuna para reparar a casa após a guerra. Mas a cidade precisava disso. Precisávamos de uma garantia de normalidade. Precisávamos de esperança. Era, afinal de contas, por que todos nós ficamos – porque acreditávamos que a vida normal em Nova Orleans seria possível novamente algum dia.

Entramos na sala de estar, onde belos lustres lançavam sombras ao longo das paredes cobertas com papel de parede. Emme estava deitada em um longo sofá na sala de estar, com bandagens no pescoço e testa. Ela era alta e magra, com quase um metro e oitenta, mas esta noite parecia tão pequena e delicada como uma boneca.

Liam estava ao meu lado a poucos metros de distância, e senti seu corpo estremecer, provavelmente com a memória afiada e dolorosa de sua irmã. Estendi a mão e apertei a dele. Isso também o fez tremer, então puxei minha mão de novo e concentrei em ficar lá sem jeito.

— Maldição — murmurou ele. — Desculpe.

Balancei minha cabeça. Claro que ele não queria simpatia de mim. Eu era um Sensitiva. Se não fosse por pessoas como eu, sua irmã ainda estaria viva.

Tentei colocar um sorriso indiferente, mas não estava certa se o fiz. Obriguei-me a me concentrar no que estava à minha frente.

Gunnar se ajoelhou no chão ao lado do sofá, substituindo Zach, que se levantou, estremecendo. Imaginei que ele esteve lá há algum tempo. Ele caminhou em nossa direção. Ele era claramente um Landreau, com a boca arqueada e os cabelos escuros. Esta noite, ele parecia exausto.

Ele estendeu a mão e me deu um abraço.

— Como você está?

— Não muito bem.

Assenti. — Eu sinto muito. Ela está estável?

Zach assentiu. — Por enquanto, sim. Papai deu a ela alguns analgésicos muito fortes. — Ele rolou a tensão de seus ombros. — Nunca vi um espectro antes. Não foi bom. Eu estava aqui durante a guerra, e não sei se já tive tanto medo.

— Eles são muito horríveis — concordei.

Seu olhar caiu para Emme novamente, pesado de culpa. — Demorei um momento... se eu tivesse chegado lá mais rápido, talvez...

Zach de repente percebeu que Liam estava parado ali, e piscou. — Quem é você?

— Deus, desculpe — disse eu. — Zach Landreau, este é Liam Quinn. Não sei se você ouviu, mas aconteceu um ataque de espectro na noite passada. Liam me ajudou. Ele é um caçador de recompensas.

Gunnar olhou para mim. — Os espectros que você viu... não havia dois deles?

— Dois homens — disse eu com um aceno. — Eles iam para a cidade.

— Então, podem ser os mesmos — disse ele.

Liam assentiu. — É uma possibilidade. Eles poderiam ter se escondido nesse meio tempo, depois saíram novamente esta noite.

— E se a Contenção tivesse feito uma maldita coisa para detê-los isso não teria acontecido.

A voz era profunda, do sul, e muito, muito irritada. Cantrell Landreau estava na porta belamente arqueada, fúria e preocupação em seu rosto, nas linhas profundas em torno da boca e olhos. Ele foi um homem bonito, ainda mais bonito em seu estilo, mas a guerra tomou um pedágio nele, colocou bolsas em seus olhos. Mas ele ainda usava calças cáqui apertadas, uma imaculada camiseta. Ele não era um homem para deixar a guerra entrar entre ele e as coisas mais refinadas – coisas que ele, sem dúvida, trabalhou duro para conseguir. E uma casa no Garden District estava longe de um motel de blocos de concreto.

A mãe de Gunnar, Stella, estava atrás dele. Ela tinha cabelos escuros e cacheados, e usava um robe com cinto de pijama. Eu imaginei que ela acordara para encontrar a filha ferida.

— Papai — disse Zach, movendo-se para interceptar Cantrell. — Não essa noite. Este não é o momento ou o lugar.

— É a minha casa — disse Cantrell. — E se não esta noite, quando? Nós demos esta cidade à Contenção. Nós demos isso a eles porque eles prometeram tornar as coisas normais novamente. Porque prometeram devolver a nossa cidade para nós. Besteira. O que a Contenção tem feito? Esbanjado. Deixando os Paranormais vagarem livremente.

Gunnar poderia estar de joelhos no chão ao lado de sua irmã ferida, mas Cantrell não se importava.

A expressão de Gunnar era quase amotinada. — Se você acha que não tentamos evitar isso, tentamos impedir isso de todas as maneiras que podemos, você está louco.

— Então por que minha filha quase morreu essa noite? — perguntou Cantrell. — A Contenção certamente não impediu isto.

Eu sabia que ele não queria se referir a Gunnar pessoalmente, mas como Gunnar era o único agente da Contenção na sala, teria sido difícil não levar a observação desse jeito.

Vi discussões como essa o tempo todo durante a guerra. As pessoas queriam acreditar que havia uma razão para tudo o que era horrível que acontecesse. Não havia tal coisa como estar no lugar errado na hora errada; tudo era culpa de alguém, rastreável de volta a essa pessoa ruim ou decisão ruim.

A vida geralmente não funcionava assim. Mas, como Liam tinha o mesmo tipo de missão, eu precisava esperar que ele tivesse mais sorte.

— Você sabe que não há pessoas suficientes para ter um agente de Contenção em todos os blocos. Isso simplesmente não poderia acontecer. Mas eles estão aqui agora, investigando, e eu também. Farei tudo o que puder — respondeu Gunnar.

Quando eles começaram a gritar um com o outro, Liam colocou dois dedos na boca, assobiando. A multidão acalmou-se, as cabeças viraram para ele.

— Sinto muito pelo que aconteceu — disse ele. — É uma coisa horrível. Mas culpar-se não vai ajudar.

— Quem diabos é você? — exigiu Cantrell.

— Ele é um amigo — disse Gunnar. — Um amigo com experiência. — Que Gunnar tenha o considerado um amigo tão rápido me fez querer estender a mão e abraçá-lo.

Cantrell cuspiu uma maldição. — Se a Contenção não é responsável, então, quem é? Quem mais nos trouxe nesta situação, machucou minha filha?

— Não sei — disse Liam. — E é isso que estou tentando descobrir. Mas não há nenhum motivo para acreditar que foi culpa da sua própria família.

Gunnar ficou tão agradecido quanto eu pelas palavras.

— Gunn... — disse ela, voz rouca, e Gunnar se voltou para ela.

— Estou aqui, Emme. Você está bem?

— Os monstros.

— Eles se foram. Zach cuidou deles e cuidou de você. Você está dentro de casa e segura agora.

Seus olhos ainda estavam fechados, mas seus lábios se curvaram para cima. — Zach fez bem.

— Sim — disse Gunnar, sorrindo para Zach. Seu corpo deslocou-se, relaxou com o perdão de Emme. — Ele fez muito bem. — Ele fez o que pôde e obteve a segurança de Emme.

Agora, se pudéssemos mantê-la ali.



Capítulo 11

Gunnar, Liam e eu saímos para dar uma olhada. O ar estava espesso e imóvel, quase silencioso, a névoa suavizando as extremidades difíceis da casa, escondendo o que restava do paisagismo. Os veículos da Contenção se foram. Ou não encontraram nada ou não se preocuparam em verificar muito. Mas, como Liam havia dito, se a Contenção achava que os espectros eram animais, por que se incomodar?

— Lembre-me do que estamos procurando — disse Gunnar enquanto pegávamos a calçada até a rua.

Não respondi. Eu não sabia quanto Liam queria que Gunnar soubesse sobre suas suspeitas, e achei que era melhor ele tomar essa decisão.

— Indicações de inteligência, pensamento complexo.

Gunnar parou. — O quê?

— A Contenção rastreia ataques de espectros? — perguntou Liam.

Gunnar parou na junção entre as calçadas, onde o Landreaus plantaram palmeiras menores em gigantes vasos de terracota, e encarou Liam, então olhou para mim, pensativo. Perguntei a Gunnar quase a mesma pergunta, e ele percebeu que havia algo maior acontecendo.

— Por quê?

— Porque eu os rastreei — disse Liam, deixando o gato sair daquele saco em particular. — Os ataques aumentaram, e o comportamento dos espectros parece se tornar mais desenvolvido.

Gunnar levantou as sobrancelhas. — Elabore.

Liam não respondeu, mas verificou a rua para o trânsito (não havia nenhum) e caminhou para o outro lado. Nós o seguimos, observando quando ele puxou a pequena lanterna do bolso e começou a verificar o chão.

— Os padrões recentes sugerem que eles escolhem suas vítimas, as rastreiam e possivelmente coordenam seus ataques.

— Não vimos nenhuma evidência de pensamento de nível superior.

Liam olhou para ele, seu rosto em branco. — Não viu isso? Ou não procurava por isso?

— Eu não sabia que havia algo para procurar.

— Poderia haver provas de que eles acamparam, esperaram por ela. — Seu feixe de luz piscou para frente e para trás no chão, mas não mostrou nada. Depois de um momento, ele desligou a lanterna – melhor economizar as baterias – e olhou para Gunnar. — Você é bom no seu trabalho?

O olhar de Gunnar poderia ter congelado o lago Pontchartrain. — De modo nenhum. Vocês só precisa entrar e sorrir para ser o principal conselheiro do Comandante.

Segurei um sorriso. Foi divertido assistir Liam Quinn obter uma réplica para variar – e legal não estar no fim do recebimento.

— Eu não estava implicando isso. Estava perguntando. O comportamento dos espectros está mudando. Há mais deles, e eles estão agindo de forma mais intencional.

Gunnar franziu a testa e cruzou os braços. — Você está falando sobre evolução?

— Não sei — disse Liam. — Mas aposto que você tem mais acesso a informações que quase ninguém em Nova Orleans, incluindo eu. Vale a pena verificar isso. Valerá o tempo da Contenção.

Gunnar me lançou um olhar antes de olhar para Liam. — Porque você é verdadeiramente amigo de Claire, eu lhe pouparei o sermão sobre caçadores de recompensas me dizendo como fazer meu trabalho. Em vez disso, vou dizer que agradeço o alerta.

— Não me agradeça ainda. Não vejo nada aqui.

— Verificamos a casa? — sugeriu Gunnar, e Liam assentiu. Ele balançou a lanterna de um lado ao outro pela rua; então nos mudamos para o jardim da frente.

— Vou verificar o pátio lateral — disse eu para eles.

— Tenha cuidado — disse Liam. — Grite se precisar de nós.

Eu prometi que faria.

Havia um pátio de pedra ao lado da casa sob uma pérgola ainda coberta de videiras frondosas. Antes, o pátio era coberto com flores, cercado por arbustos fluorescentes. E em uma noite quente como essa, provavelmente houve pessoas elegantes em roupas elegantes segurando bebidas ainda mais elegantes. Mas tudo acabou agora.

Caminhei para o gramado, depois para a parte de trás. Era grande para Nova Orleans, com bastante espaço nos lados entre as casas dos vizinhos. Partes da grama eram pretas, onde a magia atingiu como um raio, mas alguns carvalhos vivos sobreviveram a guerra. Eles eram incrivelmente assustadores, musgo espanhol pendia de longos galhos retorcidos.

Nevoeiro girou em uma súbita mudança no vento, subindo em uma coluna que girava como um dervixe até que afundasse no chão. E naquele momento, antes que a névoa se levantasse, vi uma figura escura se mover pelo gramado entre os ramos arqueados dos carvalhos.

Meu coração começou a acelerar. Eu realmente não esperava ver nada. Não depois do meu encontro com os espectros, e do fato de que Zach os perseguiu esta noite. E talvez não fosse nada. Apenas minha imaginação muito hiperativa. Ou alguém da família que queria ar fresco.

Mas, e se não fosse? Percorri as opções possíveis. Um, um espectro, esperando por outra chance de atacar. Dois, um vizinho nervoso. Três, alguém fazendo sua própria investigação sobre os espectros que atacaram Emme.

Pensei em gritar por Liam, mas isso poderia assustar a pessoa. E eu não queria fazer isso. Se alguém estivesse espionando os Landreaus, ou se os espectros tivessem voltado para outra mordida, precisávamos saber.

Minhas botas, felizmente, eram silenciosas e suaves, e não faziam nenhum som enquanto me esgueirava ao redor. Avancei até a árvore mais próxima, aguardei um momento no caso de ter feito muito barulho, ouvindo atentamente por algum som.

Eu sabia que não estava tão assustada quanto deveria. Não era que eu pensava que era invencível; eu não era ingênua. Mas estava sendo cuidadosa, e imaginei que as chances eram melhores de que o que estivesse aqui fora fosse fugir assim que me visse.

Da forma mais lenta e silenciosa que consegui, olhei ao redor do tronco da árvore em que eu estava me escondendo. Lá, na outra extremidade do beco de carvalhos, talvez a uns doze metros de distância, havia um homem. Ele era alto, de ombros largos, com cabelos claros. A escuridão apagara as cores para preto, branco e cinza, então eu não podia ver muito mais.

Então o vento mudou novamente, movendo névoa e sombras, e revelando o arco das asas nas suas costas.

Eu fiquei gelada e minha bravura vacilou. Havia uma chance de ser uma Paras inocente – uma ninfa de nuvens, talvez, o que teríamos chamado de Nephele.

Mas a maioria das coisas com asas eram coisas a serem evitadas. Anjos com seus arcos dourados, Valquírias com suas lanças mortíferas. Ambos eram lutadores ferozes.

Memórias me atingiram, fazendo minhas mãos tremerem com adrenalina e medo. Mas como fiz tantas vezes antes, os afastei. Não havia tempo para ser fraca, ter medo. Especialmente não se um deles tivesse conseguido evitar a Ilha do Diabo e estava caçando novamente.

Balancei a cabeça. Depois de ontem à noite, eu não tinha o direito de assumir que todos os Paras eram inimigos, não importa quão aterrorizante ele fosse. Eu deveria ser mais mente aberta. E precisava ser muito, muito cuidadosa.

Movi-me pela árvore, dei um passo adiante, depois outro, até que eu estivesse no meio das árvores, quase em linha com ele.

Se ele tivesse um arco e uma flecha, eu seria um tiro direto e fácil.

— Não — murmurei. Eu não tinha permissão para pensar nisso.

Juntei minha coragem e respirei fundo. — Quem é você? — perguntei.

O homem se voltou para mim. Eu ainda não podia ver o seu rosto, mas seus olhos estavam dourados na luz clara que penetrava através das árvores.

Olhos dourados, melhor ser sábio, falava a música de guerra que advertia as crianças a ficarem longe dos anjos.

Houve uma mudança de luz à medida que suas asas se retraíam, desapareceram. Essa era uma das razões pelas quais os anjos eram tão aterrorizantes durante a guerra: você não sabia que eles eram anjos até que se preparassem para voar.

Escuridão o engoliu novamente. Eu não podia dizer se ele era amigo ou inimigo, se estava aguardando um momento para atacar – ou procurando a mesma

informação que nós. Afinal, a existência violenta dos espectros apenas fortalecia a ideia de que os Paranormais eram ruins, perigosos e sempre nossos inimigos.

— Claire? — Pulei ao som da voz de Liam e olhei para trás com surpresa. E quando olhei novamente para a fileira de árvores, o homem havia partido. — Maldição.

— O que você está fazendo?

— Havia alguém aqui fora. — Seu olhar se moveu para os carvalhos, examinando. — Onde?

Assinalei o local. — Eu acho que era um anjo.

— Não vi nenhum anjo fora da Ilha do Diabo. Você tem certeza de que viu asas?

Assenti. — Sim. E vi Nephelai e Valquírias. Eu sei dizer a diferença, mesmo no escuro. — Especialmente no escuro. — Era um anjo.

— Não sei se chegar perto dele foi uma ótima ideia.

— E você teria deixado ele voar para longe?

— Ponto justo.

— Maldito seja. — Eu andei adiante, nós dois procuramos uma pista sobre o que o anjo estivera procurando, e o que ele fazia aqui.

Liam se agachou, as mãos cruzadas na frente dele. — Aqui — disse, apontando a impressão de um calçado em uma área apenas suave o suficiente para manter a impressão.

— Por que ele estaria aqui?

— Não sei — disse Liam, e não gostei de ouvir esse tom tenso e aflito. Ele estava preocupado. Ele levantou novamente, e nós ficamos no escuro por um momento.

— Obrigada por ter vindo aqui esta noite. Por Gunnar. E por mim.

— De nada.

— Devemos voltar para dentro — disse eu. Mas nenhum de nós se mexeu. Nós ficamos de pé, o único som sendo nossa respiração e o zumbido das cigarras, a trilha sonora de uma noite quente do sul. Quando comecei a ir em direção à porta, Liam entendeu a mão e pegou meu pulso.

Sua pele estava quente contra a minha, seus olhos escuros e intensos, e assim como aquecidos. Havia necessidade lá, pensei, mas isso não era tudo. A

necessidade era uma emoção simples. E não havia nada simples no desejo em seus olhos.

— Vocês estão aí?

Pisquei com o som da voz de Gunnar do outro lado da fila de árvores. E assim que o nevoeiro levantou e rolou, o momento passou. Os dedos de Liam se afastaram.

— Nós estamos indo — respondeu Liam.

• • •

Cantrell pode ter tido problemas com a Contenção, mas Stella os ignorou. No momento em que voltamos para a casa, ela arrumou um prato para levarmos para casa. A refeição não era tão sofisticada quanto a sua casa – MREs em uma caçarola – mas a intenção era boa.

Gunnar decidiu ficar esta noite com seus pais, então pegou emprestado o jipe de Campbell e nos levou à loja. Liam e eu não dissemos nada o passeio inteiro.

Tadji e Burke nos encontraram na porta. Um jogo de tabuleiro estava espalhado na mesa. Tadji não parecia muito irritada, então tomei isso como um bom sinal.

— Como está Emme?

— Consciente, então isso é bom — disse eu, colocando o prato sobre a mesa.

— E a Sra. Landreau nos deu uma caçarola de MRE.

Ninguém se ofereceu para levá-la para casa.

— E os espectros? — perguntou Burke com uma careta.

— Dois deles, machos — disse Liam.

— Os mesmos espectros do ataque no Quarter?

— Não sabemos — disse Liam. — Não há provas que confirmem isso ainda.

Claire viu alguém lá fora, e encontramos uma pegada.

Ele não mencionou as asas, então também não fiz isso. Ainda não se sabia se o indivíduo alado era amigo ou inimigo, então também não poderia aumentar o alarme e colocar um alvo nas costas dele até sabermos mais.

— Eles estavam com os espectros? Ou olhando para a casa? — perguntou Burke rapidamente.

Tadji cruzou os braços, olhou entre nós com preocupação. — Por que alguém estaria vigiando a casa?

— Não sabemos — disse Liam. — Poderia ser outro caçador procurando uma recompensa, tentando rastrear os espectros.

— Pobre Gunnar — disse ela. — E que pesadelo. São duas noites de drama de espectros.

— Não foi minha semana favorita até agora — concordei. — E está tarde. — Gesticulei para Gunnar, ainda na calçada, fazendo notas em seu minúsculo caderno. Provavelmente, faria relatórios para a Contenção amanhã. — Ele te dará uma carona para casa.

Tadji assentiu. — Bom. Tenho três entrevistas amanhã. Eu gostaria de estar acordada para elas.

Tadji e eu trocamos abraços, e então Burke se moveu também. Ele poderia ser novo no grupo, e talvez não fosse um companheiro para Tadji, mas certamente não estava desistindo facilmente.

A longa noite terminou novamente com espectros na minha mente e Liam Quinn na minha loja. Mas essa noite, houve uma nova emoção em camadas sobre ela. Um novo tipo de interesse.

— Isso está se tornando um mau hábito — disse eu, mudando-me para a mesa para colocar as peças de jogo na caixa. — Eu, você e os espectros.

— Sim. É o mundo que temos, eu acho.

— Eu acho. Não é um pensamento otimista.

— Não, não é. Sinto muito por Emme. Se você descobrir qualquer outra coisa, ou se ela lembrar de outros detalhes...

— Eu vou deixar você saber — prometi. Tampei a caixa, levei para a prateleira e fiquei ali por um momento. — E se isso for minha culpa... se ela foi ferida porque não os matei...

— Você não controla o comportamento deles — disse Liam. — Eles poderiam facilmente ter atacado você, te matado.

— Sim, mas se eu os tivesse matado na noite passada...

— Não — interrompeu Liam, aproximando-se. — Nunca deseje que você tenha matado alguma coisa.

Virei para encará-lo. — Eu fiz.

Eu não costumava dizer essas palavras em voz alta. Disse isso porque sabia que ele entenderia. Porque matar não deve ser fácil, esperado ou apenas parte da vida, apenas parte da cadeia de guerra. Porque não pensei que ele julgaria.

Porque eu queria sentir alguma coisa.

A expressão de Liam suavizara. — Como?

Fiz uma pausa. — Eu estava em casa sozinha. A escola foi cancelada até então, mas eu tinha dezessete anos. Uma valquíria entrou através da porta da frente – arrancou-a de suas dobradiças. Alguns soldados da Contenção a perseguiram. Ela provavelmente estava procurando um lugar para se esconder. Ela disse alguma coisa – não entendi a linguagem – e então me deu um sorriso feroz. Seus dentes estavam afiados em pontos, e ela usava aquela armadura dourada.

Todos eles usavam uma armadura dourada, os Paras que lutaram contra nós. Era muito brilhante, polido a um alto brilho e absolutamente eficaz. Os militares gastaram muito dinheiro tentando descobrir como penetrá-lo. Eles finalmente descobriram que o ferro cortava essa liga particular como manteiga. Essa foi outra lição de que os mitos humanos – neste caso, sobre o poder do ferro frio contra as criaturas sobrenaturais – muitas vezes tinham uma base no Outro mundo.

O medo aumentou, frio e mordendo. Engoli em seco, e terminei de contar a ele.

— Eu tinha uma arma. Meu pai havia me dado, me ensinou os conceitos básicos de manipulação. — Fiz uma pausa. — Eu a matei. Ela não me deu uma escolha. Naquele momento, estávamos no gramado da frente. A Contenção entrou, encontrou-me e a levou. Um soldado chamado Guest, Sandra Guest, me ajudou a limpar. Chamou meu pai. Eu matei mais dois depois disso. Goblins ou anões. Não tenho certeza de qual.

— Sinto muito.

Assenti. — Eu também. Sei que fiz isso porque tive que fazer. E sei que posso ter que fazê-lo novamente. Mas não quero. Não quero que a morte seja normal. Não quero que a morte seja habitual.

Liam cruzou os braços. — Meu primeiro Paras foi um Seelie. Foi logo após a abertura do Véu. O poder já havia desaparecido, mas a casa ainda não havia sido destruída. Nós estávamos todos na casa... a extensa família Arsenault... esperando que algo acontecesse.

— Era a casa da Esplanada? — Liam assentiu e cruzou os braços. — Sim. Um dos meus primos disse: *Há uma garota no gramado*. Eu fui olhar, e com certeza, lá estava ela. Ela era bonita, tão bonita. Membros longos. Vestido claro. Eu vi o traço de carmesim em seu rosto, mas pensei que ela era humana, que estava ferida. Isso aconteceu antes de criarem os Guias.

O CCP finalmente criou Guias para nos ajudar a identificar Paras, especialmente aqueles que pareciam tão humanos.

— Eu fui e perguntei se ela precisava de ajuda. Ela deu o sinal, e eles atacaram a casa. Havia uma dúzia deles, talvez dezesseis. Atirei nela, a matei. Os Seelie ficaram furiosos. Eles incendiaram a casa antes da Contenção chegar. Todos conseguiram sair, mas esse foi o começo do fim do reinado dos Arsenault em Nova Orleans. — Seu tom era pesaroso. Triste.

— A guerra é o pior.

Eu não estava brincando, mas o sentimento o fez sorrir. — Sim é. Realmente é.

— Então, o que fazemos agora?

— Você continua trabalhando com a Nix. Preciso voltar ao trabalho. Eu não saí, e nós sabemos como a noite passada acabou. Preciso sair amanhã, então talvez eu possa não estar por perto.

Liam falava sobre caçar o espectro. Fiz uma decisão rápida e potencialmente mortal. — Eu quero ir com você.

Suas sobrancelhas levantaram. — Por quê?

— Porque eles me atacaram, e à irmã do meu melhor amigo. Porque acredito assim como você... que eles estão mudando. Que algo está acontecendo. E se houver mais espectros, se algo está fazendo mais deles, isso significa que eu também estou em risco. Não posso ficar esperando que isso aconteça.

Liam ficou satisfeito por eu ter me oferecido, mas não convencido. — Você poderia se machucar.

— Assim como você. Eu também poderia ajudar.

— Você não pode usar magia. Não com os monitores.

— Não, mas eu sei como atirar — disse eu, severamente. — E tenho o que eles querem.

— Que é?

— Magia. Os espectros no Quarter sentiram isso. Consegui tirar a atenção deles da garota que estavam perseguindo.

— Para ser justo, você também estava acenando com um galho muito grande.

Não pude deixar de sorrir. — Efetivamente, eu poderia acrescentar.

Ele riu, e balançou a cabeça. — Então, basicamente, você está se propondo a usar-se como isca?

Eu realmente não gostei da maneira como isso soou... *você está propondo ser o guerreiro feroz e ruivo que você é* teria sido melhor, mas foi um resumo impreciso do que eu disse. — De certa forma, acho que estou.

Ele deu um passo à frente. — Eu disse que você era imprudentemente corajosa, não era?

Ele estava perto o suficiente para eu ter que olhar para cima para ver seu rosto. E Deus, que rosto. Eu poderia ter dito que Liam Quinn não era o homem mais bonito que conheci. Mas isso seria uma mentira. E eu poderia ter dito que não queria avançar e me afundar em seus braços. Isso também seria uma mentira.

— Sim.

Ele olhou para mim, testa franzida. Seus olhos escureceram novamente, as emoções em conflito contra o fundo do azul mais escuro. E conforme ele olhava para mim, enquanto nos olhávamos, o tempo diminuiu e o momento pareceu se esticar na nossa frente, cheio de promessas.

Liam abaixou a cabeça, cílios caindo quando ele se moveu em minha direção, avançando, suas mãos repentinamente em minhas bochechas, os polegares acariciando meu rosto, curvando meu queixo.

Meus batimentos cardíacos gaguejaram, aceleraram. Fechei os olhos, os lábios entreabertos de desejo, esperando por aquele momento de eletricidade, de conexão. Seus lábios pairavam, pouco afastados dos meus. Antecipação e desejo construídos, levantados, girando juntos.

Ele deixou a testa cair contra a minha. — Jesus, Claire. — Sua voz era grossa com o desejo, e me preparei para a investida.

Mas então ele recuou.

Meus olhos se abriram. A perda de seu corpo me resfriou; senti como se estivesse no gelo.

Ele passou uma mão na mandíbula, sua respiração áspera com desejo insatisfeito.

— Liam?

Ele balançou a cabeça, mas não com firmeza. — Desculpe, mas isso não pode acontecer. Não posso permitir isso. Mas se as coisas fossem diferentes...

Eu olhei para ele. — O que isso significa?

O relógio bateu duas. Liam levantou o olhar para o relógio e depois olhou para mim. — Está tarde. Você precisa dormir e eu preciso ir. Agora.

E com isso, Liam Quinn entrou no Quarter novamente.



Capítulo 12

Muitos moradores depois de uma guerra se adaptam ao que resta, imaginando construir coisas que você conhecia com o que você possuía.

Havia uma caixa de correio em latão na porta da frente da loja. Uma vez que era tão difícil manter contato sem telefones ou computadores, e a entrega de correio não era exatamente eficiente na Zona, eu deixava que pessoas usassem a caixa e um cubículo antigo para compartilhar mensagens e trocar mercadorias. Os clientes – e esse era o único porém: eles precisavam ser clientes – podiam colocar seus nomes nos cartões nos detentores de etiquetas de metal do cubículo. Isso lhes dava conforto, uma maneira de se conectar com as pessoas em um mundo que era tão diferente daquele que era anteriormente.

Então, na manhã seguinte, após uma noite do que só poderia ser chamada vagamente de *dormir*, eu peguei as mensagens e os pequenos pacotes encapsulados no espaço durante a noite, e recebi alguns agentes da Contenção que vieram por provisões. A Contenção os alimentava, é claro, mas eles compravam uma barra extra de sabão ou algum açúcar de vez em quando.

Enquanto examinavam meu inventário, peguei a pilha de mensagens para o cubículo e comecei a arquivá-las. Uma era para mim – uma nota de Gunnar em seu próprio papel timbrado, importado de fora da Zona: — Emme está acordada e bem. Ela não observou os espectros antes de atacá-la, e o ataque em si é principalmente um borrão, então sem sorte. Obrigado pela noite passada. Te amo.

Fiquei feliz ao saber que ela estava bem, mas desapontada por não podermos confirmar se estávamos lidando com os mesmos espectros. Pelo menos não desse jeito.

O dia estava absolutamente lindo. Abri as portas da frente e da parte traseira para que a brisa circulasse, coloquei um CD da banda Preservation Hall Jazz em um antigo tocador. Até mesmo os agentes da Contenção sorriam para a música. Recordava a todos nós, penso eu, que ainda havia algo bonito no mundo, mesmo que não o víssemos todos os dias na Zona.

Infelizmente, o jazz não era suficiente para tirar minha mente de Liam Quinn. A última noite me abalou. Chegar tão perto de algo que eu nem sabia que queria, e então saber que eu cheguei apenas para tê-lo arrancado... Eu não sabia exatamente o que passava pela cabeça de Liam, ou o que ele não podia *permitir* sobre mim. Mas eu tinha uma suspeita afundando. Eu era uma Sensitiva – um espectro à espera. Eu me tornaria um espectro se não conseguisse aprender a controlar minha magia corretamente. Se não estivesse suficientemente vigilante, ou se cometesse um erro, eu me tornaria o mesmo monstro que matara sua irmã, o que ele caçava. Como ele poderia me querer quando fosse esse o caso?

A lógica não funcionou melhor do que o jazz. Fiquei envergonhada, triste e enlouquecendo emocionalmente.

Eu estava no balcão obcecada e organizando as cópias de recebimento do mês quando Tadjì entrou. Hoje, ela usava jeans e uma blusa linda, uma bolsa carteiro desgastada suspensa em seu corpo. Ela parecia bonita e chique como sempre.

— Está incrível lá fora. — Ela colocou a bolsa no balcão. Ela era uma boa distração.

— Eu sei, certo? Seria um belo dia para um piquenique junto ao rio.

Ela sorriu, empurrou um cacho atrás de sua orelha. — Se tivéssemos vinho, frutas e palmeiras?

— Temos produtos MREs e queijos. Se isso é bom o suficiente para a Contenção, é bom o suficiente para nós.

Ela bufou. — Como foram suas entrevistas?

— Boas — disse ela. — Uma já foi, faltam mais duas.

Ela se afastou para que um homem comprando um Times-Picayune pudesse avançar.

Agradei, esperei até o cliente acenar para sair. — Conte-me sobre isso — disse eu a Tadjì.

— A primeira senhora era de uma parte da cidade a meio caminho de Lafayette. Seu filho a leva para a cidade todas as semanas para comprar suprimentos. Foi assim que ouvi sobre ela.

— Qual é o nome dela?

— Delores Johnson.

Levantei minhas sobrancelhas. — Ela não faz compras aqui.

— Esta não é a única loja em Nova Orleans.

Murmurei. — A existência de outras lojas não faz certo. O que ela tem a dizer?

— Falamos sobre sua história, suas experiências. A maneira como ela pensa sobre a guerra e o que veio depois, sobre a magia, sobre onde ela mora. — Ela se encostou no balcão, seus olhos iluminados com propósito. Este era o lado favorito de Tadjí – porque ela parecia mais feliz quando estava trabalhando.

— É realmente interessante, na verdade. Ela me disse que costumava estar muito concentrada no que aconteceria posteriormente... em suas recompensas no próximo mundo, a vida após a morte, sobre o que aconteceria a sua família quando ela se fosse, esse tipo de coisa. Ela estava realmente focada no futuro.

— Mas agora, já que a magia está aqui, ela fala sobre *aqui e agora*. Sobre *poder e fazer* as coisas, *produzir* coisas. A guerra parece ter, eu não quero dizer que *a deixou focada* porque é uma guerra, afinal, mas talvez tenha feito ela se concentrar no agora.

— Interessante — concordei. — Ela tem, o que eles chamam, *agência* agora?

— Sim. Eu acho que é realmente para onde está indo. É uma agência legítima? Quero dizer, ela está numa zona de guerra. Ela pode realmente fazer alguma coisa, ou apenas percebeu que pode? — Ela deu de ombros. — Não sei. Mas é realmente interessante assistir como a mudança no estilo refletiu a mudança na sociedade.

— Concordo. Fico feliz que tenha sido uma boa entrevista.

— Obrigada. Alguma palavra sobre Emme?

— Gunnar disse que está acordada. Aparentemente não se lembra muito.

— Provavelmente eu também não gostaria de lembrar disso. É uma loucura, não é? Dois espectros correndo por dias causando problemas. Você pensaria que a Contenção os teria parado antes.

— Ainda é uma cidade grande, com muitos lugares para se esconder — disse eu. — E os monitores mágicos podem fazer apenas um pouco. — Perversamente, eu estava agradecida por isso agora.

— Eu sei. — Tadjì limpou a garganta. — Escute, eu queria te dizer, estou tentando entrar em contato com minha mãe. Farei uma viagem para vê-los, talvez. Já faz muito tempo e não sei. — Ela olhou para cima e ficou distraída. — Essas entrevistas só me fizeram querer fortalecer essas conexões.

Não me incomodei em esconder minha surpresa. — Sêrio? Pensei que você não soubesse onde eles estavam.

— Eu não sei, exatamente. — Ela arranhou distraidamente seu braço. — Mas sei onde costumavam viver. Achei que esse seria o melhor lugar para começar.

— Há quanto tempo?

— Cerca de dois anos.

— O tempo voa quando você está se divertindo em uma zona de guerra.

Ela fez um som vago de acordo. — Eu acho.

Entreguei a uma cliente um saco de papel de mercadorias que eu já havia embalado para ela naquela manhã. Ela fazia uma entrega para loja. Eu não fazia isso por muitos, mas seu filho morava fora da Zona e enviava dinheiro a cada poucas semanas, e ela sempre pagava antes de receber.

— Obrigada, Sra. Rosenberg — disse eu, e ela assentiu, levando o saco.

Tadjì tirou um caderno da bolsa e olhou suas anotações. Ela abordou a ideia de visitar sua família, então talvez estivesse aberta para mais algumas perguntas. Mesmo que não falasse muito sobre isso, me perguntei se a magia estava sempre em sua mente tanto quanto estava na minha.

— Então, sua mãe, sua tia — disse eu, calmamente, embora a loja estivesse vazia. — Você disse que elas praticavam voodoo enquanto você crescia?

Tadjì manteve os olhos no caderno. — Sim.

— Quando o Véu se abriu. Quando percebemos que a magia era realmente uma coisa. Você pensou que o que elas faziam... era real?

Ela fez uma pausa, depois fechou o caderno, colocou-o cuidadosamente de volta na bolsa. — Eu acho que isso depende da sua perspectiva.

Não é exatamente uma resposta. — Onde elas moravam? Elas estavam ao norte de Baton Rouge, certo?

Ela olhou para mim por um bom e sólido minuto. — Isso importa? — O tom em sua voz me fez recuar novamente. — Bem, não. Eu estava só perguntando.

Ela pegou a bolsa, colocou-a sobre o ombro, e ajustou-a. — Eu deveria ir. A próxima entrevista é em poucos minutos.

— Tadjì...

Mas ela balançou a cabeça. — Eu deveria ir.

— Ok — disse eu, hesitante. — Tenha cuidado lá fora.

Tadjì assentiu, e a vi sair, sentindo como se eu tivesse ferrado meu segundo relacionamento em dois dias.

Eu vivia duas vidas – uma mágica, uma não mágica. E manter as fronteiras claras estava ficando cada vez mais complicado.

• • •

Os negócios foram rápidos. Fiquei feliz por ter algo mais a pensar, mesmo que fosse difícil se concentrar em sabonete e pilhas quando minha mente estava ocupada por Contenção, Paranormais, espectros, e agora Tadjì e Liam.

Ao meio dia, o sino da porta soou. Um homem que eu nunca vi entrou.

Ele era alto, com o cabelo castanho desgrenhado sobre uma testa alta. Seus olhos eram verdes e profundos, coroados por grossas sobrancelhas. Ele usava um terno cinza com um colete e uma camisa com botões. Eu não consegui me lembrar da última vez que vi um homem de terno.

Eu o identifiquei como da Contenção. E mesmo que eu estivesse ajudando o pessoal da Contenção toda manhã, havia algo diferente nele. Ele era um desconhecido – e isso me assustou.

Ele caminhou em direção ao balcão, e sorriu. — Jack Broussard — disse ele, puxando a carteira de couro preto que segurava seu distintivo de identificação.

Olhei para ele e assenti com a cabeça enquanto meu estômago apertava em nervos. Não pensei que houvesse uma razão para eu estar nervosa em ser uma Sensitiva – não quando cuidamos da evidência – mas o fato de ter cuidado da evidência provavelmente era um problema. Ainda assim, ficar irritada não ajudaria em nada, então fiquei calma.

— Claire Connolly.

Ele guardou a carteira e olhou para a bengala de coruja ainda no balcão, ainda sem engrenagens. Ele passou o polegar sobre o bronze. — Isso é bom.

— Obrigada. Está quebrado no momento, mas vou consertá-lo em breve. Você está no mercado?

— Os agentes não podem pagar antiguidades.

— Isso é a pena — disse eu. — Como posso ajudá-lo, Sr. Broussard?

— Jack está bem — disse ele. — Estou aqui apenas para fazer algumas perguntas... acompanhei sua entrevista sobre o incidente de espectro no domingo à noite. Você trabalhou na loja na Noite de Guerra?

Percebi que ele não estaria na loja se não soubesse a resposta à sua pergunta. Mas não havia motivo para tornar as coisas difíceis. — Sim. Eu estava aqui até as seis. Eu andei no desfile com meus amigos por mais ou menos duas horas, então voltei para a loja e vi a menina sendo atacada.

Ele acenou com a cabeça, moveu-se alguns metros para examinar um expositor que guardava principalmente bijuterias. — Seu pai era dono desta loja, e o seu avô antes dele?

— E meu bisavô antes dele.

— E agora você dirige a loja?

Por que isso é da sua conta? Era o que eu queria dizer. Mas mantive o meu tom calmo, apesar de não gostar de onde isso estava indo. — Eu sempre ajudei. Mas quando a guerra começou, meu pai começou a vender produtos secos, suprimentos. Eu me tornei mais envolvida. E quando ele morreu, eu assumi.

Broussard assentiu. — Você está ciente, Sra. Connolly, de que havia perguntas sobre seu pai?

Eu pisquei para ele, não compreendendo a implicação. — Perguntas sobre o quê?

— Sobre qual lado ele estava.

Resmunguei. — Qual lado? Eu acho que você está lendo os registros errados.

— Eu acho que você não estava ciente das atividades paranormais de seu pai?

— Meu pai não estava envolvido em atividades paranormais. Ele vendia antiguidades e, quando a guerra começou, ele vendeu suprimentos.

Havia, é claro, a pequena questão do isolamento do prédio, mas eu estava quase certa que o meu pai não fez isso. Um acidente de guerra, de magia. Mas nada no qual ele tenha participado. Se tivesse magia ou próximo de alguém que tivesse, ele teria me contado.

E mesmo que tivesse tido um amigo paranormal que isolasse o prédio, não havia absolutamente nenhuma dúvida sobre as lealdades do meu pai. Broussard estava tentando me irritar.

— Essa não é a informação que temos.

— Então sua informação está errada. — Eu poderia ouvir meu tom se tornar áspero, mas não me incomodei em mudar isso. Sua pergunta era ridícula e insultante. — Minha família manteve este bairro vivo durante a guerra. Nós ajudamos os militares a obter suprimentos antes da Contenção ou do Materiel. Nós alimentamos soldados quando os comboios estavam atrasados. Nós abastecíamos MREs para que os civis tivessem comida. Meu pai morreu por causa de seus ferimentos de guerra. Você quer saber de que lado ele estava? Ele estava no lado de Nova Orleans.

— Minhas desculpas. Não queria ofender.

— Sério? Tenho certeza que você disse isso apenas para avaliar minha reação. Então pensei que a ofensa foi bem planejada.

Seu maxilar apertou. — Estou fazendo o meu trabalho.

— Qual é?

— Cuidando desta cidade.

Gesticulei para a loja. — Então somos dois.

— Eu entendo que você é amiga de Liam Quinn.

Senti o rubor passar por minhas bochechas. — Eu não diria amigos. — Eu não diria muitas coisas, mas *amigos* não pareciam realmente cobrir isso.

— O que você diria?

Fique com o que a Contenção já sabe, eu disse a mim mesma. — Como você provavelmente sabe, ele está me treinando.

— Você o acompanhou para Ilha do Diabo.

— Ele pensou que eu seria uma boa caçadora de recompensas. Ele queria que eu a visse.

Broussard inclinou-se contra o balcão. — Ser um caçador de recompensas seria uma grande mudança de gerir esta loja.

— Eu já lutei com dois espectros — aponte. — E ainda cuido da loja.

— Touché, Connolly. — Ele se endireitou, ajustou a jaqueta do terno. — Eu entendo que você viu o apartamento dele.

Se a rápida mudança de tópico deveria me enganar, ele conseguiu. Imaginei que haveria câmeras na Ilha do Diabo, mas não que a Contenção estivesse interessada o suficiente para rastrear meus movimentos, ou os dele. Ainda assim, não havia nenhum ponto em mentir, ou elaborar demais.

— Muito brevemente.

— Você sabe que a irmã dele morreu, e ele tem uma obsessão doentia com a forma que ela morreu.

Levantei minhas sobrancelhas. Ele também viu o quadro? A Contenção esteve no apartamento de Liam? — O assassino da irmã dele foi um espectro. O trabalho dele é caçá-los. — Dei de ombros. — Isso parece bastante lógico para mim.

— Isso? Ou soa como um homem obcecado? Um homem não muito estável?

Eu não estava certa de que a Contenção era o melhor juiz da estabilidade de alguém. — Você teria que perguntar isso a ele. Como eu disse, ele está me treinando, não me analisando, nem vice-versa.

Broussard assentiu, como se estivesse avaliando coisas importantes e pesadas. — Eu poderia fazer isso. Poderia falar com ele. Não seria tão difícil. — Ele olhou para mim, considerando. — Ele mencionou que investigou seu pai? Antes que ele fosse baleado, quero dizer?

Todo o som do mundo caiu. Nunca estive em silêncio tão imenso quanto o silêncio que caiu ao meu redor na sequência dessa pergunta.

Entrei na Ilha do Diabo com Liam Quinn. Eu conheci a avó dela. Ele esteve na minha loja, conheceu meus amigos, viu minha magia. Eu contei tudo sobre mim, sobre minha família.

Talvez Broussard estivesse mentindo. Talvez isso fosse uma encenação, um truque, para me fazer duvidar de Liam. Mas talvez não fosse. E ele estava escondendo de mim, que acreditava que meu pai poderia ter sido um traidor.

Broussard observou minha reação, provavelmente poderia ver minha pele zumbindo com fúria repentina e inesperada. — Eu vejo que ele não lhe disse. Isso é curioso, você não acha?

Ele conseguiu parecer preocupado, como se realmente se importasse com minha reação, sobre minha possível dor. Mas eu não queria sua pena. E certamente não queria sua verdade. Eu tinha o que pensar.

Deslizei a coruja para mais perto, peguei um conjunto de pinças, fiquei orgulhosa de que meus dedos não estivessem tremendo, porque estava tomando um controle monumental. — Saia da minha loja. E não volte, a menos que tenha um mandado.

Broussard levantou as mãos. — Eu apenas pensei que você deveria saber. Nessas ocasiões, todos nós temos que descobrir em quem confiar. Entretanto, tenha cuidado. É perigoso lá fora.

• • •

Eu precisava de espaço. Precisava de ar. A loja parecia de repente sufocante, as paredes perto demais, minhas emoções muito altas.

Eu precisava sair.

Eu iria ao jardim, meu terreno no topo do antigo Hotel Florissant. Não haveria ninguém lá, e ficava bem longe da Royal Street. Peguei um avental e uma cesta de jardim forrada de lona de um gancho na cozinha, virei o sinal FECHADO na porta e tranquei.

Caminhei em direção ao rio, passando pelo beco onde minha vida mudara de repente apenas alguns dias atrás. Passei pela frente do hotel abandonado, o restaurante que tomou um canto do espaço completamente vazio, parecido com o resto do hotel. Tudo que era potencialmente útil foi removido muito tempo atrás – das cadeiras no lobby para os lanches nos minibares. Era assustador e deprimente, mas também um pouco impressionante, como as pessoas podiam cuidadosamente despir um hotel até os ossos.

Andei ao redor do prédio até a escada de incêndio, puxei para baixo aquela que dava acesso ao telhado, e subi os degraus. A borda da construção era marcada por árvores em vasos e plantas que recebiam muita água e luz no terraço ao ar livre. Uma cabana na outra extremidade já segurara uma piscina. Era agora a sala de armazenamento de potes extras, ferramentas e terra adubada. Havia uma caixa de compostagem na extremidade do pátio.

Colocamos vigas debaixo da piscina, enchendo-a de sujeira e transformando-a em um jardim para pequenas árvores e plantas com raízes mais longas. O resto do pátio tinha vasos retangulares onde podíamos cultivar plantas da nossa escolha.

Plantei vegetais para mim, Gunnar, Tadjí e alguns outros amigos que moravam no Quarter, principalmente pessoas mais velhas que sobreviveram à guerra e não tinham planos de sair, mas também não tinham muitos recursos. Eu vendi alguns extras na loja.

Outubro era o tempo de colheita de folhas e raízes em nosso pequeno jardim da Louisiana – couve, couve galega, espinafre, cenouras, beterrabas. Coloquei a cesta no chão e amarrei o avental. Puxei as poucas ervas daninhas que caíram na minha caixa, coloquei algumas conchas de água de chuva recolhida sobre as plantas que pareciam secas e retirei folhas mortas.

Quando meu pequeno terreno estava arrumado, cheguei à parte boa. Cortei espinafres e folhas de couve, jogando-as na minha cesta. Três cenouras, incluindo uma variedade branca que parecia um dedo realmente assustador, e quatro pequenas beterrabas. Pessoalmente, achava que as beterrabas eram repugnantes e com gosto de sujeira. Mas elas tinham muitos fãs no Quarter.

Sacudi o excesso de sujeira das beterrabas, coloquei-as com cuidado na cesta, para não manchar a tela. As beterrabas manchavam com facilidade, mas eram um corante de tecido muito bom. Enquanto pensava nas maneiras fantásticas de usar essas beterrabas perfeitas, usei a luva suja para limpar as lágrimas do meu rosto, provavelmente me sujando toda no processo.

Eu pensei ter encontrado alguém que poderia se identificar com o que eu estava passando. Senti-me mortificada. E completamente e totalmente traída.

Alguma coisa foi real? Ele estar na minha loja na Noite de Guerra? Levando-me para Ilha do Diabo para me *ajudar*? Ou isso era algum tipo de plano? Liam Quinn, o caçador de recompensas, apenas continuando seu trabalho investigando os membros traidores da família Connolly?

Senti-me realmente estúpida. E o fato de que a noite passada quase aconteceu – aquele quase beijo – acabou de tornar a dor mais intensa.

Tirei as luvas, descartei-as, depois caminhei até a beira do telhado e olhei para a cidade. Telhados de ardósia, varandas pretas, lacunas de construções destruídas e escombros que se destacaram como teclas de piano desaparecidas. E

na distância, o monstro incandescente da Ilha do Diabo, da prisão que eu estava tentando evitar.

De certa forma, eu recuei contra isso.

Coloquei meus cotovelos no parapeito e vi o rio correr. Por apenas um minuto, me deixei entrar na fantasia. Pensei em pegar minha bolsa e fazer uma saída real desta vez. Começar sem o Quarter, Contenção, Quinn. Eu me daria um novo nome, talvez cortasse e pintasse meu cabelo. Minha arma estava no cofre, com balas extras. Eu poderia usar isso para caçar o que restava, encontrar um lugar para acampar. Ou talvez encontrar alguns dos amigos de Nix, uma banda de *bons Paras Consularis* e viver com eles, evitar a Contenção.

Eu suspirei, enxuguei minhas bochechas. Sempre de volta a Contenção. Enquanto você estiver na Zona, a Contenção ficaria lá.

Levantei-me novamente, sacudi a autopiedade. Não era atraente, e mais importante, não era útil. Correr quando eu pensava que não tinha escolha era algo. Mas agora eu tinha escolhas.

Também tinha algumas perguntas para o Sr. Quinn.

• • •

Ele entrou às seis horas, com um sorriso no rosto e ainda mais barba por fazer. Ele usava uma camiseta justa, em camadas hoje, jeans e botas. As camisas eram largas o suficiente para que eu pudesse ver a protuberância de sua arma. Se não estivesse tão chateada com ele, eu teria dito que ele usava todo o conjunto muito bem.

Liam examinou a blusa, a saia, as meias e as botas que eu usava hoje, já que o tempo refrescou um pouco, e ofereceu um sorriso amigável. — Você está bonita. Você ficará bem se estragar um pouco dessa roupa?

O sorriso não podia competir com a tensão entre nós, ou minha raiva. Com a pergunta, andei até a porta da frente, e tranquei. Eu não queria nenhuma interrupção.

Seu sorriso desapareceu quando voltei. — O que há de errado?

— Eu quero a verdade. Sobre tudo.

Liam colocou as mãos nos quadris e franziu a testa. — A verdade sobre o quê? O que você está falando? — Ele fez uma pausa, incerto por uma vez. — Isso é sobre a noite passada?

Minhas bochechas aqueceram. — Não, não se trata da noite passada. Um agente da Contenção veio me ver hoje. E ele queria falar sobre você.

Liam congelou, o olhar se estreitando para mim como um predador vigiando sua presa. Ou talvez vice-versa. — Qual agente?

— Jack Broussard.

Seu rosto não registrou surpresa ou qualquer outra coisa. — Eu vejo.

— Você vai me contar?

Liam me observou enquanto o silêncio pesava ao nosso redor.

— Você investigou meu pai?

Se eu o surpreendi, ele não mostrou isso. Mas, novamente, ele não teria. E ele não respondeu, o que fez minha fúria ficar mais quente.

— Tudo isso era um truque? Você estar aqui na loja naquela noite? Ajudando-me a entrar na Ilha do Diabo? Você está tentando obter informações sobre Sensitivos? Essa é uma espécie de operação de captura? — Minha mente girou, tentando entender a teia que ele teceu, as complicações, os detalhes.

— *Não* — disse Liam, a palavra forte suficiente para fixar meu olhar no dele. Seus olhos brilhavam como safiras quentes. — Não, maldição. Não foi nada disso. Não é nada disso. — Ele passou uma mão pela boca, na mandíbula. — Sente-se, Claire.

— Diga-me.

Quando olhei para ele, ele fechou os olhos, parecia orar por orientação. Ele não era o único.

Liam tirou duas cadeiras da mesa. — *Por favor*, sente-se, Claire.

Eu me sentei, mas Liam não. Ainda não. Ele caminhou até a cozinha e abriu e fechou as gavetas. Tontura se instalou, apenas o suficiente para que minhas mãos tremessem. Quando ele voltou com uma garrafa de água fria, abriu a tampa e tomei um gole.

Ele sentou na outra cadeira, inclinando-se para me encarar, e passou a mão pelos cabelos. Então ele se inclinou, os cotovelos nos joelhos, e olhou para mim.

E me contou sua história.



Capítulo 13

— Eu tenho vinte e sete anos — disse Liam. — Eu tinha vinte anos quando a guerra começou. Eu era um júnior na Xavier. Planejava ir à faculdade de direito, principalmente porque era isso que Eleanor esperava. Quando a casa foi destruída, perdemos tudo o que nos importava. Ainda tínhamos dinheiro, mas o que isso teria feito na Zona? Não havia nenhum lugar para gastá-lo, e perdemos a saída por duas semanas, e eles começaram a fechar as fronteiras para manter a guerra contida. Então, nós não iríamos sair, e eu precisava manter minha família segura. Entrei no Cabildo... quando o exército ainda estava instalado, e eles me contrataram como um contratante.

— O que você fazia?

— Nós tínhamos terra, e eu gostava de acampar, caçar, era um ótimo atirador, bom rastreador – não tão bom quanto Gavin, mas muito bom – e conhecia meu caminho em torno do Louisiana do Norte. Então fiz praticamente o que eles queriam para pagar as contas. Acompanhei os comboios, trabalhei como escoteiro, caçava quando um comboio não conseguia entrar. Foi quando conheci o jardineiro – aquele Sensitivo que falei para você.

Eu assenti.

— Cerca de seis meses depois da guerra – isso seria abril – a Contenção começou a ficar preocupada. Perdemos batalhas em Shreveport e Vicksburg.

Eu assenti, lembrando. Nós tínhamos um rádio de ondas curtas na loja – era quando as estações ainda transmitiam na Zona – e escutamos os relatórios. O repórter chorou ao dar os números de vítimas. Havia cultos apocalípticos levando sinais através do Quarter, prometendo que o fim do mundo estava próximo. Eu

estava aterrorizada e era pouco maior que uma criança. Mas eventualmente, a maré virou e fechamos o Véu.

— A Contenção estava ciente de que eu era bem conhecido em Nova Orleans. Conectado, eu acho.

— Por sua família? Porque você é Arsenault?

Ele assentiu, uniu as mãos e olhou para o chão. — Nova Orleans sempre amou magia... inferno, metade do turismo no Quarter foi construído sobre ela – espectros, vampiros, voodoo – e a Contenção queria saber se algum deles era simpatizante com os Paras. Se eles poderiam destruir qualquer coisa que prejudicasse nossas defesas, ou ajudasse os Paras.

Ele molhou os lábios e olhou para mim. — Você se lembra da família Hanlon?

Franzi a testa. — Aqueles envolvidos no culto? — Eles decidiram que o fim do mundo estava chegando, e queriam estar na linha de frente. Eles mataram dois soldados humanos como um *sacrifício*, começaram a canalizar alimentos e suprimentos para os Paras.

— Sim. Eu os investiguei... e então os entreguei. — Ele se moveu no seu lugar. E quando não conseguiu se sentir confortável, ele se levantou, caminhou até as janelas da frente da loja e olhou para a cidade.

— Eu os investiguei porque estavam em uma lista que a Contenção me deu. — Ele virou, olhou para mim. — Seu pai também estava na lista.

Meu coração pareceu parar de bater. — Então você espiou meu pai? A mim?

— Fiquei de olho nele — disse ele com cuidado. — A Contenção não estava interessada em você.

Isso não tornava melhor. — Você estava vigiando-o porque ele era um traidor. Porque a Contenção pensava que ele poderia ser um traidor.

— Nós estávamos no meio de uma guerra.

— Maldição. — Eu me levantei, andei até o outro lado da sala e voltei novamente. — Ele morreu na guerra — observei quando voltei a encarar Liam. — Porque ele estava lutando por nós. Não havia nenhuma razão para ele estar em qualquer lista.

— Não é tão simples.

— Como não é simples? Você estava investigando meu pai como um traidor? Isso parece muito simples.

— Porque eu devia tê-lo entregue. Seu pai era um Sensitivo.

Olhei para ele. — O quê? Não, ele não era — disse eu, minha voz quase não competindo com o rugido nos meus ouvidos.

— Ele era. Ele o escondeu muito bem. De você, de todos.

— Não. *Não*, isso é um erro. — Apontei para ele. — Você está errado. Ele me diria se fosse um Sensitivo. Éramos muito próximos, Liam. Ele teria falado.

— Eu tenho certeza que ele queria proteger você. Para mantê-la longe de tudo isso. Provavelmente dessa conversa que estamos tendo agora.

— Não — disse eu, balançando a cabeça. — Isso não está certo.

Mas não havia evidência do contrário? — O isolamento — disse eu, silenciosamente, olhando para a parede de tijolos. — Ele deve ter tido um amigo. Outro Sensitivo, ou um Paranormal.

— Talvez — concordou Liam. — Eu não sabia que o prédio estava isolado até a última noite. Enfim, eu já havia começado a aprender que nem todos os Sensitivos precisavam se tornar perigosos. Ele não foi o único que não entreguei. A Contenção não sabia que eu não estava ajudando Sensitivos, é claro, porque não havia evidências incriminatórias de que qualquer um deles fosse realmente Sensitivo. Mas meu treinador não gostou disso. Ele acreditava, e aparentemente ainda acredita, que eu era desleal para a cidade, para o país. Ele terminou meu contrato.

As peças se encaixaram. — Jack Broussard era seu treinador.

Ele assentiu. — Ele está atrás de mim desde então.

— Espere, então, como você se tornou um caçador de recompensas? Quero dizer, se Broussard está atrás de você e encerrou seu contrato, como você conseguiu que a Contenção pagasse suas recompensas?

— Esses amigos da família no CCP que mencionei — disse ele. — Como você viu, Broussard não está especialmente preocupado em irritar as pessoas. Ele nem sempre seguiu a linha CCP, então ele tem muitos inimigos dentro e fora da agência. Eu tinha um bom registro, e não havia nenhuma evidência de que seu pai era Sensitivo. Ele era extraordinariamente cuidadoso.

— Se ele era tão cuidadoso — disse eu, calmamente. — Como você sabia?

Liam olhou para mim. — Eu o vi uma noite. Eu estava observando a loja. A energia estava desligada, mas vi um lampejo de luz.

— Velas ou algo assim — sugeri.

Liam balançou a cabeça. — Havia um brilho no ar, como uma esfera de luz. E quando ele se moveu, quando caminhou, ela o seguiu. Só durou alguns segundos. Ele provavelmente procurava algo na loja, não pensou no que estava fazendo.

Algo em meu coração suavizou, aqueceu. — Meu pai poderia fazer luz?

Liam assentiu. — Eu entendo que os espectros são perigosos e que qualquer Sensitivo pode se tornar um. E vi o resultado disso. Gracie viu o resultado disso. Mas não entendo porque a Contenção não ajudará os Sensitivos. Por que eles não reconhecem que isso pode ser feito. Ignorá-lo apenas alimenta o problema, coloca mais monstros na rua.

Eu me encolhi com a palavra.

Liam fez um som frustrado, e passou as mãos pelos cabelos. — Droga, Claire. Desculpe, Broussard te arrastou para isso. Eu acho que ele acredita nos pecados do pai.

Eu assenti, voltei à mesa com os joelhos bambos e sentei-me. Eu precisava de um pausa, pensar. Apertei meus dedos contra meus olhos, como se pudesse bloquear o mundo. Como se pudesse mudar a história completamente. Mas isso era um sonho impossível. Um sonho de criança. E eu não era uma criança por um tempo muito longo.

Ouvi ele voltar para mim, senti o ar mudar quando ele tomou o assento. — Por que Broussard veio até mim agora? — perguntei, abrindo os olhos.

Liam balançou a cabeça. — Não sei. A Contenção nos viu juntos duas vezes, três vezes, se alguém nos viu na casa do Landreaus. Sobre o que ele perguntou?

— Ele perguntou quão bem eu te conhecia. Ele disse que você estava obcecado com os espectros por causa de Gracie.

— Ele não está errado.

Não, ele não está, eu pensei. — Broussard voltará. Se ele pensa que pode ser capaz de chegar até você, ou vice-versa, ele não vai parar.

— Você provavelmente está certa.

O silêncio caiu.

— Desculpe — disse ele novamente. — Eu deveria ter sido sincero com você. Eu apenas... não quero machucá-la. E se ele não tivesse dito a você, não sei se eu conseguiria.

Eu acenei, e olhei para ele. — Obrigada por não entregá-lo. Eu queria que você tivesse me contado — mas estou mais irritada por aquilo que ele não me disse. Isso... isso dói — admiti. — Muito.

E toda a conversa do meu pai sobre manter minha cabeça baixa. Era isso que ele fazia? Escondendo quem ele era? Ele não poderia estar completamente escondido. Não se conhecia alguém suficientemente bom para isolar o prédio, presumivelmente, ele podia praticar sua magia. E saber que ele havia compartilhado isso com outra pessoa não ajudou.

Liam fez um som de acordo. — Também não estou entusiasmado com seu pai. Ainda que ele não soubesse que você se tornaria uma Sensitiva, ele poderia ter deixado você ver esse lado dele. Isso poderia ter facilitado os últimos oito meses.

— Tenho certeza que ele pensou que estava me protegendo — disse eu, mas não consegui muito entusiasmo. — Assim como você.

Liam assentiu. — E podemos ver quão bem isso acabou. De agora em diante — disse ele olhando para mim —, sem omissões. Nós dois merecemos melhor.

— Sim. Nós merecemos.

De repente, eu estava exausta. Não queria nada mais do que escalar na cama e ficar lá por uma semana. Mas ainda tínhamos trabalho para fazer.

Eu me levantei. — Nós íamos caçar.

O olhar de Liam levantou. — Você ainda quer ir?

— Os espectros que machucaram Emme ainda estão lá fora. E não há chance da Contenção mudar sua posição sobre os Sensitivos se os ataques do Espectros estiverem piorando. Descobrir o que está acontecendo é a única maneira de garantir que isso não aconteça comigo.

Liam levantou. — Você é muito notável, Claire Connolly.

— Obrigada — disse eu. *Mas ainda assim, potencialmente, um espectro.*

• • •

No caminho em direção à porta, peguei outra garrafa de água e uma barra de granola, depois parei no balcão. Enquanto Liam olhava para trás, abri o cofre, tirei a arma preta que meu pai me dera, confirmei que a trava de segurança estava ligada, com o cuidado de manter meu dedo longe do gatilho.

Liam virou. — Essa é a arma? — Ele não precisava dizer isso — era a única que usei para matar os Paras.

Assenti, puxei o tambor e verifiquei a câmara. Estava vazia. Eu tirei o depósito e verifiquei. Estava cheio, então recoloquei no lugar.

— Como é sua pontaria?

— Posso atingir o lado de um celeiro. — Eu era melhor com pequenas engrenagens do que com alvos à distância. Mas eu era boa o suficiente para estar segura.

— Você pode acertar um espectro?

Eu olhei para a arma. — Não há como trazer um espectro de volta. Torná-los inteiros novamente. Então, sim, se vidas estão em perigo, eu posso. — Eu não queria decidir se seria melhor matá-lo ou deixá-lo vivo para um eterno período na Ilha do Diabo.

Tirei o coldre de cintura que eu mantinha no Cofre, coloquei-o no cinto da minha saia, preendi a arma e olhei para ele. — Você está pronto?

Suas sobrancelhas se levantaram em diversão. — Eu estou, Annie Oakley. *Allons.*

— E mais uma vez em inglês?

— Vamos.

Isso eu poderia fazer.

• • •

Nós trancamos a loja, saímos, um constrangimento inteiramente novo se estabelecendo entre nós.

Eu não notei como Liam havia chegado a loja. Não era bonito. Uma caminhonete bastante enferrujada, a tinta que permaneceu era verde claro. Não envelhecera bem.

Subi no lado do passageiro, bati na porta para fechá-la, e ainda não estava absolutamente certa de ter fechado totalmente. — Este é um veículo e tanto.

— Ela faz o trabalho. Equipada para exigir a menor quantidade de eletricidade possível. Mas sim, ela não ganhará nenhum concurso de beleza. — Liam virou a ignição, e a caminhonete ganhou vida.

— Para onde vamos?

— Garden District. Esse é o último ponto de contato com os espectros. Quero ver se podemos encontrá-los novamente.

Acenei com a cabeça, abaixei a janela, deixando a brisa entrar. Liam circulou pelo Quarter para voltar ao Canal, e assisti o sol se pôr atrás de prédios e palmeiras queimadas. Não havia pessoas à vista.

Morrendo de fome, puxei minha barra de granola, abri o invólucro. Eu quebrei um pedaço e estendi a Liam. — Você quer um pouco?

Ele olhou para baixo, então para mim. — Você tem certeza?

— Positivo. Mas não fique excitado demais.

Ele aceitou o pedaço, colocou-o na boca e fez uma careta. — Droga. Isso não é bom — disse ele com a boca cheia de migalhas.

— Não, não é — disse eu, mastigando minha metade. — Provavelmente velha — acrescentei, mas não verifiquei a data de validade. — Nós ficamos um pouco mais vagos com expiração e *válido por* atualmente. Na maioria das vezes, tudo bem. Outras vezes, você comia uma barra de granola que tinha gosto de poeira com cola.

— Falando em nada bom, acho que seu assento está quase fora da almofada. — Eu me movi, tentando encontrar uma posição confortável. Era como estar sentada em um bloco de concreto coberto de mármore.

A caminhonete saltou, nos agitando em nossos assentos e enviando uma nuvem de fumaça cinza atrás de nós.

— E ela se ofende facilmente — disse eu, depois acariciei o painel. — Eu não culpo você. Falo com o seu proprietário desleixado.

Liam grunhiu, entrou na St. Charles, desacelerando ao chegar ao Garden District, propriamente dito, e abaixando a janela. A caminhonete não era exatamente silenciosa, mas sem bondes, aviões ou os sons das pessoas urbanas, ainda podíamos ouvir os grilos chilrear na grama, aproveitando o verão prolongado.

Passamos a casa do Landreaus, as luzes acesas e calorosamente brilhantes. Gunnar provavelmente estava jantando com eles, mantendo o olho em Emme para ter certeza de que ela estava bem.

Liam dirigiu lentamente, os olhos atentos para os espectros, para o caso de estarem perto da casa. Mas não havia nenhum sinal deles.

Ele virou para o sudeste, em Fourth Street. Era um caminho na direção contrária, mas isso não importava agora.

As casas variavam em tamanho, mas a maioria era bem cuidada antes da guerra, com cercas de ferro forjado, de tijolos, ou cobertas de videiras para separar os jardins dos vizinhos. Quase todas as casas que restavam eram escuras, as árvores sobreviventes e a grama alta, as baterias dos carros há muito tempo mortas. O asfalto estava rachado, assim como as calçadas, as quais alternavam entre concreto e tijolo. Fazia muito tempo desde que o bairro foi habitado.

— Eu costumava andar pelas casas — disse ele.

Olhei para ele. Seu olhar estava em um pequeno carro alinhado contra o caminho, a porta aberta. — Andar nelas?

— As vazias. Eu me deixaria entrar...

— Como você gosta de fazer.

Ele bufou. — A porta da loja estava destrancada. Quanto às casas, nunca invadi uma porta trancada. Não queria que ninguém estivesse atrás de mim. Mas se tivesse tempo de folga, e uma porta estivesse destrancada, eu entrava. Dava uma olhada. Via como eles viveram. Como eram suas vidas.

Esse era um lado de Liam Quinn que eu não esperava ver. — E como elas eram?

Ele franziu a testa, considerando. — Algumas das casas estavam completamente vazias. Eles levaram tudo o que podiam. Em outras, era como, não sei, espiar a vida de alguém. Ainda havia roupas nos armários. Revistas na mesa de café. Brinquedos nos quartos das crianças. As camas estavam feitas. Muito mais bolor, às vezes mofo, por causa da umidade, mas por outro lado, eram apenas casas. Perguntava-me para onde as pessoas foram.

— Você já pegou alguma coisa?

— Não, mas pensei nisso. O mais próximo que cheguei foi em uma casa na Gentilly. Eu estava rastreando um espectro, perdi-o, mas vi essa casa e entrei. A maior parte estava empacotada – você poderia dizer que eles saíram – mas deixaram algumas coisas. Espelhos. Alguns brinquedos e equipamentos esportivos. E em um quarto – parecia o escritório do pai – havia modelos de aviões pendurados no teto, provavelmente uma dúzia. Muito trabalho feito neles. Pensei em tirar um. Parecia uma vergonha que todo esse trabalho fosse ser desperdiçado.

— Então, por que não pegou?

Ele encolheu os ombros. — Porque talvez eles voltem um dia. Ou talvez as crianças voltem. E essas memórias devem estar lá para eles. Deveria pertencer a eles. Não a mim.

Eu poderia praticamente sentir meu coração derretendo. — Sabe, você joga de durão, mas acho que tem um coração mole, Quinn.

Liam bufou, abriu a boca para responder, mas não teve chance. Houve uma série de movimentos na nossa frente, um grito.

— Merda — gritou Liam, depois pisou nos freios, jogando um braço para me impedir de ir para a frente.

A caminhonete parou com um guincho de pneus. Meu coração acelerou selvagemmente, eu ficaria surpresa se ele não pudesse ouvir.

— Espectros? — sussurrei.

Ele assentiu e puxou o braço. Espectros-na-frente-da-caminhonete era uma movimentação clássica para chegar à segunda base rapidamente.

Ele pegou uma lanterna, ligou-a, balançou em círculo do outro lado da rua. Houve um estalo, e a luz apagou, assim como as luzes da caminhonete.

— Filho da puta — disse ele, batendo uma mão no painel. Isso não ajudou.

— Magia de eletricidade.

— Sim — ele disse.

Estava escuro como breu, difícil de ver sem qualquer tipo de luz, especialmente nas ruas cobertas de magnólias e trepadeiras.

— Você viu algo?

— Eu acho que era uma menina. — Pensei ter visto um vislumbre de cabelos longos, talvez uma saia vermelha. Mas ela se moveu rápido, atravessou a rua e entrou no quintal antes de eu dar uma boa olhada nela. — Ela fugiu — disse eu.

— Sim, eu notei isso.

— Não, pense nisso: ela correu apenas porque nos viu. Que tipo de espectro faz isso? Que tipo de espectros não ataca imediatamente? — Ela também não pareceu se importar com minha magia, mas eu estava na caminhonete. Talvez não estivesse perto o suficiente.

Liam olhou para o escuro. — Essa é uma pergunta muito boa. — Ele desligou a ignição, abriu o porta-luvas e tirou uma caixinha preta.

— O que é isso?

— Tranquilizantes — disse ele. — Eles não duram muito tempo, mas se pudermos entrar em uma posição para usá-los, podemos evitar que ela se machuque, ou nós.

Como não tínhamos uma arma de tranquilizantes, imaginei que a *posição* significava se aproximar o suficiente para aplicar uma seringa. Isso era muito perto.

Liam olhou para mim. — Há algum ponto em lhe dizer para ficar no carro?
— Não.

— Pensei que não. A eletricidade está desligada, então os monitores não estarão ligados, nem as câmeras. Você pode usar sua magia se precisar, mas deve ter cuidado. Você pode não saber quando a eletricidade voltará.

Assenti. — Eu terei cuidado.

Ele saiu da caminhonete ligada. O arranque provavelmente era elétrico, e se a energia estivesse fora e ele o desligasse, não poderia reiniciá-lo, e voltaríamos caminhando para o Quarter.

— Siga-me — disse Liam, depois abriu a porta da caminhonete devagar e silenciosamente. Ele saiu, me ofereceu uma mão, e deslizei pelo couro rachado descendo do lado dele. Ele fechou a porta o suficiente para tirá-la do caminho, mas não se preocupou em trancá-la. Ainda não vi um espectro que pudesse fazer ligação direta em um veículo. Por outro lado, se eles ficassem mais inteligentes...

Ele se moveu até a frente do carro, e verificou o chão. — Acho que não a atingimos — sussurrou, então gesticulou para a calçada. Ele olhou para mim e colocou um dedo nos lábios. Assenti, concordando. Eu queria ouvi-la chegando. Ficar quieta era a única chance que eu teria para isso.

Nós caminhamos na calçada, tijolos em um padrão de espinha de peixe, e pisamos cuidadosamente sobre a superfície irregular. Havia duas casas com uma pequena faixa de grama e pedras no meio. Provavelmente, onde os proprietários estacionavam seus carros. Uma das casas era estreita. A outra era uma casa branca de dois andares com colunas gregas que sustentava a varanda, e um telhado triangular no topo.

Liam se agachou, verificou o chão e depois gesticulou para a casa em colapso. Ele deve ter visto pegadas.

Eu o segui até a varanda, e ele deu um passo cuidadoso nela. Sete anos sem manutenção poderia criar muitos problemas. Quando aguentou seu peso, ele fez um gesto para que o seguisse.

A porta estava aberta. Ele abriu um pouco mais, esperou na entrada para qualquer sinal de vida – ou espectro. Não havia nada, então ele entrou.

O vento açoitava, folhas e escombros mexendo na varanda enquanto eu seguia Liam para dentro da casa. Estava escuro e cheirava a poeira. Mofado. Os humanos que ficaram para trás provavelmente teriam limpado tudo de valor. Mas isso não significava que um espectro não se esconderia aqui.

Deixamos nossos olhos se ajustarem à escuridão, até que pudéssemos ver que o corredor central da casa se separava em cômodos do lado esquerdo e direito.

Um som quebrou o silêncio – um gemido constante, definitivamente feminino. Parecia que vinha de cada cômodo, e colocou todos os cabelos do meu corpo em pé.

O espectro nos chamava? Ou mais espectros?

— Ela está fazendo barulho — sussurrou Liam. Ele estava perto o suficiente para eu poder sentir o calor de seu corpo. Isso me confortou mais do que deveria. — Qual direção? — perguntou ele, em voz baixa.

— Não sei dizer. — E agora eu quase não podia ouvir sobre o barulho do meu coração. Enfrentar um espectro em uma rua bem iluminada era uma coisa. Percorrer uma casa escura e abandonada em uma cidade escura e abandonada era algo completamente diferente. Eu não acreditava em fantasmas; mas se fizesse, acreditaria que eles moravam aqui, neste memorial para um tempo diferente.

O som ecoou pela casa novamente. — Eu irei para a esquerda — sussurrei. — Você vai pela direita.

Ele agarrou minha mão. — Você ficará comigo.

— Não temos tempo para isso. A casa é muito grande. Nós vamos juntos, podemos perder o rastro dela, e nunca mais a encontraremos no escuro.

Ficamos em silêncio por um momento. — Se precisar de mim, chame meu nome.

— Eu vou.

E então ele se afastou, deixando o frio se estabelecer entre nós novamente.

Mudei-me para o limiar do primeiro cômodo e entrei. Eu podia ver as peças de mobiliário, um espelho acima de uma lareira que refletia apenas a escuridão.

Eu parei, esperei ouvir um movimento, ou mais sons, mas não havia nada. Uma brisa veio de uma porta do outro lado da sala.

Caminhei em direção a ela, pulei quando tive uma teia de aranha pendurada no meu rosto, e a afastei.

O próximo cômodo era uma cozinha. Um conjunto de armários em forma de U com uma ilha no meio, uma pequena mesa e cadeiras de encosto alto do outro lado da sala. Ainda parecia limpo – sem pilhas de latas vazias e garrafas. Talvez os saqueadores não tenham chegado a ela ainda.

Ela veio do nada. De repente, ela estava gritando e pulando enquanto tentava me agarrar, como se pudesse cavar a pele para chegar à magia que eu absorvia. Ela poderia ter corrido antes, mas agora estávamos em seu território. Nós a encurralamos, e ela se protegeu.

Eu pulei para trás, me movi pela ilha da cozinha, colocando o mobiliário entre nós, consegui olhar para ela pela primeira vez. Estava pálida e magra, seu cabelo loiro e fibroso. Mas não pensei que ela estava tão longe quanto os espectros da Noite da Guerra.

— Liam! Eu a encontrei!

Ela abriu a boca, fez aquele som novamente. Ela murmurou, parte choramingo, parte gemido, meio horrível, um grito gutural. Mas eu teria jurado que soava como uma palavra real. Algo como *contexto*.

— O que você disse?

— *Connnnteshtt!*

Poderia ter sido uma palavra, mas não tinha certeza. Não podia dizer.

— Eu ouço você — disse eu, dando um passo à frente. — Estou te ouvindo, tentando ouvir o que você me diz.

Coloquei uma mão na arma. Poderia ter atirado. Mas senti muita pena.

Liam tivera razão. Eu não poderia fazer isso. Não contra alguém que não teve tanta sorte como eu.

Mas eu tinha outras ferramentas. Havia uma mesa e cadeiras à esquerda dela. Se eu pudesse levitar uma das cadeiras, poderia usar isso como um escudo. Talvez a aprisionasse contra a parede até Liam chegar aqui com os tranquilizantes.

Eu senti a magia, comecei a puxá-la, reuni-la.

Ela gritou novamente, sentindo a reunião de magia, o que ela queria mais do que qualquer outra coisa na mundo, e me atacou. Ela não se preocupou com a

ilha. Ela voou como um animal, pousou em cima de mim, então ambas caímos no chão.

Medo passou sobre mim, afiado como suas unhas quebradas e esfarrapadas. Ela tinha um cheiro velho e azedo, e parecia quebradiça, mas, como os espectros da Noite de Guerra, ela era forte, como se a magia tivesse aumentado sua força.

Ela gritou comigo, gritou aquela palavra – ou o som, ou o gemido – novamente e novamente. Usei uma mão para tentar segurá-la, e com a outra, lidei com a cadeira, puxando poder e madeira ao mesmo tempo. Mas ao invés de se aproximar de mim, ela atravessou o chão, caiu, e raspou contra madeira.

Ela agarrou uma mecha do meu cabelo, puxou e gritou novamente.

— Droga — disse eu contra a dor, e estendi a mão para a cadeira novamente, empurrando toda a minha energia para uma onda final de magia.

Desta vez, a cadeira correu em minha direção. Empurrei ela com as duas mãos, usei as pernas para derrubá-la no chão. Eu me levantei, usando as pernas da cadeira para prendê-la no chão.

Liam apareceu na porta na nossa frente, parecendo obviamente aliviado por me encontrar em posição vertical e o espectro no chão, embora se contorcendo como um peixe.

— Quando eu disse a você sobre o tranquilizante, este não era o plano que eu tinha em mente.

Soprei o cabelo dos meus olhos. — Obrigada por fingir que isso parece algo que eu planejei.

Ele se apoiou em um joelho ao lado dela, abriu a caixa, tirou uma seringa e pressionou contra o pescoço dela. Mais alguns segundos de luta, e ela ficou visivelmente mole.

Ele me ajudou a levantar. — Você está bem?

— Estou bem. — Eu afastei o cabelo do meu rosto, puxei a saia que se amarrotou com a batalha e olhei para o espectro aos meus pés.

— Qual é o próximo passo?

— Agora nós a levamos para a casa.



Capítulo 14

Nós voltamos para o French Quarter e o portão da Ilha do Diabo, nuvens brancas movendo-se acima de nós. Nós tínhamos faróis novamente pelo tempo que chegamos à Canal Street. Bebi o resto da água na viagem, juntamente com um antigo pedaço de carne seca que Liam encontrou no porta luvas. Isso afastou a tontura, mas ela me atingiria com força mais tarde.

Eu disse a Liam sobre a garota, o que ela havia dito enquanto um relâmpago cruzava o céu. Uma tempestade estava chegando.

— Se isso significa alguma coisa — disse ele —, não reconheço.

Tanto por essa pista.

Ele estacionou a caminhonete perto do portão, e franziu a testa para mim. — Você quer ficar aqui?

Balancei a cabeça. — Não.

— Pode ser difícil de ver... assistir. Eles provavelmente colocarão camisa de força nela. E se ela acordar, eles terão que sedá-la. Ela provavelmente não reagirá bem a isso.

Eu podia ver a guerra nos olhos dele. Havia sempre uma chance de eu acabar na Ilha do Diabo também. E se eu fizesse, era ele quem teria que me trazer aqui.

Se as coisas fossem diferentes...

Mas elas não eram. Havia uma grande parte de mim que queria dizer não, ficar no carro e deixá-lo cuidar dessa parte. Mas isso não era justo com ele, e a negação também não me faria bem.

— Eu irei — disse eu. — Não tenho medo. — Era uma mentira, mas pensei que ele precisava ouvir.

— Ok. Então, vamos nos apressar.

Liam ergueu a garota em seus braços sem esforço e caminhou em direção à guarita.

O guarda, que não poderia ter mais de dezenove anos, manteve uma mão nervosa na arma na cintura. — Pare — disse ele, segurando uma mão. — Pare aí mesmo.

— Eu sou Liam Quinn, e sou um caçador de recompensas. — Ele assentiu com a cabeça para a garota. — Como você pode ver, ela é um espectro. E nós temos cerca de mais cinco minutos antes que o tranquilizante perca o efeito. Preciso levá-la à clínica e em uma camisa de força antes disso.

— Eu... preciso de alguma identificação.

— Está no bolso. — Ele acenou com a cabeça para mim. — Claire. Atrás, à direita, por favor.

Acenei com a cabeça, tirei a carteira do bolso traseiro de seu jeans. Eu fingi não notar o resto da arquitetura.

— Quatro minutos e quarenta e cinco segundos — disse Liam enquanto eu entregava a carteira para o guarda escanear. Quando terminou, recoloquei no meu bolso. Podemos resolver isso mais tarde.

— E sobre ela? — perguntou o guarda.

— Ela é minha estagiária. Quatro minutos e trinta e cinco segundos. Eu tenho uma arma, e você pode removê-la, ou posso mantê-la no caso dela acordar antes de a entregarmos.

O guarda olhou nervosamente para mim, Liam, e a menina nos braços dele. — Bem. Tudo bem.

Nos dirigimos na direção oposta da casa de Eleanor, mais perto do Quarter do que de Bywater desta vez. E não era tão tarde quanto a última vez que passamos, e havia mais Paras hoje. Principalmente adultos, algumas crianças. Uma família de Paras com impressionante pele vermelha e caudas espetadas, duas crianças se perseguindo por um longo trecho de grama que já foi a avenida Elysian Fields. Eu não sabia o suficiente sobre o Além para saber se isso era horivelmente irônico ou poeticamente apropriado.

A clínica estava a poucos quarteirões do portão, mas estávamos correndo quando chegamos lá. Era uma casa de dois andares na Frenchmen Street, em

frente a Praça de Washington. Dois andares azuis claros de janelas com persianas brancas, uma varanda de ferro forjado ao redor do último andar.

— Não é muito grande — disse eu.

— Este é apenas o primeiro edifício. Eles usam todos os edifícios no quarteirão, mantendo todos separados.

Ele alcançou a porta, abriu-a com um pé, manobrou a garota para dentro. Eu não me lembrava do prédio antes da guerra, mas parecia ser um escritório. A porta se abriu em um pequeno corredor com uma mesa de recepção vazia e um par de cadeiras antigas. Pisos de madeira antigos e riscados levavam a um corredor, com outras salas à direita. Ainda era um edifício antigo, e as paredes e o teto eram finos. Batidas e vozes abafadas – algumas delas muito insatisfeitas – ecoaram pela sala.

A menina começou a mexer.

— Lizzie! — gritou Liam, por causa do ruído. — Eu preciso de você!

Houve passos, e então uma mulher apareceu no limiar usando laranja brilhante. Ela era magra, com alguns centímetros a mais do que um metro e meio de altura, e a pele bronzeada. O cabelo grosso e escuro era cortado acima dos ombros e com listras de amarelo e laranja. Seu nariz era pequeno e reto, mas as íris eram da cor da chama, e elas se moviam e brilhavam como faíscas de fogo. Havia listras de cor ao longo do pescoço que desapareceram sob a blusa, e reapareceram abaixo das mangas para viajar até as pontas dos dedos. Apenas como fogo, eles se moviam como chamas dançando em sua pele.

Lizzie definitivamente não era humana. Um espírito de fogo de algum tipo, pelo meu palpite.

Ela me poupou um olhar, e olhou para Liam. — Espero que você a tenha tranquilizado desta vez.

— Sim. E está passando o efeito.

Ela assentiu, colocou dois dedos na boca e assobiou estridentemente. Houve alguns passos, e dois homens em jalecos apareceram na entrada. — Pegue a camisa de força primeiro, em seguida, coloque-a em um quarto.

O primeiro se aproximou, seus olhos as mesmas brasas ardentes, e deixou Liam transferir a menina em seus braços. Eles saíram da sala, descendo o corredor.

Lizzie empurrou uma mão em seus cabelos, o fogo em sua mão mudando enquanto se moviam. Como o fogo em si, era um pouco assustador, e um pouco incrível. — Não vi você essa semana.

— Longa história — disse Liam, depois gesticulou para mim. — Lizzie, esta é Claire Connolly. Claire, Lizzie.

— Oi, Claire. — Lizzie olhou para mim, o fogo em seus olhos acendendo quando olhou meu rosto novamente. Eu não sabia como ela fizera isso, mas não havia dúvida que ela sabia o que eu era. — Bem — disse ela, sorrindo —, esse é um desenvolvimento interessante.

— Estou sendo cuidadoso — disse Liam.

— Eu certamente espero que sim. E ela também está.

— Ela está — disse eu, encontrando seu olhar. Eu estava com disposição para respostas. — O que acontece com os espectros quando são trazidos?

— Eles são tratados o melhor que podemos. Tentamos mantê-los calmos, mantendo-os limpos. Até que alguém venha com uma cura, é tudo o que nós podemos fazer.

— E os Sensitivos?

Ela gesticulou para um par de cadeiras antigas na área de espera e sentou na borda da mesa.

— Sensitivos estão em uma ala separada — disse ela. — O mesmo protocolo... calmo, confortável, cuidado. Mas qualquer prática de magia... até mesmo a regulação da magia, é proibida aqui.

— Isso é ridículo — sussurrei através de dentes cerrados. — Isso faria com que eles se tornassem espectros.

— Mas é o modo da Contenção. — A chama em seus olhos se moveu, latente. — A melhor opção é não terminar aqui, em primeiro lugar.

— Entendido — disse eu, e ela assentiu de maneira eficiente.

— Alguma coisa nova? — perguntou Liam em voz baixa.

Lizzie franziu a testa, tirou uma mancha na calça, limpou-a de lado quando percebeu que não estava saindo. — Duas garotas na noite passada.

Imaginei que ela falava de espectros, e isso me fez sentir um pouco melhor, por pensar neles como algo diferente de *isso*.

— Algum sinal de pensamento racional?

— Não que eu tenha conhecimento, mas não os vi antes de serem sedados.

A garota desta noite?

— Talvez. Ela não atacou quando nos viu pela primeira vez. Fugiu, em vez disso. E pensamos que estava tentando falar. Continuou dizendo *contato* uma e outra vez.

Lizzie levantou as sobrancelhas. — O que isso significa?

— Eu esperava que você soubesse. Que tenha alguma conexão com o Além?

Ela franziu a testa, cruzou os braços. — Não que eu saiba. Talvez ela queira entrar em contato com alguém?

— Talvez. Se sim... se for uma palavra, e não apenas um som aleatório – é importante. Essa foi a primeira vez que um espectro fez isso. — Ele olhou para mim. — Devemos voltar para a casa amanhã, dar uma olhada. Talvez possamos encontrar algo.

Assenti. — Tudo bem para mim.

Lizzie tirou algo prateado do bolso. Era um pedaço de chiclete em sua embalagem de alumínio. — Splitsies? — perguntou ela, oferecendo para nós.

Liam recusou com uma mão levantada, e ela estendeu para mim.

Não tive um chiclete em anos. Por qualquer motivo, essa foi uma das primeiras coisas a acabar nas mercearias e lojas de conveniência. — Sim, por favor.

Ela quebrou pela metade, rasgando o papel e me entregou um. Coloquei-o na boca, que aguçou com o doce sabor do açúcar e da hortelã. — Cara, isso é bom.

Ela sorriu. — Não é mesmo? Encontrei um pacote há cerca de uma semana. Estou racionando.

— Eu agradeço.

Liam levantou. — Nós devemos ir. Está ficando tarde, e foi um longo dia.

— Muitos daqueles que estão acontecendo atualmente. — Lizzie pulou da mesa e se aproximou. — Há muita conversa, Liam. Os Paras estão ficando nervosos.

— Sobre o quê?

— Não sei. Algo parece diferente.

— O Véu?

— Poderia ser — disse ela. — Difícil de dizer daqui. Na verdade, não podemos usar nossa magia para encontrar algo. Mas há algo no ar. Alguma coisa está acontecendo. E é grande.

Ele assentiu. — Fique de olho. Você sabe como me informar.

— Eu sei. Mantenha-se seguro lá.

— Eu me esforço.

— Prazer em conhecê-la, Claire Connolly. Você também tenha cuidado.

Eu acenei e saímos, fechando a porta atrás de nós.

— Eles deixaram um Paras trabalhar na clínica? — perguntei.

— Desde que ela não faça magia. — Ele cruzou seus braços. — Ela conheceu o Além, foi uma curandeira lá. Pode fazer o mesmo trabalho aqui. Ela é boa gente.

— Ela parece ser boa gente. Por que você está tentando vendê-la para mim?

— Porque ela é um Paras — disse ele. — Estou apenas tentando ampliar seus horizontes.

Paras não mentiram para mim, pensei, mas guardei as palavras.

— Vamos para minha casa — disse Liam.

Meu coração realmente vibrou. — Para a sua casa?

— Essa barra de granola não fez nada por mim. Você está com fome?

Se ele tinha algum sentimento misto sobre o meu regresso a sua casa, não mostrou isso.

Isso não poderia ser uma boa ideia. Não quando eu já estava tão perto da borda.

• • •

Uma gata preta estava sentado ao lado da porta de Liam quando chegamos ao prédio. Decidi que ele não era supersticioso, especialmente quando a arranhou atrás das orelhas, e a gata empurrou em sua mão.

— Você tem um gato?

— Não — disse ele enquanto a gata trotava, presumivelmente procurando por pastagens mais verdes. — É um gato do bairro, eu acho. A vejo todas as semanas. Tenho certeza que ela acha que é uma guarda.

— Os gatos fazem suas próprias coisas — concordei.

Entramos e subimos as escadas até o apartamento dele.

— Vou mudar minha camisa — disse ele. — Você quer preparar uma bebida para nós? Há um pouco de gelo na geladeira.

Talvez vir aqui não fosse a melhor ideia, mas não recusaria uma bebida agora. Não depois do dia que ambos tivemos. Contornei o bar e verifiquei o estoque.

Rum, bourbon, vodka, rye. Uma pequena garrafa de bitters, uma garrafa de Herbsaint. Isso levou a uma única conclusão.

Olhei para ele. — Sazeracs¹⁸?

Ele ficou impressionado com a oferta. — Vá em frente — disse ele, então desapareceu no quarto.

Encontrei dois copos, derramei um pouco de Herbsaint, rodando-o, esvaziei o resto dentro da pia. Tinha gosto de alcaçuz, e um pouco percorreu um longo caminho. Deixei os copos no balcão, peguei um agitador de prata na pequena geladeira inserida na cozinha no outro extremo da sala. Havia uma caixa de plástico no pequeno compartimento do freezer que guardava um bloco de gelo, alguns pedaços divididos. Funcionamento da eletricidade no seu melhor. Joguei um par no agitador, fechei a porta e me levantei.

Meu olhar passou pela porta do quarto, onde Liam, vestido apenas em jeans, tirou uma camiseta de uma gaveta.

Seu corpo era uma mistura de pele esticada sobre os músculos rígidos, com um leve brilho de suor. Ombros largos que se curvavam em braços fortes, abdomens intrincados que davam para um estômago plano e a uma cintura magra e esculpida. Cada centímetro era duro, curvando o músculo, de modo que ele poderia ter sido esculpido em pedra... exceto pela cicatriz irregular em seu braço esquerdo, uma faixa de pele enrugada a meio caminho entre o ombro e o cotovelo.

Eu me virei, voltando para o bar.

Talvez eu fizesse um duplo para mim, pensei, adicionando rye, açúcar de um pequeno prato e licor de ervas aos copos.

Liam voltou à sala de estar e abriu a pequena geladeira. Ele olhou dentro, tirou uma panela de vidro, verificou sob o papel alumínio, e olhou para trás. — Frango assado?

Meu estômago resmungou em resposta, e ele sorriu. — Tomarei isso como um sim. — Ele pegou dois pratos de um armário e serviu uma porção de frango em cada um.

Sentei-me no banquinho do bar, deslizei a bebida até o seu lugar na minha frente. — Onde você conseguiu frango? — Carne, especialmente carne fresca, não era fácil de conseguir na Zona.

18 Tipo de bebida.

Liam se aproximou. — Moses tem amigos. Eu levo eletrônicos para ele de vez em quando, ele me recompensa. Eu não cozinho muito, mas tenho habilidades para assar um frango. Mas faço isso na casa da Eleanor. A cozinha dela é melhor do que a minha.

— Estou surpresa que a Contenção permita que ele mantenha todas essas coisas.

— Eles acham que ele é um colecionador. O que ele é — acrescentou, colocando um prato na minha frente. As porções eram pequenas. E quando olhei na panela, percebi que ele dividira a última entre nós.

— Mas isso não é tudo o que ele é. Apenas outro exemplo de que a Contenção não é atenciosa com os detalhes.

Ele pegou um pedaço de frango, deu uma mordida, e engoliu. — Não pensei em perguntar... você quer um garfo?

— Não. Estou bem. — Eu não precisava de um meio intermediário entre meu frango e eu. Peguei um pedaço de carne, fechei meus olhos para saboreá-lo. — Maldição, Quinn. Isso é muito bom. Obrigada por compartilhar.

— O Sazerac também não está mal — disse ele, mas estava franzindo a testa quando abaixou o copo. — Exceto que não conheço o gosto de Sazeracs. Na verdade, não gosto do sabor de alcaçuz.

Eu ri. — Então por que você me disse para fazer um?

Ele deu de ombros. — É tão Nova Orleans pré-guerra como você pode obter. E você parecia muito impressionada consigo mesma.

Eu pigarreei e voltei para o jantar.

• • •

Comemos de maneira amigável por um tempo, falando sobre Paras, sobre a guerra. As coisas que as pessoas na Zona, ou pelo menos no Quarter, sempre pareciam conversar. Então, quando devoramos o frango e limpamos os pratos, tentei mudar os tópicos.

— Então, o que você faz quando não está, eu acho, trabalhando?

Nós voltamos ao bar. Fiz outro Sazerac enquanto ele optava por bourbon no gelo.

— Visito a Eleanor. Jogo cartas com ela e Victoria, ou Maria, quem estiver de plantão.

— Eleanor trapaceia? — perguntei, pensando no que ele havia dito sobre Moses.

— Não comigo. — Ele fez uma pausa. — Pelo menos, eu acho não.

— Ela ganha muito?

Seus olhos se estreitaram quando pensou nisso. — Na verdade, sim. Droga. Apostei uma barra de chocolate na semana passada.

— Bem, vale a pena trapacear por isso.

— Eu posso pegar uma para você.

Eu não deveria ter parecido tão ansiosa quanto fiz. — Você pode?

Como os chicletes, o chocolate também foi limpo das lojas fechadas e casas vazias. E o que restou não era bem sucedido – o chocolate, o calor e a umidade não são uma boa mistura.

— Eleanor recebe envios às vezes. Um dos meus primos – neta dela – vive em DC e envia coisas para ela às vezes.

— Eu não direi não.

— Verei o que posso fazer. — Ele se levantou, caminhou até um pequeno armário perto do sofá cama.

— Você perguntou o que eu gostava de fazer. Eu gosto de música — disse Liam. Abriu um armário, revelando centenas de discos de vinil. Ele passou por eles, puxou um, tirou a capa e colocou-o no topo do gravador. Com dois dedos cuidadosos, colocou a agulha no lugar. Quando Liam deixou a capa do disco de lado, um homem começou a cantar com alma sobre o amor e o desejo. Sua voz era rouca, como se o amor tivesse feito o dano.

Liam se voltou para mim. —Você gosta de dançar?

— Eu, o quê?

Ele se aproximou de mim como um guerreiro irlandês, estendeu a mão, seus olhos brilhando como joias. Eu olhei sua mão – a palma larga, os longos dedos – e então, para ele. — Isso é uma boa ideia?

— Não — disse ele com um sorriso. — Mas não danço há muito tempo, e parece que você pode se mover muito bem.

— Eu nasci e cresci em Nova Orleans — disse eu, pulando do banquinho e colocando minha mão na dele. — Claro que posso.

Liam me atraiu para ele, manteve uma das mãos ligadas à minha, e acomodou a outra em minha cintura. Olhando para mim, começou a balançar no ritmo da música. E era muito bom nisso. Ele conseguia manter o ritmo, tinha controle o suficiente para impedir que a dança parecesse com uma contradança de sétima série, e apenas o controle de si mesmo para evitar que parecesse uma noite barulhenta na Bourbon Street.

Eu não sabia quanto tempo a música realmente durou – provavelmente não mais que quatro minutos. Mas quando baixei minha cabeça em seu peito, e seus braços me envolveram, parecia que a música nunca poderia ser suficientemente longa. Seus braços formaram uma parede entre eu e tudo mais no mundo.

A música terminou, e o silêncio caiu como chuva forte. Ele me soltou, caminhou até o bar, colocou os cotovelos sobre ele e passou as mãos pelos cabelos. Ele parecia um homem em guerra, em batalha. Ele ainda não havia dito isso, mas não era difícil adivinhar o porquê.

— É porque eu poderia me tornar um espectro — disse eu. — Porque você acha que sou um monstro.

— *Não* — disse ele, olhando para trás. — Eu acredito que você pode aprender a controlar sua magia. É por isso que estou te ajudando. Mas se algo der errado... — ele fez uma pausa. — Se alguma coisa der errado, eu seria o homem que a colocaria na prisão. E isso não é justo para você.

Olhei para ele por um longo tempo. Eu estava me acostumando com a ideia de que eu tinha uma magia que poderia usar, poder que não me mataria. Mas naquele momento que se desdobrou, eu teria desistido disso em um batimento cardíaco. Teria lançado o interruptor e entregue o poder a outra pessoa. Mas essa não era uma das minhas escolhas. Francamente, não sabia quais eram minhas escolhas, mas estava bastante segura de não encontrá-las aqui, hoje à noite, conforme nos torturávamos com o toque e o desejo.

— Eu deveria ir — disse eu, e caminhei até a porta. — Posso encontrar meu caminho de volta.

— Claire — disse ele, seguindo-me até a porta, mas balancei a cabeça.

— Eu sou uma garota crescida, Liam. Não quebro facilmente, mas só tenho tanto antes me curvar.

Enquanto descia as escadas, eu esperava que ele levasse isso a sério.



Capítulo 15

A chuva caiu durante a noite. Na manhã seguinte, o tempo havia clareado e o dia floresceu lindamente. Céu azul com nuvens fofas, clima fresco, uma brisa leve. Se houvesse algum turista no Quarter, eles teriam preenchido as ruas, as mesas no Café Du Monde, as lojas ao longo da Royal e da Bourbon.

Ajustei o sinal de FECHADO na porta da frente. Eu disse a Liam que iria com ele verificar a casa do espectro, ver se conseguimos encontrar alguma coisa. Imaginei que ficaríamos fora por uma hora e meia, e esperava que fosse certo – que ninguém aparecesse para comprar enquanto eu estivesse ausente.

A caminhonete de Liam entrou na Royal. Ele sentou-se na cabine como um rei, e encostou no meu lado da rua. Sua janela estava abaixada, cotovelo na porta e uma mão no volante. Ele olhou para mim, examinando a blusa azul e cinza e as leggings escuras que eu combinei com as botas até o joelho. Trancei meu cabelo, então ele estava no meu ombro.

— Ei — disse ele quando subi na caminhonete.

— Ei.

Eu estava nervosa por vê-lo hoje. A sensação de que eu estava perto de um penhasco emocional continuava me assombrando. Infelizmente, isso não me fez querer vê-lo menos – exatamente o oposto.

— Você dormiu bem? — perguntou ele.

— Sim. Muito bem. Pensei muito em meu pai. — Sentindo-me desconfortavelmente vulnerável, olhei para fora da janela para que ele não pudesse ver a emoção no meu rosto.

Dirigimos pela Garden District e de volta a Fourth Street, para a casa com colunas onde achamos a garota ontem à noite.

Liam estacionou na rua e o seguiu pela calçada até a casa.

Deixamos a porta aberta e a chuva salpicara o chão de madeira. — Você quer o andar de cima ou de baixo?

— Irei ao andar de cima — disse eu. — Vou gritar se encontrar alguma coisa.

Ele assentiu e caminhou pelo corredor.

Subi as escadas que davam para um corredor largo e acarpetado. Havia vários patamares.

Os dois primeiros foram quartos para meninos, a julgar pelo papel de parede de paintball e baseball. Sem móveis, sem brinquedos. Eles saíram no início, provavelmente. Embalaram tudo, incluindo as coisas das crianças, e saíram à procura de segurança. Havia um pequeno banheiro, coberto de antiquados azulejos rosa, uma pia rosa, um vaso rosa. Os proprietários gostavam de vintage, talvez. Ou simplesmente não tiveram a chance de atualizar antes de se mudarem.

Caminhei até a terceira porta, abri e entrei em outro mundo. O quarto foi despojado de móveis e pertences de quem morava aqui antes. Mas o espectro tornou-o seu próprio lar. Havia uma pilha redonda de cobertores no chão — provavelmente onde ela dormira. Restos de alimentos diferentes — pedaços de legumes em decomposição, algumas frutas passadas, barras de cereais, garrafas de água vazia.

Caminhei até a entrada e chamei o nome dele. — Liam.

Eu o ouvi entrar na porta atrás de mim. Ele entrou, girou em um círculo lento enquanto examinava o quarto.

— Ela estava morando aqui — disse Liam. — É seguro, é protegido. Pense no fato de que ela fugiu de nós.

— Mas se ela pudesse avaliar isso... se pudesse avaliar se estava em perigo, por que não ir para casa?

— Talvez não tivesse uma casa para ir. Ou pensou que eles estariam em perigo por causa dela.

Isso era deprimente.

— Vamos olhar ao redor — disse ele. — Veja se você pode encontrar qualquer coisa que nos diga quem ela é ou de onde veio.

Eu acenei, movi para a pilha de roupa de cama. Esse era o ninho, o lugar onde ela dormia. Havia sentido que seria o mais seguro.

Grande teoria, mas totalmente errada. Os cobertores tinham penas, folhas, migalhas. Mas nada que não exigisse a análise de um equipamento forense.

Reorganizei os cobertores – parecia apenas justo não perturbar seu lugar, mesmo que ela não voltasse – e dei um passo atrás, então eu não pisaria nele. O piso rangeu sob mim com um chiar.

Olhei para baixo. O final da tábuas estava um pouco levantado. Acidente ou intenção?

Fiquei de joelhos e puxei as chaves da loja do meu bolso. Havia um abridor de garrafas plano no chaveiro. Quando Liam se moveu silenciosamente ao meu lado, mergulhei o abridor na tábua e apertei-o.

Algo pulou para fora. Eu gritei, pulei para trás... e assisti um pequeno rato correr pelo quarto.

— Eles não fazem espectros tão pequenos, Connolly.

Ri nervosamente da piada. — Isso me assustou tremendamente.

— Isso eu vi. O que mais há ali?

Não fiquei emocionada por colocar a mão naquele lugar, mas me abaixei e tirei uma bolsa roxa Crown Royal, do tipo com a costura amarela. Abri. Havia uma chave de casa, uma pequena pedra e uma licença para dirigir.

— Olá, Marla Salas — disse eu, olhando para a foto da sorridente loira. Ela tinha vinte e três anos, e seu endereço estava a poucos quarteirões daqui.

Olhei para Liam. — Ela escondeu isso, Liam. Ela juntou tudo, e o colocou em um lugar que achou que estava seguro. Ela estava pensando.

— Sim — disse Liam, se levantando novamente. — Ela estava. E agora nós temos o endereço dela. Vamos ver se tem alguém na casa dela.

• • •

A casa era um pequeno bangalô com uma varanda coberta, janelas dormer¹⁹, em uma cor rosa claro. A guarnição era cálida e amarela, e a casa estava em boas condições. A música vinha de dentro. Parecia jazz de uma big band da década de 40. A música e a cor da pintura alegre iluminou meu humor. Alguém estava fazendo uma vida lá. Era sempre legal ver isso.

19 Tipo de janela americana, que se sobressai da estrutura e tem um teto próprio.

Liam parou quando chegamos à varanda, olhou para a casa. — Não faço isso muitas vezes.

Eu olhei para ele. — Isso?

Ele olhou para mim. — Fazer notificações. Alguém está lá, provavelmente alguém que a conheceu. Isso significa que teremos que contar o que aconteceu com Marla.

Meu humor foi desinflado instantaneamente. Estava tão concentrada em descobrir sobre ela, sobre os espectros, que nem considerei o que diríamos aos seus entes queridos.

A música parou e a porta se abriu. Uma mulher no início dos cinquenta anos apareceu na porta. Ela tinha cabelos grisalhos curtos, usava calças confortáveis e uma camisa. Ela colocou uma mão no peito quando nos viu. — Vocês são do departamento? Estão aqui sobre Marla?

Liam e eu nos olhamos. O Departamento? Ela quis dizer CCP?

— Não, senhora. Não somos do departamento, mas gostaríamos de falar sobre sua filha, se não se importa. Meu nome é Liam Quinn, e esta é minha amiga, Claire Connolly.

— Eu sou Lorene Salas. Sou a mãe de Marla. Meu marido, Paul, está no jardim. Não há muita produção nesta época do ano, mas você se encarrega do que pode.

— Eu consegui algumas beterrabas muito boas — falei com um sorriso, tentando iluminar o humor. E me senti estúpida por dizer isso.

Ela nos deu um olhar mais avaliador. — Por que vocês não entram?

A casa era simples, mas arrumada. Um sofá, uma cadeira, um tocador a manivela. Isso explicou de onde vinha a música. Nós nos sentamos no sofá.

— Sua filha é uma Sensitiva? — perguntou Liam.

Lorene olhou em volta nervosamente. — Bem, suponho que se você está aqui, já sabe disso. Sim, sim. E muito boa. Ela realmente ajudava o CCP de vez em quando. É por isso que você está aqui, certo? Você está investigando?

— Investigando? — perguntou Liam.

Ela ficou um pouco pálida. — O desaparecimento dela. Alguns dos amigos dela trabalharam no CCP. Não falamos sobre isso, é claro, porque o trabalho dela com eles era confidencial. Mas eles a conheciam. — Lorene engoliu em seco, tentando manter a compostura. — Quando eles não a viram em poucos dias,

ficaram preocupados. Eles vieram até mim para fazer perguntas, tentando descobrir onde ela estava.

Então alguém estava ciente de que ela partira, estava investigando. E alguém do CCP, para completar.

— Por acaso, eles deixaram um cartão com você? Ou alguma maneira de entrar em contato com eles?

— Bem, não. Eles apenas disseram que entrariam em contato caso descobrissem algo. Então pensei que era por isso que vocês vieram aqui hoje. — Ela engoliu o medo óbvio.

— Sra. Salas, talvez você gostaria que seu marido se juntasse a você?

Ela ficou pálida como um espectro, e umedeceu os lábios. — Meu Paul está morto há dois anos. Eu digo que ele está no jardim porque você não sabe quem virá à porta, o que vão querer. Isso dá alguma proteção. Ele não está aqui.

Oh, merda, pensei. Ela estava sozinha.

Liam estendeu a mão e pegou a dela. — Sra. Salas, desculpe informá-la de que sua filha... bem, ela ficou doente da magia. Isso a machucou.

— Doente? — Ela olhou entre nós. — O que significa isso, doente?

— Significa que a magia... a infecção... a dominou. Ela se tornou um espectro.

O reconhecimento floresceu horrivelmente nos olhos dela. — *Não* — disse ela. — Não. Ela era rigorosa. — Ela baixou a voz. — Ela fez a *limpeza*. Mantinha a magia estável ou o que quer que fosse. Ela sabia como fazer isso, porque trabalhara com o departamento, veja. Ela nunca se deixaria tornar-se um... um deles.

Talvez ela não tivesse escolha, pensei. Eu podia ver que Liam também pensou isso, mas não o expressou.

— Você não pode estar certo — disse ela.

— Desculpe, Sra. Salas, mas nós estamos. Nós a encontramos na noite passada. — Os ombros de Liam ficaram tensos enquanto se preparava. E então ele colocou lá fora. — Nós a levamos para alha do Diabo.

O medo mudou para o alarme, depois para a raiva. — Você a levou para a prisão? — Ela se levantou. — Como se atreve! Meu bebê não deveria estar na prisão.

— Senhora, ela machucará as pessoas. É o que os espectros fazem. Me desculpe, mas imagino que saiba que é verdade. Há uma clínica na Ilha do Diabo

onde ela será mantida segura, onde não poderá se machucar, nem a ninguém. É o melhor que pode ser feito para ela agora.

Ela olhou para Liam, ergueu o queixo. — Eu quero ver minha filha.

A expressão de Liam se suavizou. — Não sei se é uma boa ideia.

— Quero ver minha filha. Ela é minha filha. Ela ficará assustada. Não ligo para o que você diz que ela é agora. Ela ainda é minha filha. — Ela soluçou, e cobriu a boca com uma mão. — Ela ainda é minha filha.

• • •

A Sra. Salas recusou a ajuda de Liam para levá-la à Ilha do Diabo, dizendo que faria isso sozinha.

Subimos na caminhonete e ficamos lá, ambos encarando as janelas, abalados pela cena na casa da Sra. Salas. Pela tristeza – e pelo choque de realidade.

O controle era uma ilusão. Mesmo que eu conseguisse controlar minha magia, mesmo que as coisas fossem equilibradas, algo ainda poderia dar errado. Horivelmente, terrivelmente errado.

Falar com a Sra. Salas colocou distância entre nós outra vez. Eu podia sentir Liam se afastando, provavelmente enquanto imaginava meu potencial futuro. Eu não tinha nenhuma família para magoar. Mas ainda havia pessoas as quais eu poderia ferir. Pessoas que ele devia informar.

Afastei a melancolia. Isso não importava. Necessitávamos nos concentrar no que poderíamos controlar. — Você fez o que deveria fazer — disse eu, calmamente.

— Não sei se isso me faz sentir melhor.

— Não é muito consolo, mas pelo menos ela sabe onde Marla está. Ela tem respostas.

— Mas não todas. — Liam tamborilou os dedos no volante. — E nós também não as temos. Não somos os únicos que se preocupam com isso. Alguém do CCP está procurando por ela, conversando com a mãe dela.

— Isso é uma boa notícia ou uma má notícia? — perguntei. — Nós queremos que eles estejam envolvidos?

— Não sei. Depende de por que eles estavam lá. Nós vamos descobrir. E, enquanto isso, eu terei Nix voltando à loja esta noite. Vocês podem continuar

trabalhando em sua magia. A melhor maneira de combater o medo é começar a trabalhar.

Com isso, concordamos.

• • •

Às seis horas, Liam chegou com Gavin e Nix a reboque. Eu ainda estava com um cliente – alguém que tentou comprar quando a loja estava fechada e não estava emocionado por isso – então os Quinns se fizeram confortáveis, Gavin em uma extremidade da mesa de cipreste, Liam na outra. Ambos usavam aparentemente o uniforme da família Quinn – jeans, camisetas escuras, botas.

Nix estava na frente de uma tigela de doces vintage de metal em torno de um centro de mesa. Enchi cada superfície com coisas incompatíveis, colheres, maçanetas de cristal, dobradiças antigas. Ela usava um vestido sem mangas verde claro, cabelo preso em tranças complicadas. Ao girar o suporte, verificando cada nicho, era fácil vê-la como um estranho em uma terra estranha.

Quando ele não estava roubando olhares para Nix, Gavin olhava para a seção *New York Times* que tirei de uma das caixas do comboio – as páginas foram amassadas em torno de barras de sabão.

Quando o último cliente desapareceu, coloquei o sinal de FECHADO, tranquei a porta e voltei para a mesa. — Por favor, sintam-se em casa.

— Feito — disse Gavin, redobrando o papel.

Coloquei minhas mãos nos quadris e olhei para os irmãos. — Vejo que vocês não estão socando um ao outro. Amigos novamente?

— Chegamos a um entendimento — disse Gavin.

— Estou feliz em ouvir isso. — Olhei para Nix. — O que está na agenda de hoje à noite?

— Ligação.

— Preciso de três pessoas para me ensinar a ligar magia?

— Você só precisa de mim — disse Nix. — Mas eles gostam de assistir.

Sua voz era totalmente inocente, e eu não sabia se ela entendia a implicação. Mas a expressão no rosto de Gavin dizia que ele estava muito, muito consciente disso.

Imaginei que isso fazia parte do entendimento dos irmãos – Gavin não se importaria com Nix ajudando se ele pudesse ficar de olho nela durante o treinamento. Ou era o que ele dizia a si mesmo, de qualquer maneira, para ter a chance de se aproximar dela novamente.

— Acho que seu irmão ainda está apaixonado por ela — disse eu calmamente para Liam enquanto subia as escadas para o segundo andar.

— Você é intrometida, sabia disso? — Ele sorriu e balançou a cabeça, seu humor parecendo descongelar um pouco.

— Administro uma loja que está no French Quarter por mais de cem anos. Isso vem a mim facilmente.

— Seja como for, é a história deles para contar, não a minha.

Então eu teria que convencer um deles a contar.

• • •

— Venha — disse Nix, e sentou-se no chão de joelhos, a saia de seu vestido se espalhou ao seu redor. Ela parecia muito com uma fada – eu poderia imaginá-la na beira de um rio, movendo-se entre os ciprestes, flutuando devagar acima da água enquanto seu cabelo serpenteava. — Sente-se.

Acenei com a cabeça, sentei na sua frente enquanto Liam se apoiava contra uma estante e Gavin sentava-se no chão, de costas contra a parede, braços sobre os joelhos.

— Eu quero que você passe por todo o ciclo — disse Nix. — Primeiro, quero que você mova alguma coisa

Olhei ao redor da sala e do labirinto de antiguidades. — O que você quer que eu mova?

— Não importa. Escolha algo. Qualquer coisa.

Olhei ao redor, deixei meus olhos passar pela placa da estrela gigante, que ainda estava apoiada contra a parede. Quero dizer, eu queria avançar sobre isso, desde que começamos essa jornada juntos, mas era uma coisa grande e pesada. Não queria empalar Nix acidentalmente – especialmente com Gavin na casa.

Eu me concentrei em uma caixa de produtos com um grande adesivo CREOLE LOUISIANA BATATAS DOCES em uma extremidade. Eu poderia pegar ou

largar a caixa, mas a etiqueta de papel poderia valer bastante. Incentivo para não batê-la contra qualquer coisa – como a cabeça de Liam Quinn.

— Tudo bem. Você provavelmente deveria sair do caminho.

— Por quê? — perguntou Nix.

— Porque minha mira não é muito boa. — Levantei uma mão antes que eles pudessem reclamar. — Tenha em mente o contexto e as condições. E fique de olho.

A caixa estava apoiada no topo de uma prateleira alta ao lado de outras três. Verifiquei o caminho, imaginei a corda que seria desenhada para mim. Teria que dar uma volta a uma cômoda com um espelho, depois girar bruscamente na outra direção para evitar ficar enroscada em uma árvore de Natal de alumínio rosa. Complicado. Não impossível, mas complicado.

Soltei uma respiração, focada no objeto. Imaginei o cômodo cheio de energia, comecei a juntá-la, como uma bola de magia, de poder.

— Bom — aprovou Nix calmamente. — Bom.

Lentamente, levantei o olhar para a caixa, tentando manter a magia junta, contida, e comecei a puxar a caixa para mim. Ela estremeceu, balançou, levantou-se no ar com uma guinada. Bateu contra o teto de estanho, enviando poeira no ar.

— Foco — disse Nix. — Mova-a suavemente.

— Se eu pudesse movê-la suavemente, não precisaria praticar movê-la suavemente — Eu disse através de dentes cerrados.

Imaginei os ângulos e puxei para a frente. Ela se moveu um metro e meio na direção certa, fez uma pausa, estremeceu enquanto pairava no ar. Eu acenei, orgulhosa de que, na maior parte, fiz o que imaginei fazer e a puxei novamente.

A caixa se virou em direção ao espelho, e enquanto eu estremecia, parou na frente do vidro. O próximo passo seria mais complicado – dar a volta na árvore e diretamente para mim. Estendi a mão, imaginando dedos agarrando a corda que me conectava a ela. Movi para a direita e, em seguida, puxei. A caixa passou por uma árvore de Natal, deixando os ramos tremendo e chicoteando-se para nós como uma bala de madeira.

— Merda — disse Liam, agachando-se quando ela passou por sua cabeça, quase raspando por cima dos cabelos escuros.

Ela voou para mim e ergui meus dedos, com as palmas abertas, forçando-a a parar. Ela congelou, estremeceu e caiu. A cerca de um metro e vinte do local que eu queria pousá-la.

Soltei o resto da magia, coloquei minhas mãos nos quadris e respirei pelo nariz tentando me livrar da tontura.

— Isso não foi impressionante — disse Nix.

— Eu trouxe até aqui, não foi?

Gavin se aproximou, e deu um tapinha nas minhas costas.

— E quase causou uma concussão ao longo do caminho.

Olhei para Liam me desculpando. — Desculpe por isso.

— Perigo do emprego — disse ele.

— Tecnicamente, isso não está correto — disse Gavin. — Você evita que ela se torne um espectro, e não tem um trabalho a fazer.

E não era exatamente esse o problema?

• • •

Nix me fez tentar novamente, — Porque a magia nem sempre é praticada em boas condições.

E, sem boas condições, demorei vinte minutos para tirar uma pequena dose de magia de mim e colocar na caixa.

— Você precisa praticar — disse Nix.

Eu me sentei de novo em meus calcanhares e enxuguei o suor da sobancelha. O calor voltou com uma vingança, e o segundo andar estava ainda mais quente do que o primeiro. Eu usava shorts jeans e uma regata, mas isso não ajudava. Abrimos as janelas, mas mantivemos as cortinas fechadas, apenas no caso. A Contenção poderia não conseguir detectar magia, mas certamente poderiam vê-la. Infelizmente, as cortinas não ajudaram a brisa entrar.

— Não estou tentando evitar praticar — falei. — Não foi exatamente uma semana calma. Não tive tempo.

— Ela está falando a verdade — disse Liam, olhando para mim. — E compreende as consequências.

— Tudo bem — disse Nix. — Você moveu e jogou. E agora nós faremos a ligação. — Ela apontou para a caixa, que estava apoiada no chão.

— Você colocou magia na caixa. Mas a magia prefere mover-se. Ela prefere viver. Você deve ligar a magia na caixa, na madeira, ou ela retornará ao mundo, apenas para ser absorvida por você novamente.

— O que faria tudo isso ser sem sentido.

— Precisamente — disse ela.

— E como faço essa ligação?

— Você insiste nisso.

Ela parou por aí, como se aquelas quatro palavras explicassem completamente o processo mágico que ela queria que eu tentasse. Liam e Gavin observaram com interesse.

— Eu vou precisar de mais do que *pedir*.

— Eu não disse para você pedir — disse Nix, apontando para a caixa. — Eu disse que você deveria insistir nisso. — Ela bateu um punho na palma de sua outra mão. — Você exige isso.

Ela estendeu a mão. — Me dê sua mão.

Eu hesitei, então coloquei minha mão na dela. Sua pele era fria, macia, e senti o perfume de folhas verdes novas quando fizemos contato.

— Magia procura uma casa. Você só tem que dar uma. — Ela guiou minha mão para a caixa, pressionou-a lá. — Sinta o que ela quer, e envie-a para casa.

Senti a madeira fresca e lacada... e me senti realmente, realmente tola por fazer isso sob os olhos dos irmãos Quinn.

— Você não está se concentrando.

— Sinto que estou em um tanque de peixes agora mesmo. Muitos globos oculares, muita pressão.

— Você quer que nós nos viremos? — perguntou Gavin com um sorriso. — Nós podemos fazer isso.

Olhei para Liam. — Você pode controlar seu irmão? Ele não está ajudando.

Ele fez um barulho que não soava especialmente agradável. — Não consegui controlá-lo antes. Não vejo como poderia começar agora.

— E ainda assim, estou bem.

— Sim, todos podemos ver isso agora, não podemos?

Nix, suas mãos ainda na minha, riu conforme a discussão esquentava. — Se você tentava distraí-los, essa era provavelmente a maneira mais rápida. Agora — disse ela, pressionando meus dedos com força contra a caixa. — Não sinta *a* caixa. Sinta o que está *na* caixa. Você pode fechar os olhos se isso ajudar com a distração.

Eu rolei meus ombros e tentei ajustar meus quadris. Fechei meus olhos, me concentrei na ponta dos dedos, nas sensações de seus dedos frios, na caixa de madeira.

No começo, não havia nada. Começou lentamente, uma vibração lenta debaixo dos meus dedos que parecia o zumbido de uma máquina. Pensei que poderia ser uma vibração nervosa ou algum tipo de truque dos meus nervos, algo que eu deveria ignorar, eu procurei algo mais profundo.

Mas a sensação só se fortaleceu, de um zumbido suave a uma vibração que pulsava como um batimento cardíaco.

— Bom — sussurrou Nix suavemente, como se tentando não me assustar, como a um animal nervoso. — Bom. Você pode sentir a magia na caixa, na madeira. Para vinculá-la você deve uni-la. Use sua magia para persuadi-la. Para empurrá-la.

Eu não estava inteiramente certa de como deveria fazer isso. Então eu optei por implorar silenciosamente. *Ei, pequeno fio de magia. Faça-me um grande favor e escoe o seu caminho para a madeira, por favor?*

Fiz uma pausa, esperava uma diferença, mas as vibrações eram as mesmas, e Nix não removeu a mão. Ainda não terminamos.

Supus que isso era como tentar fazer nado de costas na piscina quando eu era mais jovem, ou como amor verdadeiro. Eu saberia quando isso acontecesse.

Os Quinns ainda estavam brigando atrás de mim, suas palavras um baixo murmúrio de irritação. Mas isso não importava. Eles não eram minha preocupação. Minhas preocupações eram a caixa, minha magia e meu futuro. E aquelas coisas estavam todas amarradas.

Enquanto Nix observava com uma leve curiosidade, olhei para a caixa, apertei meus dedos contra ela novamente, fechei os olhos até sentir a caixa vibrando de novo.

Desta vez, não pedi a magia para mover. Eu fiz isso. Não com palavras, realmente, mas mais como um desejo. Um desejo realmente muito forte. Uma exigência para ela se ligar a caixa em que a coloquei, que elas se fundissem, se unissem porque eu ordenei.

A caixa ficou instantaneamente quente.

Nix empurrou sua mão e eu fiz o mesmo, mantendo meus dedos ao alcance, caso a tampa se movesse.

A caixa estremeceu como se tivesse sido eletrificada, o que eu acho que não estava longe da verdade, se a magia fosse uma forma de energia. Depois de alguns segundos de tremor, voltou a pousar no chão com um forte baque.

O quarto ficou em silêncio. Olhei por cima do meu ombro, encontrei Gavin e Liam de pé ao lado um do outro, as mãos nos quadris, olhando para a pequena caixa. Eles pareciam um pouco impressionados e um pouco assustados. Essa era provavelmente a melhor combinação para qualquer pessoa confrontada com magia.

E isso me fez sentir espetacular.

Olhei para Nix. — Eu fiz isso?

— Você fez. Não especialmente elegante, mas fez isso.

Não me importava se fosse elegante ou não. De acordo com Nix, havia duas coisas que eu precisava fazer para evitar me tornar um espectro: descartar a magia e amarrá-la a algo. Eu fiz ambas as coisas. As chances de me tornar um espectro caíram um pouco mais.

Eu só precisava esperar que eu tivesse melhor controle do que a pobre Marla.



Capítulo 16

Eu estava ficando com fome, então mandamos os Quinns descer para buscar comida. Nix me acompanhou por mais uma junção e ligação.

Pelo menos, a privacidade me deu uma chance de interrogá-la um pouco. Eu estava curiosa. A culpa era da falta de televisão ou rádio. Precisávamos fazer nosso próprio drama. Nova Orleans era muito experiente nisso.

Eu fiz a junção, mas a fiz esperar pela ligação. — Conte-me sobre você e Gavin. Parece que vocês têm uma história?

— Ligação primeiro — disse ela. — Conversa depois.

— História primeiro, ou sem ligação.

Nix suspirou, sentou sobre os calcanhares. — Nos encontramos durante a guerra. Ele acreditava que tinha sentimentos por mim.

Isso não parecia muito romântico. Ou mútuo. — Você não sentiu o mesmo?

— Não somos humanos. Nossas vidas emocionais são diferentes. Estamos ligados a alguma parte do mundo natural – do nosso mundo natural. Para mim, as árvores. Há uma conexão lá. Uma corrente que dura quanto nós.

Ela inclinou a cabeça, olhou para o chão enquanto continuava falando. — Por causa disso, o compromisso é muito importante para nós. Gavin... — seus olhos ficaram nublados quando ela encarou o chão, como se observando alguma memória se desenrolar. — Ele é jovem, e o compromisso não é seu forte. — Ela sorriu um pouco. — Ele gosta de projetos, mas não os finaliza.

— Ele foi infiel? — perguntei calmamente.

Nix ergueu a cabeça, riu com carinho. — De modo nenhum. Ele é curioso. É corajoso. Ele acredita que me ama. Mas se revolta contra sua família, contra o seu nome. Por isso, ele ainda não está convencido de quem ele é.

Ela estava sendo muito vaga, mas pensei que eu tinha uma ideia da imagem. — Você o rejeitou?

— Sim. O tempo não era bom para nenhum de nós. Ele tem muita vida para lidar. E mesmo quando estiver pronto, talvez nunca seja certo. — Ela encolheu os ombros. — Esse é o caminho das coisas.

Era uma maneira deprimente, mas como ela vivia uma vida muito diferente da minha, não pensei que fosse justo julgar.

• • •

Desde que recebi minha resposta, que era muito menos dramática do que pensei que seria, liguei a magia dentro da caixa novamente, e ela finalmente me deixou comer.

Descemos para o andar de baixo, onde a escuridão havia caído sobre o Quarter e comemos com o pão, as cenouras, um jarro de pickles que Gavin encontrou em um dos armários da cozinha e uma garrafa de vinho que eu estava guardando. Esse parecia ser um momento tão bom quanto qualquer outro.

Dividimos a comida, derramamos o vinho em meus copos incompatíveis, e fizemos uma espécie de refeição na mesa de cipreste. Nós substituímos as luzes por alguns candelabros. Quanto menos luz, menos seria visível para pessoas curiosas na rua.

— Sabe o que eu gostaria? — perguntou Gavin, tomando seu vinho. — Um bife. Um grande bife com uma batata assada em vez de manteiga e creme azedo.

— Você poderia obter essas coisas fora da Zona — apontou Nix.

Gavin olhou para ela. — Há muitas coisas fora da Zona que não existem aqui. Mas isso não torna esse mundo melhor.

Como esse comentário era claramente para Nix – e *sobre* Nix – e não para nossos ouvidos, desviei os olhos e peguei o olhar de Liam. Ele revirou os olhos com diversão.

— E você, Nix? O que você mais sente falta sobre o Além?

Ela ficou surpresa com a pergunta. Pensei em perguntar se tinha uma comida favorita, mas ela realmente não se juntara à conversa, então achei que ela pensava em outras coisas, outras memórias.

— Tudo — disse ela finalmente. — Sinto falta de tudo. Era minha casa, meu coração. De onde eu vim. Gostaria de voltar para casa novamente.

— Como era? — perguntei.

— Minha terra era verde. Maravilhosamente verde, com colinas que terminavam no mar mais profundo, e florestas profundas tão espessas e escuras que a luz do sol quase não filtrava até o chão. Lagos de azul cristalino, picos nevados. É uma terra de extremos, mas bela e fértil.

— Sinto muito — disse eu. Era a única coisa que eu podia pensar em dizer.

Ela assentiu. — Nem todos nós sentimos o mesmo. Alguns temem a discórdia, a guerra, que provavelmente ainda está acontecendo lá.

Eu assenti, bebi meu vinho no silêncio que caíra pesadamente de novo. Provavelmente era hora de mudar de assunto, pensei e olhei para os irmãos Quinn. — Nós sabemos sobre o Arsenaults. E quanto aos Quinns? De onde eles vieram?

— O fundo de um rum e Coca-cola — disse Gavin, e ele e Liam tinham seus copos.

— Digamos que minha mãe fez uma escolha ruim quando se conectou com o dançarino de jazz, bebedor Cajun chamado Buddy Quinn — disse Liam.

— Qual filha de Arsenault era a mãe de vocês? — Havia cinco delas, todas lindas garotas com cabelos escuros e olhos azuis.

— Julieta — disse Liam. — A mais velha.

Eu sorri. — Esqueci que todas tinham nomes de Shakespeare.

— Thierry Arsenault adorava Shakespeare — disse Gavin, então estendeu as mãos. — Tinha um desses grandes volumes de tudo em um. Usado para lê-lo depois do jantar. Ele era um homem complicado. Um interessante.

Assenti. O relógio tocou, atingiu dez. Todos olhamos, assistimos enquanto chapeuzinho vermelho se movia através da floresta.

— O lobo não sai até a meia-noite — disse eu quando o relógio atingiu dez badaladas e ela desapareceu dentro novamente.

— Alguns lobisomens vieram através do Véu — disse Liam. — Pelo menos, tenho certeza que vi um. Eu estava na cabana dos Arsenaults – uma das últimas noites que passei lá.

— Por causa da infestação de lobisomens? — perguntei.

— Você brinca — disse ele, com um de seus sorrisos surpreendentes. — Espere até ver a horda descendo sobre você.

— Eles são monstros nos dois mundos — concordou Nix. — E amigos de nenhum dos dois.

Era bom saber. Fiz uma nota para verificar as fases da lua da próxima vez que andasse no escuro.

Liam ficou de pé. — Nós devemos ir. Quero dar uma olhada em torno do Garden District novamente. Ainda não encontramos os dois espectros masculinos.

Desta vez, não me ofereci para ir. Eu precisava de algum espaço, e Liam e eu ficando tão próximos novamente não ajudaria.

Gavin afastou a cadeira e levantou. — Durma um pouco — disse ele. — Você precisará disso depois do trabalho que fez.

Não consegui discutir com isso.

Nix o seguiu até a porta e depois Liam. Apaguei as velas – eu conhecia a loja bem o suficiente para me mover no escuro – e encontrei-os no limiar.

Havia um pequeno cartão no chão na frente da porta, aparentemente entregue no espaço do correio. Era um cartão de visita. O estoque de creme era antigo e usado nas bordas. KING SUGAR COMPANY estava escrito em letras maiúsculas, junto com um endereço em Chalmette. Isso era entre o rio e o local onde a batalha original de Nova Orleans havia acontecido.

Havia uma nota no cartão: LIAM E CLAIRE, MEIA-NOITE.

— O que é isso? — perguntou Liam.

— Eu acho que é um convite — disse eu, e o entreguei para ele.

Liam olhou para ele, virou-o para verificar os dois lados, depois passou o cartão para Gavin.

— King Sugar Company? — perguntou Gavin, entregando o cartão para Nix. — É aquela ao longo do rio?

— Sim — disse Liam. — Saiu dos negócios, mas os prédios ainda estão lá. Acho que alguém decidiu começar a usá-los novamente.

Quando Nix devolveu o cartão a Liam, ele o rasgou ao meio, depois novamente, então novamente, e voltou para a cozinha. Ouvi a água correr e assumi que ele os colocou no dreno.

— Você não quer ir? — perguntei quando ele voltou.

— Ainda não sei — disse ele. — Mas sei que não quero que alguém encontre isso. Mesmo acidentalmente.

Ele colocou as mãos nos quadris e olhou para Gavin. — O que você acha?

Gavin encolheu os ombros. — Se fosse uma armadilha, teria havido maneiras muito mais fáceis de fazê-lo. Eles poderiam ter entrado na loja.

Liam assentiu, considerando, então, olhou para Nix. — Você acha que isso é do Consularis Paras?

— Não sei. Existem outros Consularis que não estão encarcerados. Mas não sei nada desse pedido.

Liam olhou para mim. — O que você acha?

— Eu acho que temos que ir. — Não negava que eu estava cansada, mas o cartão era muito energizante.

Liam considerou. — Infelizmente, acho que você está certa.

• • •

Eu estava começando a me acostumar com os ruídos e batidas da caminhonete de Liam. Mas ele estava muito mais cauteloso hoje à noite do que estava no Garden District.

A cada poucos minutos, ele olhava para cima, verificando o espelho retrovisor. Ele queria ter certeza de que não erámos seguidos. Eu poderia adivinhar o porquê – estar duplamente seguro de não entrar em uma armadilha.

Mas éramos os únicos na rua esta noite, e os únicos humanos que eu vi durante toda a viagem. Antes da guerra, as pessoas abriam as portas e as janelas, deixando as brisas frescas empurrarem o ar frio e úmido para fora da casa. Elas ficavam sentadas nas varandas ou jardins, falando sobre o dia ou aproveitando a noite. Mas, basicamente, não restavam muitas pessoas. Aqueles que foram deixados estavam espalhados, e muitas vezes ficavam preocupados com a guerra para se aventurar fora de suas casas, a menos que fosse absolutamente necessário.

A refinaria era enorme – várias estruturas se espalhavam por meia dúzia de acres. Menos um campus do que uma construção Frankenstein realmente grande – uma estrutura principal com muitas adições aqui e ali. Respiradores sobre grandes tanques enferrujados. Tendões de passarelas altas e cobertas que uniam as peças. Membros maltratados – um edifício revestido com um complicado padrão de tijolos anexado a outro equipado com um padrão completamente diferente. E os pés de chaminé que perfuraram o ar na extremidade.

Uma cerca de arame circulava o lugar, ou a maior parte. Caía em algumas áreas, quase enferrujadas em outras. Liam encontrou um lugar onde a cerca estava completamente caída e conduziu a caminhonete com cuidado.

Ele passou pela rede de edifícios, observando o movimento, depois parou na frente do complexo maior, um retângulo enorme de aço enferrujado marcado com fileiras de janelas. Estava iluminado por dentro. Alguém havia ligado a energia.

— Eu acho que este é o nosso destino — disse Liam. Ele inverteu a caminhonete, girou até que estivesse de frente para a saída novamente. Apenas no caso de precisarmos transportar o traseiro para a cidade, eu assumi.

Saímos da caminhonete, e Liam esperou enquanto eu caminhava até ele. Ele olhou para mim. — Você está pronta?

— Tão pronta quanto alguma vez estarei. Vamos conhecer nossos visitantes misteriosos.

Silenciosamente, cautelosamente, nós entramos. O prédio estava vazio, mas absolutamente enorme – um longo retângulo espaçoso. A parede exterior tinha janelas; a parede interna era feita de metal e parecia estar derretendo com a ferrugem. Vigas de aço ásperas no meio do espaço apoiavam uma teia de aranha de vigas enferrujadas sobre a cabeça abaixo de um teto de madeira. As luzes pendiam das vigas. O chão era de concreto esburacado, marcado por poças de água sangrenta que escorregavam da parede enferrujada. Ainda escorrendo, enviando ecos através da sala.

Asas tremulavam. O som encheu a sala quando um bando de pombos saiu assustado de uma viga. Nos abaixamos quando eles voaram sobre nós, desaparecendo através de janelas quebradas na outra extremidade do prédio.

Havia outro som de asas. Nós dois viramos, Liam com uma mão em sua arma, um pistoleiro pronto para lutar.

Um homem aterrissou agachado na nossa frente. As asas subiam alto atrás dele, os arcos acima de seus ombros brilhando como seda branca tecida com ouro, contrastando com a decadência ao nosso redor.

Quando se levantou, suas asas se retraíam, desaparecendo de vista.

Ele usava calças escuras e uma camisa branca com botão, as mangas dobradas sobre os antebraços musculosos. Ele era surpreendentemente bonito, com um maxilar quadrado, nariz reto e uma sobrancelha forte sobre olhos que brilhavam como ouro. Seu cabelo era loiro e enrolado em ondas suaves. Eu teria imaginado sua idade como mais ou menos próximo dos trinta anos, mas Paras era difícil de avaliar.

Uma mulher emergiu de uma escada na outra extremidade da sala, os seus sapatos batendo ruidosamente nos degraus de metal. Os cabelos escuros e lisos moldavam um rosto encantador. Seu corpo com curvas pinup estava envolto em jeans justos e uma blusa de algodão vermelho, e seus olhos eram azuis atrás de óculos de tartaruga.

— Desculpe nossa entrada não ser tão boa — disse ela, apontando seu olhar para o anjo. — Nem todos nós temos asas.

Os lábios dele ondulavam com fraca diversão. — Uma pena.

— Não há necessidade de armas — disse ela para Liam, seus dedos ainda estavam presos no punho da arma. — Estamos todos do mesmo lado.

Liam manteve os olhos no anjo. — Você tem certeza disso?

— Nós temos certeza — ecoou outra voz do outro lado da sala, perto da escada.

Era *Burke*, descendo a escada em seu uniforme cinza.

Ele chegou ao chão e sorriu se desculpando. — Ei, Claire, Liam.

— Eu gostaria que alguém explicasse o que, exatamente, está acontecendo aqui — disse eu. — Quem gostaria de começar?

— Vou fazer as apresentações — disse Burke. — Liam Quinn e Claire Connolly. Esta é Darby Craig, nossa bióloga residente, anteriormente pesquisadora da CCP. Você me conhece. — Ele gesticulou para o anjo. — E este é Malachi, um general do exército Consularis.

Olhei para Malachi, percebi a altura, a cor do cabelo. — Você estava na casa dos Landreaus. Você é o Paras que eu vi no jardim.

Ele assentiu. — Sim. Eu estava observando-os.

— Por quê?

— Eu estava no bairro, caminhando, observando os que precisam de ajuda. Vi dois veículos da Contenção acelerarem. Eu os segui, descobri por que eles foram chamados, e fui procurar por pistas, por precaução.

— Ele disse que você era um general — disse Liam. — Você foi recrutado?

— Eu fui.

— E você lutou?

A expressão de Malachi permaneceu em branco. — Eu não tinha permissão para lutar. Fui preso, usado, e por um período, torturado. Mas não lutei.

Olhei para Burke, e minha expressão não era amigável. Eu poderia respeitar o seu segredo. Mas não se ele machucasse Tadjí. — Você é o próximo. Explique.

— Sou um Sensitivo, e tenho procurado outros. Não conheci seu pai, mas sabia que ele era um Sensitivo. Às vezes, é genético, então eu queria conferir você.

Foi uma coisa boa que Liam me contou sobre o meu pai; caso contrário, eu estaria descobrindo aqui, numa refinaria de açúcar abandonada. — E?

Burke sorriu. — Ainda não sei. Se você tem algo, está escondendo bem.

— Eu sou uma Sensitiva — disse eu. — Oito meses agora. Posso mover as coisas.

— Isso é útil — disse Burke, os olhos brilhando com interesse.

— Tem seus momentos. — Alguns bons, alguns ruins. Mas falando de interesse... — Qual é o seu interesse em Tadjí?

Seu sorriso suavizou. Foi um sorriso muito bom. — Uma bela coincidência. Eu queria me aproximar de você. Mas queria convidá-la para dançar.

Não é um elogio para mim, mas ele parecia dizer a verdade.

— Qual é o seu poder? — perguntei.

— Isso — disse ele.

Visitei um carnaval com amigos no colégio, atravessamos a Casa de Espelhos Misteriosos em um desafio. Não era tão assombrado, e não havia tantos espelhos – três ou quatro que distorciam nossos reflexos, então parecíamos mais altos, mais largos ou mais encorpados, com pernas superlongas.

O corpo de Burke estava deformado assim – ondulações que se moviam para cima e para baixo em suas pernas, torso e braços, como se estivesse de pé na frente de um espelho de carnaval. Exceto que não havia espelho. E de repente, não havia nenhum Burke.

Ele desapareceu.

Olhei para o ponto agora vazio onde ele estava parado, caminhei para a frente, atravessei o espaço onde ele esteve. Não havia nada lá.

E quando ele agarrou meu pulso, quase o afastei. Houve mais ondulações, e então ele entrou de novo no foco, a mão no meu braço, sorrindo como um maníaco.

Eu apenas olhei para ele. — Invisibilidade. Isso é maravilhoso.

Ele soltou meu braço, voltou seu olhar para Liam. — Na verdade, é apenas uma camuflagem em um nível realmente detalhado.

— Eu chamo isso de *nanoflagem* — colocou Darby. — Camuflagem de nível nano. A magia faz coisas muito esquisitas para o corpo humano.

— Então eu vejo. — E como ele não parecia fraco ou com fome, adivinhei que não era a única habilidade que ele dominara. — Você pode lançar e ligar?

Seu sorriso ficou sério. Este era o negócio de Sensitivos, as ferramentas mais importantes em nosso arsenal. As coisas que nos mantinham sãos. — Eu posso. Você?

— Estou aprendendo.

— Bom — disse Burke. — Esse processo será mais fácil. O objetivo é a consistência.

Ocorreu-me que Burke era o primeiro Sensitivo que realmente consegui falar sobre ser uma Sensitiva. Isso me fez sentir um pouco melhor – sabendo que eu tinha alguém que esteve no caminho antes.

— Como Materiel acabou contratando um Sensitivo? — perguntou Liam.

— Sem perguntas, não conte — disse Burke. — Eles não sabem. E, falando sobre o CCP, é o que nós queríamos conversar com vocês – nós entendemos que vocês falaram com Lorene Salas hoje.

Então eles eram os representantes do CCP que conversaram com sua família.

— Nós levamos a filha dela na noite passada — confirmou Liam.

Burke assentiu. — Lorene conversou com Lizzie, que lhe disse que você foi muito bom com Marla. Muito gentil com ela.

— Tivemos sorte — disse Liam, gesticulou para mim. — Claire a segurou, e lidou bem com ela. Vocês são amigos de Marla?

— Eu era — disse Darby. — Eu sabia que ela era Sensitiva e não a vi nos últimos dias. Foi quando fui visitar a mãe dela.

— O que te levou lá? — perguntou Burke.

— Nós encontramos o ninho dela — disse Liam. — Voltamos para verificá-lo, ver se encontraríamos alguma evidência.

— De? — perguntou Malachi.

— Os ataques de espectros estão aumentando — disse eu. — Liam está rastreando-os. Além disso, os espectros parecem estar agindo mais como humanos. Nós queremos descobrir o porquê.

Malachi, Darby e Burke se olharam, depois para nós. — Isso é muita coincidência — disse Burke. — Estamos perdendo Sensitivos.

Liam franziu a testa. — O que você quer dizer com *perdendo*? No momento, eles estão desaparecendo da Ilha do Diabo?

— Não é bem isso — disse Malachi, olhando para Darby. — Talvez devêssemos começar do início?

Ela assentiu. — Então, o Véu foi descoberto há quarenta e sete anos.

Não a deixei ir mais longe. — Quarenta e sete anos? Os federais descobriram o Véu há *quarenta e sete* anos? Como estávamos tão despreparados?

— Ainda estava fechado — disse ela. — E não é como se pudéssemos ver através dele. Naquela época, eles não estavam inteiramente certos do que era, ou o que estava por trás disso. É por isso que a Defesa criou uma equipe de pesquisa, em primeiro lugar. Quando o Véu abriu, a Defesa percebeu o que estava acontecendo, o que estava por trás disso.

— Foi aí que o Comando de Combate Paranormal foi criado — disse Burke e Darby assentiu.

— E a agência de pesquisa do Véu foi envolvida no CCP e se tornou CCP pesquisas. A guerra estava em andamento, é claro, então Paranormais tornaram-se inimigos, indivisivelmente. Ainda não sabíamos sobre o recrutamento, ou a Corte, ou o Consularis.

— E Sensitivos? — perguntei.

— Isso foi mais complicado — disse Burke. — Os Sensitivos eram humanos demais para serem os verdadeiros inimigos, mas também Paranormais demais para serem livres, e úteis demais para serem descartados. Como você sabe, alguns foram capturados, internados. Não foi, infelizmente, a primeira vez que os federais internaram cidadãos dos EUA, e as pessoas temiam a magia, com medo da guerra. Infelizmente para eles, o CCP rapidamente se deu conta de que precisavam dos Sensitivos para fechar o Véu.

Eu olhei para ela. — Sensitivos fecharam o Véu?

— Sim — disse Burke.

Olhei para Liam. — Você sabia disso?

Ele balançou a cabeça. — Não precisamente, mas faz sentido que você tenha que lutar contra a magia com magia.

— Exatamente — disse Burke. — o CCP disse aos Sensitivos que recrutaram que eles teriam imunidade. É por isso que muitos ajudaram. E porque estavam dispostos a ignorar as violações evidentes dos direitos civis para ajudar o objetivo maior – a segurança humana. E vocês sabem o que aconteceu depois disso. A guerra terminou e o Ato Mágico foi aprovado. Qualquer coisa com magia se tornou proibido. Criminalizado. Os Sensitivos internados não foram liberados. E os Sensitivos que ajudaram não tiveram imunidade. Eles se esconderam.

Darby assentiu. — Nós – CCP pesquisas, quer dizer – tentamos fazer com que o CCP mudasse sua posição. Sabíamos das diferenças entre Paras. Sabíamos que Sensitivos poderiam controlar sua magia. Nós propusemos a Contenção listar os Sensitivos e Paras do Consularis em uma base de dados para rastrear as flutuações no Véu, nos ajudando a nos preparar caso ele se rompesse novamente. Mas o CCP não quis ouvir isso. Eles queriam que fizéssemos a linha do *combatente inimigo* e nós não. — Ela encolheu os ombros. — Foi quando eu bati o martelo.

— Sobre os Sensitivos, a Contenção pensa que o gerenciamento de magia é muito arriscado — disse Burke, e Darby assentiu. — Eles nos veem como instáveis, incertos. Se não controlarmos a nossa magia, ou não bem o suficiente, nos transformamos em espectros. Isso nos torna perigosos.

Ela olhou para Malachi e Burke. — E então aqui estamos, tentando lutar pelo lado bom.

— Nós? — perguntei.

— Nossos aliados — disse Burke. — Alguns Sensitivos, alguns humanos, e Paras do Consularis, tanto fora quanto dentro da Ilha do Diabo. Nós nos chamamos de Delta. — Burke formou um triângulo com os dedos polegares e indicadores. — Estamos no Mississippi Delta, e em matemática, delta significa mudança. Isso é o que estamos buscando, mudar a visão da Contenção sobre os Paranormais e Sensitivos. Mudar a visão de todos, e agora encontrar nossos Sensitivos desaparecidos – aqueles que ajudaram a fechar o Véu.

— Espere — disse eu. — Se eles estavam escondidos, como você sabe que estão desaparecidos?

— Eles estão escondidos da *Contenção* — disse Darby —, mas não necessariamente de qualquer outro. Existe uma rede flexível de Sensitivos que mantêm contato. Nem todos fazem, mas ter essa conexão é importante para alguns.

— Ela olhou para Burke. — Descobrimos sobre – o que, há seis meses, que um dos Sensitivos da rede não tem feito contato.

— Exatamente — disse Burke com um aceno de cabeça.

— Essa foi a primeira indicação — disse Darby.

Liam cruzou os braços. — Vocês têm uma teoria sobre por que eles estão se perdendo?

— Nós acreditamos que alguém está tentando abrir o Véu novamente — disse Malachi. — E acreditamos que estão usando Sensitivos para fazer isso.

Era o nosso pior medo se tornando realidade.

— Por que vocês acham isso? — perguntei, minha voz calma, mas ainda ecoando na grande sala.

— Porque o Véu está flutuando mais do que deveria — disse Darby.

— Flutuando? — perguntei. — O que isso significa?

Darby tirou um pequeno canivete de bolso do jeans, abriu uma das ferramentas. Ela se agachou, arranhou uma linha através da sujeira no chão.

— Esta é a linha de base — disse ela. — As flutuações normais na energia emitida do Véu são assim. — Com a ferramenta, ela desenhou uma linha ondulada através da sujeira que subiu e caiu sob a linha principal.

— As flutuações do véu são comuns — disse Liam. — O véu é um limite, uma barreira. Ele muda e recua.

— É verdade — disse Darby. — Mas há flutuações, e há *flutuações*. — Ela olhou para cima. — Não temos a gama completa de equipamentos de monitoramento que usamos. Mas, tanto quanto podemos dizer, e com base em alguma triangulação, a energia atualmente se parece com isso. — Ela desenhou outra linha, e essa se moveu de forma selvagem e abaixo da linha de base. Os aumentos e as quedas eram maiores, e eles pareciam muito mais aleatórios.

— O que os tornaria diferentes?

— O Véu não abriu de forma limpa — disse Darby. — Não foi cirúrgico; eu verifiquei. Então fechar o Véu significava puxar essas extremidades irregulares de volta. Sete Sensitivos fizeram isso, e eles criptografaram a *costura* para mantê-lo fechado. Eles usaram sua magia particular para criar uma criptografia – que consistiu em chaves mágicas – que atuaria como uma proteção extra contra alguém tentando abri-lo.

— Quais sensitivos criaram a criptografia? — perguntou Liam.

— Não sabemos — disse Burke. — Ninguém sabe, exceto os Sensitivos que fizeram isto. Isso fazia parte do acordo – de modo que o conhecimento não poderia ser usado contra eles no futuro.

— Nós tememos que o Véu esteja flutuando de forma mais selvagem porque alguém conseguiu quebrar alguns dos selos — disse Malachi.

— Vocês podem dizer quantos? — perguntei.

— Não podemos — disse Malachi. — Esta é a primeira vez na história que o Véu foi, no nosso conhecimento, selado dessa maneira.

— Então, você acha que os Sensitivos desaparecidos e as flutuações do Véu estão conectados? — perguntou Liam.

Malachi assentiu. — Sim, mas não temos certeza de como.

— Quantos Sensitivos estão faltando? — perguntei.

— Vinte, que nós sabemos — disse Burke.

Liam e eu trocamos um olhar.

— O quê? — perguntou Burke.

— Desde a morte da minha irmã — disse Liam —, eu tenho acompanhado ataques de espectros na cidade. Dobraram nos últimos meses.

— Quantos?

— Vinte e quatro — disse Liam. Isso era bem perto de vinte. — A Marla Salas era uma das suas Sensitivas perdidas?

— Ela era — disse Darby. — Ela era uma boa amiga minha.

— Quanto tempo ela desapareceu? — perguntei, percebendo que não pensei em perguntar a Sra. Salas.

— Treze dias — disse Darby. — E ela estava bem quando a vi pela última vez.

O medo passou por mim. Marla passou de Sensitiva para espectro em menos de duas semanas. Isso não era muito tempo – e sugeri que não havia muita defesa para o que estava acontecendo aqui.

— Então, os Sensitivos desaparecidos podem estar *perdidos* porque foram transformados em espectros? — perguntei. — Quero dizer, não sei como isso seria possível — disse, realmente significando que eu não *queria* saber como era possível. — Mas os números combinam.

O pessoal do Delta trocou olhares. — Não é uma teoria que eu goste de considerar — disse Burke, então olhou para Darby. — Isso é possível?

Ela franziu os lábios, considerando. — Se você negar a eles a capacidade de regular? Ou talvez forçar a magia neles, de alguma forma? Aumentar a taxa de absorção? Eu teria que pensar na mecânica precisa, mas, como disse a Claire, os números estão muito próximos.

No lado positivo, se alguém tivesse feito isso com Marla – se não fosse um fracasso de algum tipo – ainda havia uma chance de eu poder controlar minha magia.

— Então, suponha que você possa fazer isso — disse Liam. — Por que você iria querer?

— Então, os criminosos poderiam cobrir seus rastros? — sugeriu Burke. — Você quer abrir o Véu. Está sequestrando Sensitivos que poderiam estar envolvidos, e encontra alguém que não está. Você não quer que ele fale sobre a entrevista, sobre as perguntas. Então você a descarta. Se transformá-la em um espectro, ela não pode falar.

— Não sendo impiedoso — disse Liam. — Mas por que não apenas matá-los?

— Talvez você não goste de Sensitivos e Paras — disse Malachi. — Deixar que os Sensitivos se tornem espectros, ou tornando-os espectros, coloca mais monstros na rua. Prova como eles são perigosos.

— Então, por que abrir o Véu? — perguntei.

— Talvez para atacar — disse Malachi. — Para ser o primeiro a passar pelo Véu desta vez.

Para iniciar a guerra, ele quis dizer.

Algo me ocorreu. — Os Sensitivos que trabalharam com o CCP – eles têm o controle da magia deles?

Burke assentiu.

Olhei para Liam. — Talvez seja por isso que nossos espectros são capazes de pensar e se comunicar a um grau mais elevado – porque eles mantiveram algum desse controle. Mas quem é esse sangue frio?

— Não sabemos — disse Burke. — Alguém que quer o Véu aberto, e que tem acesso aos arquivos do CCP – eles precisariam identificar os potenciais sensitivos. Para encontrar os sete, eles teriam que seguir seu caminho através da lista. Parece ser o que estão fazendo.

— Não precisa ser humano — sugeriu Malachi. — Poderia ser um Paranormal livre. Eles não estão abrindo o véu para causar estragos aqui, mas abrir sua própria porta. E não se importam com quem ferirem no processo.

— Poderia ser um membro do culto humano — sugeriu Liam. — Ainda há humanos que pensam que podem induzir a Segunda Vinda ao abrir o Véu.

Malachi assentiu. — Há várias teorias. Mas não temos nenhuma evidência concreta de quem está por trás disso neste momento. Isso é o que precisamos descobrir.

— Vocês podem dizer quem mais eles podem ter como alvo? — perguntou Liam, se aproximando de mim, como se pudesse me proteger de danos apenas por se aproximar. Eu realmente não me importei.

— Até agora — disse Darby —, parece que eles estão direcionados a qualquer Sensitivo que trabalhou com o CCP.

— Certamente a Contenção sabe sobre tudo isso? — disse eu. — Sobre as flutuações de Véu? Sobre os Sensitivos? — Eu não podia acreditar que a Contenção – a organização de Gunnar – seria tão despreocupada.

Burke sacudiu a cabeça. — Tivemos que ter cuidado com as informações que passamos, e como fazemos isso. Mas descobrimos como compartilhar a informação com contatos dentro da Contenção e dois de seus contratados – SecuriCrew e ComTac. Eles acham que as flutuações não são importantes. E ninguém quer acreditar que existe um risco do Véu abrir de novo, que terão que enfrentar novamente o trauma da guerra. É mais fácil dizer que estamos exagerando.

Eles precisavam de ajuda. Eu ouvi tudo o que precisava ouvir. — Eu quero entrar. Quero ajudar.

Todos olharam para mim. Eu podia sentir Liam tenso ao meu lado, mas ele não discutiu. Ele já me conhecia bem agora. Imprudentemente corajosa e tudo isso.

Os últimos dias mudaram minhas circunstâncias – eles me mudaram. E não seria possível voltar a vender produtos secos no Quarter.

Não sabia se meu pai pensava que ele havia vivido uma vida *grande*. Eu sabia que ele estava orgulhoso do que fez para manter a cidade alimentada e fornecida durante a guerra. Sabia que ele estava feliz por ter conseguido fazer uma contribuição. E sim, eu fazia a mesma coisa, ajudava a manter Nova Orleans viva, ou pelo menos meu pequeno canto dela. Fiquei quieta. Trabalhei duro.

Mas isso seria satisfatório para sempre? Agora que eu conhecia a verdade, ou pelo menos uma parte dela, sobre Paranormais e a Contenção, eu não sabia. Eu não estava certa de que poderia voltar para essa vida.

Sim, era uma vida pela qual eu estava agradecida. Era uma vida que me ajudou a superar a perda e me sentir menos sozinha quando minha família se foi. Isso me deu normalidade e rotina, e me manteve focada em saber se precisávamos de mais agulhas ou fios, em vez de sobre o que eu não tinha.

Mas era muito tarde para homenagear o pedido do meu pai de não intervir; pelo menos eu poderia lutar no lado certo.

— Por quê? — perguntou Malachi, com a cabeça inclinada. Não pensei que ele estava julgando a questão, mas verificando minha motivação.

— Porque se as coisas não mudarem, se não mudarmos a maneira como a Contenção lida com os Sensitivos, fazê-los reconhecer que não precisamos nos transformar em espectros, eu poderia ser a próxima.

— Eu também estou — disse Liam. — Ela apenas falou primeiro. Quem está fazendo isso tem sangue nas mãos. Minha irmã. Marla Salas. E elas não são as únicas.

Burke soltou uma respiração. — Bom. Nós esperávamos que ambos se sentissem assim.

— Para o registro — disse Darby —, o salário é uma merda, porque não há nenhum, não há benefícios ou dias doentes, e a Contenção pode estar em sua bunda em qualquer momento. Mas há muita glória em manter o Véu fechado, salvar os humanos dos monstros do Além. Sem ofensa, Alado.

— Nenhuma.

Falando do senhor Alado. — Se o Véu for aberto — disse eu, olhando para Malachi —, você poderia ir para casa. Não quer isso?

Uma sombra cruzou seu rosto perfeito. — Sou um guerreiro. Lidero meus batalhões, e a luta ainda não está concluída. Eu não escolhi estar aqui, mas a luta se mudou para esta terra.

— O que significa que a briga agora está contra a Contenção? — perguntou Liam.

— É um modo a falar — disse Malachi. — Talvez seja melhor dizer que a luta é contra a ignorância.

— E qual é a agenda atual? — perguntou Liam.

— Seguir o resto dos Sensitivos que trabalharam com a Contenção, mesmo que acidentalmente — disse Burke. — Mas é um processo lento, e não conseguimos continuar. Ainda estamos perdendo Sensitivos.

— Nós temos um amigo na Ilha do Diabo que tem competências computacionais — disse Liam. — Se você concordar com isso, podemos conversar com ele, mandar buscar na rede. Talvez ele possa encontrar algo sobre quem pode ser o próximo alvo.

Burke olhou para Malachi e Darby, que assentiram com a cabeça. — Boa ideia — disse ele.

— Então, como nos comunicamos? — perguntei. — Ou saber quando nos encontrar?

Malachi assobiou. Ao seu comando, um pombo branco-leitoso voou da vigas e pousou em seu braço estendido. Havia uma pequena faixa de couro em uma perna escamosa. — Pombo correio — disse ele, depois gesticulou para a faixa de couro. — Uma pequena mensagem pode ser colocada aqui.

— Pensei que os pombos correios estavam extintos.

— Você está pensando em pombos viajantes — disse Darby. — Eles estão extintos. Os pombos correios são, na verdade, um tipo de pombo que retorna à casa, esse não está.

Olhei para o pássaro, que virou a cabeça em movimentos robóticos e espasmódicos. A guerra não fez muito para diminuir o número de pombos em Nova Orleans, e, como os telefones desapareceram, era uma solução bastante engenhosa. Os humanos percorreram um longo caminho - e às vezes circulavam de volta.

Malachi assentiu. — Há um lugar na sua loja onde um pássaro pode pousar? Onde você poderia receber uma mensagem?

Pensei por um momento. — As janelas do pátio. Elas estão longe da rua, e os outros edifícios que enfrentam o pátio não estão ocupados. Há um mastro de bandeira fora da janela do terceiro andar. Se você puder levá-lo a pousar lá, isso poderia funcionar.

Ele assentiu. — Quando tirar a mensagem, você pode inserir outra. O pássaro voltará aqui, onde iremos recuperá-la.

— E se precisarmos entrar em contato com você antes disso? — perguntei.

— Sinalize — disse Malachi. — Você obteve uma bandeira pós-guerra?

Essa era a bandeira com flores-de-lis douradas. — Claro.

Ele assentiu. — Se precisar se encontrar conosco, coloque-a no mastro do terceiro andar. Alguém vai vê-la e enviar uma nota. E se precisarmos nos encontrar, nos encontraremos aqui.

Assenti. — Simplesmente suficiente.

— Nesse caso — disse Darby com um sorriso que parecia bastante aliviado —, bem vindos à equipe.

• • •

Uma brisa quente soprava lá fora enquanto caminhávamos pelo cascalho até a caminhonete.

— Então, acho nos juntamos a uma aliança secreta e traidora.

— É assim que parece — disse Liam enquanto entrávamos na caminhonete. Ele colocou a chave na ignição, impulsionou o motor até a caminhonete rugir para a vida.

Ele olhou para mim. — Não posso dizer que estou emocionado com a possibilidade do Véu se abrir novamente – ou que somos a única coisa que está entre a guerra e a paz.

— Nós temos que começar em algum lugar — disse eu.

Ele olhou para mim e sorriu. — Essa é uma dessas coisas que as pessoas dizem que na verdade não significa nada. Eles simplesmente dizem para fazer você se sentir melhor.

— Sim, elas dizem — disse eu. — E você não se sente melhor?

Ele grunhiu.

— O que você vai pedir para Moses procurar?

Liam franziu a testa. — Ainda não sei. Não é como se ele pudesse pesquisar todas as instâncias de *Sensitivos* na rede da Contenção. Provavelmente são milhares de documentos.

Eu sorri para ele. — Não. Mas ele poderia procurar *Marla Salas*.

Ele abriu a boca, fechou-a novamente. — Maldição, Connolly. Isso não é ruim.

— Muito brilhante, na verdade.

Liam bufou, desviou a caminhonete ao redor de um enorme buraco. — Não deixe isso subir à cabeça. Vou falar com ele amanhã.

— Se mantivermos o Véu fechado e salvarmos o mundo, você acha que existe alguma chance da Contenção repensar sua posição sobre os Paras?

— Não imediatamente. Eles também estão muitos envolvidos na mentira neste ponto.

Isso soou como algo que Tadjji diria. — Certo. A Contenção mente.

— Coloque isso em uma maldita camiseta — murmurou ele. — Mas a longo prazo? Sim. A opinião pública eventualmente influenciará. Sempre faz. E parece que vamos ajudar. Nós apenas continuamos mantendo você segura nesse ínterim. Quero dizer, exceto pela traição.

— Eh — disse eu, acenando. — Em comparação com salvar o mundo, o que é uma pequena traição entre amigos?



Capítulo 17

Descobri na manhã seguinte, quando explodiram como um furacão – oito homens e mulheres de uniforme cinza escuro com capacetes e armas muito grandes, liderados por Jack Broussard.

Ele usava um terno cinza escuro com uma gravata azul clara, os cabelos ondulados caíam contra a testa. Seu distintivo estava em uma corrente ao redor do pescoço, e havia um pedaço de papel de marfim dobrado na sua mão.

Quando ele virou o sinal ABERTO da loja para FECHADO, meu coração saltou na minha garganta. Isso não seria bom.

Conhecia os sinais de uma batida da Contenção – agentes que buscam por Paranormais, por bens mágicos proibidos. Houve centenas delas durante a guerra, quando a Contenção decidiu que os tabuleiros Ouija e as cartas de tarô significavam a diferença entre a vitória e a derrota, e depois da guerra, quando ainda tentavam reunir os Paranormais que não foram conduzidos para a ilha do Diabo.

Não ouvi falar de uma batida no Quarter há anos – provavelmente dois ou três. Não havia um ponto para isso. Não havia o suficiente de nós, e certamente não temos *implementos de magia* como a Contenção os chamava, para fazer as batidas valerem o tempo – ou a publicidade negativa. Não fazia muito pela moral das pessoas que estavam apenas conseguindo sobreviver.

Mantive minhas mãos no balcão, forcei-me a ficar calma, a parecer entediada, mesmo enquanto fumegava por dentro. Mas a raiva não me faria bem agora, e o pânico só os deixariam desconfiados. A irritação leve pode ajudar. Só a crença de que eu não tinha nada a esconder poderia tirá-los daqui antes.

— Agente Broussard.

Ele avançou, e os agentes se espalharam pela frente da loja. — Claire. Adorável vê-la novamente.

— Eu tenho certeza. O que traz você e a sua – equipe técnica – aqui hoje?

— Uma inspeção — disse ele. — Por possíveis violações do Ato Mágico.

Eu me obriguei a rir, mas meu peito doía com medo. Eles descobriram sobre o nosso encontro ontem? Fomos seguidos? Burke era um espião?

— Isso é hilário. Sabão é uma violação do Ato Mágico agora?

Sua expressão não mudou. Acho que a piada não colou.

— Você está falando sério? — disse eu, com uma surpresa fingida.

— Muito. — Ele estendeu o papel para mim. Eu o olhei. Era um documento formal que tinha o meu nome e o da minha loja, e dava à Broussard e a Contenção, *permissão* para procurar na loja sob o Ato Mágico. Não havia nada para indicar quem havia denunciado à Contenção que eu talvez estivesse escondendo algo – exceto pelo selo do Comandante no topo.

O nome do Gunnar não estava nisso, obviamente, mas a possibilidade dele saber sobre isso – e não me avisar – fez meu estômago revirar com raiva e medo. Teríamos uma longa conversa quando isso acabasse.

— Este documento dá permissão à Contenção para pesquisar na loja por violações do Ato, ferramentas de magia e coisas similares.

Eu me inclinei, com voz tão feroz quanto conseguiria. — Como você sabe bem, não há violações e nenhuma ferramenta nesta loja. Não há nada que poderia estar aqui. Tudo o que recebo vem do chão ou de um comboio.

— Eu tenho um mandato válido.

O medo começou a transição para a fúria. — Se você obteve um mandado, então use-o e saia da minha loja.

Seu sorriso era vil. — Vocês a ouviram, pessoal. Vamos usá-lo.

Eles não perderam tempo. Cada agente se moveu em uma direção diferente, começou a abrir gavetas, esvaziando cestas, abrindo caixas. Um agente enfiou a mão em uma velha panela de barro que obviamente estava vazia. Quando não encontrou nada, ele o empurrou. Ela atingiu o chão com uma barulho, enviando lâminas de cerâmica em toda a madeira. Outro agente moveu-se para o suporte de bengalas, puxou uma para fora, bateu forte contra a borda de uma estante, quebrando-a em dois. Eu me encolhi com o som, que ecoou pelas paredes de tijolos como tiros de artilharia.

— Maldição, Broussard, controle o seu pessoal. — Minha voz era suplicante, mas Broussard não interviria. Quando tentei me mexer no balcão para parar sozinha, Broussard entrou na minha frente. Ele estava perto o suficiente para que nossos pés se encontrassem, que eu precisava olhar para cima para encontrar seu olhar.

— Se você tentar interferir com uma investigação da Contenção, eu terei que prendê-la.

— Isto não é uma investigação! — Um agente puxou uma pintura a óleo emoldurada da parede – um retrato de um plantador que possuía terras na estrada do rio, fora da cidade. O agente, uma mulher com rosto quadrado e olhos frios, arrancou o suporte da parede, passou sentindo em volta da moldura por algo, o que obviamente não encontrou. Ela jogou o retrato como lixo.

— Você está destruindo minha loja.

— Estamos investigando — disse Broussard, e não fez nenhum movimento para controlar seus colegas. E os Paras eram os bandidos? Nix me ajudou a aprender como não me tornar uma assassina. Broussard era tão humano quanto poderia ser, e um valentão.

Afastei-me dele, com medo de dar-lhe o chute nas bolas que ele merecia, o que só pioraria as coisas para mim. Estremeci quando um agente afastou a pequena pilha de beterrabas que tirei do jardim, jogou-as no chão para fazer o seu ponto. Isso era comida. Você não desperdiçava comida na Zona, maldição.

— Nenhuma dessa destruição ajuda você. — Eu olhei para ele, implorando agora. — Se quer alguma coisa, apenas me diga.

Broussard tirou um pequeno gravador preto do bolso e colocou no balcão. — Você está hospedando encontros ilícitos de Sensitivos aqui?

Eu olhei para ele por um momento. Ele perdeu a verdade – apenas um pouco – o que foi útil, porque significava que não precisava responder falsamente. — Você não pode estar falando sério.

— Você foi vista com Liam Quinn em várias ocasiões. As lealdades dele são questionáveis.

— Sim, eu sei tudo sobre sua história com Liam Quinn.

Pela primeira vez, a postura de Broussard escorregou. Seus olhos brilharam. — Liam Quinn é um traidor.

— Liam Quinn é um caçador de recompensas, e como você provavelmente sabe, ele está me treinando para fazer o mesmo.

— Você espera que eu acredite nisso?

— O que, precisamente, é difícil de entender nisso? Certamente, você não acha que uma mulher não pode derrubar um espectro. Porque eu fiz isso duas vezes agora. Ele está me treinando porque eu vi espectros e o que eles podem fazer. Eu estava aqui durante a guerra, Broussard. Vi pessoas morrerem. Não quero que isso aconteça novamente. — *E estou tentando evitar que isso aconteça.*

O relógio de cuco tocou, e um dos agentes se moveu em direção a ele, ergueu uma mão para agarrá-lo.

Chega, pensei. Se eu não podia contornar o maldito balcão, eu simplesmente passaria por cima. Não seria a primeira vez. Empurrei uma mão na madeira, usei as prateleiras como os degraus de uma escada, subi para o topo e pulei no chão do outro lado.

— *Não toque nisso* — gritei, e preparei-me para avançar, mas Broussard agarrou meu braço, os dedos apertando o suficiente para machucar.

— Não torne isso mais difícil do que deveria ser. — Seus dentes estavam cerrados.

— Não sou eu quem está dificultando. Seus bandidos estão destruindo minha loja por nenhum motivo. Você se arrependerá disso.

— Isso é uma ameaça, Sra. Connolly?

Eu consegui me libertar e vi o brilho de prazer em seus olhos. — Você está destruindo o que resta da minha família por nada. Mas não, Broussard. Não estou ameaçando você. Estou apenas falando a verdade.

Tentei me afastar, mas Broussard pegou meu outro braço também. E os segurou atrás de mim enquanto o agente arrancava o relógio da parede.

Lágrimas brotaram nos meus olhos enquanto eu tentava me empurrar para frente. — Pare! Basta parar, por favor! Pare!

Mas ele não parou. Ele arrancou as portas, quebrou a garota e o lobo, afastou a tampa do relógio. Ele olhou para dentro. Satisfeito que não havia nenhum plano secreto da Corte da Alvorada dentro, ele jogou as peças na mesa mais próxima.

Se a Contenção queria uma guerra, essa era precisamente a maneira de obter uma.

• • •

Eles atravessaram os quartos de frente e do fundo, a cozinha. E depois se dirigiram para as escadas.

Pela primeira vez, lembrei-me de que havia algo incriminatório no segundo andar – a bolsa de emergência que eu escondi no armário depois do meu encontro com os espectros. Não havia nada mágico nele, mas havia cópias de meus papéis, uma muda de roupa. O propósito seria bastante óbvio.

Broussard soltara meus braços, mas estava ao meu lado caso eu decidisse fugir. Como se houvesse uma chance de deixar a loja com essas pessoas. Mas quando o primeiro agente começou a subir a escada, pulei em direção a esta, coloquei meus braços contra cada parede para bloquear o caminho. — Essa é uma propriedade privada, não faz parte da loja.

— Saia do caminho — disse ela. — Ou eu mesma vou te mover. — Ela puxou bastão do cinto, ajustou seus dedos em volta dele.

O sino tocou na porta, e todos olhamos para cima. Gunnar entrou.

Não acho que fiquei tão feliz por vê-lo.

Havia uma pilha de cabos de vassouras de madeira na frente da porta, derramada do suporte de guarda-chuva em que eu as guardava. Gunnar olhou para elas, então para o resto da destruição, os homens e as mulheres de uniformes, eu de pé na frente das escadas de braços cruzados. Seu olhar caiu sobre Broussard, e seus olhos ficaram gélidos. Sua mandíbula apertou, corpo rígido, o peito subindo com indignação.

Ele caminhou direto para Broussard com fúria nos olhos, e sua voz era baixa e perigosa. — O que diabos está acontecendo aqui?

— Investigação da Contenção — disse Broussard. — Por possível violação do Ato Mágico.

— Nós não aplicamos ativamente o Ato Mágico em três anos.

Broussard não parecia intimidado. — Isso não o torna menos válido. Significa apenas que a execução foi negligente.

— Ele me perguntou se eu estava fazendo reuniões secretas de Sensitivos — disse eu, meu olhar sobre a agente na minha frente. Oh, como eu teria gostado de usar minha magia para derrubá-la.

Gunnar ergueu os olhos, me encontrou no primeiro piso, braços nas escada, depois deixou o olhar cair para a agente na minha frente, que parecia pronta para arrancar os braços do meu corpo.

— Essa é a coisa mais ridícula que já ouvi — disse ele, estendendo a mão para Broussard. — Dê-me o mandado.

— Você não é um agente.

— Não — disse Gunnar. — Não sou. Mas sou o conselheiro do Comandante, e ele é seu chefe. Não tenho conhecimento dessa *batida*. Eu acho questionável, considerando onde você está e quantas pessoas você trouxe.

Ele olhou em volta da loja, encontrou o olhar de cada agente. — Não sei o que diabos vocês acham que estão fazendo aqui, mas o Comandante não suporta a destruição de propriedade privada. Se vocês encontraram objetos mágicos aqui, vocês os pegam, registram e os levam. Vocês não destroem coisas não mágicas no processo.

— Você tem um óbvio conflito de interesse — disse Broussard, inclinándose para mim. — Ela é sua namorada.

— Você é completamente alheio, Broussard. Ela não é minha namorada; sou gay. Mas ela é cidadã com direitos civis. E não pedi sua opinião. Eu pedi o papel. — Ele estendeu a mão.

Gunnar olhou Broussard com um olhar que era uma mistura de fúria, irritação e pura audácia. Eu não sabia se ele realmente tinha alguma autoridade sobre a Broussard, mas certamente parecia.

Broussard pareceu irritado, mas puxou o papel do interior de seu casaco e entregou-o. Gunnar desdobrou e leu enquanto esperávamos em silêncio por seu discurso. Depois de um momento, ele olhou para Broussard.

— Isso diz que o mandado abrange a loja.

— E? — diz Broussard.

— A loja está aqui, no primeiro andar. Não há loja no andar de cima, então você não tem direito ou autoridade para ir lá.

— O mandado...

— Diz o que diz — disse Gunnar, dobrando-o e colocando-o em seu próprio bolso. — Você tinha autorização para a loja, o que claramente você inspecionou.

— Como eu sei que não há uma loja no andar de cima?

Gunnar revirou os olhos, olhou para o resto dos agentes. — Existe alguma loja no andar de cima? Vocês já compraram produtos lá em cima?

Silêncio, até que um homem na frente sacudisse a cabeça. — Não, senhor. Não acima das escadas.

— E aí está. E desde que vocês a destruíram, eu suspeito fortemente que o Comandante terá algumas perguntas sobre como vocês inspecionaram a loja. E Claire provavelmente terá alguns pensamentos sobre se vocês podem voltar.

— Eu tenho — disse eu a Broussard. — Nunca mais pise na loja novamente.

Então levantei meu olhar para os agentes. Um casal parecia envergonhado, talvez por deixarem as coisas chegarem tão longe, talvez por terem seguido Broussard contra o melhor julgamento deles. Talvez tivessem seguido ordens difíceis, embora soubessem melhor. Todos nós fizemos coisas difíceis em momentos difíceis.

Outros simplesmente pareciam irritados. Por qualquer motivo, ou por qualquer coisa que Broussard lhes dissesse, eles acreditavam que eu era a Inimiga Pública Número Um. E estava tudo bem. Eles poderiam acreditar no que quisessem, por mais ingênuo que fosse.

— Se vocês acreditam que eu tentaria machucar esta cidade — disse eu — , vocês não são tão inteligente como pensam. E não são mais bem-vindo aqui.

Broussard orientou um agente a pegar a caixa que continha as *evidências* que reuniram. Ele gesticulou o homem para a porta, caminhou em minha direção com um pedaço de papel na mão. — Você pode ir a Contenção em quarenta e oito horas para verificar o status de suas coisas. Elas podem ser retidas como evidência no caso de uma ação adicional ser justificada, mas o funcionário avisará.

Examinei o recibo, senti um alívio imediato. Entre outras coisas totalmente inocentes, eles estavam levando um saleiro, velas, uma faca de pérolas e um livro sobre o espiritualismo do século XIX. — Nenhuma dessas coisas é mágica — disse eu, entregando o recibo para Gunnar —, e nenhuma delas é proibida.

A expressão de Broussard era plana. — Estes são todos os bens que podem ser utilizados para desenvolver magia.

Ele disse que a magia era algo que poderia ser feito a partir do zero, como fazer um bolo. Como acender uma vela e dizer algumas palavras sobre o fogo, levantar alguém dos mortos ou fazer alguém se apaixonar. O Véu não comprovou que o que os humanos conheciam da magia era apenas uma ilusão? Simulação ou

coincidência? Havia magia, absolutamente. Mas a coisa que imaginávamos ser era apenas uma sombra doentia do real.

— Não — disse eu, de repente esgotada. — Eles não podem. E tenho certeza que todos aqui sabem disso.

— Quarenta e oito horas — disse ele, então olhou para Gunnar. — Talvez devêssemos falar com o Comandante.

Gunnar assentiu. — Eu acho que isso seria melhor.

Broussard caminhou até a porta, abriu-a e saiu para o dia nublado lá fora. A porta fechou silenciosamente atrás dele. Eles até tiraram a campainha do lugar. Porque essa era claramente a chave para os meus compromissos mágicos impróprios.

Silêncio caiu quando Gunnar e eu olhamos para os restos da minha loja. Não, eles não destruíram tudo. Mas jogaram sobre mobiliário suficiente, derrubaram porcas e parafusos, deixando o chão cheio de coisas. Seria preciso horas para arrumar a sala de novo.

Andei até a mesa onde o agente jogara os pedaços quebrados e espalhados do relógio de cuco.

Me levou várias semanas para que ele fosse limpo e funcionasse da última vez. Agora não era apenas sobre o movimento, mas as próprias peças. Eu deveria descobrir o quanto da madeira poderia ser colada, ou descobrir uma maneira de cortar novas peças. Levaria meses, se eu tivesse sorte. Levantei Chapeuzinho Vermelho e coloquei o lobo ao lado dela. E esperava ter sorte.

— Sinto muito, Claire — disse Gunnar.

Assenti. Mas não pude parar de pensar em arrependimento ou sobre a presunção que Broussard teve, quão arrependido ele deveria ter ficado, e provavelmente nunca ficaria. Isso só me enfureceu ainda mais, e a Contenção não estava exatamente no meu lado bom no momento.

O dano já havia sido feito. Era hora de limpá-lo.

• • •

Gunnar se ofereceu para me ajudar antes de voltar para a Contenção, e eu aceitei. Trabalhamos em silêncio, começamos com os móveis. Virando cadeiras. Endireitando mesas. Colocamos as gavetas em seus lugares, empilhamos seus

conteúdos em cima das mesas. Juntos, nós levantamos a barra para as bengalas e começamos a colocá-las em seus espaços. Eles quebraram três delas – um bastão básico, uma bengala com um macaco de bronze na ponta e uma que continha um pequeno kit de costura. Eles deixaram as lascas de madeira, mas pegaram o kit de costura. Porquê um par de agulhas antigas, um pouco de linha e um dedal eram claramente as chaves para meu plano maligno.

Coloquei os pedaços das varas no balcão e olhei para ele. — Não perguntei por que você entrou na loja.

Gunnar estava colocando talheres antigos de volta em sua caixa. Ele sorriu. — Eu vim para lhe dar uma atualização – Emme está melhorando. A febre dela se foi, e ela andou por toda a casa.

— Bom — disse eu. — Isso é bom. Algum outro sinal dos espectros?

Ele balançou a cabeça, dividiu garfos e colheres em suas ranhuras. — Não. Mas outro par foi visto em Mid-City ontem à noite. Eles não incomodaram ninguém que conhecemos, mas os monitores estão mais distantes lá fora.

Assenti. — Por que a Contenção autorizaria o mandado?

— Especificamente, eu não sei. Broussard deve ter feito um caso.

Eu precisava perguntar. Não havia como evitar. Então reuni coragem, e olhei para ele. — Preciso te perguntar uma coisa. — Ele olhou para mim e levantou as sobrancelhas. — Desculpe, mas tenho que saber: Broussard me questionou sobre Liam. Você disse a eles que o vi desde a noite do ataque do espectro? Que ele esteve aqui?

Gunnar congelou, uma colher de prata na mão. Eu podia ver a dor em seus olhos, o aperto da mandíbula. — Desculpe-me?

— Não estou dizendo que você teria feito isso de propósito, mas há algo que você poderia ter dito que faria com que eles suspeitassem de algo?

Ele abaixou a colher, virando para olhar para mim. — Vamos começar com a lógica, Connolly. — Ele só me chamava de *Connolly* quando estava com raiva. Isso não era um bom sinal. — A Contenção entrevistou você e Quinn aqui depois do ataque de espectros no Quarter. Você atravessou o portão com ele, foi verificado pelos guardas da contenção. E quando os homens de Solomon atacaram vocês dois – o que você também não me disse – os agentes responderam. Você também admitiu a Broussard que conhecia Liam.

Eu acho que ele também lera esse relatório. — Eu precisava perguntar.

— Você, Claire? Você precisou perguntar se o seu melhor amigo a denunciou?

— Alguém disse alguma coisa — disse eu. — Você e Burke são as únicas pessoas que conheço na Contenção. — Eu poderia estar errada, mas tinha a intuição de que Burke não falaria.

— Nós somos? — A expressão de Gunnar ficou gelada. — Liam Quinn trabalha para a Contenção.

— Ele é contratado. Ele realmente não trabalha para eles.

A expressão de Gunnar não mudou. — Os salários vêm do mesmo lugar, de qualquer maneira. — Ele cruzou os braços. — Você começou a agir de forma diferente quando ele entrou em sua vida. Você está certa de que isso não é sobre ele? Tem certeza de que você pode confiar nele?

Como eu poderia ter certeza de que alguém agora era confiável? Em questão de dias, tudo o que sabia sobre o mundo virou de cabeça para baixo. A divisão do Véu provou que a magia existia, e não era um conto de fadas.

— Você tem certeza de que a Contenção é confiável? — perguntei a ele.

— Claro que não.

Eu olhei para ele. — O que você quer dizer com *claro que não*? Você trabalha para eles.

Terminando com a prataria, ele fechou a caixa de talheres. — As pessoas sempre dizem isso assim. Como se a contenção é uma coisa unificada, uma força contra o mal. — Ele olhou para mim. — A Contenção é apenas pessoas, Claire. É composto de pessoas, algumas boas, algumas ruins, mais intermediárias. Assim como qualquer outra organização no mundo, é tão confiável quanto as pessoas que estão nela.

— Eu não sabia que você se sentia assim.

Ele fez um som intenso. — Não é exatamente uma opinião popular. E não ajuda muito as pessoas. Elas precisam acreditar que há o bem e o mal no mundo, e que a linha divisória entre eles é muito, muito clara. Isso foi o que aconteceu com a guerra, Claire. Porque no meio da tragédia, da violência, da morte, e pior, de todo esse mal, ainda havia o bem. Lá ainda está um bom cara.

Agora, isso soava como a Contenção que eu conhecia. Mas Gunnar não estava dizendo que o mundo realmente era preto e branco – só que as pessoas precisavam acreditar nisso. Eu não poderia realmente discutir com isso.

— Desculpe — disse eu.

Gunnar grunhiu.

— Para que conste, eu não queria acreditar que você tivesse alguma parte nisso, mesmo acidentalmente. Mas não há muitas opções.

— Novamente, eu aponto Quinn.

Balancei a cabeça. — Ele joga de durão, mas acho que ele tem um bom coração. — Não que eu diria isso a ele. — Ele pode ser pago pela Contenção, mas não acho que haja algum amor perdido lá.

Gunnar caminhou em minha direção no balcão. — Ele contou sobre o emprego anterior dele? Sobre o trabalho dele para a Contenção?

Assenti. — Sim. E que Broussard acabou com ele. Você acha que isso motivaria Broussard?

— Eu não saberia. — Desta vez, havia um arrependimento em seus olhos. — Sinto muito. Eu sei o quanto a loja significa para você. Quanto tudo isso significa para você. Mas juro, eu não sabia. Os mandados não deveriam nem chegar ao Comandante sem passar por mim primeiro.

Eu me sentei um pouco mais reta. Isso era muito interessante. — Eles não deveriam?

— Não. O que significa que alguém me evitou. Eu não teria pensado que Broussard tinha as costeletas para isso, mas quem sabe. Eu o observei no escritório depois que você disse que ele falou com você. O homem é como um cão com um osso. E ele está indo para Quinn sobre esse último contrato.

— Mas certamente isso não é suficiente para decidir que estou hospedando reuniões de Sensitivos. Essa é uma acusação muito específica.

— Você não está, está? — Ele estava sorrindo, o que significava que estávamos bem.

— Não. Mas só porque não consigo encontrar chá.

Gunnar sorriu. — Não pense no mundo como bom e mal, Claire. Esses são rótulos que não significam nada. Nós os atribuímos por medo. Pense no que é objetivamente correto, e o que é objetivamente errado. É assim que fui empregado na Contenção. Porque eu entendo a diferença entre essas coisas.

Deus, eu desejava poder falar sobre tudo. Eu sabia que não podia – isso colocaria todos em risco.

Ele olhou para os destroços da loja com as mãos em seus quadris magros. — Trabalho para a Contenção, Claire, porque ajuda a Nova Orleans. Isso é o que eu nasci para fazer. Mas isso não é tudo o que sou. Por enquanto, vamos fazer o que pudermos. Voltemos ao trabalho.

Gunnar era um bom homem. E, mais cedo ou mais tarde, eu teria que fazer o certo com ele. Eu teria que lhe dizer a verdade.

• • •

Estava bem escuro quando tranquei a loja, desliguei as luzes e subi as escadas. Eu estava muito exausta para fazer qualquer coisa, além de cair na cama.

Alcancei o patamar do segundo andar e fiz a curva – para ver as luzes escorrendo pela escada. Desliguei a luz – lembrei-me de fazê-lo, sempre me certificava de que fiz isso para conservar a energia que havia.

Alguém voltou a ligar.

Era Liam? Será que ele descobriu o que aconteceu e veio me consolar? Não fazia sentido ele não usar a porta da frente – ele tinha tal carinho por isso – mas nada mais fazia sentido.

E Deus, eu teria gostado de vê-lo hoje à noite. Ele se tornara um ponto central do meio eixo, onde todos os loucos viajavam.

Coloquei uma mão no corrimão, começando a puxar magia para o caso de não ser ele e eu precisasse usar isso contra quem estava entrando na loja. Subi os degraus um de cada vez, cada rangido soando como um tiro na quietude. Eu pisei no patamar e olhei para dentro.

Ele estava no meio da sala, uma mecha louro escuro em sua testa, as asas dobradas às costas, desaparecendo. A janela estava aberta, as cortinas fechadas. A luz iluminava seu corpo e cintilava pela sala.

Malachi.

Havia um anjo no terceiro andar da minha casa da cidade em French Quarter, parecendo tão relaxado quanto qualquer visitante comum e casual da rua. O que ele definitivamente não era.

Eu entrei na sala. — Se alguém viu você entrar aqui, e informar sobre você, ambos estaremos com problemas.

— Ninguém me viu — disse Malachi, com absoluta autoconfiança.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, ainda um pouco cautelosa.

— Eu apresentei o pombo ao mastro e o alimentei. É parte do processo de treinamento.

Os pombos. Claro.

Caminhei até a janela e afastei a cortina. Um pombo cinza piscou para mim olhando do mastro de bandeira da minha janela.

— Legal — disse eu, então soltei a cortina.

Malachi sorriu. — Ele logo voltará para casa. Da próxima vez que você o vir lá fora, dê um pouco de grão. Com o tempo, ele aprenderá a retornar aqui se precisarmos enviar uma mensagem para você.

Eu assenti.

— Eu também vim ver se você estava bem.

— Você ouviu falar sobre a batida?

Ele assentiu. — De certo modo. Eu queria ver sua loja, havia planejado verificar no pôr do sol. Eu esperei nas proximidades – há maneiras em que posso ser muito discreto. Eu vi eles entrarem. — A culpa estava gravada em seu rosto. — Lamento por não ter intervindo.

Eu não o culparia por isso. — Eles teriam prendido você ao vê-lo.

— Provavelmente — disse ele. — Mas isso não é desculpa para ficar por perto. Você está ferida?

— Estou bem. Começamos a arrumar a loja.

— Nós?

— Meu amigo Gunnar ajudou.

Ele cruzou os braços. — Por que a Contenção veio?

— Eles acreditam que estou fazendo reuniões secretas de Sensitivos aqui.

Suas sobrancelhas levantaram. — De onde eles tiraram essa ideia?

— Não sei. Provavelmente de alguém que os quer focado em mim, em vez de abrir o Véu novamente.

— Essa é uma estratégia razoável. E aparentemente uma bem sucedida.

— Sim.

Malachi avançou, olhando para o teto. Pendurei um sortimento de estrelas lá – algumas de cristal, algumas brilhantes, algumas de mercúrio antiquado. Elas captavam a luz através da janela, girando por todo o chão. Algumas noites eu me

sentava no sofá-cama e as assistia girar, assistia a luz girar e mudar. Isso geralmente me ajudava a acalmar.

Malachi olhou para elas. — São lindas.

— Obrigada.

— Você sabe que os anjos, como vocês nos chamam, preferem um terreno alto.

Assenti.

— Minha casa ficava perto do topo de uma montanha. E quando a escuridão caía, parecia que todas as estrelas do universo eram visíveis. Não há tantas estrelas aqui.

Eu sorri. — Não, abaixo do nível do mar, não. Mas há mais estrelas agora do que antes, principalmente, depois das luzes apagarem.

Ele assentiu, olhando para trás severamente. — Lembro-me de ver o brilho da cidade... uma névoa alaranjada. Eu não vim aqui, não era permitido pelos soldados da Corte que me recrutaram. Mas eu podia vê-lo à distância.

— Nova Orleans era um lugar maravilhoso. Complicado. Rico. Às vezes horrível. Às vezes maravilhoso. Hoje também é assim. Apenas de uma maneira diferente.

Ele me viu falar e assentiu. — Eu posso ver isso. Bem — disse ele —, é tarde. Eu deveria ir e deixar você descansar.

Ele caminhou até a janela e olhou para trás. — Boa noite, Claire.

E então ele se foi.



Capítulo 18

Eu abri a loja no dia seguinte, na hora certa. Nós conseguimos colocar quase tudo de pé e fora do chão, mas cada prateleira e mesa estava coberta de coisas que precisavam ser reparadas, organizadas. Eu poderia ter pedido às pessoas para fazer compras em algum outro lugar até que tudo estivesse limpo e arrumado. Mas isso esconderia o que a Contenção havia feito. E não havia mais esconder. Não mais. Não depois disso. Eu não tinha família para que pudessem perseguir. Mas eu tinha minha loja e meus amigos. Eles já ferraram com parte disso. Eu não daria a chance de ferrarem com a outra.

Broussard pode não ter gostado muito de mim. E a Contenção pode não confiar em mim. Mas o Quarter gostava muito de mim – e mais, eles gostavam do Royal Mercantile. Era uma instituição. Parte do Quarter, parte de Nova Orleans, da Zona. Ele os ajudou em tempos difíceis e mais difíceis. E quando descobriram que Contenção havia jogado sua ira contra essa pedra fundamental de suas vidas, eles ficaram chateados.

Eles entraram lentamente, um de cada vez, depois grupos de três ou cinco conforme as palavras eram espalhadas pelo Quarter e na parte alta da cidade. Vendi além de baterias, pentes, martelos. Eu duvidava que alguém precisasse de qualquer uma dessas coisas. Mas hoje eles estavam comprando em solidariedade, não em consumo. Até consegui vender duas bengalas ligeiramente empenadas. Com desconto, é claro.

Sra. Proctor trouxe uma tigela do que ela chamou de *torta simulada*, um purê de mistura de biscoito em pó e frutas enlatadas. (Ela não comprou a manteiga, mas acabou pegando emprestado meia barra de um vizinho).

Eu não culpava os agentes que estavam seguindo a cadeia de comando, achando que eles estavam fazendo o certo – mantendo um olho em um elemento

perigoso. Os agentes da Contenção ainda vieram na loja durante o dia, embora nenhum deles tenha participado do ataque. Mas eles ainda davam olhares de desculpas.

Era o final da tarde quando Liam apareceu no meu limiar.

Ele não se barbeou novamente, e o restolho parecia deixar seus olhos ainda mais brilhantemente azuis. Ele também parecia cansado. Talvez não tenha dormido melhor do que eu.

— O que aconteceu aqui? — perguntou ele, examinando a loja.

— Você deveria ter visto antes de limpá-la. E não estou sendo sarcástica.

Ele caminhou em minha direção, e olhou para mim. Estava quente, e Liam cheirava a trabalho duro e suor. — Você está bem?

Eu olhei para ele, tentando parecer totalmente indiferente, o que definitivamente não era como me sentia. Fiquei aliviada, mais do que deveria, por vê-lo ali. — Estou bem. Seu agente favorito da Contenção veio até aqui ontem com um mandato para procurar por violações da Lei Mágica. Parece pensar ter havido reuniões secretas de Sensitivos aqui.

Os olhos de Liam se estreitaram. — De onde ele tirou essa ideia?

— Ele não me contou. Gunnar também não sabia. — Eu olhei ao redor. — Ele me ajudou a arrumar as coisas. Não parece que fizemos muito, mas nós realmente conseguimos arrumar um pouco.

— É possível que alguém tenha nos visto na refinaria? — perguntou Liam.

— Talvez? Minha melhor aposta é alguém que quer abrir o Véu e está realmente trabalhando para manter a Contenção distraída. E Jack Broussard, que é definitivamente uma ferramenta, é uma ferramenta muito boa para isso. Não o vi hoje. Talvez ele tenha esfriado.

— Sinto muito, Claire.

Assenti. — E você?

— Estive caçando — disse ele, e percebi que havia uma fraca sombra na sua bochecha esquerda.

Ele não me pediu para ir. Não me surpreendeu saber que ele queria espaço. Inferno, agora mesmo, embora parte de mim o quisesse aqui o tempo todo, eu precisava de espaço. Eu queria aquela cena de praia que Burke mencionara, e algumas horas de esquecimento iluminado pelo sol. Não sei se algum de nós estivesse tendo muita sorte com isso.

— Levei uma cotovelada — explicou Liam. — Um espectro masculino no Irish Channel.

Isso era entre o rio e o Garden District. — Ele era um dos Sensitivos da Delta?

— Era. Lizzie o tem agora.

Assenti. — O melhor lugar para ele — disse eu, mas sabia que não queria dizer muito.

— Falando em Delta, você quer ir ver Moses?

— Ele encontrou alguma coisa?

Liam assentiu. — Não sei o que é, mas recebi uma mensagem que ele tinha algo que eu queria ver. Estou voltando para a Ilha do Diabo, pensei em ver se você queria ir.

Fiz uma careta, gesticulei para a loja ainda desorganizada. — Você acha que é seguro eu entrar lá agora?

Liam considerou. — Você também deveria ser minha estagiária. — Ele tirou um cartão laminado. — E consegui um passe de transporte.

Eu peguei, verifiquei a impressão em ambos os lados. Parecia legítimo. — Como você conseguiu isso?

— Como eu disse, tenho amigos no CCP. Eu não sabia sobre a loja – sobre o que Broussard fez, mas acho que revelará que você não tem medo da Contenção, ou de estar na Ilha do Diabo. Isso diz que você não tem nada para esconder da Contenção ou de qualquer outra pessoa. Eu acho que essa é a nossa melhor defesa.

— E como explicamos a nossa visita para ver Moses?

Liam sorriu. — Sou um caçador de recompensas; ele tem informações. Nós ainda estamos tentando descobrir onde estão os espectros, o que é completamente legítimo.

— Você tem tudo isso planejado, não é?

— Minha boa aparência é superada apenas pelo meu cérebro.

— E sua humildade.

Ele sorriu. — Não tenho necessidade de humildade.

Ele me teve lá.

Como a organização de porcas e parafusos literais não parecia melhor, eu optei pela viagem de campo.

• • •

Atendi alguns últimos clientes, depois fechei a loja um pouco mais cedo e tranquei. Nós caminhamos pela Royal. Havia alguns passeadores esta noite, homens e mulheres que reconheci do bairro ou da loja andando na mesma direção que nós. A razão tocou no ar, quanto mais perto chegamos da Jackson Square.

— Memorial à Música — disse Liam quando chegamos à cerca de ferro forjado. Caminhamos para o portão e olhamos para dentro. Uma centena de pessoas estava na praça cantando *Over in the Gloryland*.

Levaram quatro dias após a Segunda Batalha para providenciar um memorial para as pessoas que morreram. Todos os anos, assim como celebramos a vitória da Noite de Guerra, os Novos Orleans se reuniam na praça quatro dias depois para lamentar por aqueles que se foram. Eles cantavam hinos até a escuridão cair, e então acenderiam velas e cantariam até que os pavios se queimassem, até que a praça fosse deixada na escuridão novamente.

Ficara tão louco desde a Noite da Guerra que eu esqueci totalmente sobre o assunto. Não conseguia acompanhar uma melodia, mas adorava estar tão perto de algo tão bonito. Isso me fez sentir, por um momento, mais perto do meu pai.

— Podemos ficar aqui por um minuto? — perguntei, fechando meus olhos e deixando as vozes me inundar. — Só por um minuto.

Eu podia sentir o olhar de Liam em mim, olhando, questionando. E então ele se colocou ao meu lado. — É claro que podemos — disse ele, e começou a cantarolar.

• • •

Como se viu, Liam podia cantar muito bem. Nós ouvimos mais duas músicas, balançando no ritmo antes de voltarmos para a nossa tarefa.

Hawkins estava no portão novamente. Se houvesse ordens permanentes para nos olhar atravessado, ele não agiu sobre elas. Ele digitalizou nossas IDs sem comentar, e não falou nada até o discurso de advertência.

As ruas da Ilha do Diabo estavam inusitadamente silenciosas. — Onde estão todos? — perguntei.

— É dia memorial para eles, também — disse Liam calmamente. — Eles têm os seus próprios mortos para lamentar.

Eu me senti estúpida e insensível por não ter consciência de que eles também precisariam se lamentar.

Nós caminhamos até a loja de Moses, o encontramos em uma profunda discussão com algo que ele continuou tentando acertar com um mata mosca antiquado.

Ela zumbiu no ar em direção a nós, voando em direção ao meu rosto, parando por tempo o suficiente para eu dar uma olhada em uma fêmea verde curvilínea com asas como a de uma libélula e, provavelmente, duas vezes maior do que uma. Ela me olhou, me dispensou, e voou para fora da loja através de uma porta de estimação.

— Encantador. Peskie?

— Peskie — confirmou Liam. — E uma muito infeliz pelo aspecto dela. — Ele se dirigiu a Mos e sorriu. — Quem você irritou desta vez?

Nós caminhamos para a parte de trás da loja, onde Mos prendia o que restava de seus cabelos com um pequeno pente de plástico.

— Ninguém. Ela quer condições inaceitáveis, ela pode obter seus produtos eletrônicos de algum outro lugar. Continua mexendo com meus cabelos.

— Eu acho que você parece devastadoramente bonito.

Mos olhou para mim e corou. — Você está me zoando ou tentando obter informação?

Sorri para ele. — Falando a verdade. Mais a coisa da informação.

Ele olhou para Liam. — Eu gosto dela.

Liam fez um barulho vago que provavelmente poderia ser interpretado de qualquer maneira. — Eu recebi uma mensagem que você tem algo para nós.

— Eu tenho — disse Mos. Ele girou na cadeira, usou o monitor escuro às suas costas para verificar o seu reflexo, terminou de arrumar o cabelo e depois jogou o pente. E então suas mãos estavam nas teclas, e ele estava se movendo através de camadas de segurança como uma faca através da manteiga.

Ele chegou a um documento, enviou-o para uma impressora antiquada que zumbiu para trás e para frente em papel com furos em cada extremidade.

— Você é o mestre da tecnologia — disse Liam.

Moses grunhiu. — E eu não sei? — Quando as páginas imprimiram, ele abriu a impressora, arrancou as bordas, colocou-as no balcão na nossa frente. — Pesquisei um pouco nos arquivos da Contenção procurando o nome que você me deu e, em seguida, mudei para os arquivos de algumas dessas empresas que eles contratam para fazer todo o trabalho deles. Este pertencia a um contratado chamado ComTac.

Liam assentiu. — Alguns de nossos conhecidos falaram sobre eles.

Nós olhamos para a página. Era claramente uma lista, mas isso era tudo o que eu poderia dizer. Eles usavam o alfabeto inglês, mas as próprias palavras não faziam nenhum sentido. Apenas uma mistura de letras confusa.

— Não sei o que estou vendo aqui, Mos — disse Liam.

— É uma lista de pessoas de interesse — disse Mos. — Diz-se tão bem no topo.

O topo não disse nada disso.

— Mas não é assim que você conseguiria ver isso à primeira vista — disse Mos. Ele virou a página, dobrou-a uma vez por mais ou menos um terço do caminho, e novamente. Quando a virou, dobrou novamente a aba, escondendo algumas das letras no meio.

— Modo barato de criptografar — disse ele. — Eficaz se você não imprimir. — Ele sorriu com dentes afiados, virou a lista em nossa direção novamente. — Mas ineficaz se você o fizer.

Isso tornou-se legível. E tornou-se uma lista de três colunas: nome, localização, poder.

— Oh, merda — murmurei através do horror. — É uma lista de Sensitivos. Provavelmente os que trabalharam com CCP durante a guerra.

— Sim — disse Liam. — As pessoas de interesse deles. — Ele virou para a segunda página, reorientou as dobras para que os nomes se alinhassem, e examinou-os. — Eu contei quarenta e três nomes no total. E eles estão trabalhando na ordem da lista.

Ele estava certo. As duas primeiras dúzias de nomes tinham linhas neles; eles foram marcados fora da lista. Marla Salas estava bem no meio, seu nome foi riscado. E nós sabíamos o que aconteceu com ela.

— Maldição, Liam... ela não estava dizendo *contato*. — Olhei para ele. — Ela estava dizendo *ComTac*. Ela estava tentando nos informar. Ela estava se *comunicando* conosco.

Liam arregalou os olhos e olhou para o papel. Era a primeira prova que os espectros realmente eram capazes de comunicação. — Droga — disse ele com toda a emoção. — ComTac está tentando abrir o véu. Eles têm que investigar cada um. Elimine-os um por um para descobrir se eles tem as chaves de criptografia.

Eu olhei para a lista, examinei por nomes que pareciam familiares, já que de alguma forma eu poderia combinar os espectros que eu vi com os sensitivos na lista.

E no meu segundo exame, eu vi.

— Oh, meu Deus.

O olhar de Liam respondeu ao meu com alarme. — O quê?

Os nomes foram listados em ordem – um após o outro. E os próximos dois nomes na lista, os que ainda não foram riscados, eram assustadoramente familiares. Eu os conhecia.

Phaedra Dupre Chenal Conmanda magia

Zana Dupre Chenal Chamar animais

— Esta é a família de Tadjji — disse eu, olhando para Liam. — A mãe e a tia dela. É Chenal em Acadiana?

— Sim. Paróquia Coupee Parish, eu acho. — Ele franziu a testa. — Por quê?

— Ela disse que não tinha certeza onde elas estavam – que se moviam muito – mas me disse que ela cresceu em algum lugar de Acadiana.

— Essa é uma amiga sua? — perguntou Mos.

— Minha melhor amiga. — Eu virei para Liam. — Nós precisamos avisá-la, e nós temos que tirá-las de lá.

Só levou a Liam um momento para perceber a implicação, de que elas estavam em risco.

— Estamos indo agora — disse ele, e colocou uma mão nas minhas costas para me guiar para a porta. Mas ele olhou para Moses.

— Cuide-se, Mos. Se isso é ComTac, ou mesmo que não seja, eles estão dispostos a ferir pessoas. Não quero que você seja uma das pessoas machucadas. Inferno, provavelmente o colocamos em perigo apenas vindo aqui.

— As pessoas entram e saem o tempo todo. Você não é diferente. — Sua voz era grave, mas vi a compreensão em seus olhos. — Eu terei cuidado, como sempre tive. Você cuida de si mesmo e da Red. E você me deixa saber o que descobrir.

Nós deixamos Moses em sua loja e corremos para o portão.

• • •

Dez minutos depois, voltamos à minha loja, onde Liam havia estacionado sua caminhonete. Subimos e voamos em direção ao chalé de Tadjì.

Era uma casa tradicional crioula de Nova Orleans – uma frente pequena e quadrada, com duas janelas fechadas e longas entre duas portas estreitas, uma pequena varanda na frente. A casa estava pintada de um alegre verde claro, a guarnição e a varanda eram brancas. Tadjì estava sentada na varanda em uma das duas cadeiras de balanço, caderno e lápis na mão. Surpreendentemente, Burke sentava-se na outra cadeira. Eu não estava completamente segura de como eu me sentia sobre isso. Fico feliz que possamos contar à Delta o que descobrimos. Mas eu não gostava de ver Burke saindo com Tadjì sob o que poderia ser falsos pretextos. Eu acho que ele precisava dizer a Tadjì a verdade sobre quem ele era? Absolutamente. Mas ela precisava descobrir aqui? Agora, e de mim? Eu estava confusa sobre isso.

— Você conta a ela e eu a ele? — perguntou Liam.

— Você leu minha mente.

Tadjì e Burke ficaram de pé quando saímos da caminhonete. Burke sorriu, pelo menos, até ver a expressão em nossos rostos.

Vi o instante de preocupação nos olhos de Tadjì, mas ela permaneceu composta. — O que há de errado? — perguntou ela quando atravessamos a pequena faixa de grama na frente da casa.

— Preciso conversar com Tadjì sobre um assunto de família.

Burke levantou as sobrancelhas, mas não se moveu. Em vez disso, ele olhou para Tadjì. Ele estava preocupado com o que quer que fosse, e só ouviria a sugestão dela. — Tadjì?

Ela nos observou por um momento, os olhos se estreitando. Estava claro que ela estava suspeitando, mas deveria saber que não faríamos um pedido tão estranho, a menos que houvesse uma boa razão para isso.

— Está tudo bem — disse ela finalmente. — Eu vou falar com eles.

Burke sorriu, apertando a mão dela. — Tudo bem — disse ele. — Mas estou te esperando para aquela limonada que você prometeu.

Ela assentiu, observou-o enquanto ele caminhava pelas escadas da varanda até a calçada. Ele parou quando chegou a Liam.

— Vamos entrar — disse eu. Ela permaneceu ali por um momento, sem saber o que fazer, antes de assentir e abrir a porta.

O interior da casa era tão original quanto o exterior. Pisos de carvalho velho, paredes de tijolos, móveis simples e bonitos. A casa cheirava a antiguidades e peônias, mas era um pouco abafada. Provavelmente era por isso que ela e Burke estavam sentados na varanda.

— Sobre o que é isso? — perguntou Tadj. Ela colocou o caderno e o lápis em uma mesa pequena, e cruzou os braços.

— Sua mãe e sua tia podem estar em perigo. Precisamos encontrá-las.

— O quê? Como elas poderiam estar em perigo?

— Porque elas são Sensitivas.

Ela congelou. — Como você saberia disso? Por causa dessas perguntas que você me fez no outro dia? Por isso você estava tentando descobrir onde elas estavam?

— O quê? Não. Oh, Deus. — Coloquei uma mão no meu peito, horrorizada por ela ter pensado que eu queria denunciar a família dela. — É o que você pensou? Que eu estava tentando obter informações sobre sua família? Não. Quero dizer, fiquei curiosa, mas não porque eu queria colocar sua família em problemas. — Engoli. — É porque também sou Sensitiva.

Ela pareceu atingida, como se eu tivesse dado uma bofetada nela.

— Vamos sentar — disse eu, pegando suavemente o braço dela e movendo-a para uma cadeira. Quando ela estava sentada, peguei a cadeira em frente a ela.

— Tadj, eu sei que você não gosta de magia, e sei que você não quer falar sobre isso. Mas acho que é melhor acabar com isso, ok? Então é isso que eu farei. — Eu umedeci meus lábios.

— Alguém está tentando abrir o Véu, e eles precisam de Sensitivos para fazer isso. Sua mãe e sua tia estão em uma pequena lista de pessoas que são alvo de informação. As pessoas que estão fazendo isso – nós pensamos que é um contratado da Contenção – estão transformando os Sensitivos em espectros para

cobrir seus rastros. Nós precisamos chegar à sua mãe e sua tia antes deles, e precisamos ir agora. Eu não faria isso se não achasse que era necessário. Se eu não pensasse que há uma chance delas estarem em um perigo muito real.

Seu olhar ficou firme em mim. — Você tem certeza disso? Absoluta?

Assenti. — Eu tenho certeza.

— Elas são minha família — disse ela, calmamente. — Magia ou não. — Ela aclarou a garganta. — Agora estão em Chenal. Eu sabia onde elas estavam. Não contei a você ou qualquer outra pessoa, porque...

— Porque elas são Sensitivas — disse eu, gentilmente. — Porque elas são fugitivas. Eu entendo.

Ela assentiu. — Nós podemos ir agora?

— Agora mesmo — concordei, fiquei de pé e ofereci-lhe uma mão. — E vamos chegar a tempo.

Em dias como este, eu realmente sentia falta dos telefones.

• • •

Eu considerei antes de sairmos da cidade ir ao Cabildo e arrastar Gunnar para a caminhonete. Mas, como Tadjì e Burke, eu queria ir devagar com ele sobre o que estava acontecendo aqui, não jogá-lo no meio de tudo. Nós teríamos que salvar a família de Tadjì, e depois conversariamos com Gunnar.

Levaria cerca de duas horas para ir de Nova Orleans a Chenal, e passaríamos pelo que restava de Baton Rouge ao longo do caminho. Nos apressamos na I-10, a rodovia dividida em três pistas que nos levaria de Baton Rouge até o rio Mississippi.

A antiga capital da Louisiana tomou muito dano e foi fechada após a guerra – os humanos se mudaram, os Paras foram enviados para Ilha do Diabo. Louisiana não tem mais uma capital em funcionamento. Todo o estado estava dentro da Zona, uma *comunidade de conflitos* sob a Lei Mágica, e isso o fazia território da Contenção.

A cidade parecia uma cidade fantasma. O centro da cidade foi completamente destruído na Batalha de Port Allen. A Contenção rompeu o dique para mudar o impulso na luta. Virou a maré, literalmente, mas inundou a cidade. A antiga torre do edifício do Capitólio, centro e trinta sete metros de altura, caíra,

e agora se espalhava pelo chão em uma longa pilha de escombros cobertos por eras.

Os bairros não destruídos pela guerra e a magia ainda permaneciam vazios, mas como a torre, a natureza e o tempo dominaram. Onde o solo ainda era bom, vinhas e gramíneas se infiltravam das bordas, ameaçando ultrapassar as ruas e as pontes, e o asfalto se curvou em várias áreas que a Contenção não se preocupou em consertar.

Liam desacelerou enquanto nos preparamos para atravessar a Ponte Nova que levava ao outro lado do rio. Já não era muito nova, mas o nome permaneceu.

— O que há de errado? — perguntou Tadjì.

— Só quero ir devagar — disse Liam, os olhos olhando para a esquerda e para a direita. — Você não pode realmente contar com essas pontes... com o quão bem a Contenção as mantém.

Tadjì agarrou minha mão e apertou, assim como eu fazia quando era mais jovem, eu tentava reter minha respiração enquanto caminhávamos sobre as estruturas de aço da ponte, e o rio se agitava abaixo de nós.

— Olhe — disse Liam quando chegamos ao meio do rio. Um urso negro andava na pista oposta, dois filhotes trotando alegremente atrás dela.

Humanos não estavam mais no controle da Louisiana, isso se eles já estiveram.

• • •

Passamos pelas cidades, entramos em áreas rurais onde antes havia muitos campos de arroz e cana-de-açúcar. Algumas áreas ainda estavam queimadas pela magia. Árvores de arbustos começavam a cobrir os campos que não foram queimados, porque não havia mais ninguém para cultivá-los. Em outros poucos anos, seria impossível dizer que um campo já havia estado aqui.

— Por quê? — Eu me perguntei, olhando para uma faixa de terra que ainda era negra e devastada tantos anos depois. — Por que a magia faz isso para a terra?

— Sal. — A resposta de Liam foi tão rápida, tão simples, que olhei para ele.

— O quê?

— Porque eles destruíram os ofensores e salgaram a terra além deles, para que nada mais crescesse lá — citou ele. — A magia é poder. Poder é efeito de alterações químicas e físicas. E, em relação à terra, tende a produzir sais.

Eu assenti, reconhecendo uma caixa escura em um poste perto da estrada. — Monitores mágicos?

Liam olhou pela janela, assentindo. — Sim. Não tem tantos aqui fora do que mais próximos das cidades. E quanto mais longe você vai, menos monitores.

Junto com os monitores mágicos, os outdoors apareciam na paisagem. Eles estavam descascando ou rasgados agora, mas foram esquecidos há muito tempo por qualquer empresa que os tivesse pendurado. Eles aconselhavam as pessoas a economizar água para GARDEN FOR VICTORY²⁰, e BEAT MAGIC WITH MIND AND MUSCLE²¹. As letras eram grandes, as imagens simples. As mensagens um pouco deprimentes, mesmo agora.

• • •

Enquanto o crepúsculo caía, a terra arrasada transformou-se em pântano e ambos os lados da estrada estreita caíram em água turva pontilhada de lentilha, ciprestes e suas raízes que passavam por tentáculos. Liam desligou o ar condicionado e abaixou a janela. O cheiro de rio lembrava coisas verdes, umidade, decadência. Era um cheiro terroso, não totalmente diferente do cheiro de Nova Orleans depois de uma forte chuva. Era tudo pântano, de um jeito ou de outro.

Além de uma árvore queimada ocasionalmente, não havia muita evidência de guerra aqui.

— As batalhas muitas vezes não alcançavam o rios — disse Liam. — Muito bagunçado, muito molhado, sem linha de visão suficiente.

Tadji assentiu. — E quando o fizeram, a luta foi muitas vezes coberta com alguns metros de água enlameada. Vire aqui — disse ela, e dirigiu Liam para virar a caminhonete numa acidentada estrada de cascalho, o pântano batendo nas bordas. Se a água estivesse um pouco mais alta, a estrada teria sido intransitável.

²⁰ Jardim para vitória

²¹ Derrote a magia com mente e músculo

A casa estava em uma subida vazia, cercada por árvores de magnólia e palmeiras, e era absolutamente deslumbrante. Não estávamos longe do rio, a casa possuía dois andares com varandas, e ao longo da construção se estendiam colunas de tijolos para mantê-la seca em caso de inundação. Ambos os andares tinham janelas e persianas azuis. A casa parecia antiga, mas estava em perfeitas condições.

Um carro estava estacionado ao lado de um barco em um reboque na entrada ao lado da casa, e uma canoa se inclinava contra uma das colunas. Transporte para todas as condições.

Tadji abriu a porta da caminhonete, desceu na grama e limpou os resíduos da caminhonete de Quinn de suas calças. Eu a segui.

Liam circulou e olhamos um para o outro enquanto ela olhava para a casa.

— Você está bem?

— Não — disse ela. — Estou nervosa, minhas palmas estão suando e meu estômago está em um nó.

— Você pode fazer isso — disse eu. — Vamos entrar, tirá-las de lá e ir embora.

— Vamos ser rápidos sobre isso — disse Liam, e gesticulou para a escada. — Vamos?

Subimos os degraus para o primeiro andar, e Tadji bateu em uma das portas duplas, também pintada de azul, antes de abri-la. Ela entrou, e a seguimos.

O interior era adorável e lindamente francês. As paredes de marfim subiram ao teto verde oliva, que encontrou a cornija de madeira de uma lareira. Os pisos eram de madeira escura, a maior parte coberta por um tapete desbotado. Os móveis eram simples e provavelmente tão antigos quanto a casa. Cadeiras de encosto alto, uma mesa que continha um vaso de flores, um sofá baixo.

Caminhamos por uma pequena antessala e depois por uma sala de jantar, também bonita e com antiguidades, e depois na cozinha.

Uma mulher estava ali, mexendo uma panela que chiou no fogão.

— Hervé? É você? Pensei que você estava trazendo o propano... — ela se virou e olhou para nós com os olhos do mesmo marrom profundo de Tadji. A semelhança não terminou aí. Sua pele tinha a mesma tonalidade escura, seus membros eram muito longos e finos. Seu cabelo era uma nuvem curta de cachos, os dedos ao redor da colher eram elegantes e esbeltos.

Quando reconheceu Tadj, ela congelou, olhou de sua filha para os estranhos que ela trouxera com ela. O medo penetrou em seus olhos e a colher caiu no chão.



Capítulo 19

— Tadjí. O que você está fazendo aqui? Você não deveria estar aqui. É muito perigoso. E você não deveria trazer estranhos para a casa. Você está bem? Está tudo certo? — Suas palavras eram rápidas, o pânico claramente entrando.

— Eles são meus amigos — disse Tadjí, dando um passo à frente —, e estão aqui ajudar. As coisas estão acontecendo, mamãe. Coisas grandes. Você precisa estar preparada.

Seus olhos se estreitaram. — Que tipos de coisas?

— Devemos conversar com você e tia Zana juntas. Isso afeta vocês duas.

Ela pegou a colher, desligou o fogão. — Zana — gritou ela. — Venha aqui, por favor.

Ficamos em silêncio constrangedor na cozinha até que as tábuas comesçassem a ranger em outra parte da casa.

Zana entrou pela porta com um vestido rosa claro, parecendo muito bem nesta casa muito antiga neste lugar ribeirinho. Ela poderia ter sido a gêmea de Phaedra. Ela tinha os mesmos ossos longos e a estrutura esbelta, mas seu rosto era um pouco mais longo, sua boca um pouco mais redonda.

Seus olhos se arregalaram quando viu Tadjí na cozinha. — Tadjí. O que você faz aqui? Algo aconteceu?

— Oi, tia Zana. Esta é Claire, e este é Liam — disse Tadjí, apontando para nós. — Precisamos falar com vocês duas. Existe um lugar onde podemos nos sentar?

Phaedra pegou a mão de Zana, entrou na sala de estar ligada à cozinha. Sentaram-se em um sofá enquanto Tadjí e eu nos sentamos no outro. Liam ficou em pé, os braços cruzados e pronto para se mover. Eu esperava que tivéssemos mais tempo do que isso.

— Sobre o que é isso? — perguntou Phaedra.

— É sobre vocês e suas magias — disse Tadj.

As irmãs se entreolharam e juntaram as mãos novamente.

— O que sobre isso? — Phaedra levantou o queixo desafiadoramente.

— Alguém está tentando abrir o Véu — disse Liam —, e eles estão procurando por Sensitivos que possam ajudá-los. Eles têm uma lista de Sensitivos, pessoas que estão interrogando para obter essa informação. E nós achamos que eles estão tornando-os espectros para que eles não possam informar sobre esse interrogatório.

As sobrelhas de Phaedra levantaram. — Não vejo o que isso tem a ver conosco.

— Vocês estão na lista — disse ele. — Nós pensamos que vocês são as próximas.

As palavras caíram como trovões na sala silenciosa.

Os dedos das irmãs apertaram. — Há anos que não saímos do bayou — disse Phaedra. — Não poderíamos estar em lista nenhuma.

— Nós a vimos — disse Liam suavemente. — Vocês estão nela.

Tadji se levantou. — É muito perigoso para vocês ficarem aqui sem ajuda, sem apoio. Eles poderiam vir atrás de vocês e ninguém saberia disso. Vocês precisam voltar para Nova Orleans conosco. — Ela olhou para mim e Liam.

— Nós temos amigos com quem vocês poderiam ficar — disse eu. — Vocês ficariam a salvo lá até podermos nos certificar de que a ameaça desapareceu.

Tadji assentiu. — Sim. Exatamente. Nós três viemos juntos até aqui. Eu posso dirigir com vocês no sedan.

— Sem sentido — disse Phaedra, cruzando uma perna sobre a outra. — Isso é um absurdo. Nós não fizemos negócios além dos nossos há anos.

— Mas vocês fizeram trabalhos para outra pessoa ao mesmo tempo, Sra. Dupre?

Todos os olhos se voltaram para Liam. — Vocês ajudaram a Contenção durante a guerra. E quando descobriram que eles mentiram sobre a imunidade, vocês desapareceram. Talvez depois disso, vocês fizeram favores para amigos, usaram a magia de vocês. Tornaram-se conhecidas como mulheres que poderiam ajudar?

O queixo de Phaedra ergueu-se novamente, com essa maneira orgulhosa e desafiadora. Ela era definitivamente a mãe de Tadjì. — É uma vida difícil aqui. Você trabalha duro para isso, e você conhece as pessoas que o ajudam. Nós fizemos o certo pelos nossos vizinhos. É o que qualquer um faria.

Liam sentou-se no braço da cadeira, os olhos fixos em Phaedra. — Eu não disse que isso era errado. Mas quando você ajuda, a palavra se espalha sobre quem você é, sobre onde está e sobre o que pode fazer. O fato é que você está na lista, e eles sabem onde você está.

— Mesmo que o que você está dizendo seja verdade — disse Phaedra —, nós não vamos a lugar nenhum. Esta é a nossa casa. Não vamos deixá-la.

E então, de repente, elas não tiveram escolha.

Começou como um som baixo de vibração, um ritmo de bateria à distância. E depois ficou mais alto. *Thuck. Thuck. Thuck. Thuck.*

Você não costumava ouvir tráfego aéreo sobre a Zona – era muito arriscado voar quando você pode de repente perder a energia – mas eu lembrava de como soava um helicóptero.

Levantei-me, meu coração batendo tão forte quanto as hélices. Pensei, esperava, que conseguíssemos chegar a tempo. Não parecia que fosse esse o caso.

— Fique aqui — disse Liam, e caminhou até a janela, usou um único dedo para levantar uma cortina e olhou para fora. Ele soltou uma maldição baixa e rosnada enquanto olhava para fora da casa, e então olhou para mim, assentindo com a cabeça.

Liam deslocou seu olhar para Phaedra e Zana. — É um helicóptero ComTac. Esse é o contratado da Contenção que achamos que está tentando abrir o Véu – aquele que tem a lista com seus nomes nela. Eles procurarão um lugar para pousar, e então os agentes virão aqui, e virão atrás de vocês.

Os olhos e a expressão de Phaedra ficaram vazios. — Eles irão conseguir a criptografia somente sobre meu cadáver.

— A criptografia? — perguntou Tadjì, olhando entre Liam e sua mãe. — O que isso significa? Não sei o que isso significa.

— Maldição — murmurei.

— Isso significa que sua mãe não é apenas uma Sensitiva — disse Liam. — Ela é uma das pessoas Sensitivas que fecharam o véu. A ComTac quer que ela ajude a abri-lo.

Os olhos de Tadjí arregalaram, seu olhar saltando entre Liam e sua mãe.

— Nós vamos entrar nos detalhes mais tarde — disse Liam —, quando todos estivermos seguros. Mas agora precisamos sair. Não temos muito tempo.

— Não precisamos de proteção — disse Phaëdra, de pé. — O sol está se pondo. Podemos entrar no pântano e nos esconder. Temos provisões lá. — Ela olhou para a irmã, que assentiu com a cabeça. — Nós os armazenamos, apenas no caso. Eles não serão capazes de nos encontrar.

Liam olhou para Tadjí, que parecia completamente fora de seu elemento. E por um bom motivo – este era precisamente o elemento que ela tentava evitar.

Mas era muito tarde para arrependimentos ou perguntas. Precisávamos sair.

— Vamos — disse Liam, apontando para a porta. — Mostre o caminho, Sra. Dupre.

• • •

Voltamos para a varanda, descemos as escadas, e contornamos a casa até a parte de trás. O rio ficava a cerca de cinquenta metros de distância, com uma grama esquisita e um pequeno galpão no meio. Com Tadjí na frente, Liam atrás, corremos para o galpão.

O grito começou logo antes de nos escondermos atrás de madeira velha.

Ou encontraram um ponto de pouso para o helicóptero e saíram dele, ou também tinham veículos no chão. ComTac queria as Sensitivas, e a ComTac estava preparada.

Nós espiamos pela madeira desgastada da casa. Agentes em uniformes pretos derramavam-se como cupins ao redor de cada lado da casa, carregando armas muito grandes. Eles formaram uma barreira humana em ambos os lados, impedindo-nos de correr para o outro lado e em direção aos carros. Era o pântano ou a ilha do Diabo. E isso só era uma escolha se assumíssemos que não nos seguiriam pelos pântanos. Infelizmente, esses caras – e eles eram todos homens – pareciam guerreiros durões. Grandes músculos, muita tinta, rostos que pareciam ter tomado muitos abusos de Paras ou outra coisa. Eles não nos deixariam ir.

— Parece que temos um problema aqui.

Um homem atravessou a linha de homens, caminhou em nossa direção. Ele era alto, provavelmente no final dos sessenta anos. Ele tinha os cabelos cortados em um estilo militar, e um uniforme no antigo estilo de camuflagem marrom e verde que os militares não usaram em uma década. Seu rosto era longo e abatido, papadas caindo de cada lado de seu rosto. E havia um ódio nos olhos dele.

— Saiam, saiam, onde quer que vocês estejam. — Havia um sotaque do sul na voz dele.

Liam olhou para mim e balancei a cabeça. — Nem pense nisso — disse eu.

— Nenhuma outra escolha — disse ele, puxando as chaves do bolso e pressionando-as na minha mão. — Você pode dirigir?

Assenti.

— Suba na caminhonete. Eles seguirão pelo pântano. Leve-as para Nova Orleans, para Gunnar ou para Gavin. Essa é a sua melhor aposta.

— Não — disse eu, agarrando o braço dele. — Você não sairá daqui.

— Eu vou — disse ele. — ComTac matou Gracie. ComTac pode não ter segurado a arma, mas a ComTac a construiu. É hora de reconhecer o que eles fizeram. O que eles começaram.

Nos olhamos. Seus olhos brilhavam de fúria e raiva, mas atrás deles havia tristeza. Ele estava assombrado pelo fantasma de Gracie e precisava ajudá-la da única maneira que podia.

— Tenha cuidado — disse eu, sabendo que ele precisava lutar essa batalha.

Os olhos dele se arregalaram de surpresa, por eu não tentar impedi-lo novamente. Ele olhou para mim por mais um momento, depois saiu de trás do galpão, com as mãos levantadas.

Terror me percorreu, mais afiado do que qualquer arma Valquíria.

— Vocês estão invadindo — disse Liam, sua voz completamente calma.

— A casa é de suspeitos combatentes inimigos — disse o homem.

O lábio de Phaedra se enrolou, e ela abriu a boca para protestar, mas Tadj a impediu, sacudindo a cabeça ferozmente. — *Fique quieta.*

— Não sei seu nome — disse Liam enquanto assistíamos.

— Você pode me chamar de Rutledge. — Ele gesticulou para os agentes. — Estes são meus homens. — Ele inclinou a cabeça. — E você é Liam Quinn. Antigo funcionário da Contenção. Agora, um caçador de recompensas, com todo o glamour desse trabalho em particular.

— Mais recompensas atualmente — disse Liam. — Mais espectros. Mas você já sabia disso, não é?

Era um teste, para ver se esse foi o homem que colocou o plano em andamento. E quando os traços de Rutledge se apertaram, eu imaginei que não estivemos longe do ponto.

— Minha irmã foi morta por um dos seus espectros, Sr. Rutledge. Ela tinha dezessete anos quando foi atacada. A morte dela foi desnecessária.

Alguns dos soldados em torno de Rutledge trocaram olhares. Eles podem não saber sobre o dano colateral.

— As baixas civis são inevitáveis. Lamento a necessidade, mas não a operação.

Os olhos de Liam se endureceram. — Não estamos em uma guerra.

— Oh, mas nós estamos. — Ele deu um passo à frente. — A guerra não terminou, Sr. Quinn. A guerra foi interrompida. Você acha que existe alguma chance dos Paras não voltarem novamente se o Véu se romper? Você acha que eles não planejam tentar quebrar a criptografia? E você acha que estaríamos preparados para um ataque surpresa? Ou que os Paras na Ilha do Diabo não se levantariam contra nós caso isso acontecesse? Não se deixe enganar, Sr. Quinn, pela teoria de que alguns desses monstros são nossos amigos. Eles não são.

— Então, você acha que forçar a abertura do Véu é uma opção melhor? — perguntou Liam. — Forçar a guerra novamente, quando quase destruiu o Sul da primeira vez?

Desta vez, Rutledge parecia surpreso. Ele não esperava que tivéssemos chegado tão longe, ter compreendido tanto. — Melhor ser pró-ativo do que esperar por morte certa. Não desconsidere o que não entende, Sr. Quinn. Agora, temos que falar com as senhoras Dupre. Se você pudesse solicitar que elas saíssem de seu esconderijo bastante óbvio, todos poderíamos estar no nosso caminho.

— Elas são humanas e você não tem o direito de detê-las.

— Temos o direito de reter combatentes inimigos, incluindo Sensitivos, o que elas são. E se elas vierem agora, prometeremos não matar a filha.

Phaedra saiu do controle de Tadj, e ela estava se movendo antes que pudéssemos impedir. Ela ficou ao lado de Liam. A fúria parecia rodar em torno dela como a capa de uma rainha. — Você toca em um fio de cabelo da minha filha, e se arrependerá pelo resto de sua vida muito curta.

Vai, Sra. Dupre. E ela disse literalmente, também. Eu podia sentir os tentáculos da magia passando por mim, soprando meu cabelo enquanto ela juntava magia e se preparava para atacar. Eu sabia, pela lista, que ela poderia *conduzir magia*, mas eu não tinha ideia do que realmente significava, ou como planejava usar isso.

Ódio floresceu no rosto de Rutledge em feias manchas vermelhas. — Você está contaminada com magia. E uma vez que temos muito mais números do que você, e melhores armas, sugiro que o resto de seus amigos se apresente agora, então poderemos cuidar dos nossos negócios.

— Você precisará recalcular seus números — disse uma voz atrás de nós, e olhamos para trás.

Eles surgiram das árvores como espíritos – uma dúzia de Paranormais com armas na mão. Não houve armadura de ouro desta vez. Em vez disso, eles vestiam o que parecia ser roupas humanas desgastadas e descartadas.

A metade deles eram anjos – homens altos e uniformemente bonitos, e mulheres com pele em um arco-íris de tons, de pálido fantasmagórico a vermelho-marrom brilhante. Seus olhos tinham um brilho dourado, assim como as pontas de suas asas, que desapareciam quando silenciosamente tocaram a terra.

O resto deles era uma variedade de criaturas. Eles eram um exército pequeno e autofabricado, vestido como humanos, mas muito definitivamente Paranormais. E ficaram atrás de Malachi, como suas tropas dedicadas. Burke contara a eles, graças a Deus.

Rutledge observou a cena e seus olhos brilharam. — Esta não é a luta de vocês.

Malachi deu um passo à frente, ficando ao lado de Liam. — Uma vez que você faria um inferno sobre todos, é claro que é.

A voz de Malachi caiu. — Desativar e desarmar os operários — disse ele calmamente ao seu batalhão.

Ele ergueu o arco, que brilhava como ouro na escuridão que caía.

Fui atingida pela memória, por um brilho de luz da armadura, da arma, da Valquíria que veio me matar. Das manchas vermelhas em sua boca e lábios, e a fome em seus olhos. Por morte, por sangue. Nunca tive tanto medo daquele jeito: nunca experimentei o medo que correu por meus músculos e ossos como uma

água gelada, deixando-me olhando para ela, meu coração acelerado, batendo em meus ouvidos.

Eu tinha pesadelos quando criança que um estranho estava na extremidade da minha cama. Eu o vi, mas não podia gritar. Estava aterrorizada, mas não tinha voz. Eu me senti tão indefesa conforme ela me encarava.

O som voltou como uma onda. — Claire. Claire.

Olhei para baixo, encontrei a mão de Liam em meu braço, os dedos agarrados, brancos com o esforço. Ele e a Phaedra voltaram para o galpão.

Olhei para trás. Os Paras estavam correndo para a frente, de um lado da parede dos homens, armas levantadas para a batalha. Eles afunilaram juntos à esquerda, forçando os agentes a se reagruparem e deixando o lado direito do quintal aberto para nós. Se pudéssemos contornar à casa poderíamos ter a chance de sairmos vivos.

ComTac começou a disparar. Os tiros dispararam pelo ar, passando os anjos e zunindo as armas. Eles lançaram sua própria investida de flechas.

— Vamos nos mover — disse Liam, e me puxou para o outro lado da casa, as Dupres atrás de nós.

Minha adrenalina surgiu, mas meu corpo não queria mais do que se esconder até que a luta acabasse. Mas eu já não tinha dezessete anos, lembrei-me. Eu era uma adulta, com meu próprio poder.

Corremos para a casa, nos deslocamos pela lateral e nos aproximamos do pátio da frente. Mas Liam parou abruptamente, levantando um punho fechado para nos fazer parar também enquanto avaliava suas opções.

Ele olhou para mim. — Eu terei que despistá-los. Aguarde até que eu os afaste da caminhonete e depois corram para o veículo. Leve-as para Nova Orleans. E nenhum heroísmo.

— Eu não vou simplesmente deixar você.

Sua expressão era feroz. — Sim, você vai. Faça o que precisa ser feito, Claire.

E então ele se foi. Ele correu por trás da caminhonete, e dois agentes da ComTac que foram designados para vigiá-lo começaram a perseguição.

Maldição. Eu não queria deixá-lo, mas não queria desperdiçar sua bravura. E eu precisava levar as Dupres até a segurança. Eu precisava manter o Véu fechado.

Olhei para Tadjí e entreguei-lhe as chaves, olhei para a mãe e a tia dela. — No três, corremos para a caminhonete. — A luta era alta e tive que gritar para minha voz ser ouvida acima dos disparos e golpe de armas. — Tadjí, dirija. Phaedra e Zana na frente. Vou entrar na caçamba da caminhonete. Ok?

Isso, eu esperava, me deixaria usar qualquer poder que eu pudesse juntar caso alguém nos perseguisse. Posso mover um helicóptero? Eu não sabia. Mas talvez eu precisasse tentar. E pareceu mais seguro fazer isso da parte de trás da caminhonete do que da frente.

— Não quero nada disto — disse Tadjí. — Não quero nada disso.

Eu olhei para trás. Os olhos e as pupilas de Tadjí estavam largos. Ela estava em choque. Eu precisava manter sua calma.

Estalei meus dedos até que ela se concentrasse em mim. — Tadjí, eu sei que você está enlouquecendo, mas agora temos que nos mover. Ok?

Ela engoliu em seco e assentiu. — No três — disse eu, novamente. — Um... dois... — eu fiz como um velocista, agachei e me preparei para correr, mas então Zana Dupre gritou.

Virei, encontrei um agente da Contenção vestido de preto, rosto manchado de camuflagem, segurando o braço dela, uma faca bowie²² na mão.

— Você pegou a errada — disse eu. — Eu sou a Sensitiva.

Ele olhou para mim, apenas um momento de hesitação. Zana chutou a canela dele, e a surpresa o desequilibrou. Ele tropeçou a poucos metros de distância, mas recuperou o equilíbrio e se lançou para mim, erguendo a faca. Eu me esquivei, então chutei seu cotovelo para que ele soltasse a arma.

Na verdade, funcionou. Ele gritou e a faca escorregou de sua mão. Ele caiu no chão para recuperá-la. Mas Zana foi mais rápida. A alcançou primeiro, chutando-a para o meio do mato. O homem percebeu seu erro rápido o suficiente. Ele puxou sua arma, apontou para as Dupres, preparado para disparar.

Não no meu turno, eu pensei, e comecei a reunir magia, me movendo em direção a ele para fechar a distância, melhorar meu objetivo.

Infelizmente, não notei que Phaedra Dupre fazia a mesma coisa. Ela mirou a explosão de magia no homem quando entrei na frente dele.

Seu tiro me atingiu como o calor de mil sóis.

²² Tipo de faca de caça rústica.

O tiro teria acabado com um humano. Mas eu era Sensitiva. Meu corpo absorvia magia, queria magia, toda a magia que poderia encontrar. E havia encontrado um filho da mãe. Eu acho que isso era o que a lista queria dizer sobre a habilidade de Phaedra de *conduzir a magia*.

Eu rolei para longe, braços e dedos curvados de dor. Cada centímetro do meu corpo – da cabeça até os dedos dos pés e tudo no meio – parecia pegar fogo. Isso era ruim.

— Vá — disse eu a Tadjì, a voz rouca e repentinamente seca. — Vá. *Agora*.

Eu não estava bem. Não estava perto de bem. Mas eu não conseguiria me consertar e cuidar delas. Tadjì olhou para mim, tomou uma decisão e puxou sua mãe e sua tia para a caminhonete.

Fogo se formou em meu estômago, lágrimas brotando nos meus olhos. Isso era o que se sentia como um espectro, pensei, e eu sabia que precisava me livrar da magia. Fiquei de joelhos, procurei por algo em que pudesse canalizar. À minha esquerda, havia um conjunto de árvores emaranhadas, um trecho do pântano que contornava a propriedade. E na borda, o toco de um antigo cipreste, há muito tempo cortado, talvez para construir a casa, talvez para lenha.

Eu me arrastei para ele, um joelho excruciante por vez, meus braços e pernas tremendo com o esforço, o suor derramando das minhas costas, tiros disparando à distância. Alcancei dentro de mim e comecei a puxar a magia, um fio quente e miserável de cada vez. Toda vez que eu pensava ter conseguido encurralar toda a magia que havia me enterrado, encontrei outra meada escondida em um canto escuro da minha psique.

Assim que a magia me invadiu, ela derramou para fora novamente. O frio me cercou, infiltrou onde a magia havia desocupado. Senti como se tivesse sido jogada do equador para o Círculo Ártico, meus dentes e mãos batendo com a sensação.

Tossi e minha garganta secou. Mas eu precisava amarrar o poder. Eu necessitava escondê-lo ou meu corpo o absolveria novamente, e eu voltaria ao começo.

Coloquei minha mão no cipreste, implorei para que magia se conectasse, para afundar e encontrar sua casa. Mas o zumbido continuou, um ninho de zangão dentro da minha cabeça.

Lágrimas de frustração escorregaram dos meus olhos. Flexionei meus dedos novamente, recolocando minha palma no toco. Não podia pedir; eu precisava exigir que a magia se amarrasse.

Imaginei a conversa que eu gostaria de ter com Rutledge, qual poderia ser a sensação de empurrar a magia para ele, deixá-lo sentir o que significava ser *contaminado* ou *manchado* com ela.

Isso foi suficientemente próximo a uma demanda pelo toco. A magia filtrou-se na madeira e o mundo finalmente parou de vibrar.

— Graças a Deus — disse eu, e bati no chão.



Capítulo 20

Eu acordei na caminhonete. Eu estava aninhada contra a porta, o veículo tropeçando pela estrada. O mundo estava calmo e escuro, sem luzes em longos lotes de antigas terras agrícolas.

Coloquei uma mão no painel e tentei me sentar. Minha cabeça girou como um tornado. — Oh, Deus — disse eu, e coloquei minha outra mão na cabeça enquanto a náusea revolia minha barriga.

— Não jogue seus biscoitos — disse Liam, me entregando uma garrafa de água. — Beba isso.

Eu abri, bebendo até o final. — As Dupres estão bem? Tadjji?

— Ela está bem. Todas estão. Elas estão no carro atrás de nós. Como você está? — Ele colocou a mão na minha cabeça. — Sua temperatura parece um pouco melhor. Você estava congelando.

Olhei para trás para verificar os faróis, mas meu estômago retumbou com a objeção. Virei novamente, colocando uma mão no painel, e esperei que o mundo parasse de girar.

— Eu acho que tive toda a magia de uma vez. E então devolvi toda a magia de uma só vez.

— Phaedra disse que você vai curar, embora aquele toco de árvore nunca seja o mesmo. Está coberto de folhas neste momento.

Minha cabeça sentia dois ou cinco quilos a mais em meu pescoço, e eu mal a impedia de rolar para o chão muito sujo. Recoloquei minha cabeça no encosto do banco, fechei os olhos e respirei calmamente, até que pudesse me sentar sem querer vomitar. — O que aconteceu?

— Desde que você sobreviveu à primeira guerra — disse Liam —, não vai surpreender se descobrir que nem mesmo as armas são páreas a Paranormais com

um ponto a fazer. Os agentes planejavam levar as Dupres sem qualquer problema. Então, quando os Paranormais avançaram, eles se retiraram muito rápido.

— Talvez isso faça Rutledge pensar duas vezes antes de continuar. Antes de tentar abrir o Véu.

— Ou virá com mais poder de fogo na próxima vez. Um homem como esse não abandona seus planos. Ele ajusta-os. — Ele tamborilou os dedos no volante. — Estamos levando as Dupres para a casa de Gavin. Ele é um alvo menos óbvio do que Gunnar. E a casa de Gunnar é muito grande, com muitas pessoas. Isso se o pai dele sequer nos deixasse entrar, de qualquer maneira.

— Ok — disse eu.

Ele olhou para mim. — Mas eu quero que você diga a Gunnar o que aconteceu aqui, tudo. Ele precisa proteger Tadjí e a família dela, avisar o Comandante sobre Rutledge.

Meu coração acelerou. — Mas você, Moses, Eleanor... isso colocaria todos em risco. — *E eu*, pensei.

Liam olhou para mim. — Não há ajuda para isso agora. Rutledge nos viu, e ele está vivo. Nossos traseiros já estão na linha.

Mais uma vez, ser presa na Ilha do Diabo tornou-se uma possibilidade muito real.

Cruzei meus braços, de repente congelando. — Ele pode não ser capaz de fazer alguma coisa.

— Nós temos que tentar. — Ele estremeceu quando a caminhonete atingiu um buraco e saltou. — Não temos uma opção melhor neste momento. Eu só espero por Deus que ele seja digno da confiança que você colocou nele.

— Ele é — disse eu, sem hesitação. Eu acreditava nisso. Apenas esperava que estivesse certa.

— Percebi que você não entrou no carro e foi embora. O que aconteceu com *sem heroísmo*?

— Imprudentemente corajosa? — ofereci com um pequeno sorriso.

Liam riu. — Jesus, Clair. Você é absolutamente terrível.

Eu decidi que era um elogio.

• • •

Dor na bunda ou não, quando conseguimos Tadjí, Phaedra e Zana instalados na casa de Gavin, Liam me levou de volta ao Cabildo.

Guerra ou não, o Cabildo ainda era lindo, se solitário sem seus vizinhos. Dois longos andares de arcos e janelas, outra fileira de janelas abaixo do telhado de mansarda. E, no topo, uma cúpula que ainda brilhava branca e prateada.

Entrei no escritório de segurança e acenei para a guarda. Ela comprava na loja, me conhecia e sabia que Gunnar e eu éramos amigos.

Ela provavelmente não teria apreciado a ironia de que acabara de acenar para uma Sensitiva através da porta da frente do quartel da Contenção.

Subi a escada para o segundo andar, onde os pisos eram de carvalho escuro reluzentes e as paredes eram brancas. A equipe do Comandante tinha mesas no longo corredor em frente a um banco de janelas que enfrentava a Praça. As mesas e as cadeiras eram incompatíveis, tiradas dos restos do Presbitério.

Não havia muitos agentes nesta hora tardia. Mas Gunnar estava em sua mesa na fileira, ao lado das portas que levavam ao escritório do Comandante. Ele estava virado, usando seu uniforme escuro, de cabeça baixa enquanto folheava um bloco de anotações. Ao som dos meus passos, ele olhou para cima, seus olhos se arregalaram com preocupação.

Ele me olhou no final do corredor, vindo correndo em minha direção. — O que diabos aconteceu com você?

— É uma longa história que você não quer ouvir neste local em particular. Ele resmungou.

— Eu juro, Gunnar, eu falo com você assim que sairmos deste prédio. — Vi outros agentes saindo de suas mesas, observando-nos com desconfiança.

— Tudo bem — disse ele. — Vamos.

Nós caminhamos pelas escadas, entramos na caminhonete, e ficamos sentados lá por cinco minutos, enquanto eu contava a Gunnar a verdade sobre tudo. Sobre ser uma Sensitiva, os espectros, a Ilha do Diabo, a abertura do Véu, tudo.

Por fim, ele estava fumegando. — Eu quero conversar com Tadjí.

— Não temos tempo para isso — insisti. — Rutledge poderia estar tentando outra coisa agora.

Gunnar me ignorou, olhou além de mim para Liam. — Eu verifico antes de informar. Para a casa de Gavin.

• • •

Liam não discutiu e Gunnar não falou nada pelo resto da viagem.

— Fique aqui — disse ele assim que Liam deu instruções para o apartamento de Gavin, antes de Liam parar a caminhonete completamente. Ele saiu do carro e fechou a porta antes que eu pudesse objetar.

Ele ficou no prédio, um armazém transformado em condomínio, por quinze minutos. Esperamos em silêncio. Nossa situação era precária, então evitamos a conversa para ficarmos discretos e mantermos o olho nas ruas ao redor.

Quando Gunnar voltou para a caminhonete e fechou a porta, levou um minuto antes dele falar.

— Richard Rutledge é o CEO da ComTac — disse ele finalmente. Ele deve estar familiarizado com a organização. — É privada, e ele é o principal responsável. Ele tem muito dinheiro.

— Então, e toda essa fala sobre proteger os humanos?

— Algumas poderiam ser verdade — disse Gunnar. — No momento, ele não tem um exército grande o suficiente para lutar contra os Paranormais. Pelo menos, não que os seus impostos tenham financiado. Mas se o Véu se abrir novamente, se nós tivermos que travar uma nova guerra, os federais provavelmente lhe darão muito dinheiro para construir um.

— Então ele quer o dinheiro? — perguntou Liam.

— E o poder — concordou Gunnar. — Eu colocarei guardas no apartamento de Gavin, apenas no caso.

— Gavin não gostará disso — disse Liam.

— Eu já o convenci. — O tom de Gunnar estava seco. — Você me levará para o Cabildo? Preciso falar com o Comandante.

Liam gesticulou para mim. — E ela?

— Ela volta para a loja, onde ficará até novo aviso. — Eu odiava sua presunção, mas preferia estar na loja do que em qualquer lugar, então não me incomodei em argumentar.

Ele tinha o direito de estar irritado comigo. Melhor, pensei, deixá-lo se acalmar. Ele era tão quente quanto Tadjji era fria. Eu ficava em algum lugar no

meio. Provavelmente uma das razões pelas quais éramos tão bons amigos. Ou era, até que a ganância de um homem nos separar.

• • •

Quando voltamos à loja, já passava da meia-noite e meu corpo doía por toda parte. Eu queria me arrastar para a cama e hibernar por um mês ou dois, mas isso não estava nas cartas.

Liam e eu nos sentamos à mesa no fundo da loja, esperando Gunnar chegar.

Ele cruzou os braços e os tornozelos na parte superior da mesa, olhando para a porta da frente. Sentei-me na cadeira ao seu lado, braços sobre a mesa, cabeça em meus braços. Fechei meus olhos e voltei a consciência quando Gunnar voltou.

Eu me sentei, afastando os cabelos dos olhos.

— Você não deveria me deixar adormecer — disse eu enquanto Gunnar cruzava a sala.

— Você parecia exausta — disse Liam.

Olhei para ele. O hematoma na sua bochecha estava mais escuro, e ele também parecia cansado. — Eu acho que ambos poderíamos tirar uma soneca.

Ele meio que sorriu. — Logo que salvarmos o mundo.

— O que aconteceu? — perguntei.

Gunnar tirou uma cadeira, a qual rangeu pelo chão. — O Comandante aprovou a operação de Chenal. Ele pensou que Rutledge planejava trazer um Paranormal desonesto. Rutledge já voltou, falou com ele. Ele disse ao Comandante que a operação foi sabotada.

Água gelada correu pela minha coluna vertebral. — Ele deu ao Comandante nossos nomes?

Gunnar sacudiu a cabeça. — Não. De acordo com o Comandante, Rutledge não deu nenhum nome. Ele continuou à sua história de *paranormal desonesto*.

Liam franziu a testa. — Por que não nos entregar? Ele deveria saber que iríamos a Contenção.

— Por que ele saberia? — perguntou Gunnar. — Ele não sabe que Claire tem uma ligação com o Comandante através de mim, ou que eu sabia sobre a

família de Tadj, os Sensitivos perdidos, todo o acordo. E eu não fiz na época. Ele teria pensado que seria muito arriscado.

Liam levantou a mão. — Então, se ele não contou ao Comandante sobre nós, quem ele culpou pela operação ter sido um fracasso?

— Ele disse que havia uma conspiração contra a Contenção, a qual se originou na Ilha do Diabo... e um Paras com muitos equipamentos de informática.

As palavras eram suaves e cheias de arrependimento. Mas ecoaram por mim como um tiro.

Meu coração afundou como uma pedra. — Moses — disse eu, minha voz quase um sussurro. — Ele chegou a Moses.

Nós saímos correndo para a rua.

• • •

Liam nos levou através do portão, e corremos sem parar em direção a loja de Moses, em roupas ainda manchadas de sujeira e suor da última batalha.

Um caminhão de bombeiros estava estacionado no meio da rua, os bombeiros ainda derramavam água sobre as ruínas ardentes do que antes era a *Oficina Moses*.

A loja havia desaparecido. Não restava nada além de um monte de tijolos, pedaços retorcidos de metal, e arame em uma pilha. Os fragmentos de eletrônicos estavam em todos os lugares, plástico estalando sob meus pés ou derretidos em grandes globos e pilhas. A água correu em pequenos rios através dos escombros, recolhidos na calha e despejados na rua.

— Oh, Liam. — Foi tudo o que eu pude pensar em dizer. Nada mais parecia apropriado. E isso não chegou perto de ser suficiente.

Eu não sabia o que havia acontecido, o que transformou a loja de Moses em escombros, mas ele não poderia ter sobrevivido a isso. Não se estivesse dentro. Eu me ajoelhei, peguei a tecla *M* de um antigo teclado cinza, esfreguei o polegar sobre a letra desbotada e coloquei-a no meu bolso. Seria minha lembrança dele, esse homem que eu não conhecia há muito tempo, mas que foi melhor para mim do que o que um humano merecia.

— Eles fizeram isso por nossa causa — disse eu, levantando novamente. — Porque ele nos ajudou.

— *Eles* não fizeram nada — disse Liam. — Rutledge fez isso. Rutledge arranhou isso. Aquele pedaço de merda deve ter descoberto que Moses acessou seus arquivos, decidiu que era a pessoa mais fácil de atingir. Ele está na Ilha do Diabo, afinal. Menos do que humano. — Ele engoliu em seco. — Eu verei esse idiota no chão, nem que seja a última coisa que eu faça.

— A Contenção não teria explodido o prédio, não é? — perguntei calmamente. — Não quando teria posto em perigo o bairro, a rede, seja o que for.

— A Contenção não.

Nos viramos. Hawkins estava atrás de nós, as mãos enfiadas nos bolsos. Ele parecia mais baixo do que eu lembrava, provavelmente porque não estava em sua estação de segurança.

— Eles não o fizeram? — perguntou Liam.

— Os agentes vieram atrás dele – mas eram aqueles que trabalham para ComTac.

Liam franziu a testa. — Eles o tiraram do prédio?

— Não acho. Quero dizer, eu não vi nada.

Eu olhei para Liam. Havia um olhar estranho no rosto dele. — Obrigado, Hawkins. Vou levá-la para casa.

Eu estava completamente confusa, mas deixei Liam pegar meu braço e guiar-me para longe dos escombros. — Tudo bem — sussurrei. — Eu sei que você sabe alguma coisa, mas não entendo. Você precisará me dizer.

— Moses não queria que ninguém pegasse seus brinquedos, então ele o manipulou para explodir.

— Porra, sim, eu fiz.

Paramos, olhamos ao redor, mas não vimos nada além da escuridão.

— Mos? — sussurrou Liam. — Onde você está?

— Estou no céu, gênio. Onde você acha que estou? — Uma mão grossa surgiu de uma abertura estreita entre os dois prédios. Não grande o suficiente para ser um beco completo. Apenas grande o suficiente para ele se espremer. Ele avançou para a luz, ainda escondido da vista do resto da rua. — Estou bem aqui. Os bastardos chegaram à minha loja, então eu explodi.

Liam ficou totalmente aliviado. — Você nos assustou profundamente.

— Não apenas vocês. Não sobrevivi à guerra para ser levado por alguns idiotas com um desejo de morte.

— Foi a ComTac? — perguntei.

Ele assentiu. — Decidiram me usar como um bode expiatório, eu ouvi dizer. Felizmente, ainda tenho amigos na Contenção. Eles me avisaram.

— Sinto muito que você teve que explodir sua loja. Você tem um lugar para ficar?

Ele riu. — Eu tenho os túneis, Red.

Olhei entre ele e Liam. — Os túneis?

— Essa é uma história para outro momento — disse Liam, olhando novamente para Moses. — Você precisa de alguma coisa?

— Não agora. Deixe-me instalar primeiro.

— Túneis? — perguntei calmamente enquanto voltávamos para o portão.

— *Tête dure*.

— Não sou cabeçadura.

— E isso é exatamente o que uma pessoa teimosa diria.

Eu não tinha nenhum argumento para isso.

• • •

Encontramos Gunnar à mesa, cotovelos sobre ela, cabeça nas mãos. A loja estava escura, as velas acesas. A energia deve ter caído novamente.

— Ei — disse eu, colocando a tecla *M* roubada na mesa. — Não esperava vê-lo aqui. Achei que você voltaria para o Cabildo.

— Estou de licença.

Tirei a cadeira ao lado dele e sentei. — Espere. O quê?

Ele ergueu a cabeça e juntou os dedos. — Estou muito perto do que está acontecendo, o Comandante precisa avaliar a informação sobre as várias partes e determinar se tenho sido negligente no meu dever.

— Você foi?

— Claro que não.

— Bem, pronto. O Comandante descobrirá o que realmente aconteceu e devolverá a sua posição.

Ele assentiu. — O que você achou na Ilha do Diabo?

Eu olhei para Liam. Não sabia como ele iria querer lidar com essa parte da verdade.

Ele tirou uma cadeira e sentou-se na mesa. — Digamos que Rutledge não realizou o que pretendia fazer. A contagem de corpos é inferior ao que se acreditava.

Uma vez que a contagem do corpo foi nenhuma, isso significava que não havia vítimas. Sem ele sair e dizer isso, é claro.

Esperança floresceu no rosto de Gunnar. — Você está falando sério. Não está apenas brincando comigo?

O sorriso de Liam foi sem graça. — Eu raramente brinco.

Eu estava bastante segura de que isso era para mim.

Gunnar soltou um suspiro, sentou-se e passou os dedos pelos cabelos. — Oh, graças à Deus.

— Nada disso foi por sua causa, Gunnar... assim como Liam disse ao seu pai. Isto é sobre Rutledge. E é uma merda.

— É um milagre — disse Liam. — Ela é capaz de ouvir.

— Você é hilário como sempre. — Eu olhei para Gunnar. — E também devo desculpas a você. Esperei para te contar porque eu não queria te colocar em uma posição horrível...

— E você não estava certa das minhas lealdades.

— E eu não estava certa das suas lealdades — confessei. — Mas já passamos por tudo isso. Podemos concordar que ambos fizemos o que pensávamos ser certo no momento? O que pensávamos que prejudicaria o menor número de pessoas?

Gunnar abaixou as mãos e colocou as palmas sobre a mesa. — Concordo.

Assenti. — Bom. Bom. — Porque eu não precisava estar lutando com todos que eu conhecia agora.

— Ouça, você se importaria de ficar a noite? Há uma cama na sala de trás, e eu me sentiria melhor se alguém estivesse aqui. — Isso era absolutamente verdade, mas também manteria Gunnar por perto. Ele foi muito definido pelo seu trabalho, e ele não acabou de falar sobre isso.

— Acho que é uma boa ideia — disse Liam. — Eu não acho que Claire deveria ficar sozinha. Não até que seu chefe tire a cabeça do traseiro e acabe com Rutledge.

— Eu sempre fui o homem mais inteligente do escritório — disse Gunnar.

— E, igual ao Sr. Quinn, sempre tão humilde.

— O Sr. Quinn deveria ir — disse Liam, levantando-se. — Eu quero ver minha avó. — Ele bateu nas costas de Gunnar. — Você fez a coisa certa. Espero que a Contenção reconheça isso. Se não, são idiotas.

Gunnar assentiu. — Agradeço.

Liam gesticulou em direção à porta e fez um gesto para que eu o seguisse. A noite ainda estava úmida, silenciosa. As músicas do memorial foram todas cantadas.

— Quero verificar Eleanor — disse ele. — Apenas por precaução. Tenho alguns favores que posso chamar como segurança extra, e acho que é hora de fazer isso. Quero ter certeza de que ela está protegida.

— Favores?

Ele soltou uma respiração. — Eu terei que pedir a Solomon.

Estremeci. — Não há outra maneira?

— Não depois desta noite. E o preço dele será alto. Mas não há como evitar. — Ele voltou para Gunnar. — Ele ficará bem?

Assenti. — Eu acho que sim. Ele vai se ajustar, ou o Comandante cairá em si quando Rutledge causar mais problemas. Isso parece bastante inevitável. — E isso me lembrou. — Tenha cuidado na Ilha do Diabo. Ele ainda poderia ter amigos.

Seu olhar se suavizou. — Você está se preocupando comigo agora?

Deixei meu olhar se demorar. — Eu sei que você pode cuidar de si mesmo. Mas posso ter uma mobília pesada que precisa ser levantada. Então é sempre bom ter músculos por aí.

Ele grunhiu uma risada. — Hilariante como sempre.

— Estou tentando — murmurei enquanto ele se afastava. Porque eu não sabia o que mais fazer.



Capítulo 21

O cheiro de café flutuava até o andar de cima. Desci com um roupão, meu cabelo preso em um coque, para encontrar Gunnar e Liam sentados na mesa da loja. Eles seguravam canecas incompatíveis, e havia uma garrafa no meio da mesa. Eu parei na escada, esperando até eu ter me recomposto.

— *Bonjour*, Claire — disse Gunnar. — Liam está me ensinando algum francês Cajun.

— Oh, bom. Agora vocês podem murmurar em voz baixa em um idioma que não falo. — Apontei para a garrafa. — Isso é café?

— O verdadeiro negócio — disse Gunnar. — Cortesia do Sr. Quinn.

— Pensei que todos pudéssemos usá-lo — disse Liam.

Então ele pensou que poderia me atrair com café. Derramei café, segurei a caneca quente nas mãos e fechei os olhos para aproveitar o vapor que subia. Tomei um gole da bebida. Era quente, forte, preto. Eu me senti melhor quase imediatamente.

Tudo certo, foi uma boa jogada. — Deus, sinto falta de café.

— Você vende café. — Gunnar apontou para isso. — Está por lá.

— Como não conseguimos isso muitas vezes, não queria me acostumar com isso. E além disso – nunca é tão bom quando alguém o traz para você.

Olhei para Gunnar. — Você parece se sentir melhor.

— Eu fiz o que pude — disse ele. — Não ficarei sentado porque eles não estão lidando bem com isso. Darei tempo para eles investigarem, e então apresentarei meu caso. Eu tenho um amigo, um colega, que eu pedi para me manter atualizado.

— Bom — disse eu, e olhei para Liam. — Como está sua avó?

— Tudo bem. Sem incidentes.

Olhei para Gunnar. — E Tadj? A mãe dela?

— Bem. Sem incidentes, também. Quadro maior, não sei o que isso significa. Talvez esse Rutledge esteja se reajustando. Espero que ele nos dê um pouco de tempo antes de se mover novamente.

— Hora de colocar a Contenção na fila?

— Exatamente — disse Gunnar.

Eu assenti e tomei um gole de café. — Ele fará um movimento. Rutledge, quero dizer. Por que não deveria, depois de todo esse planejamento?

— Concordo — disse Liam, recarregando sua xícara. — A única questão é...

— Onde, quando, e como você está preparado para isso — terminei, levantando da minha cadeira.

Liam olhou para mim com surpresa. — Isso é duas vezes seguidas que você me escutou.

— Flutuações do Véu — resmunguei e subi as escadas.

• • •

Eu me vesti e desci novamente para encontrar Gavin entrando pela porta da frente. Desde que ele estava de guarda, foi rapidamente óbvio que algo estava errado.

— O que diabos você está fazendo aqui? — perguntou Liam.

— A mãe de Tadj. Eu saí quando os guardas da Contenção me liberaram meio hora atrás. Verifiquei sua identificação, então fui à loja para pegar algumas coisas – comida, água. Quando voltei, os guardas estavam mortos. Eles levaram a Phaedra.

O medo floresceu como uma rosa carmesim. — Tadj?

— Meu vizinho é um ex-fuzileiro naval. Ela e a tia estão com ele por agora. Esse era o lugar mais seguro em que eu podia pensar.

— Eles não levaram Zana — disse eu, e olhei para Liam. — Eles descobriram que Phaedra fechou o Véu?

— Ou ela disse para proteger a irmã.

Eu não conhecia Phaedra por muito tempo, mas isso soou como algo que ela faria.

Os olhos de Liam se estreitaram em Gavin. — Como eles descobriram onde você mora?

— Não sei — disse Gavin, parecendo completamente atingido. — Eu não sei quem poderia ter dito a eles.

— Rutledge deve ter conexões — disse Gunnar. — O que significa que ele não terá dúvidas agora que Contenção está sobre ele.

— Ele tentará abrir o Véu agora — concordou Liam com um aceno de cabeça. — Mesmo que não tenha todos os Sensitivos, ele saberá que só tem uma chance. Inferno, da maneira como o Véu tem flutuado, ele já poderia estar perto.

— Nós temos que contar aos outros — disse eu. — Temos que ir à refinaria. Lá é ponto de encontro.

Se eu fosse realmente, muito afortunada, haveria um pombo do lado de fora da minha janela, pronto para levar uma mensagem ao resto dos nossos aliados.

— Como vamos chegar lá? — perguntou Gavin. — Acho que existem mais pessoas do que nós que precisam ir, e eu realmente preferiria não andar no banco de trás dessa caminhonete de merda novamente.

— Não é uma merda.

— É um pedaço de merda o suficiente.

— Crianças — disse eu, calmamente, e olhei para Gunnar. — Haverá mais de nós. Pode nos ajudar?

Ele assentiu, e havia um brilho em seus olhos. — Me dê dez minutos — disse ele, e partiu correndo em direção ao Cabildo.

• • •

Eu estava preparada para levantar a bandeira para sinalizar à Delta, mas não era necessário. Havia um pombo cinza, suas penas brilhando iridescente na luz, empoleirado do lado de fora da janela.

Já tinha uma nota, e parecia que nossos amigos estavam pensando a mesma coisa: DISCUSSÃO: BAYOU E PRÓXIMAS ETAPAS NO LUGAR USUAL. AO MEIO DIA.

Era quase meio dia. Dei alguns grãos para o pombinho. Enquanto ele balançava a cabeça nos grãos, rabisquei uma pequena resposta, enfiei-a na bolsa. Mantive a mensagem curta: RUTLEDGE TEM PHAEDRA DUPRE. ENCONTRO O MAIS CEDO POSSÍVEL.

Após me certificar que o pombo estava no ar, desci para o primeiro andar, os pneus estavam cantando lá fora. Gunnar estacionou uma van branca com CONTENÇÃO em letras maiúsculas pretas ao longo de ambos os lados e na parte traseira.

Liam, Gavin e eu saímos correndo. Eu tranquei a porta, seguindo-os para dentro da van, que tinha muitas janelas e três assentos longos.

— Ela não é sexy — disse Gunnar —, mas nos levará para onde vamos. Qual é o lugar?

— Refinaria King Sugar Company — disse eu. — E pise fundo.

• • •

Essa van poderia se mover. Como a maioria dos veículos do pós-guerra, foi despojada de tudo que era elétrico. Sem rádio, sem AC, mas pelo menos se movia. Então, nos dirigimos para Chalmette como estudantes em uma viagem de campo.

As sobrancelhas de Gunnar se levantaram quando ele dirigiu pela cerca quebrada para entrar na propriedade, mas nos seguiu para dentro sem comentar.

Malachi, Burke e Darby já estavam dentro do espaço gigante. Malachi carregava seu arco dourado imaculado, o qual parecia tão fora de lugar naquele edifício abandonado e enferrujado. Suas sobrancelhas levantaram quando Gunnar e Gavin entraram atrás de nós. Decidi que evitaria qualquer argumento.

— Malachi, Darby, Burke, este é Gunnar Landreau. Anteriormente o assessor civil sênior do Comandante e meu melhor amigo. Ele está do nosso lado. Bem, o lado de NOLA, de qualquer forma. E este é Gavin Quinn, o irmão de Liam. Ele é um rastreador, e estava com as Dupres quando Phaedra foi levada.

Houve um silêncio por um momento enquanto eles consideravam o resto da minha equipe. Eles devem ter decidido que estava tudo bem.

— Isso é bom o suficiente para mim — disse Malachi.

Darby assentiu. — Concordo. Vamos lá.

Gavin deu um passo à frente. — As Dupres estavam no meu condomínio. Havia dois guardas com elas – ambos experientes agentes da Contenção. Ambos tinham IDs que eu pessoalmente verifiquei com a Contenção. Eu desci para comprar comida e água.

Eu podia ouvir a culpa em sua voz, queria estender a mão e acalmá-lo, mas não achei que este era o momento para isso.

— Quando voltei, os guardas estavam mortos e os agentes estavam levando a Phaedra. Comecei uma perseguição, mas não consegui alcançá-los. Tirei Tadj e Zana da casa, levei-as para segurança.

Gunnar assumiu a partir dali. — O Comandante foi informado, mas sabe apenas o que precisa saber sobre o que aconteceu ontem e o que o Rutledge fez. A Contenção pode conseguir jatos e preparar apoio térreo uma vez que sabermos para onde enviá-los. Mas os jatos de primeira resposta do CCP vieram de Tyndall, que está na Flórida. Mesmo quando soubermos para onde eles devem ir, levará tempo para colocar os jatos no ar e depois aqui. Estamos sozinhos até então. Temos que manter o Véu fechado até a cavalaria chegar.

Liam olhou para Darby. — Onde eles vão? Rutledge e seu pessoal?

— Talisheek — disse ela. Essa foi a localização do memorial de guerra.

— O Véu cruza em Talisheek — disse Malachi. — É aí que a maioria dos Paras passou.

— Existe uma maneira de você enviar uma mensagem para a Contenção? — perguntou Gunnar. — Alguma maneira de avisá-los onde isso pode acontecer?

— Posso organizar isso — disse Malachi. — É mais fácil para mim entrar e sair do Quarter sem ser visto. — Não obstante, asas.

— Como a criptografia funciona? — perguntou Liam.

— Somente os Sensitivos que trabalharam com a criptografia têm todos os detalhes — disse Darby. — Mas creio que há uma caixa que contém a criptografia; é armazenada na base do memorial de guerra. Cada Sensitivo tem que aplicar sua mágica na caixa para desbloquear um dos sete bloqueios. Os bloqueios estão encadernados à sua magia.

— Não sabemos se Rutledge tem todos os sete Sensitivos — disse eu, pensando no que Liam havia dito. — Mas esta será sua única chance, então ele fará o que puder com o que tem.

Burke assentiu. — Ele poderia ter todos os Sensitivos agora, ou poderia ter tido cada um em algum momento, e ele está desbloqueando a criptografia aos poucos.

— Ele levará mais pessoas desta vez — disse Gavin, esfregando o queixo com o polegar enquanto ponderava. — Não o suficiente para vencer uma primeira

onda de Paras no portão – ele não tem tantas pessoas – mas o suficiente para mantê-lo e seu pessoal seguro para que eles possam sair de lá e alertar a Contenção que mais tropas são necessárias.

— Na verdade — disse Burke: — Nós achamos que Rutledge não acredita que os Paras estarão esperando para cruzar o Véu. Conseguimos pegar um dos agentes da ComTac. Rutledge opera a partir da chamada *teoria de alocação de perda de potência*. É popular nos círculos militares. Basicamente, supõe que os Paras usaram todos os recursos disponíveis para abrir o Véu e enviar as tropas da primeira vez. E eles enviaram todos os bons guerreiros para o ataque, então qualquer um que esteja no Além seria fácil de derrotar. Não os tipos a serem alinhados na porta.

— Então — disse Gunnar —, ele basicamente pensa que abrirá a porta e ninguém estará lá?

— Exatamente — disse Darby.

— Isso corresponde ao que ele nos contou no Chenal — concordei. — Ele acha que está sendo pró-ativo.

— Isso é um completo absurdo — disse Malachi. — Não reflete o que realmente aconteceu ou a população restante de Paras no Além.

— O que Rutledge saberia — disse Darby —, se ele ou qualquer outra pessoa no CCP tivesse aprendido com algo que um Paranormal tinha a dizer.

— Mas, como eles não aprenderam, ele abrirá o Véu e será o primeiro a cobrar dos federais por todos os serviços de defesa que pode fornecer — disse Liam, obviamente, com nojo.

— Então, qual é o plano? — perguntei.

— Claire e eu vamos pegar o Véu — disse Burke, olhando para mim e fazendo meu coração gelar. — Vamos fazer o que pudermos como Sensitivos para manter os bloqueios fechados. E se alguns deles estiver abertos, fechá-los novamente.

— Ok — disse eu, e podia sentir a preocupação de Liam surgindo ao meu lado.

— Você já esteve perto do Véu? — perguntou Burke. — Realmente perto dele?

Balancei a cabeça.

— Como discutimos, não é apenas uma linha em um mapa. É energia e magia que se move como uma fita; ele ondula. Você é Sensitiva à magia. Isso significa que você será Sensitiva ao Véu. Será capaz de senti-lo se ficar muito perto.

— Isso é bom ou ruim?

— É a porta de entrada para toda a magia — disse ele. — A menos que você queira toda essa magia de uma vez, fique longe disso.

Conselho sólido.

— O resto de nós cuidará dos agentes — disse Malachi, olhando ao redor.

— Você será visto novamente — disse eu, pensando nas consequências.

Ele olhou para mim e sorriu gentilmente. — Não há ajuda para isso. Temos que lutar o máximo que pudermos. O Véu não pode abrir novamente. — Ele olhou para todos os outros. — Todos estão preparados?

Todos assentiram. Eu trouxe minha arma, mas como vimos ao perseguir Marla, eu ainda não estava emocionada por usá-la. Não que a magia fosse muito melhor.

— Nesse caso — disse Burke —, sugiro que nos movamos.

• • •

Levou uma hora de carro até Talisheek, embora Gunnar tenha dirigido como um maniaco. Uma vez que Malachi podia se locomover por conta própria, ele prometeu nos encontrar lá depois que passasse a informação para a Contenção sobre a localização da operação de Rutledge.

Nós ficamos em silêncio durante a viagem, pensando na batalha, nos Paranormais, nos outros. Não conversei com Tadjì desde a batalha em Chenal. Ela ficara assustada então, e eu só podia imaginar que ela estivesse mais assustada agora. Rutledge certamente não estava ajudando muito para fazer com que ela acreditasse que a magia era qualquer coisa menos um câncer. E depois disso, eu não sabia onde a nossa amizade estaria.

Não havia muito em Talisheek antes da guerra – apenas um supermercado e uma agência postal, algumas casas. A paisagem era principalmente árvores, com parcelas raspadas de terra para plantar cultivos. Agora sinais de floresta e do campo de batalha cobriam o chão como um tabuleiro de xadrez. Ninguém morava em Talisheek agora.

Gunnar estacionou a duzentos metros de distância, em uma estrada de cascalho abandonada, e descemos em silêncio em direção ao que restava do arco de tijolos que marcava o portão de entrada. Chegamos a ele e ficamos atrás do tijolo para observar a ação do outro lado.

A maior parte do gramado onde a batalha ocorrera ainda era preta, embora o gramado crescesse através de pequenos trechos que a magia não conseguira matar. E no meio daquela terra seca, o monumento à guerra – duas asas de concreto angulares de 12 metros de altura que se elevavam no ar. A forma da estátua era controversa – as asas não eram exatamente populares entre os humanos. Mas eram uma lembrança perfeitamente assombrosa do que aconteceu aqui.

Havia cerca de três metros de espaço entre as asas. Essa área estava pavimentada com tijolos esculpidos com os nomes das unidades que lutaram em Talisheek.

Dois veículos militares estavam estacionados perto. E havia três dúzias de agentes no chão e ao redor do monumento. Rutledge estava perto da base da asa à esquerda, com outras duas pessoas em equipamentos não militares.

Uma era Phaedra Dupre. Não reconheci o outro – um homem mais baixo, com a pele escura. Se ele fosse um Sensitivo como a Phaedra, isso significava que havia apenas duas chaves?

Asas bateram, e Malachi pousou atrás de nós. — Ele já desbloqueou algumas chaves.

— Como você sabe? — perguntou Liam.

— Estamos perto do Véu, e suas flutuações são óbvias. Agora está mais selvagem, como uma bandeira presa por um único fio em um vento feroz. Devemos mantê-lo fechado.

Rutledge abriu um painel na asa, tirou uma grande caixa cinzenta que brilhava como ouro. Adivinhei que era nosso prêmio.

Havia uma mulher com Rutledge em verde, mas suas costas estavam voltadas para nós. Mas quando se virou, ela parecia muito familiar.

— Oh, Porra — murmurou Liam.

Era Nix. Vestido verde, sua forma mágica retirada para revelar orelhas eretas, sua pele levemente verde, um bastão dourado na mão.

Ela ficou ao lado de Rutledge. Ele lhe dizia algo. Como se enfatizasse seu ponto, e virando, ele estendeu a mão e acariciou o ombro dela. Ela não mostrou nenhuma reação ao seu toque. Mas o anseio era claro no rosto dela.

— Porra dupla — murmurei quando a memória dela na mesa da loja me atingiu. — Ela disse que queria ir para casa. Ele está ajudando-a a abrir o Véu, para que ela possa fazer isso.

— Ela está usando-o, ou ele está usando-a? — perguntei.

— Provavelmente ambos — disse Malachi. — Ela tem informações e conhecimentos, e quer por motivos pessoais. Ele tem sentimentos pessoais por ela, mas quer abrir o véu por razões financeiras e profissionais. É mutuamente benéfico.

— E mutuamente repugnante — disse eu, pensando na confiança que todos depositamos nela. — Ela colocou Broussard atrás de mim — percebi, e senti luz de fúria dentro de meu intestino.

— Provavelmente sim — disse Gavin melancolicamente.

Olhei para ele. — Sinto muito.

— Está feito — sussurrou ele com ferocidade, seus traços definidos e duros como gelo. Eu já vi Liam fazer o mesmo – desligar suas emoções. Os meninos Quinn eram bom nisso.

— Ela cairá — disse Malachi. — Ela é uma traidora. Que seja ouvido e lembrado.

Eu me lembrei de nunca entrar no seu lado ruim.

— A refinaria não está segura — disse Liam. — Ela sabia que nos encontrávamos lá. Precisaremos encontrar uma nova localização.

— Vamos discutir isso depois — disse Malachi. — Por enquanto, vamos nos concentrar na tarefa diante de nós. Ele ainda não sabe que a Contenção está a caminho. — Ele avançou, olhou para mim e para Burke. — Nós temos alguns aliados vindo de Bogue Chitto, se o pior acontecer. Mas não há muitos, e podem não ser suficientes. Não podemos esperar.

— Então *rápido* é o que você está dizendo — disse Burke.

Malachi assentiu. — Seria melhor.

— Esperamos por tempo suficiente — disse Darby. — Vamos fazer isso — e puxou uma arma de um arnês de ombros, segurando-a como uma profissional.

— Gunnar, Gavin — disse Malachi. — Atraíam os guardas do lado direito e os afastem. Darby e eu cuidaremos de Rutledge e os agentes voando.

— E Burke, Claire e eu vamos pegar a caixa — disse Liam.

Malachi assentiu. — E que Deus tenha piedade de todos nós.

• • •

Gavin e Gunnar soltaram um grito, um longo e assombroso grito quando saíram do portão, imediatamente se inclinaram para a direita, afastando alguns dos guardas. Darby e Malachi correram direto para Rutledge. Ele gritou ordens enquanto Nix parecia momentaneamente chocada, mas depois jogou o macho Sensitivo no chão em direção à caixa, tentando fazer com que ele se apressasse.

Sempre pensei que havia algo nela.

— Essa é nossa sugestão, crianças — disse Liam. — Burke, você quer trabalhar sua magia?

— Sobre isso — disse ele, e sua imagem tremulou e desapareceu.

— Direto até onde está a caixa — disse Liam, conversando com o local onde Burke provavelmente estava. — Estamos logo atrás de você.

— No caminho! — disse Burke, e as únicas coisas que ficaram dele foram as impressões que ele deixou na grama.

Nós seguimos correndo, Liam ao meu lado, armado e atirando em agentes enquanto mantinha um braço ao meu redor. Eu estava, pensei, supostamente guardando minha magia para o que quer me aguardasse naquela caixa. Então não tentei tirar a arma da mão de ninguém, embora tivesse gostado de ver a aparência de pânico induzido pela magia em seus rostos.

— Eu cuido de Nix — disse Liam, e eu podia ouvir aquele pequeno fio vingativo na sua voz.

Ele não estava apenas lutando pelos humanos; ele estava lutando por seu irmão. Ela encontrou Liam com um grito estilo banshee, empurrando seu bastão para ele. Ele o desviou com um chute, apontou um soco ao seu lado, e errou.

Burke voltou a aparecer de joelhos na frente da caixa. — Concentre-se, Claire — disse ele, voltando meu olhar para ele e para os Sensitivos apavorados.

— Phaedra. Tom. Bom ver vocês novamente. Rutledge trouxe vocês aqui?

O cara, que deve ser o Tom, assentiu. — Ele quer abrir o Véu. Ele ameaçou matar nossas famílias... machucá-los. Ele já transformou tantos em espectros.

— Nós sabemos — disse Burke, inspecionando a caixa. Era feita de mármore cinza claro. Havia sete mostradores dourados que pareciam engrenagens de relógio espalhadas na parte superior, dobradiças douradas ao longo das bordas, porta-chaves douradas na frente. Seis das engrenagens foram abertas. Uma ainda estava aninhada em sua ranhura no mármore.

— Ele desbloqueou seis até agora — disse Phaedra. — Ele trouxe-os até aqui, um de cada vez, fazendo com que entregassem a criptografia. E quando eles não fazem ou não conseguem, ele deixa o Véu quebrá-los.

— Eu já lhe dei a minha chave. Sinto muito. Desculpe. — Tom estava suando, chorando, quase febril com a magia que extravasava dele. Eu conhecia o sentimento. Entendia bem.

— Não se preocupe, Tom. Nós vamos te ajudar, ok?

— Somente o dela — disse ele. — É o único que resta.

— Pode não importar — disse Phaedra. — Pode não ser preciso destravar o último. O véu está selvagem.

Burke colocou a mão em uma das fechaduras, soltou um suspiro e concentrou-se. Sua imagem cintilou como uma televisão velha e quebrada, mas nada na caixa mudou.

Phaedra gritou. Eu olhei para trás. Nix havia agarrado o braço dela; Liam estava no chão a poucos metros de distância.

Imaginei que era entre eu e a cadela traiçoeira. — Solte-a — disse eu.

— Desculpe, Claire. Você sabe que não posso fazer isso — disse Nix.

— Eu sei que você mentiu para mim, Liam e Gavin. Você estava nos usando o tempo todo? Obtendo informações sobre Sensitivos, ou apenas tentando manter-nos ocupados para não interferir com o seu pequeno plano de usar Rutledge para voltar para casa?

— Você não sabe o que é ser um pária. Ter que viver escondida.

— Você está certa — disse eu, com voz seca. — Os Sensitivos não têm ideia do que é isso, porque somos recebidos com os braços abertos. Você é Consularis. Você não deveria ser nosso inimigo... você deveria ser nosso amigo. E é isso que você nos contou. Mas aqui está você, tentando desencadear o inferno novamente.

Tive o suficiente de mau comportamento por hoje. Estendi a mão e arranquei a lança de suas mãos. Eu a surpreendi, o que era bom, mas a arma era tão pesada que eu mal conseguia segurá-la. Mas pelo menos estava fora de suas mãos.

O lábio de Nix estava enrolado. — Você não pode lidar com essa arma, Sensitiva.

Ouvi o som de asas agitadas, percebendo que eu tinha um plano. — Não preciso — disse eu. — Malachi! — gritei, e usando todas as minhas forças, e um bom salto, joguei-o acima da minha cabeça para as mãos de Malachi.

Ele pousou a poucos metros de distância, a arma de Nix pronta, e a encarou.

Voltei correndo para Liam. Um corte em sua testa estava sangrando. Acaricieei suas bochechas. — Liam? Liam! Acorde, preguiçoso. Há uma guerra próxima acontecendo aqui.

— O quanto você precisa de mim?

— Muito — admiti, e o alívio me inundou quando ele abriu um olho e estremeceu. Consegui levantá-lo em uma posição vertical.

— Ela me deu uma paulada na cabeça — disse ele.

— Eu peguei a lança dela. Dei para Malachi.

— Boa garota. Preciso me levantar. — Ele se levantou, piscou e balançou a cabeça. — Dor de cabeça amanhã. Guerra hoje.

Houve um grito atrás de nós. Rutledge, sangrando de um corte no braço, estava correndo.

Estendi um pé e ele tropeçou com o tornozelo. Ele caiu voando, pousando a um metro e meio de distância, seu rosto na terra. E maldição, era tão gratificante.

De repente energizado, Liam se pôs de pé e caminhou em direção a Rutledge, chutando-o com força na lateral. — Isso é pela minha irmã, seu idiota, e por todas as outras vidas que você tomou. Destruíu.

— Claire! — gritou Burke, um aviso. — Preciso de você!

Olhei para trás, mas antes que eu pudesse correr, algo quente e pesado bateu em minhas costas, me deixando momentaneamente tonta. Dei um passo a frente, e tive que colocar minha mão na asa para impedir de bater nela.

Tom gritou, caiu no chão, arranhando suas roupas. O suor escorria por seu corpo.

— Burke — disse eu, obrigando-me a levantar-me, me aproximar de Tom. Parei ao lado dele, tentando agarrar suas mãos antes que ele rasgasse tecido e pele. — O que diabos foi isso?

— O Veu agitando mais perto — disse Burke. — Esse foi o equivalente mágico da água que lambe os dedos dos pés. — O que significava que a coisa real nos derrubaria. — Precisamos tirar Tom e Phaedra daqui.

Ele assobiou, um som ensurdecedor que me fez cobrir meus ouvidos. Dentro de segundos, um anjo desceu, sua pele escura um lindo contraste com as asas marfim. Ele olhou com curiosidade para mim, então Burke.

— Estes são os Sensitivos — disse Burke. — Eles precisam chegar à segurança, longe de Rutledge.

O anjo assentiu, e sem hesitação, levantou Phaedra do chão e a conduziu para o alto, asas batendo para mantê-los no ar.

— Porra — disse eu baixinho, observando-os voar para longe. Eu vi anjos em combate. Mas nunca vi um anjo voar. Era lindo e assustador, apesar de tudo ainda ser completamente aterrorizante.

Outro anjo desceu e agarrou Tom.

— Eles são confiáveis?

— Eles são da Consularis — disse Burke. — Eu chamei com um assobio de guerra, algo que trabalhamos durante o último turno. Nós não dominamos os anjos, mas podemos pedir ajuda deles para manter as pessoas seguras. É assim que fazemos isso.

Acenei com a cabeça e um movimento chamou minha atenção, olhei para o outro lado do campo, onde uma mulher deslizou em direção ao bosque.

Ela era alta e esbelta sob os uniformes da ComTac, com um longo cabelo liso que caía quase até a cintura. E era vibrantemente vermelho. Ela se virou, olhou em minha direção. Sua pele era clara, e seus olhos, como os meus, eram verdes. A inclinação do nariz, a curva dos lábios, a forma amendoada dos olhos, também como os meus.

Eu não conhecia minha mãe. Não tinha uma única lembrança dela, cabelo vermelho ou não, porque ela morrera quando eu tinha dois anos, vítima de uma gripe que varrera o sul da Louisiana.

Ou então foi o que me disseram.

— Claire!

Minha mente disparou, olhei para Burke, que franziu a testa para mim, com as mãos nos joelhos. — Você está bem?

Acenei com a cabeça vagamente, voltando o olhar para a mulher, mas ela se foi, provavelmente desapareceu no bayou. — Estou bem. Havia uma mulher com cabelos vermelhos. Você a viu?

Os olhos de Burke se arregalaram. — Não. Você é a única ruiva que eu vi. Venha aqui comigo, Claire.

Eu queria segui-la, ficar obcecada, descobrir quem ela era. Mas não tinha tempo de pensar nisso, ou ela, agora mesmo. Isso era para mais tarde. Fiquei de joelhos ao lado dele.

— Coloque suas mãos aqui e aqui. Precisamos lançar magia na caixa, ok? Penso em reforçar o suficiente para evitar que o Véu se separe. E nós precisamos fazer isso agora, porque eu não acho que vá aguentar.

Ouvi um suave *pop* antes que o *zing* do som me alcançasse. Burke congelou, então olhou para a mancha que se espalhava no seu peito. Ele foi baleado.

— Oh, merda. Oh, merda. — Pressionei uma mão na ferida, que estava quente e com sangue. Muito sangue. Empurrei mais forte, aplicando pressão e tentando parar o sangramento. Mas havia tanto sangue.

— *Malachi!* — gritei.

Agitação, o movimento do ar, e então ele estava de joelhos ao meu lado, os olhos arregalados e os lábios separados quando olhou para Burke.

— Acho que essa é a minha última batalha — disse Burke, tossindo.

— Não hoje — disse Malachi, uma promessa, e levantou o homem em seus braços sem nem um estremecimento. Ele se levantou no ar, pairando, asas batendo contra a gravidade e olhou para mim. — Você tem que fazer isso, Claire. Você precisa fechar os bloqueios. Não temos muito tempo.

— Ok — disse eu, limpando as mãos suadas no jeans. — Tudo bem — repeti, e tomei uma respiração.

Coloquei uma mão na caixa, fechei os olhos e tentei ignorar os gritos, os gemidos, os estalos de tiros ao meu redor.

O suor se elevou em minhas costas enquanto a magia na ar ficava mais forte, mais quente, mas me obriguei a me concentrar.

É uma caixa, pensei. É apenas uma caixa com partes e pedaços. Eu sei como mover partes e pedaços. Posso fazer isso com a minha mente.

Então, tecnicamente, essa era a tarefa perfeita para mim. Se eu pudesse fazer minha magia.

Fechei meus olhos, senti minha magia através da caixa. Cada uma das sete chaves eram diferentes. Havia molas seguradas pela tensão, e os pinos que não eram físicos – não realmente. Eles eram mágicos. Cada um tensionado pela magia do Sensitivo, de modo que apenas a magia dele poderia ser usada para deslizar os pinos no lugar, para permitir que a engrenagem superior se tornasse a ranhura apropriada.

Abri os olhos, concentrada. Eu não tinha a magia deles. Mas eu tinha a minha. E talvez isso fosse suficiente.

Em vez de grandes punhados, imaginei reunir feixos de magia, finos e leves, pequenos filamentos. Puxei-os do ar, e ignorando os sons de batalha, trabalhei para deslizá-los para as fechaduras. Demorou duas tentativas, lembrando-me de imaginar que as fechaduras eram enormes e a magia era pequena, e ajustando-as.

Uma vez que estava dentro, eu me concentrei no movimento dos pinos, a pressão de cada mola. Uma levantou, fez uma pausa. Ofereci uma corrida de magia à direita, e o pino deslizou para casa. Um dos bloqueios foi reativado.

Eu estava conseguindo, pensei.

Consegui mais dois antes que o Véu se movesse novamente.

Magia passou por mim com luz e calor ofuscante. Por um momento, naquele incêndio de poder, pude ver o Véu. Ele brilhava com uma cor iridescente, como uma bolha de sabão ondulando pelo chão, de um lado ao outro, como a linha que Darby desenhara no chão da refinaria.

E então eu pude ver *através* dele. Olhei para o outro lado, depois do brilho, e no Além... onde eles esperavam. Milhares deles em fileiras longas, batalhões de Paranormais preparados para a guerra. Eles usavam a mesma armadura que os Paras com quem lutamos antes, e isso foi o suficiente para fazer meu coração acelerar.

Uma mulher em um cavalo preto, sua pele lustrosa, seu longo cabelo preso em um rabo de cavalo envolto de ouro que serpenteava pelos ombros, ficou em frente ao seu exército. Tanto a mulher como o cavalo usavam uma armadura dourada, e ela sentou-se como uma rainha enquanto o cavalo se movia impientemente debaixo dela.

Ela congelou, estalou a cabeça para mim, como se pudesse sentir que estava sendo observada. Ela soltou as rédeas, moveu o cavalo para a frente, um casco peludo por vez, em direção ao Véu, seus olhos nos meus.

Ela também podia me ver. Ela sorriu horrivelmente, gritou algo para suas tropas que eu não conseguia ouvir, e levantou sua lança dourada para o ar.

As milhares de tropas atrás dela fizeram o mesmo, a luz solar irradiando em suas armas e deixando manchas na frente dos meus olhos.

E então a barreira passou por mim novamente, soltando-me no chão.

Acertei meus joelhos, sugueio ar, tentei me estabilizar no mundo. Não me matara, mas certamente não se sentia muito bem. O Véu me cobriu com magia, e meu corpo o sugou como uma tempestade na areia do deserto. Minhas mãos tremiam com exaustão, com magia que fervia sob minha pele. Eu podia sentir a raiva crescendo, minha pele ardendo de irritação. Eu teria que lançá-la, ligá-la, se eu tivesse alguma esperança de evitar a agonia que Tom sofreu, e muito menos conseguir fechar o resto dos bloqueios comprometidos.

Ou eu faria?

Talvez não precisasse descartá-la. Não da maneira usual. Talvez pudesse usar o poder... como um chaveiro mágico. Se eu pude fazer um pino ao mesmo tempo com um pouquinho de magia, não conseguiria fazer todos os pinos restantes com toda a magia restante?

Coloquei uma mão na caixa. Estava quente como um forno, e puxei os meus dedos, colocando-os na minha boca para esfriá-los. Mas eu também estava quente e ressecada, e isso não ajudou muito.

Os corpos humanos não eram feitos para magia.

Peguei minhas mangas para proteger as pontas dos meus dedos. Não ajudou, mas não havia mais nada a fazer. Isso precisava ser feito. Isso significava que eu deveria fazê-lo.

Quando eu era pequena, caí de uma escada, e tive um medo terrível de cair novamente. Mas o tamanho da escada não importava, meu pai já havia dito uma vez. Você dava um passo de cada vez, então se concentrava em cada passo.

É por isso que eu fiz planos. Porque ele me ensinou a ter medo e quebrá-los em pequenas partes. Era mais fácil vencer as peças quando elas eram pequenas. Então foi o que eu fiz.

Passo um: Reúna a magia.

Eu tinha mais magia girando dentro de mim do que eu precisava. Mas ainda não achava que isso seria suficiente para isso. Felizmente, com tantos Paranormais na batalha, o ar estava vivo com ela, e o Véu estava logo atrás de mim. Grandes feixes de poder no ar como flâmulas festivas – milhões delas esperando para serem arrancadas. E é exatamente o que eu faria... e esperava que isso não me matasse no processo.

Peguei-as com um puxão imaginário, puxando um fio depois do outro, trançando juntos enquanto eu puxava.

Passo dois: Use a magia.

Lentamente, com delicadeza, mudei a magia para a caixa, deixando os tentáculos escorrerem como água, buscando suavemente, procurando suavemente os pinos que colocariam os bloqueios restantes no lugar. Imaginei que era como tocar um piano com uma mão – cada dedo deveria pressionar uma determinada tecla em um determinado momento, depois outra tecla um momento depois. Ou, talvez, duas ou três chaves ao mesmo tempo. Era a ordem, a música, que importava.

Calor atingiu minhas costas enquanto o Véu se movia novamente. Suor escorria em meus olhos, encharcara minha camisa enquanto o sol se abaixava. Nunca senti tanto calor, nem mesmo no bayou, com a magia acidental de Phaedra Dupre passando por mim. Eu não sabia se estaria fria novamente. Mas se esse exército viesse porque eu não trancara o Véu, isso não importaria.

— *Bloqueie* — disse eu, e senti as molas se encaixarem, os pinos se moverem. Eu os puxei para mim, todos os cinco dedos empurrando as teclas com mais velocidade, com mais delicadeza, como a música subindo no seu final. Os pinos clicaram, e havia movimentos brancos de metal contra pedra quando as engrenagens se encaixaram no lugar.

Mais um pino, depois dois, depois três.

E então o Véu foi trancado novamente.

A tensão nos meus ombros diminuiu. E já que não precisava da magia e não queria que ela se espalhasse e soltasse novamente os bloqueios, pedi que ficasse. A caixa parecia suspirar enquanto a magia se instalava.

Mas não tive muito tempo para relaxar.

Agora trancado e re-criptografado, o Véu retrocedeu ao longo do seu meridiano. Mas toda aquela magia cinética precisava ir a algum lugar. A terra

começou a tremer com um estrondo, e então começou a se separar. Os pavimentos entre os flancos começaram a se separar quando uma fissura dividiu a terra pelo meio, criando uma fenda entre eles.

— Claire!

Ouvi a voz de Liam atrás de mim, assisti com horror quando a Terra começou a desaparecer debaixo dos meus pés. Caí de bruços, agarrando a grama e as lajotas conforme me afastava da borda, enquanto meus pés caíam no ar. Finalmente consegui me erguer, levantei-me justamente a tempo de ver a fratura chegar à caixa, que começou a cair no buraco na terra que todo aquele excesso de magia fizera.

— Não! — gritei. Eu estava quase sem magia, mas usei os fios que eu poderia encontrar para pegar a caixa, puxá-la uma polegada de suor de cada vez de volta para o ar. Ela voou três metros acima da minha cabeça e caiu com um baque a três metros de distância.

As fechaduras ainda estavam perfeitamente instaladas.

— Jesus! Claire! Claire! — Liam ficou de joelhos ao meu lado, me virando de costas. E então suas mãos – tão gentis em comparação com o pânico na sua voz – estavam na minha cabeça, meus ombros, meu abdômen, me verificando por ferimentos.

Suas mãos pousaram no meu rosto, frescas contra a pele quente e corada. — Claire. Volte para mim, Claire. Volte para mim, querida.

Abri os olhos e olhei para os mares de águas azuis. — Eu estou bem.

Seus lábios estavam separados, sua respiração acelerada, e seus olhos torturados. O momento se estendeu, parecendo nos envolver, encaramos um ao outro a partir de um campo de batalha mágico.

— O Véu? Reabriu?

Ele sorriu. — Ele está fechado. Você trancou o Véu. E dividiu a Terra. Você foi maravilhosa.

Assenti. Levantei meu olhar para o céu impossivelmente azul, e observei um pelicano que o atravessava, completamente inconsciente do que acontecera aqui na Terra.

Consertar aquela maldita coruja seria uma moleza depois disso.



Capítulo 22

Malachi escoltou Darby para Bogue Chitto para mantê-la afastada das tropas de Contenção que quase nos alcançaram.

Voltamos correndo para a van, dirigimos algumas centenas de metros de distância, perto o suficiente para ver as tropas da Contenção chegar ao local. Eles arrastaram os poucos agentes da ComTac – e o corpo de Rutledge. Malachi também levava Nix, e havia uma expressão de sombria determinação em seu rosto quando ele a levou para longe. Não perguntei o que ele faria com ela; não pensei que quisesse saber.

Gunnar, Gavin, Liam e eu nos reunimos de novo na loja. Ainda estávamos com as roupas enlameadas, ainda cansados da batalha. E como todos nós éramos mágicos ou simpatizantes, éramos fugitivos na pior das hipóteses, no limbo legal, na melhor das hipóteses. Eu ainda tinha a mulher ruiva na minha mente, e ainda não pensara na magia do meu pai. Mas eu teria que lidar com os dois mais tarde.

Todos os outros estavam descansando. Recebemos uma mensagem de pombo que Burke estava bem. Tadj, Phaedra e Zana voltaram para o condomínio da CBD de Gavin com Darby como guarda.

Nós pedimos a Gunnar para que conversasse com o Comandante e tentasse tirar o melhor da situação. E então, deixamos Gavin respirar.

Sim, ele e Nix não estavam mais juntos. Mas ela insinuou que não havia desistido dele. E sua traição foi bastante dura.

— Eu deveria ter sabido — disse Gavin, tomando outra dose da boa cerveja irlandesa direto da garrafa que Liam tirara de seu esconderijo pessoal. — O nome dela era *Nixon* pelo amor de Deus.

Abri a boca para pedir um esclarecimento óbvio, mas Liam sacudiu a cabeça. — Foi como ela se chamou quando apareceu pela primeira vez no Véu.

— Ela disse que viu um adesivo Nixon em um carro abandonado em Bogue Chitto — disse Gavin. — Ela achou bonito.

Pesar escureceu seus olhos. — Eu sabia que ela queria voltar, que nunca se sentiu bem aqui. Mas eu não achava que ela fosse capaz de nos trair assim. Ela sabia quão ruim foi passar por isso da primeira vez.

Suspirei. — Falando de quão ruim havia sido, preciso dizer algo.

O cômodo ficou em silêncio, todos os olhos em mim.

— O que, Claire? — perguntou Gunnar.

— Quando estávamos no campo de batalha, o Véu se moveu. — Fiz uma pausa. — E, quando o fez, eu pude ver através dele.

Pensei que haveria alguns oohs e aahs depois disso, mas não havia nada. Olhei para Gunnar, já que a próxima parte era especialmente para ele.

— Havia muitos Paranormais. Vários batalhões em um campo, em colunas. Era um exército esperando para lutar, mais do que eu já vi juntos ao mesmo tempo. E havia uma mulher num cavalo muito grande à frente. Ela tinha cabelos longos. Muito clara. Carregava uma lança. Parecia estar no comando.

— Espere — disse Liam, levantando a mão. — Você viu através do Véu?

Assenti.

— Isso é... incrível — disse Gavin.

Eu não queria ser incrível. Queria ser discreta. — Talvez todos os Sensitivos possam fazer isso — disse eu. — Quero dizer, quantas vezes os Sensitivos ficaram próximo do Véu?

Liam levantou um ombro. — Honestamente não tenho ideia.

— O exército — disse Gunnar. — A mulher no cavalo. Isso significa que a Corte ganhou? Que eles conquistaram o Além?

Levou a Liam um momento para responder. — Não sei. Teremos que contar a Malachi.

Assenti. — Os soldados estavam preparados para lutar. Eles tinham armas, armaduras. Ela falou com eles. Não pude ouvir o que ela disse, mas ela falou eles, como se estivesse preparando-os para atacar.

— O exército está reunido — disse Gavin. — Eles tentarão abrir o Véu novamente — disse Gunnar, em pé. Era hora dele ver o Comandante.

— Sim — disse Liam, e todos nós soubemos que coisas piores estavam a caminho.

• • •

Gunnar saiu para fazer seu relatório. Liam voltou para a Ilha do Diabo para tomar uma ducha e mudar de roupa. Isso deixou Gavin e eu na loja.

Não era justo empurrar meu drama para ele, mas eu tinha a sensação de que ele gostaria de falar sobre outra coisa. — Posso fazer uma pergunta?

Ele olhou para mim. — Vá em frente.

— Por que você deu um soco em seu irmão quando entrou na minha loja?

— Ele beijou minha noiva. — Depois de um momento de silêncio atordado, perguntei: — Ele sabia que ela era sua noiva?

— Ele sabia, sim. Tecnicamente, ela o beijou. Ele simplesmente estava lá. Péssimo julgamento dela, já que sou obviamente o mais bonito.

— Obviamente. Foi por causa dela que você deixou a Zona?

A expressão de Gavin se fechou. — Ela era uma em uma longa lista de razões. Nix sendo outra.

— Sim.

Gavin inclinou a cabeça para mim. — E o que está acontecendo com vocês dois?

— Somos amigos. Mais ou menos. — Estava se tornando minha resposta habitual.

— Não, mas você é uma péssima mentirosa. Ele levou você para o distrito, ao apartamento dele, e para conhecer nossa avó. Ele se tornou parte dessa missão de salvar mundo, pelo menos em parte para impressionar você. E vi a maneira como ele olha para você. Eu diria que o interesse dele é mais do que *amigos*.

— Ele decidiu que não pode me ter.

Ele revirou os olhos. — Que teoria ridícula apoia isso?

Olhei para ele. — Sou uma Sensitiva. Ele é um caçador de recompensas. Ele poderia ter que me prender, e não seria justo.

Gavin bufou. — Ele tem muito de macho alfa nele. Muita capacidade de proteção. — Ele se inclinou sobre a mesa. — Você pode cuidar de si mesma?

— Claro.

— Você se tornará um espectro?

Minha voz era plana. — Não.

— Então isso é problema dele. — Ele se recostou, sorrindo enquanto colocava o braço sobre a cadeira. — Sabe qual é a sua maior jogada aqui? Você deixa ser problema dele. Você continua sendo a ruiva *sexy* que você é.

Sorri. — Obrigada.

Ele levantou uma mão. — Não fique empolgada demais. Agora estou saindo do mercado.

— Por causa da total traição.

— Por causa da maldita traição.

— Eu acho que é uma boa decisão.

Ele terminou a bebida. — Droga, certamente é. — Ele olhou para mim e sorriu. — Assistir meu irmão mais velho obter seu castigo será muito divertido, Connolly. Estou ansioso para isso.

Eu estava também.

E isso era uma mudança muito boa de se preocupar ao invés do fim do mundo.

• • •

Era quase dez horas quando Gunnar entrou, de volta ao seu uniforme. Liam, Gavin e eu nos sentamos eretos, esperando o veredicto.

— Ninguém vai para a Ilha do Diabo.

Respirei um pouco mais fácil. Mas minhas palmas ainda estavam suando.

Ele sentou em uma cadeira. — O Comandante não sabe sobre a magia de ninguém. Tão infeliz quanto o envolvimento de Nix foi, ela nos dá um bom bode expiatório. Ele pensa que Rutledge estava obcecado com ela, decidiu ajudar a abrir o Véu para que ela pudesse voltar para casa.

— Essa é a verdade — disse Liam. — Se não tudo.

Gunnar assentiu. — E, como Rutledge está morto, ele não pode exatamente contrariar o assunto. Teremos que ficar de olho nos demais agentes da ComTac. Eles não tem nenhum incentivo em denunciar vocês, mesmo que soubessem quem vocês eram. Isso não está claro, já que a missão deles era abrir o Véu.

— E o ataque na loja de Claire? — perguntou Liam.

— Broussard sustenta que ele teve uma dica anônima. Não era difícil imaginar que fosse Nix.

Poderia ter sido Nix, com certeza. Provavelmente foi. Também poderia ter sido Rutledge, ou alguém que não era meu fã. Como isso aconteceu era algo que eu teria que descobrir posteriormente.

Eu me inclinei. — E quanto a Phaedra e Tom? Seus papéis teriam sido óbvios, já que o Véu estava trancado.

— Eles voltaram a se esconder, apenas no caso — disse Gunnar. — Eles estão trabalhando numa maneira de se comunicar com a Tadjí. Lugares que podem se encontrar, deixar mensagens uma para outra.

Não era uma solução ideal, mas era a melhor maneira de manter todos seguros.

— O Comandante quer tentar combinar imagens de segurança dos ataques recentes com a lista de pessoas suspeitas de serem Sensitivas, especialmente em quem Rutledge poderia ter se concentrado. Tentarei obter atendimento médico para quem precisa disso. Não sabemos se há um tratamento para espectros. Mas o Comandante obteve uma nova apreciação para Sensitivos, então agora temos uma melhor oportunidade de olhar. — Ele olhou para mim. — Eu ainda recomendaria que você *não pergunte, não diga* no momento.

— Não vou contar — assegurei-lhe. — E quanto a você?

Ele sorriu. — Eu voltei de plantão e fora do jogo mágico. Meu trabalho, tanto quanto sei, é manter a Contenção em linha reta e estreita.

— Relatar ao Comandante? — perguntei com um sorriso.

Gunnar sorriu, sentou, e cruzou os tornozelos na mesa. — Exatamente. E o que, senhora e senhores, é um dia inteiro de trabalho.

• • •

Não havia muito que pudéssemos fazer com isso agora. Por esta noite, pelo menos, o Véu estava fechado. Amanhã traria o que fosse. Falaríamos com o resto do grupo, descobriremos um plano.

Mas isso era para amanhã. Esta noite eu tinha outros planos. Então, quando a porta abriu e Tadjí entrou, eu afastei todos eles.

— Tudo bem — disse eu. — Ela está aqui. Todo mundo fora.

Eu sabia que ela estava chegando, já havia avisado que eles teriam que dar algum espaço quando ela chegasse. Algum tempo para conversar. Ela pediu a reunião e eu estava noventa por cento certa de que sabia o que aconteceria.

Tadji havia atravessado o inferno e tinha paredes maiores do que a Ilha do Diabo. Ela falaria sobre magia, sobre como não poderia lidar com isso – ou por uma extensão, eu.

— Ei, Tadji — disse Gunnar enquanto ele e Liam se levantavam da mesa.
— Nós estamos apenas saindo. Vou voltar para casa, talvez abrir uma cerveja.

Eu amava Gunnar, mas ele não era um ator. E não parecia nem um pouco convincente.

— Tudo bem — disse Tadji. — Obrigada pelo aviso?

Eles saíram, deixando-nos em paz.

— Ei — disse eu, de pé para dar um abraço. — Como está sua mãe?

— Ela está bem, considerando tudo.

— Você quer se sentar?

— Sim — disse ela, e tirou uma cadeira.

Ficamos em silêncio por um momento. Perdi o ritmo do meu relógio de cuco. Isso me daria algo para me concentrar. Mas bem, posso muito bem ir direto ao assunto e facilitar para nós duas.

— Você está rompendo comigo?

Ela meio riu, meio soluçou, enquanto as lágrimas começavam a fluir. — Não sei. Eu tinha todo esse discurso preparado – você me conhece e sabe – sobre como preciso fazer uma pausa. Sobre como não sei se posso fazer isso. Se eu posso viver com toda essa magia.

Acenei com a cabeça, fiquei quieta e a deixei falar.

Ela enxugou as lágrimas. — Crescer foi difícil, Claire. Estando cercado pela magia, as expectativas. Era muito difícil, e demorou tanto tempo para eu fugir disso. Eu esperava que Nova Orleans tivesse se libertado disso. Mas não. Ainda está longe, e está bagunçado. — Ela olhou para mim. — Isso me sufoca.

Não era estranho que eu tivesse exatamente a experiência oposta? Um pai que tinha magia, mas que havia escondido de mim. Eu queria dizer-lhe para não se preocupar, que não era um grande negócio, que tudo estaria bem. Mas eu não sabia se isso era verdade, e não era justo minimizar o que ela estava sentindo.

Ela suspirou. — Burke me disse quem ele era. O que ele era.

Bom. Deus sabe que eu apoiava a honestidade nos relacionamentos.

— Eu apenas... esta não é a vida que imaginei. Todo esse maldito drama. Toda essa maldita magia. — Ela olhou para mim. — Anjos, Claire. Anjos no meu quintal. Em meu bayou. Apesar disso, porém? Não sei o que eu faria sem você.

Escovei lágrimas repentinas e afiadas. — Também não sei o que eu faria sem você. Preciso de alguém inteligente e lógico para lidar com todas essas bobagens.

— É um monte de bobagem, não é?

— É. Realmente, *realmente* é. E não estou dizendo isso apenas porque preciso que você me informe sobre sua situação de namoro.

— E falando nisso, vamos falar sobre Liam.

Eu não achava que isso fosse totalmente necessário. Mas eu lhe devia uma.

• • •

Quando a loja estava vazia novamente e a noite estava tranquila, percebi que o sono não chegaria logo, não com a mente girando com Grandes Questões. Então voltei lá embaixo.

Liguei as luzes e sorri para o som familiar da eletricidade. Uma coisa tão humana. E hoje eu achei isso muito reconfortante. Sentei-me em frente ao balcão e puxei a coruja, que ainda esperava com os olhos que não viam para mover-se novamente. Peguei uma ferramenta de prata e voltei ao trabalho.

Fique quieta. Trabalhe duro.

Por vezes, quando o mundo estava girando e mudando ao seu redor, essa era a melhor coisa que você poderia fazer.

Fim.